LeYa

PEPETELA

A GERAÇÃO DA UTOPIA

romance

Ficha Técnica

Equipe Leya Brasil
Diretor editorial: Pascoal Soto
Editora executiva: Tainã Bispo
Assistentes editoriais: Ana Straube e Maitê Zickuhr
Revisão: Mariana Pires Santos
Diagramação: Vivian Oliveira

Equipe Dom Quixote (um selo do Grupo Leya)
Edição: Cecília Andrade
Revisão: Clara Boléo
Capa: Maria Manuel Lacerda
Imagem da metade inferior da capa: © Corbis/VMI
Imagem da metade superior da capa: Rose-breasted Grosbeak, *Pheucticus ludovicianus*, John James Audubon,1832
Fotografia do autor: © Jorge Nogueira

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Pepetela
A geração da utopia / Pepetela. – São Paulo : LeYa, 2013.

ISBN 9788580447354

1. Angola 2. África 3. Política 4. Guerrilha I. Título

12-0459 CDD A869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura Angolana

Este livro foi produzido conforme o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Nos casos de dupla grafia ou nos que não foram contemplados pelas normatizações do Acordo, optou-se por manter a grafia original.

2013

TEXTO EDITORES LTDA.
[Uma editora do Grupo Leya]
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP – Brasil
www.leya.com.br

A CASA
(1961)

Portanto, só os ciclos eram eternos.

(Na prova oral de Aptidão à Faculdade de Letras, em Lisboa, o examinador fez uma pergunta ao futuro escritor. Este respondeu hesitantemente, iniciando com um portanto. De onde é o senhor?, perguntou o professor, ao que o escritor respondeu de Angola. Logo vi que não sabia falar português; então desconhece que a palavra portanto só se utiliza como conclusão dum raciocínio? Assim mesmo, para pôr o examinando à vontade. Daí a raiva do autor que jurou um dia havia de escrever um livro iniciando por essa palavra. Promessa cumprida. E depois deste parêntesis, revelador de saudável rancor de trinta anos, esconde-se definitiva e prudentemente o autor.)

Era um dia particularmente luminoso e quente para um abril lisboeta. Na véspera tinha chovido toda a noite, o que era próprio da estação, mas hoje o sol nascera num céu tão azul que até doía não poder voar. Sara abriu os braços descobertos. Inútil, não nascera pássaro.

Decidiu caminhar um pouco, até à próxima paragem do autocarro, para gozar o sol e o calor. Ali, perto do Hospital Universitário, havia pouca gente nas ruas. Gente bisonha, que ia para o hospital ou dele vinha. Preocupados com alguma doença, real ou suposta. Se não têm nenhuma, preocupam-se pela que terão no futuro. O português precisa sempre de qualquer coisa para estar melancólico. E se não for a saúde, é a família, ou então o emprego. Povo triste, pensou Sara. É do regime político ou é a essência da gente? Não vamos também culpar o salazarismo por tudo. O próprio Salazar já era tristonho, cinzento, antes de criar o seu cinzento regime. Regime de eclesiásticos e militares graves, o que convém para um povo de camponeses com pouca terra. Assustou de repente: estas ideias não serão reacionárias? Tinha de perguntar ao Aníbal, ele era obrigado a ser especialista dessas coisas. Mas que são tristes, são. Que diferença com a esfuziante alegria dos africanos, o que os faz passar por irresponsáveis. Também não era verdade. O Aníbal, por exemplo, sempre agarrado aos livros e às ideias, não era um tipo alegre. E era de Luanda, a cidade das mil loucuras... Malongo sim, Malongo era um tipo alegre, até demais. Sara sorriu para o céu, para as pessoas que nela não reparavam, metidas para dentro.

Chegou à paragem. Duas mulheres à espera, vestidas de negro, com um lenço negro na cabeça. Vêm dum enterro ou do campo? Talvez da missa. Ou então vestem assim mesmo,

porque são viúvas. Trazem luto por familiares mortos em Angola, com o levantamento do Norte? Rejeitou a ideia. Não têm morrido tantos como a propaganda oficial proclama. Convém a Salazar criar o clima de histeria coletiva, centenas e centenas de brancos trucidados pelos terroristas, Angola é uma fogueira imensa, temos de defender a Pátria e os portugueses. Para Angola em Força! A propaganda estava a resultar, tinha de reconhecer. Um espesso clima de suspeição se abateu sobre os africanos em Lisboa. Passaram a cochichar quando antes discutiam a altos gritos, sempre com gargalhadas no meio. E a população passou de repente a olhá-los com hostilidade. Não em relação a Sara, que era branca, e portanto considerada à partida uma boa portuguesa. Os negros e mulatos eram quase apontados a dedo, nos cafés, nos cinemas, na rua. Traziam na cara os estigmas que os denunciavam como potenciais terroristas. Esses brancos ainda não inventaram uma tinta que dê para a malta se pintar e ficar como eles, dizia Malongo, encontrando ânimo para brincar.

O autocarro chegou. Felizmente era de dois andares, dava para ir lá em cima e gozar melhor o espetáculo de Lisboa ao sol. Sentou nos lugares da frente, esticou as pernas. O Campo Grande e a Avenida da República desdobraram-se aos seus pés. É bonita essa cidade, não há dúvida. Fazia a concessão, quando quase tudo em Lisboa lhe desagradava. Logo temperou. Também não conheço outras grandes cidades para comparar. Nascida em Benguela, feito o final de liceu no Lubango, viera há quase seis anos para Lisboa estudar Medicina. O barco parou um dia em Luanda, os parentes do pai levaram-na a passear. Tragou com avidez todas as impressões, tentou fixar a cor vermelha da terra e o contraste com o azul do mar, o arco apertado da baía e o verde da Ilha, as cores variegadas dos panos e os pregões das quitandeiras. Sabia, começava o exílio. Essa ideia do exílio que se impregnou nela ao sair de Luanda fê-la chorar, quando o barco se afastou da baía iluminada à noite. Muito tempo ficou na amurada, olhando e respirando pela última vez as luzes e os odores da terra deixada para trás. Impressões que nela permaneciam, intactas, avivadas a todo o momento pelos angolanos vivendo na capital do império. Lembras da Sofia do Bairro Operário?, perguntava um. Na rua dela, duas casas depois, não tem uma casa azul, onde morava a Rita? Não, não há casa azul no BO, todas são amarelas. Há sim, a casa da Rita é azul. E ela ouvia, e revia as ruas que só fugazmente percorrera, e é como se tivesse sempre vivido nelas. O mesmo se passava com Benguela e com Malanje, e toda Angola. Cada um ficava agarrado às suas recordações da infância e transmitia aos outros, que as viviam como próprias. E a ideia cada vez mais mítica da terra longínqua, feita de impressões misturadas, em que se cruzava a cadência do kissanje com as frutas do planalto e as zebras do deserto do Namibe. A distância emprestava às coisas o tom patinado da perfeição.

Foram anos de descoberta da terra ausente. E dos seus anseios de mudança. Conversas na Casa dos Estudantes do Império, onde se reunia a juventude vinda de África. Conferências e palestras sobre a realidade das colónias. As primeiras leituras de poemas e contos que apontavam para uma ordem diferente. E ali, no centro mesmo do império, Sara descobria a sua diferença cultural em relação aos portugueses. Foi um caminho longo e perturbante. Chegou à conclusão de que o batuque ouvido na infância apontava outro rumo, não o do fado português. Que a desejada medicina para todos não se enquadrava com a estrutura colonial, em que uns tinham acesso a tudo e os outros nada. Que o índice tremendo de mortalidade

infantil existente nas colónias, se não era reflexo direto e imediato duma política criminosa, encontrava nela uma agravante e servia aos seus objetivos. E demonstrou essas ideias numa palestra que fez com um médico cabo-verdiano, no ano passado. Palestra prudente, com cuidadosa escolha das palavras, que lhe valeu muitos aplausos no fim, mas também uma chamada à PIDE, a polícia política, para advertência. Agora tens ficha na PIDE, cuidado, avisou Aníbal. Os pais lá em Benguela souberam do caso, por vias que só Deus talvez explicasse. Lá veio a carta, pagamos-te os estudos para seres médica e não para defenderes ideias comunistas. Não ponham adjetivos ridículos, são ideias justas, respondeu ela, sabendo que não os convenceria.

Mergulhada nas recordações, nem se apercebeu da cidade. Desceu na esquina com a Duque d'Ávila, avançou para o Arco do Cego. Passou pela Casa dos Estudantes, entrou no café Rialva, ponto de encontro obrigatório. Cumprimentou o dono, o senhor Evaristo, rosto vermelho e simpático, olhou para as mesas. Quase todas ocupadas por estudantes, esperando a hora do almoço na cantina da Casa. Malongo não estava. Vítor Ramos fez-lhe sinal, ela aproximou-se.

– Bom dia, Vítor. Não viste o Malongo?

– Senta, Sara. Ele foi treinar de manhã. Deve estar a chegar. Vens almoçar connosco?

– Ele devia apanhar-me à frente do hospital. Como sempre, atrasou-se. Talvez almoce convosco, apesar de ter comida em casa.

Vítor Ramos, que um dia adotaria o nome de Mundial, vivia com Malongo no mesmo quarto alugado a uma senhora da Rua Praia da Vitória. Malongo viera primeiro, há cerca de quatro anos, jogar futebol e estudar. Conseguira emprego num clube grande, o Benfica, e alugara o quarto. Mas não conseguia ascender à equipa principal e o salário não era grande. Com os treinos constantes, deixou de estudar. Os amigos insistiam para ele ao menos terminar o liceu. Nada feito. Chumbava regularmente no último ano. Vítor chegou um ano depois, Malongo simpatizou com ele, propôs-lhe partilharem o quarto, sempre ficava mais barato. A senhora aceitou um complemento, eu gosto muito de pretinhos, fazem barulho às vezes mas são muito bonzinhos. Vítor parecia seguir as pisadas do mais velho e reprovou logo no primeiro ano de Veterinária. Conseguiu êxito na repetição, mas voltou a chumbar no segundo. Parece feitiço da Rua Praia da Vitória, dizia Malongo, temos de queimar umas ervas para aplacar os maus espíritos.

Sara perguntou-lhe pelos estudos, ao que ele respondeu com o invariável vão bem. E retribuiu a pergunta, ouvindo o que já sabia, ela teria o canudo em julho, se não houvesse terramotos.

– Agora sim, já te podemos chamar de senhora doutora. É bom, pois vais tratar da malta.

O que ela já fazia. Não só ajudava o médico da Casa, nas horas regulares de consulta, como também aconselhava um ou outro amigo, ali mesmo, no café. Ela e outros finalistas de Medicina. Primeiro a medo, sentindo o peso da responsabilidade, depois cada vez mais segura de si. Essa confiança foi-lhe transmitida pelo Dr. Arménio, o médico da Casa, que apesar de brincalhão, sabia ser sério quando era preciso. Fazia pois duplo estágio, no hospital e na Casa. Preferia este último, sem dúvida. Por se tratar de ajudar os conterrâneos? E por causa da personalidade do Dr. Arménio, um nacionalista declarado que não cobrava as

consultas aos africanos.

– O Malongo nunca mais vem – disse ela. – Os treinos não duram tanto.

– Deve ter tido outra coisa a fazer. Descansa, ele aparece para o almoço.

Vítor deixava de ficar à vontade quando se falava do Malongo. Deve estar a esconder qualquer coisa. Que anda Malongo a fazer? Política não é de certeza, ele não se mete em nada, só manda umas bocas de vez em quando. Um encontro com uma miúda? É bem capaz, o sacana. Não gostou da ideia. Oh, pode ser outra coisa sem importância, também não vou fazer um drama.

– Mas estás mesmo a estudar, Vítor? Os exames vêm aí.

– Bem, tenho estudado. Mas ultimamente, sabes, com todos esses acontecimentos, deve haver poucos que estão mesmo a estudar. Uma pessoa pensa, pensa... A cabeça está virada para outras coisas.

– Sim, não é o melhor momento para se prepararem exames. Mas tem de ser. Há que fazer um esforço.

Para ela também não era fácil, sobretudo quando se tratava de preparar o relatório do estágio. O que se passa realmente na terra? O que é verdade e o que é propaganda do regime? E como estão os pais lá, confrontados com uma guerra? Pois é duma guerra que se trata, diga o governo o que disser. As notícias enchiam páginas dos jornais, mas as informações eram poucas. A censura estava a trabalhar a triplo vapor, as tesouras nunca funcionaram tanto como agora. Os jornais enchiam-se de discursos patrioteiros, Portugal é uno e indivisível, de declarações de apoio ao regime, mas pouco de concreto sobre os acontecimentos. Sabia-se que o Norte se tinha revoltado em nome duma antes desconhecida UPA e de Lumumba, que era uma esperança de futuro. Tudo começou em 15 de março. Não, antes, em 4 de fevereiro, houve ataques às prisões de Luanda para libertar os presos políticos. Seguiu-se uma repressão terrível em Luanda, falava-se de milhares de mortos entre os nacionalistas. Aí também mistério, quem executara as ações, qual o seu objetivo? Depois foi março no Norte. Um levantamento contra os brancos, os fazendeiros de café eram mortos e as povoações saqueadas. Era pelo menos essa a propaganda do governo. Informações recolhidas pelos estudantes em outras fontes confirmavam a versão do governo. Mas não seria só intoxicação? O certo é que não se sabia mais nada dessa UPA senão que queria expulsar todos os brancos e mulatos de Angola. Sara não podia estar de acordo. Os amigos também não estavam, queriam um programa político consequente. Nessas conversas e ideias passavam os dias, fazendo suposições. Dava mesmo para estudar? Para Vítor era certamente pior. Vinha do Huambo, onde não se tinha notícia de grandes convulsões. Mas a repressão devia estar a agir também. E ele sofria o racismo exacerbado pela propaganda em Portugal. Sara bateu-lhe na mão.

– Não é fácil, não. Mas ajudas mais a terra estudando do que ficando desesperado, sem nada fazer senão especular.

– Eu sei – disse ele com um sorriso. – Mas não te ofereci nada. Queres um café?

– Não, deixa. E vem aí o Malongo.

Ele entrou com o seu passo gingão. Era grande e forte, a cara toda aberta num sorriso. Deu uma palmada no ombro do dono, como vão os ossos, sô Evaristo? E quase atirou com a

bandeja do outro ao chão. Equilibrando dificilmente a bandeja com os cafés, Evaristo sorriu, olhe que me quebra a casa. Mas mesmo que os cafés tivessem caído, o dono ia-lhe perdoar, então não eram os dois do Benfica? Malongo dirigiu-se para a mesa, deu um sonoro beijo na boca de Sara, que queixou estive à tua espera.

– Pois é. Mas sabes, no autocarro encontrei um patrício que não via há tempos e ele esteve a contar-me coisas de Malanje. Ficámos aí a beber uma cerveja. Ele veio de lá agora. Desculpa, mas tinha que ter notícias.

Até podia ser verdade, pensou Sara. Com Malongo nunca se sabia onde começava a mentira ou a brincadeira. Vítor perguntou logo o que o outro tinha contado, também há guerra em Malanje? Talvez para desviar a conversa.

– Bem, ele saiu antes de começar o kibeto, saiu em fevereiro. Havia era montes de prisões, em Malanje e em Luanda. O Riquito, um meu amigo, foi preso em Malanje. Na Baixa de Kassanje antes houve mesmo bombardeamento de avião. Mataram montanhas de camponeses. Diz que em Luanda toda a gente anda apavorada, os brancos por causa dos negros e os negros por causa dos brancos. Os brancos estão a mandar embora os criados negros, têm medo que os envenenem.

– E da UPA? – perguntou Sara.

– Sabe tanto como nós. Só ouviu falar aqui.

– E quem fez os ataques em Luanda, em fevereiro? Nessa altura estava lá.

– Nada, não sabe. Falava-se de um padre que era o chefe. Mas toda a gente tinha medo, ninguém dizia nada. Está tudo clandestino... O Sporting de Luanda deve ganhar o campeonato. Têm lá um miúdo que é uma maravilha.

– Deixa o futebol, vamos comer – disse Sara.

Atravessaram a rua, entraram na Casa dos Estudantes. No primeiro andar era a cantina. Foram passando por entre as mesas, cumprimentando os que já estavam instalados. Aníbal, numa mesa do fundo, fez-lhes sinal. Sentaram-se com ele. Malongo perguntou logo:

– Em Lisboa a esta hora, Aníbal? Desertaste ou quê?

– Consegui licença de dois dias. Tenho aí uns assuntos a tratar.

Aníbal, que mais tarde seria conhecido por Sábio, era aspirante miliciano. Tinha terminado no ano anterior o curso de Histórico-Filosóficas e fora fazer o serviço militar obrigatório. Depois da recruta em Mafra, foi afetado a uma unidade de infantaria perto de Lisboa. Todas as semanas aparecia na Casa para rever os amigos. Como sempre, estava à civil. Farda só no quartel, dizia ele, pouco à vontade no seu papel de militar. Sara pediu notícias da terra.

– Sei pouca coisa. Só que estão a seguir barcos e mais barcos com tropas. Uma série de oficiais que fizeram a recruta comigo já foram e outros estão mobilizados. São as unidades inteiras que vão.

– E tu? – perguntou Malongo. – Também vais?

– A minha unidade ainda não foi mobilizada.

– E se for? Também vais?

– Não são perguntas que se façam, Malongo – disse ele, ríspido.

– Lá no quartel diz-se que se prepara uma contraofensiva para recuperar todo o Norte.

Estão a concentrar as tropas em Luanda para avançarem contra os Dembos, ali é que a coisa está feia. Mas ainda deve durar. Não é dum dia para o outro que conseguem juntar a tropa suficiente para ocupar todo o Norte, um território duas ou três vezes maior que Portugal. E aquelas matas... Eu tinha um tio em Nambuangongo, fui lá passar férias algumas vezes. Hum, é só floresta e mais floresta. Uma guerrilha bem organizada ali resiste toda a vida.

– E o teu tio? – perguntou Sara.

– Os meus pais não sabem nada dele. Aliás, parece que em Luanda ninguém sabe de nada. Ele tinha uma pequena roça de café, coisa bem pequena e sempre ameaçada pelos vizinhos, fazendeiros portugueses, que lhe queriam apanhar as terras. Sabe-se que a UPA ataca os trabalhadores dos fazendeiros brancos, que geralmente são do Huambo, da terra aí do Vítor. Mas não sei se ataca também os fazendeiros negros originários da região.

– É capaz de ter aderido à UPA – disse Vítor.

– Quem sabe? – disse Aníbal. – Mas conta lá, Malongo. O teu Benfica vai apanhar domingo no Porto, não?

– Deixa lá disso, o Benfica está no máximo. Apesar de eu não ir nem como suplente. Isso eu não entendo. Treino sempre, estou em grande forma. Mas só me põem a jogar nas reservas. Deve haver aí alguma pemba contra mim.

A conversa derivou para o futebol, alimentada por Aníbal e Malongo. Sara entendeu, Aníbal não queria falar de coisas sérias com os outros. Malongo para ele era apenas um futebolista e com poucas ideias na cabeça, isso lhe dissera um dia abruptamente quando ela começou a namorar com o malanjino. Não entendo, Sara, o que tu, quase médica, vês nesse moço. Está bem que ele é simpático, é capaz de ser bonito, mas é tão vazio... Sara conhecia Aníbal desde que chegara a Lisboa. A um momento dado até admitiu a hipótese de criarem uma ligação que ultrapassasse a simples amizade. Mas ele não tentou nada e como mandava a tradição que fosse o macho a avançar, ficaram sempre por aí. Muitas conversas, idas ao cinema. Só. Quanto a Vítor, para ele era um miúdo ainda indefinido, podia explicar-lhe umas coisas, mas não se aventurava em terrenos mais secretos. Só com ela se abria. Sara abstraiu da conversa futebolística que não lhe interessava e ficou a observar a sala.

As mesas estavam todas ocupadas, aos grupos de quatro. A maioria era de angolanos, todos misturados, brancos, negros e mulatos, estes bem mais numerosos. Os cabo-verdianos, que se misturavam facilmente com os angolanos, eram quase exclusivamente mulatos. Os guineenses e são-tomenses, mais raros, eram negros. Os moçambicanos eram na quase exclusividade brancos. E tinham tendência de se juntar aos grupos. Mesa unicamente constituída por brancos, já se sabia, era de moçambicanos. A *british colony*, como diziam ironicamente os angolanos. Claro que havia exceções, como aquela mesa em que Belmiro, um negro guineense, estava sentado com três brancos moçambicanos. Mas isso porque Belmiro chegou atrasado e o único lugar vago era naquela mesa. Se pudesse escolher, ia para outra, até porque a conversa certamente estava mais emperrada que normalmente. Os angolanos tinham menos desses problemas, apesar dos últimos acontecimentos. No entanto, ela sentia, havia muito subtilmente uma barreira que começava a desenhar-se, algo ainda indefinido afastando as pessoas, tendendo a empurrar alguns brancos angolanos para os grupos de moçambicanos. A raça a contar mais que a origem geográfica? Oh, já estou a ver

fantasmas. Ela própria não notara, ao aproximar-se de grupos angolanos, algumas caras mais fechadas, conversas interrompidas? Sim, havia. Era normal. Em Angola tudo estava a tender para uma guerra racial, havia uma repressão seletiva. Isso provocava reflexos em Lisboa.

Terminaram o almoço e foram os quatro para o Rialva. Malongo encomendou três bicas, para os outros, e um iogurte para ele. Um atleta não devia tomar café nem vinho. Cumpria esses preceitos, queria ser titular do Benfica. Mas fumava às escondidas do clube, não podia evitar. Quando Sara lhe mostrava a incoerência dessa atitude, ele ria, como tu fumas eu também tenho de o fazer, senão seria horrível beijar-te, ia sentir o teu cheiro de tabaco. E tomava umas canecas de cerveja, não faz mal, a cerveja tem pouco álcool.

Pouco depois Vítor despediu-se, tenho de estudar, e Malongo aproveitou seguir com ele, marcando encontro com Sara às seis, não tinha treino à tarde. Ela assentiu e ele beijou-a. Saíram os dois. Depois de algum tempo de silêncio, Aníbal perguntou como iam as coisas com o Malongo.

– Vão bem. Enfim... Com ele, uma pessoa está sempre na corda bamba. Vai, vem, falta aos encontros, tem sempre algo misterioso a fazer. Mas é meigo e procura ser um profissional sério.

– Sim, no futebol parece sério. Não sou especialista, mas admira-me como ainda não subiu para a equipa principal.

– Leva isso a sério, o futebol é a sua vida. E a música. Comprou uma viola e agora anda a aprender às escondidas. Muito provavelmente as coisas que disse ter a fazer agora, é ir ensaiar com a viola. No outro dia foi o mesmo. Telefonei para casa a confirmar. E a senhora respondeu que ele estava no quarto, pois ouvia a viola. Quando lhe pergunto, ele diz, oh, estou a aprender umas coisitas. Só quando souber mesmo tocar é que vai aparecer e dizer.

Aníbal convidou-a depois a irem dar uma volta pela Baixa. Ela devia trabalhar na tese de fim de curso, que ia defender em julho, mas aceitou, uma tarde também não significava um atraso catastrófico. Apanharam um autocarro e foram calados, a apreciar a movimentação nas avenidas. Havia agora muita gente a andar a pé, aproveitando a tarde de sol. Saíram na Avenida da Liberdade, para passearem até à Baixa. Ele iniciou a conversa, queria falar contigo a sós. Percebi, riu ela.

– A situação está séria. Muita repressão, a PIDE anda doida. Devem estar a fazer inquéritos e mais inquéritos sobre a Casa. Neste momento deve ser o alvo principal deles. Conversas mais sérias, não convém tê-las nem na Casa nem no Rialva. Reparaste no tipo com chapéu que estava sentado ao nosso lado no café? Aquele não engana ninguém. Lá no quartel também sinto que me observam. Tenho sempre alguém perto, no outro dia a minha estante foi mexida. Os livros estavam arrumados, só que não exatamente como os deixo sempre.

– E tinhas lá livros perigosos?

– Com esses tipos nunca se sabe o que é livro suspeito ou não. Tenho lá a *Autópsia dos Estados Unidos,* por exemplo. *As Mãos Sujas* de Sartre. Livros de Filosofia e de História, de todas as tendências. *O Processo Histórico* de Zamora, esse é marxista. Mas saberão eles?

– Mas não te vais pôr agora a olhar para trás constantemente...

– Pode ser paranoia. Mas que mexeram nos livros, isso mexeram. E que na Casa deve

haver informadores da PIDE, também é quase certo. E ponho a minha cabeça em baixo dum comboio se o tipo do chapéu não é pide.

– Sim, é preciso ter cuidado. A malta está na mira, tem de estar.

– No exército vive-se um clima de desconfiança. Todo o dia grandes discursos patrióticos, palestras com insistência nos oficiais milicianos etc. Sabem, a grande maioria dos milicianos, tudo malta universitária, é do contra. Uns mais progressistas, outros menos, mas do contra. Ora quem vão ser os oficiais para a guerra? Os milicianos, quase não há outros. Daí o carinho com que nos brindam, palestras, discursos, e pides no meio para espiarem.

– Por isso pediste esta licença, sem esperar pelo fim de semana?

– Também por isso. É preciso avisar a malta toda para ter cuidado. Também porque recebi uma carta do exterior, não perguntes nem donde nem de quem. Fala-se lá fora dum outro partido.

Olhou para trás e para os lados. O passeio da avenida era muito largo e tinha pouca gente, podiam conversar à vontade.

– O Mário de Andrade e o Viriato da Cruz é que estão à frente, pelo menos no exterior. Dizem que foram eles que organizaram os ataques às prisões em Luanda. Chama-se Movimento Popular de Libertação de Angola, MPLA.

– Que raio de nome! Eme-pê-éle-i-á. UPA é muito mais sonoro e fácil.

– Deixa lá o nome, isso não interessa. O programa é que conta.

– E qual é?

– Vão mandar-me. Mas o que me escreveu diz para avisar a malta sobre a UPA, é um movimento tribalista do Norte e racista ainda por cima. Nada de bom vem daí. Para já, o Mário e o Viriato são conhecidos, dois grandes intelectuais, oferecem muito mais garantias de seriedade.

– Sem dúvida. Uf! Sinto alívio. Não imaginas que alívio!

– Eu também senti, por isso vim logo avisar. Ter de escolher entre o colonialismo e a UPA, realmente... Bem, a UPA sempre é menos má.

Riram os dois. Ela principalmente. Não ria assim há muito tempo. Era do sol, da presença do amigo, da notícia que ele trazia. As preocupações foram embora, a vida tornava-se mais leve. Olhou para Aníbal, feliz pela alegria dela, e voltou a rir. Ele também, embora mais comedido. Aproximavam-se da Praça dos Restauradores e havia mais gente, mesmo no passeio do meio. Ela deu-lhe o braço, para poderem conversar mais em surdina.

– Não é perigoso receberes essas cartas pelo correio? Eles controlam tudo e tu estás fichado há muito tempo.

– Elas vêm por meios seguros.

Aníbal era baixo e magro, pouco mais alto que ela. Olhos profundos, lábios e nariz pouco grossos. Dava uma sensação de fragilidade a quem não o conhecia. Porém, ela sabia, era todo o contrário, uma tremenda força interior. Conseguira fazer o curso, pago com uma bolsa duma igreja protestante, com notas brilhantes e muitas vezes defendendo ideias totalmente contrárias às dos professores. Ganhara fama no meio universitário e muita gente, mesmo de outros cursos, ia assistir às suas provas orais, adivinhando polémica. A assistência ficava raramente frustrada. Perante a sua solidez de argumentos, os professores tinham de o

classificar com notas máximas, apesar das posições progressistas defendidas pelo examinando. A tese de fim de curso apareceu como uma provocação, uma análise da política colonial no século XIX, em que demonstrava que o Estado português liquidou a burguesia angolana que ganhava consciência da sua diferença e se encaminhava para posições autonomistas inspiradas nos princípios da Revolução Francesa. Foi várias vezes chamado à PIDE, evidentemente. Como não se lhe conheciam atividades políticas, ficavam só pelas intimidações, esperando a primeira oportunidade. Aníbal era extremamente cuidadoso, mas Sara suspeitava que ele tivesse ligações com alguma organização clandestina, provavelmente o Partido Comunista Português. Nunca lhe perguntara, nos seus vinte e quatro anos de idade ela já aprendera que havia curiosidades interditas.

– Apesar de tudo, estás preocupado – disse Sara. Por esta altura, depois de ter dado a notícia principal, normalmente ele teria partido para alguma dissertação sobre qualquer assunto inócuo mas sempre interessante. Se achasse que devia guardar recato, teriam subido de novo a Avenida da Liberdade. Hoje não, ele ia calado. Sinal de preocupação.

– Não se te pode esconder nada?

– Ora, já te conheço. Não posso saber? Se não posso, diz francamente, e vamos a algum cinema.

Depois de alguma hesitação, ele disse:

– Podes, claro. Sim, estou preocupado. – Baixou a voz. – Mais cedo ou mais tarde a minha unidade vai ser mobilizada. E eu, o que faço? Não se trata de mim, o que é melhor ou pior para mim, mas para a terra.

– Não entendi.

– Uma possibilidade é ir com a unidade e lá fazer trabalho de sapa. Sabotar as coisas, entendes? Pode ser útil para mobilizar os angolanos a lutarem contra o colonialismo e a impedir os civis tugas de massacrarem os patrícios. Mas pergunto-me se um oficial negro terá essa liberdade de ação, vou estar tremendamente vigiado. A outra possibilidade...

Cruzavam agora muita gente no Rossio e uma palavra dita mais alto podia ser ouvida e compreendida por algum informador. Tanto mais que o casal chamava a atenção: não era muito comum um homem negro e uma mulher branca de braços dados nas ruas de Lisboa. Colou por isso a boca ao ouvido dela:

– Desertar, cavar. Passar para o outro lado. Deve ser mais útil.

– E é possível?

– Talvez. Mas precisava de tempo. E devo decidir agora para poder preparar as coisas. Se for possível...

– Quando são avisados de que devem partir?

– Uma semana antes, no máximo. Dá pouco tempo.

Ficaram calados, evitando os choques com a gente apressada que corria no Rossio para apanhar o metrô ou o autocarro, ou as senhoras com crianças que andavam nas compras.

– Pago-te uma ginjinha? – perguntou ele, de repente. – Estou rico. Para quem estudou sempre com uma bolsa de estudos, o soldo de oficial até sobra.

– Não caía mal – disse ela.

Entraram numa taberna famosa pela sua aguardente de ginja. Era uma tasca estreita, onde

dez pessoas dificilmente cabiam. Ele encomendou dois cálices.

– Com elas ou sem elas? – perguntou o taberneiro.

– Com elas, com elas – disse Sara, rindo.

Beberam de pé no balcão, como todos os clientes. Com um palito, pescavam as ginjas no cálice e depois cuspiam os caroços para o chão, era um ritual. Como era ritual no bar Amazonas, no Arco do Cego, deitar as cascas dos tremoços para o chão, as quais no fim da noite faziam um tapete fofo. Saíram e deram a volta ao Rossio, sempre em silêncio. Nos Restauradores ele disse:

– Lembrei-me agora duma coisa. Já te contei que quando era miúdo fui à tua terra? Sim, já. Fui passar férias a casa dum tio, em Benguela.

– Como bom kaluanda, tens tios em todos os cantos de Angola.

– O kaluanda anda muito. Para civilizar os bárbaros... Tenho também família no Lubango, mas nunca lá fui. Mas em Benguela, levaram-me a uma praia, a Sul. Caota.

– Conheço, há lá uma pescaria.

– Isso. O que talvez não conheças é a Caotinha, um canto ao lado, do outro lado do morro. Difícil de passar, só a pé ou de jipe.

– Ouvi falar. Dizem que é um espanto.

– Fabuloso – disse ele. – Água limpa, mas fria. Só morros e mar. Areia e rochedos, uma baía pequena e cheia de peixe. Uma maravilha. Pois mergulhei aí. Não te digo. Apareceu-me um polvo gigante quando eu estava debaixo de água a explorar os fundos. Foi o maior susto da minha vida. Não sei como cheguei a terra, não me lembro de nada. Só ficou a imagem dum polvo espantoso, com todos os tentáculos virados para mim. Hoje ainda, quando tenho pesadelos, aparece esse polvo. Uns sonham que estão a cair, outros sonham com mortos, eu sonho com esse bicho. Pois jurei que um dia havia de lá voltar, equipado, para matar o polvo.

– Talvez não fosse tão grande assim.

– Pode ser imaginação de criança. Pode não ser o Náutilus do Júlio Verne. Mas que era enorme, lá isso era.

Tinham voltado para a Avenida da Liberdade, onde já podiam conversar mais livremente.

– Ontem sonhei com esse polvo.

– E então?

– Nada. Só quer dizer que estou preocupado. O que me aconselhas?

– Perguntas-me a mim? Apenas te posso ajudar a raciocinar.

– Já seria muito. Claro que posso não seguir o teu conselho. E vou perguntar a outros. Mas gostava de saber a tua opinião.

Fora um problema que ela nunca se pusera, até porque as mulheres não iam para o exército, nem as médicas. Mas uma ideia lhe repugnava e expressou-a com cuidado, procurando as palavras.

– Não te vejo a desembarcar em Luanda e desfilar na Marginal à frente da tua companhia. O que vão as pessoas dizer? Esse Aníbal mandava bocas mas afinal vem agora matar os patrícios. É o que a gente vai pensar.

– Isso é sentimentalismo. Pouco interessa o que as pessoas pensem de mim. Estarei a

cumprir um papel útil, fazendo trabalho clandestino, organizando grupos, talvez roubando armas para a malta que está a lutar. Também não sei o que posso fazer, mas na ocasião saberei.

– Afinal já tomaste a decisão de ir...

– Disparate! Essa é uma hipótese apenas.

– E a mais fácil. A outra agrada-me mais.

– Pode ser a mais fácil agora. Lá na terra será a mais difícil. A outra, cavar, é mais difícil agora, implica toda uma organização. Depois será mais fácil, poderei lutar pelo meu país diretamente. No entanto, que posso fazer no estrangeiro? Ficar lá, a ver as coisas correr?

– Sempre haverá o que fazer. Outros estão lá, já fizeram coisas, pelo que me disseste ainda há pouco. Por que não tu? Tens preparação militar, isso pode ser útil. E tens ideias, o que ainda é mais importante.

– Talvez tenhas razão, não sei. Preciso de perguntar aí a uns tipos...

– Eu não hesitaria. Desertava mesmo. Há meios de passar para França, toda a gente sabe disso. Pode não ser fácil, mas os meios existem.

Ele ficou calado, no meio do dilema. Passado algum tempo, Sara perguntou que vais fazer?

– Ainda não sei.

– Mas tens de tomar uma decisão rápida, tu mesmo disseste. Continuaram a passear, sem voltar ao assunto. Estava uma tarde excepcional, havia que aproveitar o sol e a companhia. Que mais havia de importante? As dúvidas sobre Malongo estavam longe, as preocupações de fim de curso ainda mais. E na situação de Angola uma ténue réstia de esperança se abrira. Tinha o direito de respirar fundo e comungar da amizade de Aníbal, que lhe dava segurança, apesar de parecer tão frágil e hoje particularmente inseguro. Sara aspirou voluptuosamente o ar fresco e apertou-se mais ao companheiro.

2

O treino tinha corrido bem. Na última parte puseram-no a jogar na equipa principal e tinha-se entendido com as estrelas do Benfica.

Foi pena ter falhado aquele gol, fruto do nervosismo. Mas o resto foi satisfatório e o treinador disse-lhe no fim, temos homem, Malongo, temos homem. Significava que o ia pôr a jogar no domingo? Ainda ia haver outro treino de conjunto, nada estava pois decidido. Pelo menos podia ser escalado para o banco dos suplentes, à espera duma vaga por lesão ou mau dia dum colega. Que lhe dessem uma oportunidade e ele ia mostrar no terreno o que valia. Estava na paragem à espera do autocarro quando passou o Arsénio, no seu carro novo, vindo também do treino. Arsénio parou e fez-lhe sinal. Malongo aceitou a boleia e entrou.

– Podes deixar-me na Alameda, se vais para aqueles lados. Arsénio também era angolano e uma estrela já confirmada, com lugar reservado na equipa principal há dois anos. Aparecia por vezes na Casa dos Estudantes, embora levasse uma vida muito recatada, dedicada à família. Sempre tranquilo, era voz autorizada no meio estudantil pelos seus conselhos, apesar de ter poucos estudos. A mulher chamava-lhe carinhosamente de gato manso, por ele muito raramente mostrar as unhas. E no futebol também parecia um gato quando brincava delicadamente com a bola.

– O treinador ficou satisfeito contigo. Acho que no domingo entras na primeira equipa.

– Ouviste alguma coisa?

– Não, ele nunca diz nada. Mas penso que vai ser a tua estreia, se amanhã treinares como hoje. Jogamos em casa, o adversário não é uma grande equipa. É o momento ideal para ele te experimentar.

– Eu só quero que ele me experimente.

Ficaram em silêncio. Arsénio ligou o rádio do carro e concentrou-se no tráfico. Malongo estudava cada uma das palavras ditas. O outro era já um kota com rodagem do clube, não ia falar à toa. Até podia influenciar o treinador, num momento de conversa, com aquele jeito suave que ele tinha de dizer as coisas. A sua oportunidade estava muito próxima, não a devia deixar escapar.

– Podias-lhe dar um toque, assim como quem não quer a coisa – disse Malongo.

– E não o fiz já? Várias vezes. Mas o Otto Glória tem as suas ideias. Ele estuda constantemente os jogadores e não se deixa influenciar. Se não põe um tipo a jogar, isso não quer dizer que o tipo é pior que os outros. Apenas que a sua maneira de jogar não liga com o esquema que ele quer. E de repente chama mesmo o tipo para a equipa principal. E pronto, ou se safa ou está entregue à bicharada.

Malongo não disse nada. Carro bonito. Este Arsénio está farto de ganhar dinheiro. Uma ponta de inveja riscou o bem-estar que sentia depois do treino. Deixa, ainda vou ter um Mercedes. E andar por aí com o carro cheio de miúdas, a pagar-lhes lanches nas melhores pastelarias. Quando o seu nome aparecesse no título dum jornal desportivo, MALONGO DERROTOU O SPORTING, ou COM MALONGO O BENFICA É OUTRO. Encostou-se mais no assento do carro, vendo os títulos em letras garrafais a desfilar.

– O treino de amanhã é decisivo – disse Arsénio. – Concentra-te só nele. Hoje não te preocupes com nada, vai dormir cedinho. Sem farra, nem cerveja.

Malongo acendeu um cigarro. O companheiro fez uma careta.

– E sem isso.

Atirou o cigarro pela janela, obedecendo num gesto maquinal. Arsénio sorriu, assim é que é. Tinham chegado à Alameda, vestida de primavera.

– Não preferes que te deixe na Casa? Para mim é igual.

– Não, aqui está bem. Obrigado pela boleia.

– Concentra-te no treino. Muito juízo e nada de farras. Malongo saiu do carro. Tanta insistência nas farras, por quê? Otto Glória um dia tinha-lhe dito um jogador de futebol devia ter uma vida regrada. Seria opinião do clube que ele só pensava em farras? E por isso guardavam-no nas reservas até ter juízo? Um diretor também já lhe tinha feito uma preleção. Sem ser categórico, mas tinha dado a entender que não apreciavam muito a sua propensão para as noitadas. Se é isso, é injusto, pensou Malongo. Está bem, nunca perdia um baile da Casa e dançava até de manhã. Era costumeiro das farras do Marítimo, o clube formado por marinheiros africanos em Lisboa. Mas nunca antes dum jogo de futebol. Os jogos das reservas eram habitualmente aos sábados e depois é que ia para a farra. Está bem, já tinha acontecido o jogo ser domingo de manhã e ele ter ido dançar na véspera. E não poder com as pernas e ser substituído logo na primeira parte. Mas tinha sido só algumas vezes. E também não abusava muito da cerveja, só algumas para hidratar. Vinho nunca bebia. Haka, um jogador não é de pau, também precisa de se divertir.

Entrou no Pão de Açúcar, café muito frequentado por estudantes e onde sabia estar a Denise. Dirigiu-se para a mesa dela, com o passo mais gingão que podia fazer. A loira riu e indicou-lhe uma cadeira.

– Como foi o treino?

Era francesa e estava em Lisboa a aperfeiçoar o português, que falava razoavelmente. Vivia num quarto ali perto e estudava sempre no Pão de Açúcar.

Malongo era obrigado a corrigir a ideia que tinha das francesas. Foram ao cinema juntos algumas vezes, um dia foi para o quarto dela, mas não passaram dos beijos e carícias. Quando ele a levou para a cama, ela deixou que ele lhe passasse a mão pelos seios e pelo sexo, mas recusou despir-se. Então e o amor livre das francesas? Duma segunda vez foi no

quarto dele. Vítor foi dar uma volta para os deixar à vontade, ele foi mais insistente e ela acabou por ficar só de cuecas, depois de muita luta. Mas Denise só permitiu que o sexo dele roçasse no dela por cima das cuecas. Ainda não estou preparada, tens de compreender. Andavam nisto há um mês. E ele cada vez mais ansioso e insistente.

– Vamos ao cinema hoje à tarde? – perguntou ele.

– Tenho aulas. Vamos à sessão das seis e meia?

Combinaram encontrar-se ali pouco antes e partiu para o almoço na Casa. Mais uma vez falhara ao encontro com Sara. Logo hoje que tinha uma boa notícia para lhe dar, ela ia ficar contente com as perspectivas de ele estrear no próximo domingo. Sentiu alguns remorsos que logo varreu. Denise tinha vinte anos e era um *bijou*, possas, não podia perder a oportunidade de comer uma francesa. Sara compreenderia. Não as suas pretensões em relação a Denise, mas o facto de não ter aparecido. Ela iria procurá-lo e ele arranjava uma desculpa. Sara era uns meses mais velha que ele, um pouco maternal, por isso tinha de aceitar essas falhas. Agora se soubesse da Denise... Por isso escondia bem as suas aventuras extranamoro. Nunca levava a francesa à Casa, apesar de ela já por várias vezes ter pedido, curiosa de conhecer o centro da revolução africana em Lisboa, como dizia. E os encontros no café eram rápidos e quase frios, pois havia membros da Casa que também frequentavam o Pão de Açúcar e podiam bocar. Só Vítor estava ao corrente e ajudava-o a camuflar as coisas. Grande kamba esse Vítor, apesar de ser do Huambo. Puxava ao pai, kimbundu do Golungo, desterrado para o Huambo como enfermeiro.

Sara também tinha sido difícil. Namoraram meses antes de ela permitir coisas mais sérias. Mas acabou por acontecer e duas vezes por semana ele dormia no quarto dela. Luxuoso para uma estudante. Quarto independente, grande, com casa de banho privativa, o que era muito raro em Lisboa. Ela também pagava caro por ele. Filha de comerciante rico, tinha uma mesada elevada, podia permitir-se certos luxos. Também o de pôr a senhoria do apartamento no seu lugar, quando esta um dia refilou ao ver Malongo sair de manhã cedo do quarto dela. Agora as relações entre as duas limitavam-se ao mínimo necessário. A portuguesa se escandalizava que ela, uma médica, dormisse com um negro. E na sua casa. Mas não era fácil encontrar alguém que lhe pagasse tão caro pelo quarto. Engoliu os escrúpulos, fingia que não sabia de nada. Mas deixou de perguntar a Sara pela saúde dos pais ou pelos seus êxitos universitários. Só quando tinha alguma dor aparecia a pedir conselho. E tinha dores muitas vezes, pois já era velha e sofria das articulações. Outra vantagem de ter Sara em casa.

Malongo foi diretamente para a Casa, sentou a uma mesa vaga e começou a comer. Mais tarde apareceu Vítor. Não, Sara não o procurou. Por um lado era melhor, tinha o tempo livre. Mas no fundo ele não gostou. Antes de se sentarem outros à mesa, pôde confidenciar a Vítor, hoje levo a Denise ao cinema e é hoje ou nunca.

– Devias ter mais cuidado com a Sara. É chato.

Ele não respondeu, porque apareceu o Horácio, um mulato que publicara uns poemas no boletim da Casa, considerados razoáveis para um início, e que agora não perdia uma oportunidade para monopolizar as conversas com literatura. Malongo foi ouvindo a dissertação do Horácio acerca da influência dos escritores brasileiros sobre a juventude literária de Angola. Bastante desatento, mas isso não tinha importância nenhuma, Horácio

não conversava, falava só. Vítor também parecia pensar noutra coisa, comendo devagar, sem levantar os olhos do prato. E chegou Furtado, um branco do Uíje, que andava desesperado sem notícias dos pais, roceiros de café no Norte e submersos pela rebelião de março. Furtado antes falava abertamente sobre a necessidade da independência de Angola. Já tinha tido problemas com a PIDE por causa das bocas. Mas agora, que a luta pela independência lhe tocava na família, estava mais moderado. Horácio interrompeu o monólogo literário para perguntar novidades sobre os pais dele.

– Nada. Certamente tiveram problemas graves. Se tivessem conseguido fugir para Luanda, já tinham escrito. Devem estar ainda na roça, vivos ou mortos.

– Ou na cidade – disse Vítor. – A roça é longe da cidade?

– É a vinte quilómetros do Negaje.

– Devem ter escapado para o Negaje – disse Vítor. – E do Negaje não deve ser fácil enviar cartas para aqui. Aquilo deve estar isolado.

– Sim, pode ser. Mas já passou mais dum mês, de qualquer modo. Deves ter razão, Vítor, espero em todo o caso que tenhas.

– O Negaje tem sido atacado – disse Horácio, remexendo na ferida. – Ainda nos jornais de ontem se falava de ataques ao Negaje, até agora sem resultados. Mas praticamente são os colonos que asseguram a defesa, quase não há tropa. Deve estar bem isolada a cidade e pode cair a qualquer momento...

– Deixa disso – interrompeu Malongo. – É preciso sempre pensar positivo. Estão no Negaje e estão bem. Daqui a dias vais receber informações, Furtado. É inútil estar a remorder nas coisas.

Horácio não gostava de ser contestado, mas compreendeu não era bom tema de conversa. Voltou à literatura, aconselhando os outros a lerem Drummond de Andrade, na sua opinião o melhor poeta de língua portuguesa de sempre. Qual Camões, qual Pessoa, Drummond é que era, tudo estava nele, até a situação de Angola se podia inferir na sua poesia. Por isso vos digo, os portugueses passam a vida a querer-nos impingir a sua poesia, temos de a estudar na escola, e escondem-nos os brasileiros, nossos irmãos, poetas e prosadores sublimes, relatando os nossos problemas e numa linguagem bem mais próxima da que falamos nas cidades. Quem não leu Drummond é um analfabeto. Os outros iam comendo, trocando de vez em quando olhares cúmplices. Até que Malongo e Vítor terminaram a refeição. Malongo despediu-se, levantando-se, um analfabeto vos saúda. Vítor e Furtado riram, Horácio fingiu que não ouviu. Agarrou no braço do Furtado e continuou a cultivá-lo com versos de Drummond e os seus próprios, dedicados ao grande brasileiro.

– É uma cabeça – disse Malongo, já na rua. – Pode falar duas horas sobre literatura sem se cansar.

– É masé um chato – disse Vítor.

E foram para casa, sem passar pelo café. Vítor tentava estudar, enquanto Malongo, deitado na cama, aprendia viola. Sara telefonou às cinco horas e Malongo foi desculpar-se. Já tinha pensado num assunto inadiável que tinha para a noite e por isso só amanhã se podiam ver. Saiu às seis horas, com as melhores roupas, para se encontrar com Denise. Vítor movia a cabeça em muda reprovação. Vai-te lixar, pá, uma francesa daquelas não dá para perder.

Hoje é o meu grande dia, já foi no treino, vai ser na cama.

Denise estava pontualmente à espera. Com um vestido branco, leve, de acordo com o tempo doce. Os cabelos loiros caíam em cachos e o vestido curto deixava ver as pernas bem torneadas. Hoje é hoje, pensou Malongo, ao atravessar a rua e se dirigir para ela, os olhos perscrutando todos os detalhes do corpo desejado.

Ele escolheu os lugares da última fila da plateia para estarem à vontade. Só quando as luzes se apagaram lhe pegou na mão. E só quando começou o filme principal começou a acariciá-la, primeiro nos braços, nas pernas depois. Havia pouca gente no cinema e as últimas filas estavam completamente vazias. Esqueceram o filme, se beijaram. E perante a insistência dele, ela foi abrindo as pernas, deixando a mão subir pelo interior das coxas. Quando ele lhe tocou no sexo, ela gemeu e escorregou na cadeira, ficando quase deitada. As pernas afastaram-se ainda mais, em oferta. E ele acariciava-lhe com dois dedos a vagina por cima da cueca, ao mesmo tempo que a beijava. Até que ela teve os primeiros estertores, silenciosos porque as bocas estavam coladas. Tentou reagir, mas ele manteve a mão esfregando docemente. O orgasmo dela foi violento e prolongado. Estremecia na cadeira e os dentes morderam com força os lábios grossos. Quando ela se acalmou e ele afastou a boca, Denise murmurou *si bon, si bon*. A mão dela procurou o sexo dele que queria romper as calças. Mas ele afastou a mão, não gosto disso, só sexo no sexo.

Denise endireitou-se na cadeira, ficou silenciosa olhando para o filme. Ao fim de algum tempo, sussurrou:

– Não é justo. Eu gozei tanto... Também quero que gozes.

– Não gozo com isso. Só sexo no sexo, sou um tradicionalista. O filme era uma estória de amor americana. Olharam um pouco para ele, depois ela disse está bem, vamos para o meu quarto.

Saíram do cinema na escuridão, ele abraçando-a para a orientar até ao corredor. Na rua caminharam rápido, de mãos dadas, indiferentes a quem podia observá-los. Quase subiram as escadas do prédio a correr. E ela não acertava com a chave na fechadura, ofegando. Por fim, a porta se abriu. Eu sabia, hoje é o meu dia, pensou Malongo, ao entrar abraçado a ela para a noite inteira.

3

A manifestação organizou-se em Arroios. Daí desceria para a Baixa, onde se juntaria a outras vindas de lugares diferentes. Sara tinha estado antes na Casa para arranjar companheiros. Malongo recusou logo, não me meto nessas coisas, não sou estudante nem trabalhador. Vítor foi mais claro, isso é um problema dos portugueses, não é o nosso. Ela tentou argumentar que o 1o de Maio era uma jornada universal de todos quantos eram contra o capitalismo e este ano particularmente importante por causa dos acontecimentos de Angola. Os dois não mudaram de posição. Havia provavelmente informadores da PIDE e ela devia ser prudente. Foi perguntando sigilosamente aos amigos de confiança. Furtado hesitou, depois disse que sim. E Laurindo, um jovem da Gabela, no seu primeiro ano de Portugal, que tinha curiosidade de ver uma manifestação. Agora iam os três, no meio de duas centenas de estudantes e trabalhadores, gritando vivas ao 1o de Maio e Abaixo o Fascismo, sem bandeiras nem cartazes, descendo as calçadas que davam acesso ao Rossio. Sara no meio, de braço dado aos outros dois. Isso aumentava a confiança perante a previsível carga da polícia. Esta, pelo momento, limitava-se a guardar os cruzamentos, sem grande aparato. Sara disse:

– A malta da Casa está a desmarcar-se ou quê? Só estamos mesmo nós.

– Podem estar noutros grupos – disse Furtado. – Só na Baixa se verá.

A manifestação era formada por jovens. Na linha da frente, havia um ou outro homem mais velho, com aspecto operário, orientando as palavras de ordem. As pessoas abriam as janelas das casas para espreitar, mas poucas saíam para engrossar o grupo. Duma rua lateral, surgiram uns trinta jovens e juntaram-se a eles. No meio vinha um moçambicano branco que se aproximou dos três.

– E a outra malta? – perguntou Sara.

– Não sei. Acho que não vêm. Têm medo...

– Não é isso – disse Furtado. – Com a guerra em Angola, as posições radicalizaram-se. Pelo menos a malta de Angola não quer mais misturas.

– É isso – concordou Laurindo. – A mim falaram-me que não tinha nada que vir. Que o 1o de Maio era problema dos brancos. Eu disse que vinha, porque queria ver o que se passava.

Disseram-me ainda és miúdo, se queres levar porrada da polícia sem nenhum resultado, vai. Aqui a malta só leva porrada e daí não resulta nada. A polícia quando te vir, é sobre ti que vai carregar. A nossa luta é lá na terra, não é aqui.

Laurindo era o único mestiço que se via naquela manifestação. Tempos atrás, havia sempre muitos em todos os confrontos de estudantes com as forças do regime. Sara deu razão a Furtado, o nacionalismo radicalizava-se. E também compreendeu a posição dos não brancos, facilmente identificáveis na manifestação e atraindo a atenção da polícia.

Quando desembocavam no Rossio, onde se encontravam outras centenas de manifestantes, alguém gritou Abaixo a Guerra Colonial, Independência para as Colónias. Poucos repetiram, e em breve corria o murmúrio, é um provocador, é um provocador. Sara e Laurindo tinham gritado, acompanhando a palavra de ordem. Por que provocação? Gritar Abaixo o Fascismo não era provocação e Independência das Colónias era? Não se tratava da mesma luta? A malta da Casa teria razão, já não era? Com a ansiedade sobre o que ia acontecer, Sara não teve tempo de pensar a sério no assunto, mas sentiu que algo a perturbava. Por pouco tempo. A barreira da polícia no fundo do Rossio era uma ameaça e toda a atenção foi desviada para ela. As pessoas que estavam nos cafés e bares afluíam à praça para assistir à cena. Muita gente saía dos empregos ou das compras e aglomerava-se junto aos prédios. Em breve o Rossio estava cheio e era impossível distinguir os manifestantes dos curiosos.

– Não creio que a polícia carregue – disse Furtado. – Está tudo misturado, vão só bater em quem é espectador.

O tom das vozes subiu, agora mais ritimado. Abaixo o Fascismo, Viva o 1o de Maio, Democracia. A uma ordem vinda da frente, a manifestação deslocou-se para a direita e subiu para o Chiado. A polícia deixou passar.

– Disparate – disse Furtado. – No Chiado vão carregar.

– Querem passar pelo *República* – disse Sara. O jornal *A República* era assumidamente de oposição a Salazar e apesar da censura tomava posições favoráveis aos estudantes e à democracia. A rua do jornal era lugar tradicional das manifestações de apoio. Mas era um sítio mais fechado, favorável às cargas da polícia, Furtado tinha razão. Entretanto, a manifestação tinha engrossado no Rossio. Atrás vinham pessoas com ar de funcionários ou empregados, acompanhando silenciosas. Mais por curiosidade que convicção. Chegaram à frente do jornal e os vivas recrudesceram. Os jornalistas assomavam às sacadas e os fotógrafos disparavam as máquinas lá de cima. Depois houve um movimento contraditório vindo da frente, em breve tornada retaguarda. A manifestação descia de novo para o Rossio. Foi então que apareceu a Guarda Nacional Republicana, a cavalo, saída do seu Quartel do Carmo. A polícia a pé tinha bloqueado o acesso ao Rossio. E os cavalos carregaram.

– Não disse? – gritou Furtado. – A ordem agora é cavar. Na confusão os três soltaram-se, não era prático correr de braço dado. Sara ainda teve tempo de gritar para Laurindo, vamos para o Bairro Alto. A Guarda Republicana começou a distribuir as porrinhadas de cima dos cavalos e a manifestação dispersou-se numa balbúrdia, todos tentando meter-se pelas vielas ou nas portas das casas do Chiado. Sara e Laurindo passaram bem perto dos guardas e conseguiram subir por uma calçada íngreme, onde os cavalos se não aventuravam. Uma porta abriu-se e uma voz de mulher disse, entrem. A porta fechou-se sobre eles.

– O melhor é virem para a sala – disse a mulher. Aí estavam três homens e cinco mulheres sentados. Não era preciso ser feiticeiro para adivinhar de que casa se tratava. Sara fez esforço para calar um gesto de recuo. Preconceitos pequeno-burgueses, são mulheres como as outras. E ajudaram-nos. Sorriu para a que lhes tinha aberto a porta, de meia idade e com problemas de dentes.

– Obrigada.

– Se os chuis aparecerem, metam-se num quarto. Sem cerimónias. A esta hora estão todos vazios, o negócio começa mais tarde. Estes senhores também fugiram da manifestação.

Os homens tinham ficado encabulados ao verem entrar Sara, que decididamente não tinha estilo de puta. Mas agora riram todos, solidários. Um deles, o mais velho e com vestuário de operário, disse:

– Esta casa eu não conhecia. Mas como foram tão porreiras, vou passar a frequentá-la. Se a minha patroa deixar...

Os outros riram. A mulher que lhes tinha aberto a porta sentou-se ao lado dele. Segurou-lhe na mão.

– Tens que pedir autorização à tua patroa, queridinho?

– Ela é que guarda o dinheiro. E é muito semítica... Voltaram a rir. Sara reparou na carga preconceituosa que a fala do homem parecia conter. Ela era de origem judia e por isso particularmente sensível. Disparate, é um termo que entrou na linguagem comum e é dito sem maldade. Ele até nem sabe o que significa, só que semítico quer dizer agarrado ao dinheiro. Preconceituosa fui eu, quando me apercebi onde estava. Numa sociedade de preconceitos, quem pode atirar a primeira pedra? Pela janela entreaberta filtrava-se uma luz esbatida que deixava a sala na penumbra. Da rua vinha pouco barulho de cavalgadas e gritos no Chiado. Ou a pancadaria se tinha deslocado para baixo, no Rossio, ou já tinha terminado. Ouviam-se cada vez mais frequentemente as sirenes dos carros de polícia. Devem estar a levar uns tantos presos. Sara falou para a mulher de meia-idade:

– Por que nos ajudou?

– Ora, minha filha, vocês fugiam dos chuis e nós não gostamos dos chuis. Passam a vida a chatear-nos e a levarem-nos uns dias para a choldra. Só para chatear. Até parece que o Salazar também não precisa de nós.

– Não precisa, não – disse o homem sentado ao lado dela. – Ele nasceu sem aquilo, ao que dizem.

– Por isso tem um ar de bispo, coitadinho – disse a mulher, rindo. Foi abrir a janela e espreitou para fora. Virou-se para dentro.

– Tudo calmo. Quem quiser, pode ir sem perigo. Agora quem quiser ficar... A senhora não, claro. E tu, moreninho bonito, não queres ficar?

Laurindo, que desde o princípio estava pouco à vontade, olhando as mulheres sorrateiramente, corou para além da sua mulatice. Sara riu, pois sabia ser por causa dela que ele estava tão intimidado nos seus dezoito anos.

– Não, não, obrigado, nós já vamos.

Saíram da casa, agradecendo o apoio. A rua estava tranquila e só de baixo vinham os ecos das sirenes. Andaram depressa até à primeira paragem de elétrico e entraram num sem

sequer repararem na direção. Interessava era afastarem-se rapidamente dos lugares suspeitos. Abandonaram o elétrico no Marquês de Pombal, sempre silenciosos. Caminharam para os lados da Casa, embora fosse uma boa distância. Sem combinarem, cada um sabia que o outro preferia andar a pé. Laurindo rompeu o silêncio:

– Pergunto-me para que serve isto. Grita-se um bocado, vem a polícia, dá umas porradas, a gente foge. E fica tudo na mesma.

– Num país com censura, onde não se pode saber nada pelos jornais ou pela rádio, dá para as pessoas se aperceberem que há forças contra o regime. É importante. E reforça a organização da esquerda.

– Não sei, pareceu uma brincadeira já combinada.

– Não sejas injusto, Laurindo. Não viste as cabeças a escorrer sangue, porque escapámos logo. Nem viste quantos foram presos. Brincadeira?

– Foi uma maneira de dizer. Mas não resulta em nada.

– É uma primeira fase. Depois virão outras formas de luta. Era evidente para Sara, Laurindo colocava-se na posição da outra malta angolana, para quem já tinha passado a fase das manifestações pacíficas. Sem se aperceber que primeiro tinha de haver organização e caldeamento pelas lutas de massas. Onde lera isso? Certamente no *Avante*, o jornal comunista que por vezes lhe chegava às mãos.

– E outra coisa – continuou ele. – Por que se evitou a referência à independência das colónias? Chamaram ao tipo provocador.

– Sim, isso também me chocou. Queria pensar melhor sobre o assunto. Talvez porque as pessoas agora estão muito sensíveis, consideram o que se passa em Angola como atos de terrorismo. Essa referência ia afastar pessoas.

– É o que a malta diz. Os portugueses, mesmo de esquerda, estão a reagir como brancos. Os nacionalistas das colónias para eles são terroristas. Claro que a UPA estragou as coisas com esses ataques sanguinários. Mas...

– Isso não impede que a causa da independência seja justa. Estou de acordo contigo, também me chocou.

– Que achas, Sara, o Furtado também ficou chocado?

– Não sei, mas ele não gritou a acompanhar o provocador. Notei, só nós os dois gritámos.

– Eu também notei. E o moçambicano desenfiou-se logo, nunca mais o vi.

– O Furtado deve estar baralhado com o que sucedeu aos pais. Já deram notícias, estão a salvo em Luanda, mas a roça foi toda destruída, queimada. Ele deve estar baralhado, sim.

Caminharam de novo em silêncio, triturando os pensamentos. As ruas apresentavam muito movimento e podiam até estar a ser vigiados. Não guardavam nenhuma precaução, a não ser a de conversarem em voz baixa. Laurindo disse:

– Primeiro, quando cá cheguei, nós falávamos muito. Talvez porque os dois nascemos no meio do café. Foi mesmo ele que me ensinou essas nossas ideias de independência, passou-me literatura etc. Mas quando aconteceu o 4 de Fevereiro, ele não festejou. Claro que a situação era confusa e não dava para grandes festas. Mas pela primeira vez acontecia qualquer coisa a mostrar que a malta lá queria mudar as coisas, era extremamente importante. Ele ficou estranhamente calado. A partir daí fomo-nos afastando, afastando.

– Pode ser. Os brancos estão numa posição difícil. Se são pela libertação, têm de se colocar contra a classe de origem, contra a sua sociedade, mas sobretudo, contra os pais. Isso é que complica. Sabem que têm de perder os privilégios e alguns aceitam isso. Mas não aceitam que os pais sofram, é humano.

– E tu?

– Todos os dias me pergunto isso. Há muito tempo que sou pela independência e sei que ela vai acontecer mais cedo ou mais tarde. Posso lutar por ela e à minha maneira lá vou fazendo o que posso. Mas também não queria que os meus pais fossem mortos só porque são brancos. Ou expulsos.

– Se te dessem a escolher, ou a independência ou a vida da tua família, sem possibilidade de meio termo?

– Pessoalmente custava-me muito, claro. Mas escolhia a independência, não tenho dúvida. Embora não fosse certamente o tipo de independência que desejava.

– És especial, Sara.

– Não, há outros. Os meus pais iam pagar por crimes que outros cometeram. Oh, o meu pai também não é nenhum santo, naquela terra ninguém enriquece a fazer ações de caridade... Mas crimes não cometeu. Espero que seja uma independência que permita distinguir as ações das pessoas, que haja justiça.

– Isso vai acontecer. Vais ver.

– Não com a UPA.

– Não, há outras forças.

Sara ficou calada. Laurindo já estava ao corrente da existência de outras organizações. E era um miúdo, ainda pouco integrado nos meios secretos da Casa. No entanto, a ela, uma antiga, só Aníbal lhe tinha falado há quinze dias, mais ninguém se referira a isso, nem Malongo. Estranhas barreiras se criavam. Malongo era diferente, talvez ninguém o tivesse posto ao corrente. Mas Vítor de certeza estava mais informado que Laurindo, aliás eram amigos. Quer dizer, toda a gente sabia do MPLA, deviam estar a organizar-se, e ela ficava de lado. Por ser branca, só podia ser. Doeu. É uma fase de desconfiança normal, pensou ela. Mas doía na mesma.

Continuaram a andar. A tarde de trabalho estava no fim e as pessoas saíam dos empregos. O trânsito automóvel era agora intenso. O fim de tarde estava luminoso, num dia seco e quente para a estação. Esse céu, a cor desse céu, pensou Sara. Só mesmo no Lubango depois da chuva havia um céu com essa tonalidade azul e igual transparência do ar.

– Na Gabela estão a massacrar o povo – disse Laurindo, de súbito. – Não houve propriamente revolta lá, embora se falasse em muitas coisas. Os colonos aproveitaram e organizaram-se em milícias armadas. As vítimas são sobretudo os pequenos proprietários de café. Para lhes ficar com as terras.

– É clássico. Em terra de café sempre se passou isso. E a tua família?

– Recebi carta. O meu pai, muito prudente, não conta quase nada. Mas estão bem, na cidade. Deixaram a roça com os capatazes. Mas não houve as coisas do Norte ali, salvo um ou outro incidente. Claro que ele agora está com medo que lhe fiquem com as terras, é vizinho dum grande roceiro branco que sempre quis comprar-lhe um morro onde se produz

bom café. Esse tipo é o chefão das milícias, pode muito bem anexar o morro pela força.
– Mas o teu pai não é branco?
– Não, o avô é que era. Quando morreu, as terras foram divididas entre o meu pai e dois irmãos, um homem e uma mulher. Estes venderam logo as suas partes ao tal grande roceiro e foram para Luanda. O meu pai ficou com um terço da roça e a casa. Dava bem para viver, mas agora não sei. O meu pai deve estar dividido. Por um lado os brancos a quererem aproveitar da situação para crescer, e para isso acusando os angolanos de terrorismo. Por outro os negros que se podem revoltar a qualquer momento e que dizem que os mulatos são como os pais brancos. Quando o mar bate na rocha, quem se lixa é o mexilhão. O mulato é o mexilhão. Por isso compreendo o que disseste há pouco. Não são só os brancos progressistas que estão em situação difícil.
– Claro – disse Sara. – E também os negros que estudaram ou que têm empregos razoáveis, raros é certo. Também devem ser olhados com desconfiança pelos irmãos de raça, porque subiram no meio dos brancos. E pelos brancos, que os consideram terroristas.
– É. O colonialismo é isso.
– Mas aqui, entre a malta, não há diferenças entre negros e mulatos, estão todos unidos.
– Não te iludas – disse Laurindo. – Há aí uns grupos de negros que não querem nada com os mulatos. Não são muitos, mas existem. Dizem que a elite angolana é constituída sobretudo por mulatos e que esses não os podem dominar. Que essa elite ajudou o colonialismo a implantar-se e aproveitou-se dele. Acabam por apoiar a UPA, lá bem no fundo e muito escondidamente.
O rapaz gostava de falar e Sara apreciava a sua franqueza. Mas não queria usar da influência para lhe sacar informações confidenciais. A prudência exigia, era tão fácil ser-se rotulado de informador da PIDE. Tinha curiosidade de saber coisas, agora que se apercebia que a tinham ilhado numa redoma de respeito distante. Muito diferente de tempos anteriores em que falavam de tudo à sua frente.
Era importante para ela conhecer o ambiente que se vivia, mas nunca sacando habilmente os nabos da púcara a um miúdo ainda ingénuo, como fazia a polícia. Por isso não fazia perguntas.
– Eu li a tese do Aníbal, que deves conhecer – disse ela. – E ele referia-se nos mesmos termos a essa elite, no século passado, sobretudo constituída por mestiços, mas também por negros e brancos. No entanto, o Aníbal nunca apoiará a UPA.
– Eu sei. A tese nunca li, mas já ouvi falar. Estava até prevista uma palestra na Casa para ele a apresentar. Mas depois viu-se que era perigoso e então agora nem pensar.
– Isso sim, cheirava a provocação. O Aníbal falou-me dessa ideia. Ele aceitava falar, mas era um disparate. Como vês, pode-se reconhecer o papel histórico de determinado grupo social, positivo ou negativo, sem por isso se tomarem atitudes políticas radicais em relação aos descendentes desse grupo.
– Os velhos dizem filho de cobra é cobra. Isso é verdade na natureza, não na sociedade humana.
– Bonita frase, Laurindo. Gostei.
Voltaram a calar-se. Aproximavam-se do Arco do Cego. Sara tinha decidido procurar

Malongo, ou no Rialva ou em casa. E Laurindo ia certamente para o Rialva, comentar as suas impressões com os amigos. Já muito perto, Sara não resistiu a disparar a pergunta, e que achas das relações aqui entre brancos e mulatos? Ele foi rápido e frontal.

– Olha, eu percebo pouco dessas coisas. Mas sinto que os mulatos, nem todos, claro, se estão a afastar dos brancos. Exatamente por causa das críticas dessa malta negra mais pró-UPA. Como são acusados de terem feito o jogo dos brancos, agora querem mostrar que não têm nada com os brancos, apenas com os negros. Muitos já esquecem o pai branco, só falam na mãe negra.

– Isso é oportunismo.

– Pois é. Mas está a acontecer. Os brancos também não ajudam muito, com posições como a do Furtado. Enquanto foi para falar, ele estava na ponta. Quando é para agir, ele recua. Aí os mulatos dão razão aos negros, é um argumento forte. E afastam os brancos, mesmo se são amigos deles. Já não se podem apresentar como amigos, apenas como conhecidos.

– Tudo isto é muito triste. Mas pode ser apenas uma fase passageira.

E entraram no Rialva, muito mais cúmplices do que quando foram para a manifestação. A bem dizer, Sara mal conhecia Laurindo.

Ele sim. A quase médica gozava ainda de prestígio em alguns setores e ninguém lhe apontava incoerências. Mas ela agora sentia, com todas as antenas espicaçadas, que uns tantos olhos a observavam continuamente, à espera de qualquer vacilação. E não eram olhos de pides, não.

Malongo estava no café com Vítor Ramos. Furtado também se encontrava, mas noutra mesa. Fez-lhes uma pergunta muda, como é? Sara respondeu com um sinal, tudo bem. E sentaram-se à mesa de Malongo. Vítor mal esperou que estivessem instalados, perguntou com indisfarçada ansiedade:

– Que tal correu?

Laurindo ia responder, mas Sara travou-o com a mão. Olhou para todos os lados. Na mesa vizinha estava o eterno tipo de chapéu que tinha chamado a atenção de Aníbal, quinze dias atrás. Ela sussurrou aqui não. O senhor Evaristo aproximou-se e Sara encomendou uma cerveja. Como Laurindo hesitasse, ela disse que lhe pagava uma, deves estar com sede. Ele aceitou, sorrindo, confidente. Malongo espreguiçou-se na cadeira e perguntou de forma especial:

– Jantas connosco?

Ela disse que sim. A pergunta encerrava uma proposta para depois irem juntos a casa dela. Já entendia imediatamente as alusões do namorado, apesar de ultimamente andar muito fugidio. Falaram sobre coisas superficiais, até à hora do jantar. Como ainda era muito cedo, conseguiram uma mesa vaga e sentaram-se os quatro. Aí puderam explicar aos outros como tinha corrido a manifestação. Malongo fartou de rir ao saber que se tinham refugiado na casa de putas, é o que dá uma médica andar em porradas com a polícia. Contaram as piadas do mais velho com ar de operário e riam. Toda a gente olhava para eles, pois as gargalhadas de Malongo deviam ouvir-se até na rua. De várias mesas vinham os pedidos, contem também para nós. Laurindo até que tinha vontade de se pôr em cima da mesa e contar para todos os comensais. Mas Sara tinha-o avisado que os tempos não eram próprios para anunciarem aos

quatro cantos que tinham estado na manifestação, já a própria Casa tinha orelhas pidescas. Passada a onda de riso, Vítor disse:

– Foi o que eu dizia. Não serve para nada metermo-nos em assuntos dos portugueses. Eles que não se metam também nos nossos.

Sara ia ripostar, mas calou-se. Valia a pena? Também já não estava tão segura das suas posições anteriores. Laurindo apoiou o outro.

– Viemos a discutir isso mesmo, a Sara e eu. Foi a primeira e última manifestação para mim. Não resulta em nada.

– Que querias? – respondeu ela, agastada. – Que se tomassem os ministérios no Terreiro do Paço e depois fôssemos expulsos aos tiros?

– Sempre fazia mais barulho – disse Laurindo.

– E aqui parou essa conversa – interrompeu Malongo. – Estava porreiro enquanto contaram as cenas. Não estraguem tudo com discussão que só dá dor de cabeça e não conduz também a nada. A propósito. Qual é a direção da casa de putas? Tenho de ir lá agradecer o apoio que vos deram.

– Sacana! – disse Sara, rindo.

De novo estalaram as gargalhadas e esse ambiente de boa disposição se manteve até ao fim do jantar. Depois foram de novo ao Rialva, agora para tomar café. O homem do chapéu ainda lá estava, com a mesma chávena vazia à frente. Lia um jornal. Quinze minutos depois, conversando apenas banalidades, Sara e Malongo se despediram dos outros, que tinham decidido ir ao cinema. Dirigiram-se para casa dela. Malongo abraçou-a logo que fecharam a porta do quarto. Ela beijou-o mas depois afastou-se.

– Temos de conversar primeiro, meu menino.

– Há toda a noite para conversar.

– Uma merda! Depois de fazer amor, adormeces logo e só resmungas.

Ele sentou-se, conformado, no sofá perto da janela. Não disfarçava certo enfado. Sempre foi um apressado, ávido de sexo, pensou Sara. Os preconceituosos definem-no como um africano típico. Ela não sabia se ele era típico ou não, tinha sido o seu único homem. Sentou-se na cama e acendeu um cigarro.

– Há vários assuntos que tenho a tratar contigo. Primeiro. Ultimamente andas muito esquivo, quase não te vejo. Faltas aos encontros mais que nunca e depois não apareces. Que se passa?

– Ora, ando chateado.

– Porque não te puseram a jogar no domingo?

– Fiz um bom treino na equipa principal, depois não fui nem para o banco dos suplentes. Isso chateia um gajo.

– Nessas alturas costumas procurar-me para te dar apoio moral. Desta vez desapareces. E já na semana passada também andaste muito longe.

– É mesmo essa chatice do futebol, acredita. E como ando chateado, também não te procuro muito para não te pegar a má disposição, tens muito trabalho com o estágio e o relatório.

– Obrigado pela atenção, mas não me convences muito. Acho que nunca exigi nada de ti e

sou compreensiva. Sê sincero, há outra mulher?

Ele levantou-se num impulso, deixa-te de disparates. Deu dois passos pelo quarto e depois veio abraçá-la. Beijando-a no pescoço, disse onde arranjaste essas ideias malucas? Francamente, Sara. Ficaram algum tempo abraçados, ele insistindo nas carícias. Ela não se deixou despir, espera, não acabei de falar, nem de fumar. De qualquer modo a blusa já tinha voado para cima duma cadeira. Sara sentou-se na cama, obrigando-o a fazer o mesmo.

– Segundo assunto. Político. Já ouviste falar na existência dum tal MPLA, um partido criado no estrangeiro?

– O Vítor falou-me qualquer coisa, mas não ouvi bem.

Sara levantou-se. Foi apagar o cigarro no cinzeiro. Procurou controlar a fúria. Estava a gozar com ela? Podia ser assim irresponsável que não se interessava com uma notícia tão importante? Por vezes não sabia se ele mentia sempre ou só às vezes. A sua primeira suspeita parecia infundada, ele fora sincero, não a procurava porque andava chateado com o futebol. Mas custava a acreditar que fosse tão apolítico, numa altura daquelas.

– Como é que não ouviste bem? Estás a mentir.

Ele levantou os braços para o céu e olhou para o teto.

– Estava mais preocupado com outras coisas e ele não voltou a insistir. Disse que tinham chegado documentos do tal MPLA, que é uma coisa porreira, não me mostrou nenhum documento e depois não falámos mais disso. Não sei o que queres saber.

– Não quero saber nada. Já sabia. Não fiquei à espera que me dissesses, porque senão ficava sempre no escuro. E o que eu quero saber é porque agora me põem no escuro, é isso mesmo.

– Não entendi mesmo nada. Posso não ser muito inteligente, mas estás a falar de tal maneira que nem o Einstein te entende.

– Estou a dizer que começo a ficar farta de só servir de saco para onde atiras o esperma, quando te apetece.

– Possas, Sara, não é caso para tanto.

– É, é sim. Podias contar-me coisas que me interessam, porque vivo esta situação como tu e todos os outros.

– Tu bem sabes que a política não é o meu forte, nunca me interessou.

– A política! E a tua vida, a vida da tua família, é disso que se trata. Não me venhas cá com estórias de que isso não te interessa, só o futebol. Há um momento em que as pessoas esquecem as trivialidades, para se preocuparem com as coisas sérias que as tocam. E tu também.

– Claro que me interessa saber o que se passa na terra. Mas só isso. Não tenho nada que me meter em organizações, sei lá por quê uma é melhor que a outra. E nem me lembrei de te falar nisso, acho que temos coisas mais importantes para fazer juntos.

– Amor, por exemplo. Só sirvo para isso.

Ele abraçou-a de novo. Passou-lhe a mão pelo cabelo. Sara teve vontade de chorar. Não por causa da discussão ou das suas desilusões, mas apenas porque ele ternamente a acariciava. Não vou ser fraca agora, pensou. E afastou-o. Acendeu outro cigarro, para ganhar distância.

– Não achas estranho que nem tu nem o Vítor ou outro me falassem dessa nova organização, sabendo que estava preocupada? Era normal que me contassem. Mas fecharam-se, devem ter conversas secretas, todos vocês. Já não mereço confiança de saber das coisas. Por quê, porque sou branca?

– Agora és tu que tens complexos? Deixa os complexos para nós, que temos razões para isso. Está bem, tive culpa, devia ter-te dito o que o Vítor me disse. Mas não foi por mal, achei apenas que isso não importava. Estava mais preocupado com o treinador que me põe sempre a secar. Eu é que podia pensar que não jogo porque sou negro. E não penso assim. Sempre me trataram bem no clube, só não me põem a jogar. Vou agora começar a dizer que o treinador é racista?

– Mas vocês andam ou não andam com conversas sobre política?

– Os outros andam. O Vítor então, esse agora descobriu que todo o seu interesse é na política. Já nem estuda, só anda a ler livros proibidos. E a chatear-me, a dizer que sou apolítico, que tenho de participar. Participar em quê, também não me disse. Está com o mesmo papo que tu tens, que sempre tiveste. Mas eu estou-me nas tintas. Quero é jogar bem e ser efetivo.

Sara tinha de reconhecer, Malongo estava a ser sincero. Ou então era um superquadro clandestino, com uma camuflagem a toda a prova, representando magistralmente um papel duplo. O que não podia ser o caso, não tinha estofo para isso. Puxou mais uma baforada do cigarro. Estava agora calma. A sua voz foi triste, mas já sem agressividade:

– Acredito. Mas a outra malta... Antes eu era sempre procurada para discutirem os problemas, quaisquer que eles fossem. Agora param as conversas se eu chego. Não são complexos, são coisas reais.

– Sim, pode ser. A malta está muito desconfiada. Dizem que a PIDE está a apertar o cerco à Casa.

– Isso é verdade.

– Não está certo, mas começam a culpar os brancos de todos os males. Até aqueles brancos que sempre tomaram posições claras contra o colonialismo. Que vão tomar o partido dos pais contra nós. Sim, às vezes ouço coisas. Mas mesmo comigo poucos falam dessas coisas. Ou porque sou jogador de futebol e ganho mais que os outros. Ou porque namoro contigo, quem sabe?

– Vês que agora estás a falar a sério sobre política? Achas que eles também te afastam das conversas?

– Alguns, sim. O Vítor não, claro. Mas alguns outros...

– Pode ser por minha causa. Por seres meu namorado, podem pensar que és um traidor. Que me revelas segredos...

– Que segredos? Felizmente não tenho segredos, posso dormir tranquilo... Mas há uns tipos que olham de lado. Sabes como eu sou, não ligo puto para essas coisas, mas já notei que uns tipos olham de lado. E calam-se quando eu chego. Até mesmo o teu grande amigo, o Aníbal... da última vez que cá esteve, evitou falar à minha frente de política, puxou o assunto para o futebol. Julgas que não percebi? Também não sou assim tão ingénuo, às vezes finjo. Aposto que ele depois contigo falou política, mas nem pergunto o quê, não me interessa.

Sara apagou o cigarro a meio. Não havia dúvidas, parvo ele não era. Bem, sempre soube isso, também não me ia apaixonar por um burro só porque é bonito e passa a vida a correr atrás duma bola.

– O Aníbal tem razões diferentes, não para te afastar. És apolí-tico e ele acha que te aborreces com essas coisas. Agora, os outros... sim, isso é mau... Aparecem muitas divisões, estão a acabar as amizades antigas, é muito triste.

Ele arrastou-a para a cama. Ela despiu-se. Pouco mais havia a dizer. O amor ao menos fazia afastar a névoa de cacimbo. E Malongo transmitia calor suficiente para evaporar todos os cacimbos. De cada vez era para ela como a primeira, no deslumbramento da descoberta.

4

Nessa manhã tinha muito trabalho no hospital. Os professores consideravam-na formada, faltava apenas apresentar o relatório final do estágio que tinha valor de tese de licenciatura. Por isso passavam-lhe cada vez mais casos para resolver sozinha. Não dava tempo para se preocupar com os seus problemas, enfrentando continuamente os dos outros. Mas a qualquer momento livre a pergunta vinha, quantos dias já? Não conseguia concentrar-se na resposta, porque logo aparecia novo paciente e o seu instinto de médica despertava. Por vezes tinha dúvidas sobre os diagnósticos e perguntava ao professor. Cada vez mais raras. Tinha sido ao vir para o hospital que pela primeira vez lhe assaltou a ideia. Há quanto tempo não tinha regras? Certamente já tinha ultrapassado o período normal, que nela não era muito regular. Mas há quanto tempo?

Só quando saiu do hospital e resolveu andar um pouco a pé, apesar da fadiga, pôde fazer as contas. Não reparou no sol que a esperava, num aviso sério de começo do verão. Sabia que Malongo não a iria encontrar, tinha avisado na véspera. Por isso foi andando a pé, tentando recordar as datas. Difícil, porque nunca anotava os dias das regras. Seguia mais ou menos o método do calendário, único verdadeiramente disponível para evitar a frustrante camisa-de-vénus. Sem muito rigor. Indesculpável para uma médica, reconhecia. Antes, quando estudou essa matéria, começou a fazer um quadro, com os dias das regras. Durante um ano. Notou que era bastante irregular. Mas nesse tempo não tinha homem, ainda era virgem. Namorados só de ocasião e que não passavam de beijos e carícias. Depois apareceu o Malongo. Hesitou muito tempo antes de aceitar ir para a cama com ele. Tempo mais que suficiente para se precaver. Mas não o fez e ele também nunca perguntou nada. Lembra-se, a um momento dado ela falou-lhe da possibilidade de usarem camisa-de-vénus. Deixa disso, tu gostas de comer um rebuçado embrulhado no papel? Ela nunca mais pôs o problema. E agora, quase um ano depois, ela tinha dúvidas. Claro que interrompia as relações durante a semana em que previa ter a ovulação. Mas quando era a sua ovulação, se sempre apresentou irregularidades?

Tentou lembrar com precisão a data das últimas regras. Sim, foi antes de ver o Aníbal pela última vez, quando foram passear para a Baixa. Dias atrás estava com a menstruação, pois

dissera a Malongo que ele não podia dormir lá em casa. Ele tinha ficado chateado, até disse qualquer dia arranjo uma suplente. É por isso que os mais velhos lá na terra não se contentam só com uma mulher, a poligamia tem a sua razão de ser. Sim, essa observação amarga foi dois ou três dias antes de Aníbal aparecer. E já não via Aníbal há mais de um mês. Ainda a semana passada comentaram que ele nunca mais dissera nada, com certeza tinha sido mobilizado e nem teve tempo de avisar. Depois rebateram, era impossível, ele teria sempre meios de avisar. Portanto, as últimas regras foram há quarenta dias, mais ou menos. Tempo demais, nunca tinha um ciclo tão longo. A ideia não a assustou. No fundo, se nunca tivera muitas precauções é porque realmente não se importava de ficar grávida. Respirou fundo, há que levar esta possibilidade a sério. Amanhã aproveito o privilégio de trabalhar num hospital, vou fazer análise. E até ter os resultados, nada de pânico.

No entanto, a ideia já não lhe saía da cabeça. Ter um filho? Era bom ou era mau? Sempre fora o medo das suas amigas estudantes, isso significava a interrupção dos cursos e muitas vezes a perda das bolsas. O problema não se lhe punha, estava no fim do curso. Sim, podia dificultar o começo da carreira, mas nada de muito grave. E claro que sonhava com um filho de Malongo, ia ser uma beleza de menina. Menina? Sem dúvida, só podia ser uma mulatinha linda. Nascida em Benguela, para não fugir à tradição. A cidade das acácias não era conhecida por ser o berço das mais belas mestiças de Angola? Então! Não havia dúvidas, era bom ter esse filho. Ainda mais uma moreninha de grandes olhos como o pai, de nariz como o da mãe, ligeiramente arrebitado apesar das origens judias já muito misturadas, lábios a meio termo, cabelo escuro como o dos dois, mas frisadinho como se devia. Claro que era bom, pagava todas as chatices do mundo.

Problemas? Sim, claro que os havia. Em primeiro lugar, com Malongo. Ia assumir? Quando tivesse a certeza, ela ia ser muito clara. Malongo não tinha obrigação nenhuma se não quisesse. Nada de casamentos apressados ou coisas assim. Possas, não era por capricho que tinha ideias progressistas. E ela podia muito bem arcar sozinha com as responsabilidades da filha, se fosse necessário. Mas ao menos que ele lhe desse o nome, para não ser filha de pai incógnito. Malongo faria isso, não tinha dúvida. A sua relação sempre fora livre, nunca tinham feito planos para o futuro, nem combinado grilhetas. Reconhecer a filha por uma questão burocrática não seria grande problema para Malongo.

E os pais dela? Oh, aí sim, ia haver problemas. Gravidez sem casamento já era um opróbrio para a família. E ainda por cima com um negro sem curso, jogador de futebol.

O pai tinha muito orgulho nos seus antepassados vindos há centenas de anos das terras de Israel. Contava a história a quem o quisesse ouvir. No século XIII tinham-se fixado em Portugal, fugidos doutras paragens da Europa. Por força das perseguições religiosas, trezentos anos depois de viverem em Évora, tinham aderido ao catolicismo e mudado o nome familiar para Pereira. Quase todos os cristãos-novos, termo por que eram conhecidos os judeus convertidos, escolhiam nomes de árvores. Escolhiam ou eram obrigados a aceitar, isso não sabia. Mas, mesmo assim, as discriminações não terminavam. O avô dela tentou melhor sorte em Angola no princípio do século e o pai nasceu já em Benguela. Apesar de guardar os ecos antigos de certa cultura de origem, o avô não tinha qualquer religião e em Angola casou com uma senhora sem ascendentes judeus. Por isso o pai só era meio judeu.

Mas comportava-se como se o fosse inteiramente, exceto na religião. Conhecia melhor a Bíblia que o Talmude, que era aliás absolutamente incapaz de ler, dado o desconhecimento da língua. No fundo, o que o ligava aos judeus era apenas a reminiscência das perseguições, que lhes dava a aura de mártires do mundo, exacerbada pelos campos de extermínio dos nazis na segunda guerra mundial. Odiava os alemães, quaisquer que eles fossem, porque eram racistas. Nunca aceitara fazer negócio, por muito lucrativo que fosse, com um alemão. E havia uns tantos na região, ou fugidos do nazismo, ou fugidos depois da guerra por serem nazis. Mas ele confundia-os no mesmo saco e recusava o mínimo contato. As perseguições raciais que os seus antepassados tinham sofrido durante séculos, para não dizer milhares de anos, deveriam tê-lo tornado tolerante em relação às outras raças. No entanto, a prática era contrária ao discurso. Talvez por ter conseguido aumentar a fortuna amealhada pelo pai em negócios de comércio, hoje tinha muito a perder. E o senhor Ismael Pereira gritava que era contra o racismo, que só tinha provocado hecatombes na História, mas nunca um negro entrara em sua casa sem ser na condição de serviçal.

Já a mãe tinha um percurso diferente. A família dela foi para Angola no princípio do século XVIII, desterrada por ordens dum sereníssimo rei de Portugal que procurava assim limpar o país de sangue contaminado. Fixou-se primeiro nas margens do Kuanza. Algumas gerações depois, estava em Benguela, mas já misturada com outros sangues. E Sara tem a certeza que a sua bisavó materna era mulata. A mãe, Dona Judite, não nega, que importância tem isso? Quando Sara lhe perguntava pelas suas origens, Dona Judite apontava as veias, aqui há de tudo, só de chinês é que provavelmente não. Até de bóer, mas não lembres isso ao teu pai, para ele bóer e alemão é a mesma coisa.

Duma coisa Sara estava certa, a família ia aceitar muito mal a ideia de um neto mulato. E sem casamento, mesmo que só pelo civil.

Sobretudo nesta fase de ódio racial aumentado pelos últimos acontecimentos. As cartas do pai eram sintomáticas. Tinha esquecido os *pogroms* sofridos pelos judeus na Europa vinte anos antes. E advogava teses de Salazar, ele que, como quase todos os eleitores de Benguela, votava sistematicamente na oposição liberal ao «ditador jesuíta». Dona Judite acabaria por aceitar, mas à custa de quantas lágrimas escondidas? E David, o irmão mais novo, que estava na tropa no Huambo, disposto a defender com as armas os caducos sonhos imperiais, não a apoiaria.

Pouco importava, a vida era dela, a escolha também. Sempre tinha pensado formar-se e voltar logo para Angola, lá era o seu destino. Mas neste momento não estava segura. Aparecer com um bebé mulato nos braços, abrir um consultório em Benguela? O seu meio social ia rejeitá-la. E daí talvez não, Benguela era a terra dos mestiços. Era, foi. Seria ainda? Um meio pequeno, em que tudo se sabia, em que tudo era comentado ou nos quintalões onde se reuniam as famílias para os almoços de sábado e domingo ou nas esplanadas dos bares. Provavelmente ia ter poucos clientes. Ora, que se lixe! Sempre lhe restava um emprego num hospital. As pessoas aos poucos iam esquecendo, até porque a fase de intolerância passaria com a independência. Também nunca fora sua ideia abrir um consultório particular, que só servia os ricos, mas trabalhar nos centros mais pobres, periféricos, onde viviam aqueles que realmente precisavam dela. Como, ainda não sabia.

Mas sempre advogara a medicina preventiva e em ligação às comunidades mais carentes. Essas estavam-se nas tintas para os preconceitos raciais, misturavam-se a seu bel-prazer e agora estariam mais desprotegidas que nunca. Já faltava pouco para terminar o curso, tinha de pensar em como agir na terra. O pai tinha dinheiro suficiente para lhe montar um consultório de luxo na parte mais rica da cidade, muitas vezes lhe prometera. Mas estaria disposto a enterrar dinheiro num posto popular de saúde na Camunda ou na Massangarala, ainda por cima sem lucro? E depois dela aparecer com a mulatinha nos braços, olha a tua neta? Posto num bairro pobre, com consultas gratuitas ou quase, isso é projeto de comunista e o meu dinheiro não vai para obras comunistas, seria a única resposta dele. Sim, nos primeiros tempos teria de trabalhar no hospital e depois ver como chegar aos bairros periféricos. Sem apoio do Estado, porque esse só servia os ricos. Sem apoio dos ricos, porque esses só se serviam a si próprios. Não era fácil, não. Só mesmo com a independência.

Apanhou um autocarro a meio do percurso, porque já estava cansada de andar. Em casa, preparou uma refeição rápida e logo se pôs a trabalhar na tese.

Trabalho pouco profícuo, porque as ideias se cruzavam. Deveria ir pondo os pais de sobreaviso, dizendo por exemplo que encontrara o homem da sua vida? E noutra carta, mais pormenorizada, narrando a biografia de Malongo? Disparate. Quanto menos souberem por enquanto, melhor. Remexia nos apontamentos que escrevia no estágio, procurando uma informação. Logo ia consultar um manual para esclarecer uma hipótese. E de novo, mas será que a análise vai ser positiva? O trabalho acabava por render muito pouco. Ultimamente estava a perder tempo demasiado e aquilo que se anunciava no princípio como fácil, por ter sido uma aluna boa e já com alguma prática, agora começava a preocupá-la. Tinha menos de dois meses para apresentar o relatório. O júri ficava com quatro semanas para o estudar e depois era a defesa, em julho. O tempo já estava apertado, porque ela não queria limitar-se a um mero relatório mas a uma verdadeira tese científica. E para receber menção máxima, senão todo o seu esforço de seis anos perdia sentido.

Estava ela a contar os dias que lhe faltavam num calendário cheio de cruzes a vermelho, quando bateram à porta. O Malongo a esta hora? Estranho, mas com Malongo nunca se sabia. Foi abrir. Era Aníbal.

– Bons olhos te vejam. Já imaginámos tudo o que te poderia ter sucedido, nunca mais apareceste.

Ele entrou rápido, deu-lhe um beijo na face, foi sentar-se na única poltrona. Estava desfardado, como sempre que vinha a Lisboa, mas com um saco de mão cheio e aparentemente pesado.

– Vim algumas vezes a Lisboa, mas nunca deu para aparecer. Tive de andar sempre a tratar de assuntos. E quanto menos aparecesse na Casa, melhor.

– Pensámos realmente que já tinhas embarcado para Angola. Depois dissemos, não, ele haveria de avisar.

– É amanhã. Fomos avisados hoje que embarcamos amanhã. Deram-nos folga à tarde para as despedidas e compras, enfim...

– Merda! Assim de repente?

– Antes avisavam com mais tempo. Mas agora é assim, para não deixar as pessoas pensarem em mais nada. E andamos três dias a fazer manobras, quase sem dormir. E os sacanas não disseram para que eram as manobras, como se fossem de rotina. Acabam as manobras, dão-nos a notícia do embarque.

Aníbal tinha o aspecto cansado. Três dias de manobras e depois uma notícia horrível, claro, só podia ter essa cara. Sara teve vontade de o abraçar, mas conteve-se. Ele acendeu um cigarro, ela imitou-o. A pergunta estava na ponta da língua e soltou-se sem ela a poder reter, vais?

– Não.

Ela respirou fundo. Temia por ele, mas ao mesmo tempo ficou satisfeita. Aníbal não ia aparecer aos olhos do povo como um fala-barato traidor. Desertava, dando o exemplo a muitos outros que mais cedo ou mais tarde estariam nas mesmas circunstâncias. As lágrimas vieram-lhe aos olhos e murmurou obrigada. Abraçou-se a ele, chorando, repetindo obrigada, obrigada. Ele afastou-a suavemente.

– Por que me agradeces? Não tens nada que o fazer.

– Tenho, sim. Porque não me desiludiste, é essa a imagem que quero guardar sempre de ti. A do tipo mais coerente que conheci.

Ele sacudiu a ideia com as duas mãos. Sorriu, apesar da tensão nítida. Falou bem baixinho, mas estavam muito próximos e ela entendia perfeitamente:

– Não tem mérito nenhum. Ou quase. Continuo a pensar que seria muito mais duro embarcar e lá fazer trabalho clandestino. Isso sim, era uma posição difícil. Mas a ti não te vou esconder nada. Recebi ordens do exterior de desertar e passar a fronteira. Ordens não, porque de facto não se trata disso. Mas uma sugestão. A malta lá fora pensa que posso ser útil, tenho experiência militar. E eles estão a precisar.

– E como vais fazer agora?

– Vim pedir-te um grande favor. Se não puderes, não tenhas remorsos. Sei que te vai causar problemas, se tivesse outra solução não te pediria. Mas não tenho alternativa imediata.

– Tantas evasivas... Diz lá o que é preciso.

– Hoje não tenho onde ficar. Temos licença até à meia-noite. Se aparecer às duas ou três da manhã, também ninguém se vai chatear. Mas às seis da manhã serei desertor. Esta noite precisava de dormir aqui. Entretanto arranjo outro sítio onde ficar até dar o salto lá para fora.

– Tantos rodeios só para isso. Claro que ficas aqui, qual é o problema?

– Tens a tua vida, eu posso atrapalhar. E se a PIDE sabe, vai chatear-te.

– Não pode chatear muito. Basta eu dizer que não sabia que era deserção. Pediste para dormir aqui e pronto. Não tem maka, fica à vontade.

– E o Malongo...?

Ela riu. Aníbal continuava o mesmo, sempre delicado, evitando tocar nos assuntos que a poderiam melindrar. Ele sabia que ela dormia com o Malongo, mas nunca seria capaz de se referir diretamente a isso, não era conversa própria para se ter com uma mulher, mesmo se grande amiga.

– Vou avisá-lo, não põe cá os pés hoje. Está descansado, não causas transtorno. Só que tens de dormir no sofá.

– Claro. Bolas, sou militar, até no chão dormi estes últimos dias. O sofá é uma maravilha.

– E queres jantar aqui ou fora?

– Tenho de ir jantar com um tipo... O que ficou de me arranjar as coisas. Deve encontrar um refúgio seguro até à passagem da fronteira.

Aníbal disse que voltaria por volta das onze, deixou o saco e saiu, o mais silenciosamente possível. Começava já a treinar clandestinidade, só de vozes ciciadas e olhares furtivos nas esquinas das ruas? Pobre Aníbal, tinha de ter muitos apoios para poder escapar. Espero que nesse jantar fique tudo resolvido.

Tentou trabalhar mas ainda era mais difícil. Aos seus problemas somava agora os do amigo. Via-o já a atravessar fronteiras. A de Portugal com a Espanha não devia ser muito complicada. Mas para chegar à França teria de atravessar os temíveis Pirenéus. Não foi o general cartaginês Aníbal que passou os Pirenéus com elefantes para ir atacar Roma, numa das mais fantásticas gestas da História? Parecia, os cartagineses tiveram um general Aníbal. Mas seria o mesmo? Os temas da História já estavam longe, pela necessidade de reservar a memória para a Medicina. Havia de lhe perguntar, o especialista era ele. Se o outro passou com elefantes, bem mais fácil lhe seria passar sozinho. Até a coincidência de nome ajudava, era um presságio favorável. Mas não se tranquilizou. Por muito que o conhecesse, a primeira impressão era de debilidade. Um militar estava habituado a essas aventuras, mas Sara nunca o via como militar ou aventureiro. Baixo, magro, sempre agarrado aos livros e às ideias, não era propriamente a imagem que se fazia dum herói. E nutria por ele sentimentos que muito se assemelhavam aos maternais. Dizia é um disparate, mas temia por ele, não podia evitar.

Desistiu de trabalhar, preparou qualquer coisa para comer. No canto do quarto tinha um pequeno fogão, onde cozinhava sobretudo à noite. Cozeu dois ovos, comeu-os e bebeu leite. Depois um café. E voltou a sentar-se à secretária. Lembrou Malongo, devia avisá-lo para não vir. Abriu a porta de comunicação com o resto da casa, pediu à senhoria para telefonar. O aparelho ficava no corredor, mas era sempre necessário avisar, para a senhoria anotar num caderninho e cobrar as chamadas no fim do mês. Qualquer extraordinário, como uma chamada telefónica, tinha de ser cobrado. Mas quando a senhoria estava com as mazelas dela, Sara não lhe exigia pagamento pela consulta. É, devia cobrar-lhe também, pensou, sabendo no entanto que nunca teria coragem. Malongo não estava em casa nem no Rialva. Nem na cantina da casa. Conseguiu deixar recado com o Vítor, ela ia sair à noite, não valia a pena Malongo procurá-la.

Mais tranquila, voltou a sentar-se à secretária, decidida a trabalhar até à chegada de Aníbal. Mas pouco resultado obteve. Não tinha avançado nada, quando sentiu um bater leve na porta para a escada. Aníbal vinha com uma cara mais cansada e aparentemente desanimada, más notícias. Sentou na poltrona, inclinou-se para a frente e sussurrou:

– Estão a preparar a fuga, que nunca será antes de duas semanas. Com isso eu já contava. Mas não têm sítio onde me esconder, pelo menos para já.

– Tiveste um mês para preparar as coisas, desde aquela nossa conversa. Demoraste muito tempo a decidir?

– Não. Decidi logo. Toda a malta a quem pedi conselho me disse o mesmo que tu. E avisei quem devia avisar para me preparar as condições. O problema é que não havia data para embarcar e outras coisas mais urgentes devem ter surgido. Só agora é que começam a mexer-se. E como não sou português, não tenho a primeira prioridade na rede clandestina. Isso imagino eu.

– São portugueses os que tratam disso?

– Quem querias que fossem?

– Comunistas?

Aníbal olhou em silêncio para ela. Sara sentiu não devia ter posto a questão, mas já era tarde. Desculpou-se, merda, não tenho nada com isso. Ele sorriu.

– Não tem importância, compreendo a tua curiosidade. Mas quanto menos souberes, menos perigoso é para ti. Isto por um lado. Por outro, é injusto não te dizer. Há coisas que deves saber, até porque vais ter de as enfrentar e precisas de estar preparada.

Ele encostou-se para trás na poltrona, acendeu um cigarro, logo imitado por Sara. No seu jeito próprio de falar, que um dia lhe valeria o nome de guerra de Sábio, ele disse:

– Os comunistas são os únicos que têm uma organização eficaz. Dominam o movimento estudantil e podes ter a certeza que os estudantes não fazem nada sem o seu apoio ou pelo menos o seu aval. Até na Casa. Sem que a malta saiba, eles têm grande influência. Os movimentos anticoloniais que foram surgindo, mesmo que independentes, foram sempre mais ou menos camufladamente encorajados por eles. Numa base de trabalho unitário, o importante era derrubar o fascismo em Portugal e o problema das colónias resolvia-se automaticamente. Houve sempre quem quisesse fazer as coisas de outra maneira, mas acabava por aceitar essa influência, porque uma coisa é falar como nós fazemos e outra é organizar e saber combater realmente a PIDE e os outros alicerces do fascismo. Eu tinha relações com eles. Servia de ligação com grupos de estudantes mais conscientes das colónias que se organizavam para debater os problemas ou mesmo encarar algumas ações. Mas nunca fiz parte dos seus quadros. Por quê? Porque me sentia angolano e achava que cada um devia trabalhar no seu setor, embora com ações coordenadas. Mas eis que surgem os acontecimentos de Angola e o nacionalismo angolano afirma-se. Muito confusamente, mas afirma-se. Agora há duas posições. Os comunistas acham que se deve trabalhar no interior do regime e derrubá-lo por dentro. E os nacionalistas angolanos, cada vez mais radicais, pensam que os angolanos devem lutar em Angola, de forma absolutamente independente e sem ter nada que ouvir os papás da esquerda portuguesa. Lutamos pela independência do país e por isso devemos ter movimentos políticos absolutamente independentes. Somos nós, com a guerra em Angola, que vamos derrubar o fascismo. Esta é a maka.

– Mas que tem isso a ver com a tua situação?

– Os comunistas estão a mandar os seus militantes e simpatizantes para Angola, combaterem por dentro o regime. Não concordam com as deserções, a não ser em casos excepcionais. Não o disseram, mas penso que tinham outros planos para mim. Eu frustrei-os, porque decidi desertar. Compreendem, ou dizem que sim, mas não me colocam na primeira prioridade para escapar de Portugal. Vão fazê-lo, mas sem arriscar muito os seus aparelhos clandestinos. Noutra situação, poriam tudo em jogo. No meu caso não. Até porque já

preveem que muita malta vai querer escapar e há muitos nacionalistas angolanos aqui. Os seus aparelhos ficariam ultrapassados se ajudassem todos. E cairiam nas malhas da PIDE, mais cedo ou mais tarde. Também não têm muita confiança na militância da malta e sabem que há pides infiltrados no meio estudantil. Como vês, não é um jogo fácil e eles têm de se precaver. A culpa é nossa, com a incapacidade de organização que sempre manifestamos. Muito papo, muita arrogância, mas pouca eficácia em montar aparelhos. A tal ponto que agora, se me puseres na rua, não tenho para onde ir. Os estudantes não me podem receber, os seus quartos estão cheios e podem ser facilmente detectados. Só os portugueses de esquerda têm capacidade de esconder um tipo. Mas é sempre um jogo arriscado e nem todos estão dispostos.

– Podes ficar aqui.

– Hoje sim. Mas amanhã e depois? Eles foram muito claros. Dentro de duas semanas passam-me para França. Mas até lá onde fico? E não posso andar pelas ruas e dormir no metrô, com essa cor que me identifica imediatamente.

– Temos de arranjar maneira. Mas ficas aqui para já.

Aníbal bateu-lhe suavemente na mão. Puxou uma baforada vigorosa.

– Sara, Sara, sempre o coração grande. Mas agora é a cabeça e só ela que tem de funcionar. É evidente que não posso ficar aqui. Amanhã toda a PIDE tem a minha fotografia e vai começar as buscas. Vão procurar onde? Nas residências da malta da Casa, em primeiro lugar. Dentro de dias vão perguntar à tua senhoria se nunca me viu. E é impossível esconder-me dela. Ela vai sentir que há homem em casa. E vem arrumar o quarto, ou és tu que arrumas?

– É uma mulher-a-dias que vem três vezes por semana. Eu só faço a cama.

– Então? Vão descobrir-me.

– De manhã tu sais, ela vem sempre de manhã. Escondemos as tuas coisas. E antes de saíres passas revista para não se deixar nada que denuncie a tua presença. Se sentem que um homem dormiu aqui, isso não é problema... Já estão habituadas. Sou maior e independente.

– O problema é que não posso andar aí pelas ruas, mesmo disfarçado. Há sempre um vizinho que vai achar estranho, um negro a sair todas as manhãs daquele apartamento? A PIDE tem os braços longos. E aí não te safas, vais mesmo para a choça por minha culpa. Como queres que eu aceite isso?

Sara ficou calada, a tentar raciocinar. Havia uma solução, tinha de haver. Com calma chegariam a ela. E não tinha medo de arriscar para ajudar o amigo. Ou ele passava os Pirenéus ou iam os dois para a cadeia, estava decidido. Decisão que não precisou de tomar, de tal modo ela era cristalina.

– Não tens nada que aceitar. Já estás aqui. E daqui só sais para um sítio mais seguro. Com calma vamos encontrar.

– Sempre tive orgulho na minha raça, apesar de ser tão desprezada pelos outros. Desde miúdo eu tinha esse orgulho. Muitos não, dariam tudo para serem brancos. E hoje são racistas em relação aos brancos. Nunca tive desses problemas, talvez pelo meio em que cresci, não sei. Mas neste momento digo maldita raça. Se ainda fosse inverno, podia esconder as mãos em luvas e a cara num cachecol e num capuz, mais uns óculos escuros.

Mas com este tempo já quente, chamaria ainda mais a atenção. Negro fazer clandestinidade na Europa, isso é realmente uma epopeia.

– Ficas aqui o tempo que for preciso. Sais de manhã cedo, muito rápido, metes-te nalgum sítio...

– Os cinemas não abrem de manhã.

– Pois é, seria o sítio ideal. Um jardim. É o que dá menos nas vistas, um tipo sentado num banco de jardim a ler o jornal ou um livro. Nunca o mesmo jardim, claro. Ou uma biblioteca, há aqui uma perto.

– Pode ser, pode funcionar por dois ou três dias. E depois?

– Até lá, arranjamos qualquer coisa. Voltas para casa ao meio-dia, já a mulher arrumou o quarto. Levas a minha chave, sobes as escadas com o máximo cuidado e não fazes barulho. Quanto à comida não te preocupes, eu trato dela.

Aníbal parecia concordar. Também não tinha outro remédio. No entanto, voltou à carga:

– Sabes o que estás a arriscar, Sara? E por quê?

– Sei. Primeiro és meu amigo. E mesmo se não fosses... és um nacionalista que vai lutar pela independência do país. Esta é a minha forma de ajudar Angola.

– E o Malongo, já pensaste? Ele não deve saber de nada. Sejamos claros, eu não desconfio dele, de maneira nenhuma. Só que, desculpa, mas ele parece-me um pouco irresponsável, pode falar só por falar. Não podes esconder a minha presença aqui por muito tempo. Ele vai querer visitar-te.

– Sim, isso é um problema. Mas é meu, não tens que te preocupar com ele.

– Mais remorsos para cima aqui do rapaz. Posso sem querer criar makas entre vocês.

– Oh, sim. O machismo dele não aceita saber que durmo no mesmo quarto com outro homem. Mas é só isso. E daí até nem sei. Talvez ele aceitasse melhor as coisas. Mas já te disse, o Malongo é problema só meu.

Precisavam dormir. Sara tomou a iniciativa e preparou o sofá, de modo a criar o máximo de comodidade. Depois foi à casa de banho. Aproveitou o momento em que Aníbal também lá foi para rapidamente se despir e deitar na cama. Quando ele voltou ao quarto, ela virou para o outro lado, deixando-o à vontade para se deitar. Eram amigos mas não tinham intimidades.

Sara dormiu muito mal. Toda a noite tentou descobrir uma maneira de esconder o Aníbal por uns dias. Pensou em todos os amigos ou conhecidos, quer angolanos quer portugueses, que não morassem num quarto alugado e com mais autonomia portanto para o albergarem. Nenhum servia. Os que tinham casas maiores não ofereciam a mínima garantia política, como era o caso duns seus parentes que moravam um pouco fora de Lisboa, numa vivenda enorme e isolada, o sítio ideal, mas demasiado reacionários. Ou recusavam imediatamente um futuro terrorista em sua casa ou chamavam depois a polícia. Os mais modestos tinham casas tão pequenas que ela não tinha coragem de lhes pedir esse sacrifício. E com crianças, o que aumentava o risco de delação involuntária. Havia também pessoas que até tinham meios e eram progressistas, mas as suas casas eram permanentemente espionadas pela PIDE e por isso ficavam automaticamente excluídas. Tinha de haver uma solução. Repetia o pensamento para se reconfortar, mas isso não resolvia nada. Voltava a procurar. Aníbal dormia. A

respiração regular dele deveria tranquilizá-la. Mas não. Aníbal dormia, não por estar confiante, apenas porque estava arrasado com as manobras. Um sentimento estranho apossava-se por vezes dela. Tinha vontade de ir para o sofá, abraçar-se a ele. Não por desejo sexual, apenas para o proteger. E lembrou, com ternura, uma fala dele, quando soube que ela era ligeiramente míope mas não usava óculos senão para ler. Não era por uma questão estética. Sem óculos vejo as coisas um pouco mais difusas. Por exemplo, as caras das pessoas parecem-me mais bonitas, pois não distingo os pontos negros, as verrugas ou os pelos mal colocados e que as desfeiam. Isso é mesmo teu. Sara, dissera ele, sempre arranjas um truque para ver as pessoas pelo ângulo que mais as favorece. É generoso, mas não é realista. Gosto de gostar das pessoas, disse ela. Ele sorriu e apertou-lhe a mão. Só. Agora era ela que o queria abraçar. Apenas para lhe transmitir ternura e segurança. Faria amor com Aníbal? Oh, sim, sem dúvida. Naturalmente, sem se colocar questões, nem a ele. Algo tão natural e fácil como respirar. Nunca o fez, porque nunca aconteceu, porque ele nunca pareceu interessar-se. Faria agora, apesar de Malongo? A ideia perturbou-a. Era diferente, uma coisa não invalidava a outra. Com Malongo era uma torrente, para usar uma palavra muito gasta, a paixão, a atração sexual. Aníbal inspirava-lhe a comunhão. Faria amor com ele para com ele se fundir, comungar. Adormeceu, reconhecendo nessa ideia algo de religioso, vindo talvez do misticismo das origens.

5

Arrumaram o quarto em conjunto, quase sem palavras. Esconderam o saco de Aníbal no fundo do guarda-fatos e comeram qualquer coisa brevemente. Aníbal saiu, levando as chaves, um livro na mão. Sara ainda rodou pelo quarto, para não deixar vestígios da presença dele. Depois imitou-o, batendo a porta.

Na rua, olhou com raiva para o sol radioso. Pela primeira vez na vida. Aníbal tinha razão, o inverno ajudá-lo-ia a camuflar-se. Mas este sol era agora um inimigo. Acabou por sorrir, perante a incoerência desse ódio súbito ao ser que sempre adorara e cuja ausência a fazia chorar saudades da pátria luminosa. No autocarro, procurou pôr as ideias em ordem. Primeiro tinha de fazer a tal análise à gravidez, embora lhe parecesse quase desnecessária. E pensar numa solução para o problema do amigo. Era muito perigoso ficar lá em casa mais que um ou dois dias. Mesmo sem chamar a atenção de ninguém, era provável que a PIDE desconfiasse dela e fizesse uma visita de rotina ao apartamento. Eles iam vasculhar todo o país à procura dele. Neste momento já estariam informados da sua ausência no quartel. A caça tinha começado. E provavelmente havia poucos desertores. Se houvesse muitos, os pides estariam sobrecarregados de trabalho à procura de todos. Assim, só tinham uma lebre para caçar. E eram tantos os cães... Um combate duvidoso, como o romance de Steinbeck que acabara de ler no original, emprestado de caxexe por uma colega, a Marta. A Marta! A ideia quase a fez sobressaltar. Quem sabe?

A Marta terminava o curso com ela. Amigas de muito tempo, com as mesmas preocupações. Ainda há dias tinham trocado impressões sobre a manifestação do 1o de Maio. Marta não foi, por estar doente. E sentia-se culpada. Filha de ricos agricultores do Alentejo, mas progressista. Não se metia em organizações estudantis nem políticas, dizia isso é perder tempo, os políticos começam por políticos e acabam todos em ladrões. A própria ideia de organização lhe causava desconfiança, alimentada por leituras dos anarquistas do século passado. Os únicos aristocratas da política, dizia ela, desinteressados. Quanto a Angola, aprovara imediatamente as ações armadas. Os angolanos estão a mostrar a estes políticos da esquerda, que só fazem revoluções nos cafés, como se resolvem as coisas. É assim mesmo, só à porrada. Não se metia em política de grupo, mas não perdia uma

manifestação. E se fosse homem, eu ia dar umas porradas nos polícias, só para ver se não têm medo também. Ontem à noite, Sara afastou Marta dos seus pensamentos, porque o apartamento dela era pequeno. Agora parecia uma solução possível. O apartamento tinha só um quarto, cozinha e casa de banho. Mas era dela, oferta do pai, quando passou para o quinto ano. Não tinha senhoria a quem prestar contas. E a PIDE não a vigiava, o pai tinha influências muito fortes no governo de Salazar. Marta lhe contara o que dissera ao ministro da Justiça durante um almoço na quinta alentejana. O ministro estava azul, o pai verde e a mãe, vermelha, fugira da mesa. Um festival de cores, não imaginas. Coisas da idade, isso passa, dissera o ministro no fim do almoço, a tranquilizar o pai. Não, com Marta eles não se metiam.

Chegou ao hospital e foi logo ao laboratório fazer a análise. Amanhã teria o resultado. O professor já estava no gabinete e começou o trabalho, fazendo a visita dos doentes internados. A Marta estava noutro pavilhão. A meio da manhã, conseguiu uma folga para ir ter com ela. Era alta, bem mais alta que Sara, e andava como um homem, afastando os braços enérgicos. Sara já tinha imaginado a estratégia, ia apenas sondar. Tinha de ter a concordância de Aníbal para pôr a questão de forma clara. Perguntou-lhe se não queria fumar um cigarro. Marta abandonou logo o trabalho e foram para a sala de repouso, onde podiam fumar.

– Como vão os teus amores? – perguntou Marta.

– Tudo igual. E os teus?

A outra deu uma gargalhada. Bateu-lhe na coxa. Sara achou que era um gesto tipicamente masculino. É, a amiga imitava os homens inconscientemente. Não, não imitava, nela era espontâneo, como uma forma de independência natural.

– Ainda não te contei? Pus o António a andar... O António-engenheiro, tu conheceste-o. Veio com uma conversa de cuecas, que as mulheres não deviam trabalhar. Para mim fazia uma exceção, mas as outras deviam ficar em casa a cuidar dos filhos. E tudo isso com uma quase proposta de casamento. Imagina! Eu casar com um machista daqueles. Disse-lhe, olha, meu filho, isto durou enquanto era bom e nenhum chateava o outro. Estás a chatear-me e por isso chau, vai à tua vida. Telefonou-me ontem com falinhas mansas, se não podíamos encontrar-nos. Só no inferno. E desliguei-lhe o telefone. Vá para a puta que o pariu!

Sara riu. O António, que ela já não sabia quem era, seguia-se ao Germano e ao Álvaro e ao Fonseca e... perdia a conta. Os amores de Marta não duravam muito, arranjava um pretexto para se desfazer deles logo que passava a novidade. Talvez o riso de Sara tenha sido demasiado breve, porque a outra reparou, que tens, não estás com boa cara.

– Não ligues, umas chatices.

– Com o teu homem?

– Não. Esse ao menos só me chateia por não ser escalado para a equipa principal do Benfica. De resto está tudo bem.

– Nunca tive um futebolista. Deve ser giro, eu que não percebo nada de futebol.

– Eu tive de aprender.

Marta deu-lhe uma nova pancada na coxa. Olhou-a a direito, como só ela sabia fazer. Disse, séria:

– Tens algum problema, vê-se logo. Relacionado com a situação de Angola?

– Não, não... Enfim, até certo ponto é.
– Conta lá. Faz bem desabafar.
– São só umas chatices. Para quê vou estar a maçar-te com isso?
– Ai é? Eu cá conto-te tudo, só não te digo quantas fodas dou por noite porque sei que não gostas dessas conversas. E tu fechas-te em copas. É assim a amizade recíproca?
Sara acendeu um novo cigarro no lume do anterior. Tinha conseguido interessar Marta no assunto, o que aliás não era difícil. Mas devia ir com muitas cautelas, porque a situação era melindrosa.
– O problema não é meu, é dum amigo meu, um grande amigo. Ele está numa posição difícil e não sei como ajudá-lo. Daí estar preocupada, é tudo.
– E não se pode saber qual é o problema desse teu amigo?
– Não sei se tenho o direito de te dizer. Compreendes, o problema é dele.
– Ora, deixa-te de conversas. Conta lá qual é o problema e depois vamos ver os nossos doentes, que hoje por sinal tenho poucos.
– Ele precisa de uma casa onde morar por uns dias. Uma casa segura, onde possa passar despercebido. E não vejo onde possa encontrar esse sítio. É um grande amigo e não posso ajudá-lo. Compreendes a minha preocupação?
– Mas não pode ir para uma pensão?
– Disparate. Tem de passar despercebido, não entendes?
Marta bateu de súbito com a mão na testa. Ficou mais séria e baixou a voz, habitualmente forte.
– Entendi, o rapaz anda a esconder-se. Política?
– Claro. Deve ter neste momento toda a PIDE atrás dele.
– Logo vi. Os teus problemas acabam sempre por ser políticos. Quando é que te deixas dessas coisas?
– É um problema de amizade. Só por acaso a razão é política.
– Eu conheço esse teu amigo?
– Não.
Estava a mentir, mas era necessário. Já tinha apresentado Aníbal a Marta, simpatizaram até um com o outro. Sustentaram tremenda discussão teórica, num passeio a Cascais. Pontos de vista irreconciliáveis, ele defendia a necessidade de trabalho organizativo para se fazer uma revolução qualquer e Marta dizendo os políticos são apenas candidatos a corruptos. Tinha sido há dois anos, depois nunca mais se viram, pois por vezes ela lhe perguntava onde andava o Aníbal, esse teu amigo revolucionário. Simpatizaram um com o outro, apesar da discussão ter sido dura. Seria assim sempre que se encontrassem, era fatal.
– É angolano?
– Sim. E é preto, se queres saber. O que dificulta as coisas, pois não é muito fácil um negro esconder-se no meio de brancos.
– Queres que ele vá para minha casa?
A pergunta direta era típica de Marta. Sara culpou-se de não ter previsto. Com a amiga, era muito difícil ficar por meias palavras, alusões veladas. Se Marta queria um homem, perguntava-lhe claramente quando iam para a cama, hoje ou amanhã? Quanto mais em

relação a este assunto.

– Bem, não sei... Quiseste que eu te contasse qual é o meu problema e eu contei-te, é tudo.

Marta levantou-se da cadeira. Um gesto brusco, como era habitual nela. Só que desta vez era brusco demais, quase derrubou a cadeira branca.

– Vai-te lixar, não sejas hipócrita. Sabes que detesto hipocrisias. Se queres, pronto, dizes-me de caras. E eu digo está bem, pode ficar lá. Faço-te esse jeito, mas é a ti, não a ele, nem a nenhum partido ou lá o que seja. Que fique bem claro.

Sara sentia um enorme alívio, ao mesmo tempo que certa vergonha. A amiga tinha desmascarado o seu truque, que ela chamou de hipocrisia. Tinha razão. Marta não podia compreender que determinadas situações delicadas obrigavam as pessoas a ser prudentes, a fazer rodeios. Numa palavra, a fazer política. Tentou corrigir a má impressão, convencida à partida que desconseguiria.

– Tens razão. Mas deves compreender que era um pedido acarretando riscos. Se descobrem, nem o teu pai te safa. Pensei de facto em ti, mas era meu dever ser cautelosa. E dizer-te que é muito perigoso. Se recusares, não te levo a mal.

– Lá vens tu com as lenga-lengas... Quanto tempo?

– Uns quinze dias.

– Porra, tanto tempo a aturar um gajo! E ainda por cima é capaz de ser burro, como o teu homem.

– É o tipo mais inteligente que conheço. Marta voltou a sentar-se e acendeu lentamente um cigarro. Olhou-a de frente. Sussurrou, os olhos a brilhar de malícia:

– Não me estás a esconder nada?

– Estou... Acertaste, é o Aníbal.

Riram as duas. Sara pensou, com Marta de pouco lhe valiam as precauções. Ou confiava nela e falava logo, ou então ficava muda. Os muitos anos de amizade já lhe deviam ter ensinado.

– Ele está em tua casa?

– Dormiu lá esta noite. E de manhã cedo saiu, porque a mulher-a-dias vai arrumar o quarto. Deve estar num jardim a tentar passar despercebido. Lá em casa não pode ficar muito tempo, a senhoria mais cedo ou mais tarde vai descobrir. E a PIDE sabe que somos amigos, há-de aparecer.

– Claro. Na minha casa não há problema. Se ele não puser o nariz de fora. O chato é que volta-meia-volta surge alguém da família a visitar-me. Sabes, os alentejanos têm famílias enormes, parecem africanos. Mas dá-se um jeito.

– Quanto à comida dele, eu trato disso.

– Vai à merda. É meu hóspede e tu vais lá fazer-lhe a comidinha? Então para quê o convido? Só nunca percebi uma coisa. Por que não juntaste os trapos com ele e foste escolher o jogador de futebol. Ele tem muito mais classe, apesar de ser baixinho.

– Gostos não se discutem.

Marta levantou-se. Olhou o relógio, suspirou.

– Temos que ir trabalhar. A que horas o levas lá?

– Calma. Primeiro devo falar com ele. Até pode ser que tenha encontrado outra solução.

Telefono antes a avisar que te vou levar a carta.

– Adoras essas coisas misteriosas das clandestinidades. Está bem, avisa que levas a cartinha. E que cartinha pesada!

Marta deu-lhe mais uma palmada na coxa, apagou o cigarro e foi ter com os doentes. Sara ainda ficou sentada, a respirar fundo. Esta Marta é um cavalo selvagem, um búfalo. Pobre cavaleiro que lhe tente pôr a sela. A menos que seja um Tarzan. Aníbal vai ter que se munir de muita paciência, senão as discussões vão ser ouvidas no quarteirão inteiro e vem a polícia. Tenho de o avisar sobre a maneira de ser dela, as suas pequenas manias.

Malongo estava à saída do hospital. Sara tinha-se atrasado, com coisas de última hora, e ele impacientava-se. Vinha cada vez mais raramente esperá-la, por isso ela estranhou. Deve haver maka, pensou ao vê-lo sentado na escadaria de entrada. Mas não, Malongo beijou-a com naturalidade e queixou calmamente:

– Nunca mais vinhas, eu já ia arrancar. Muitos mortos?

– Não matei ninguém – riu ela. – E que tal foi o treino?

– Sempre a mesma coisa. Puseram-me na reserva. Marquei um gol lindo. Pode ser que isso conte. Mas já não acredito muito.

Ela deu-lhe o braço. Estava contente por Malongo ter vindo procurá-la, isso significava alguma coisa. Encostou-se muito a ele. O sol de meio-dia batia-lhe na cara e ela agradeceu, redimindo-se dos pensamentos injustos da manhã. Tinha de se ocupar de Malongo que procurava o seu apoio.

– Tens de acreditar. Se tu próprio te desencorajas, então como vais convencer os outros do teu talento?

Malongo não respondeu. Apertou-a apenas mais. Caminharam até à paragem de autocarro. Estava uma grande bicha e as pessoas olhavam sorrateiramente para eles. Sara leu reprovação nos olhos das mulheres. Também já estou a entrar na paranoia, só nos miram por curiosidade. Irresistivelmente fez uma coisa que geralmente evitava, por não ser comum em Lisboa. Deu um rápido beijo na boca de Malongo. Ele admirou-se mas correspondeu. Beijo breve, um roçar de lábios apenas. Era impressão dela ou de facto houve um movimento de rejeição na bicha de espera? Um velho olhava agora ostensivamente para os dois, parecia ia dizer alguma coisa. Sara convenceu-se, não era paranoia dela, o velho não escondia a reprovação muda. Um fóssil, apoiado num guarda-chuva fechado. Guarda-chuva preto, como mandam as convenções, mesmo já no verão. Arrastou Malongo para fora da bicha, vamos um bocado a pé, cambada de reacionários.

– Ah, notaste? Eu já nem ligo. Mas o teu beijo foi mesmo uma provocação, tiveste até muita sorte porque ninguém disse nada.

– Não estás muito cansado, ainda podes andar?

– Recupero rápido, podia agora jogar mais uma partida. Mas, Sara, tens de te habituar ao racismo.

– O fantástico é que essa gente toda é resultado duma tremenda mistura. Há duzentos anos mais de 15% da população do Sul de Portugal era negra. Escravos trazidos para trabalhar nas casas, na limpeza das cidades e na agricultura do Alentejo. E em Lisboa a percentagem era ainda maior. Esses negros misturaram-se, não foram mortos nem expulsos. Andaram por

aí a fazer filhos. E antes deles, os árabes, que eram a maioria da população. E judeus, e sei lá mais quê. Português puro nunca existiu, sempre foi um mestiço. E agora vem com racismos, bardamerda.

– Eu antes não sentia. Ou era muito ingénuo ou as coisas eram diferentes. Podiam olhar para mim na rua, podiam até falar qualquer coisa que não diriam a um branco. Mas era sem mal, via-se que as pessoas me aceitavam sem problemas. Agora é diferente. Há hostilidade.

Mantiveram silêncio durante algum tempo. Em passo lento, Sara observava as pessoas com quem cruzava. Não havia dúvida, pelo menos provocavam curiosidade, não passavam despercebidos. E as pessoas miravam-na de alto a baixo, olha esta branca agarrada a um negro. Ia chegar-se ao ponto de a lapidarem na rua? Não, seria demais para a mentalidade passiva dos portugueses. Sei lá, quem pode prever as reações de massas fanatizadas?

– Ultimamente tenho-me posto a questão – disse Malongo. – O facto de não me porem a jogar na equipa principal é por ser negro?

– Disparate. O que o clube quer é ganhar. Não lhe interessa a cor dos jogadores. As suas maiores estrelas são negros ou mulatos até.

– São. Mas mais um pode ser demais. Podem estar a fazer as contas e achar que um a mais vai provocar reações.

– Então dispensavam-te, não te pagavam salário para te deixar na reserva.

– Se me dispensam, vou para outro clube. Um rival. Pagam-me para que não vá reforçar um adversário. Isso faz-se, sabias?

Sara entendia pouco de futebol e muito menos dos meandros dos clubes. Mas rejeitava instintivamente a ideia. Haveria outras razões de não porem Malongo a jogar. O Benfica pelo estatuto não podia ter estrangeiros. Por isso recrutava os melhores jogadores das colónias, que legalmente eram portugueses e lhe saíam mais baratos. Não, a causa era outra. Um dia havia de tentar saber. Talvez lhe dissessem o que escondiam de Malongo. Quando estivesse menos ocupada com outras preocupações. Teve de repente o sentimento que não fazia tudo por Malongo. O futuro dele devia ser uma preocupação importante. No entanto, por preconceito em relação ao futebol ou por outra razão qualquer, desprezava a frustração do namorado. Falta de amor? Sentiria apenas atração física por ele, pouco se importando com o resto? Rejeitou a ideia. Até queria um filho dele. Mas a dúvida ficou tilintando no cérebro, incomodativa. Encostou-se mais a ele, sentindo-lhe o calor do corpo possante, indiferente aos olhares que suscitavam.

– Então a menina ontem foi passear à noite? Recebi o recado do Vítor, quando já estava para ir a tua casa.

– É. Tive de fazer uma coisa.

– O quê?

Não seria tão fácil como tinha suposto. Malongo podia desmarcar encontros, ou até nem aparecer. Dava uma desculpa e pronto, não se falava mais nisso. Mas ela tinha de explicar tudo, assim se habituaram. Maus hábitos, a relação não era igualitária. Culpa dela, sem dúvida.

– Olha, Malongo. Há uma coisa que se passa e que não te posso dizer. Um dia vais saber, prometo, logo que seja possível. Mas agora tens de ter confiança em mim, não é nada de que

me envergonhe. Só que não te posso dizer.

– Não gosto que faças coisas que eu não possa conhecer.

– Eu sei, mas desta vez tem de ser. Por favor, não insistas. Não é nada de mal, antes pelo contrário.

Malongo ficou contrariado, calou-se. Passou a responder por monossílabos resmungados a qualquer tentativa de Sara procurar tema de conversa. Em breve ele disse estou cansado, vamos apanhar um autocarro. Na paragem manteve silêncio, apesar de esperarem algum tempo. Persistiu na mesma atitude ofendida durante o trajeto. Saíram na Praça do Saldanha e aí deviam separar-se, pois ela ia para casa e ele almoçar.

– Depois telefono-te – disse Sara.

– Vou até tua casa. Não me apetece ir almoçar na cantina. Compramos aí qualquer coisa e comemos em tua casa.

Por vezes acontecia. Mas logo hoje que ele estava contrariado? Era apenas o desejo de fazer as pazes ou desconfiava de algo? E fazer as pazes por quê, ele é que se chateara. Sara respirou fundo, sentia a maka despontar no horizonte.

– Pela razão que te disse, não pode ser. Não podes ir lá a casa. Lamento, mas tem de ser. Compreende, por favor.

Estavam parados no passeio e ele de cara cada vez mais amarrada.

– O quê que me estás a esconder?

– Não te posso dizer, já sabes.

Ele virou-lhe as costas, furioso, está bem. Nem se despediu, atravessou a rua. Ela ficou com o braço estendido, num gesto inútil de o reter, dividida, infeliz. Viu-o tomar a direção da Casa dos Estudantes, em passada rápida, sem olhar para trás. E foi lentamente no outro sentido, as lágrimas a quererem libertar-se. Reagiu, não ia chorar como uma menina só porque o namorado dava uma de machista. As lágrimas obedeceram. Vitória efémera, não a reconfortou.

Numa mercearia perto de casa, fez as compras para o almoço. Isso ajudou-a a acalmar-se e voltar à realidade dos seus deveres. Ao sair da mercearia, com o saco das compras no braço, foi observando atentamente a rua. Particularmente as pessoas que se encostavam aos prédios, com ar de espiões. Se alguém tinha notado a presença de Aníbal ou o tivesse reconhecido de manhã, a casa já podia estar vigiada. Mas não havia nenhum homem fingindo ler um jornal ou fazendo os cem passos à frente da porta do prédio. Nem havia cafés onde o pide se pudesse abrigar. A porta do prédio felizmente estava aberta. Só agora se dava conta dum erro cometido. Se a porta estivesse fechada, o que acontecia muitas vezes, teria de tocar para a senhoria. Diria que esquecera as chaves, mas devia entrar para o seu quarto pela porta de comunicação com o resto do apartamento. Aníbal já a teria fechado à chave, para evitar uma entrada súbita da senhoria. Então, como explicar que a porta de comunicação estava fechada à chave por dentro, se ela a deixara aberta para a mulher-a-dias? Estaria desmascarada a presença de algum estranho no quarto. O pensamento fê-la parar na escada. Subiu os dois andares, nervosa, e arranhou na porta do quarto dando diretamente para a escada.

Aníbal abriu a porta e sorriu. Ela suspirou de alívio e abraçou-se a ele.

– Calma, calma, estás a tremer e pálida como um morto – murmurou ele.

Ela contou-lhe dos seus temores. E depois, enquanto preparavam o almoço, explicou a conversa com Marta e as vantagens da mudança. Aníbal assentiu, não é o sítio ideal mas é melhor do que este. Mostrava apenas algumas reticências em relação a Marta, essa tua amiga anarquista é capaz de pegar fogo a Lisboa só para queimar os políticos, de direita ou de esquerda. Sara defendeu a amiga, por vezes só os franco-atiradores resolvem as situações, como era o caso no momento, em que as organizações se mostravam demasiado pesadas para agir de improviso. Marta diria, pensou ela sem o expressar em voz alta, que as organizações só agiam em proveito próprio, amarradas na sua própria lógica de autodefesa, desprezando os problemas individuais. E a sociedade era constituída por pessoas individuais, o que elas deliberadamente esqueciam. Mas isso era assunto para Aníbal e Marta debaterem diretamente, deixava para depois.

Combinaram sair do apartamento só ao fim da tarde, quando escurecesse. Havia então mais gente nas ruas e ele passaria despercebido. Ela saía primeiro com o saco e Aníbal ia encontrá-la na estação de táxis mais próxima. Este foi um ponto muito discutido. Os táxis eram perigosos, a PIDE podia ter distribuído a fotografia ou os dados físicos pelos condutores, que colaboravam normalmente com a polícia. Não iam deixar o carro mesmo à frente do prédio de Marta, mas a zona ficava sob suspeição. E o risco maior era para Sara, reconhecida na sua companhia. Aníbal acabou por decidir. Ele saía primeiro de casa, sem o saco que poderia parecer suspeito. Apanhava um táxi sozinho e deixava-o num largo muito movimentado, o do Rato. Depois iria a pé, num trajeto de quinze minutos, até à casa de Marta. Sara sairia mais tarde com o saco, apanhava um táxi que a depositava diretamente no destino. Chegaria antes de Aníbal e esperava por ele em baixo. Não os veriam juntos, Sara estava salvaguardada. E o trajeto do Rato até ao apartamento era suficientemente grande para alargar a zona de busca da polícia, no caso de ser denunciado pelo taxista. Tinha também a vantagem de ele o conhecer bem e por isso poder assegurar-se que não era seguido, ou despistar os perseguidores em caso de necessidade. Ficou com o número de telefone de Marta, para o caso de ser obrigado a chegar atrasado. Tudo estava bem combinado e almoçaram, falando de outras coisas.

Sara não contou a cena com Malongo, só ia levar Aníbal a sentir-se culpabilizado. E não tinha vontade de fazer passar-se por mártir da causa num assunto menor, perante uma pessoa que arriscava tudo pela mesma causa. Falaram sobretudo de Marta, Sara explicando as manias da outra.

– Realmente é chato – disse Aníbal. – Vou alterar a vida de uma pessoa que mal conheço. Durante duas semanas vai viver na corda bamba e com outra rotina. Tentarei ser o menos pesado possível, mas mesmo assim...

– O fundamental é nunca saires de casa nem abrires a porta a ninguém, se estiveres sozinho. E ficares fechado na casa de banho, se ela estiver em casa e alguém lá aparecer. Claro que ela vai dizer logo, ia mesmo a sair, tenho um assunto urgente. E arrasta a visita para fora de casa. Mas isso vocês vão combinar. E verás, ela tem resposta para tudo e é rápida a arranjar meios de se desembaraçar dos problemas. O que me preocupa é que se peguem em discussões políticas, aí ela perde a cabeça e fala mais alto que um locutor de

futebol.

– Não tem namorado? Nestas coisas os namorados atrapalham.

– Despachou agora o que tinha. Não, está livre. E se arranjar algum, nem lhe vai dar o endereço. Agora, uma coisa... Se ela for a sair, a qualquer hora que seja, nunca lhe perguntes onde vai. É demasiado ciosa da sua independência e manda-te logo à merda.

– Oh, não te preocupes. Isso já eu percebi.

– Vou visitar-te todos os dias, para ver se precisas de alguma coisa, e levar-te jornais. Não é suspeito, muitas vezes vou a casa dela.

– Não. Isso não é prudente. Imagina que começam a seguir toda a gente que possa estar relacionada comigo. E descobrem que todos os dias vais a determinada casa. Não vão tentar saber o que há lá? Terás notícias minhas pela Marta, que vês todos os dias no hospital.

Sara concordou com a cabeça. Tristemente. Não ia ver mais Aníbal até à sua fuga do país?

– Claro que de vez em quando podes ir. Com a frequência normal. É preciso não modificar os hábitos, qualquer mudança pode parecer suspeita.

Depois do almoço, ela tentou trabalhar. Mas a presença de Aníbal e os problemas com Malongo não permitiam. Ele lia, sentado na cómoda poltrona, o mais calado possível. Mas ela frequentemente se levantava da secretária e puxava um assunto para conversa. A tarde foi passando sem que a tese avançasse um milímetro. Quando arrumaram as coisas para partir, Aníbal lembrou-se:

– Vou passar todo o tempo a ler. A tua amiga tem só livros do Kropotkine e de Medicina?

– Não, tem muitos outros. Mas escolhe aí os que não tenhas lido.

– O saco já está cheio. Se precisar de mais, peço-te através dela. Só levo este na mão.

E indicou *A Náusea,* de Sartre. Na situação dele não era o livro que eu escolheria, pensou Sara. Mas apenas sorriu. Aníbal tinha o espírito forte, não precisava de romances cor-de-rosa para sustentar o moral. Ela estava sempre a esquecer isso.

6

Denise devia partir daí a três dias, o estágio terminado. A universidade tinha cursos de férias para estrangeiros, mas ela queria passar o verão em França e já estava demasiado avançada no português para deles precisar. Malongo procurava convencê-la a ficar mais um tempo, ainda não saciado. A ligação se tornara mais aberta desde que Sara tinha armado em secreta, há uma semana, recusando-lhe almoço em casa. Levou Denise ao Rialva e à Casa dos Estudantes. Foi um sucesso. Todos os companheiros contemplavam a loira e vinham tentar conversar com ela. Batiam nas costas de Malongo, segredando, sim senhor, estás a comer do bom. Ele ficava orgulhoso dos olhares gulosos que dirigiam a Denise.

E o sucesso foi ainda maior quando, depois do almoço, foram para o salão da Casa conversar. Muitos prescindiram do habitual café para ficarem no papo com a francesa. Que se revelou adepta do FLN argelino, tinha mesmo chegado a militar num grupo de apoio à independência da Argélia. Pela primeira vez os estudantes ouviam a versão nacionalista dessa guerra que tantas esperanças trouxera para África. Denise estava deliciada em poder explicar as origens e as principais peripécias da luta da Argélia e de como alguns franceses apoiavam os seus companheiros árabes. Os jornais portugueses só reportavam a versão colonialista francesa. E advogavam abertamente a tese da extrema-direita francesa que se organizava na OAS. Era pois uma novidade saber que os "terroristas" argelinos tinham grandes chefes como Krim Belkacem, Ben Bella, Ait Ahmed, Ben Kheda, Boudiaf, uns na cadeia mas em breve libertados, outros preparando negociações com o governo de De Gaulle para se chegar à independência. Ouviram falar da batalha de Argel, da Kabilia e dos Aurés, nomes habituais na imprensa, mas agora completamente diferentes, revestidos da aura do heroísmo. O grupo de ouvintes aumentava e a bela Denise era ainda mais cobiçada. Malongo ouvia distraidamente, ela já lhe tinha falado das mesmas coisas, mas por sacadas, pois ele sempre a interrompia para assuntos mais importantes, como por exemplo fazer amor.

Quando às quatro da tarde eles foram embora, Denise foi convidada a vir mais vezes, todos os dias de preferência, ainda tinha muitas coisas para lhes ensinar. Alguém até propôs que ela fizesse uma palestra sobre o assunto, mas os outros depois replicaram, estás maluco, nesta nossa situação era pretexto para fecharem a Casa de vez. E mesmo esta conversa,

segredou Furtado a Laurindo, já vai para os ficheiros e a bela Denise nunca mais terá visto para voltar a Portugal. Laurindo assentiu, desolado por ter de dar razão ao antigo amigo.

Malongo só deixou os outros pensarem que ele tinha uma ligação com Denise, não confirmou. Estava chateado com Sara, mas Denise ia embora e Sara ficava. No dia seguinte à cena da recusa do almoço, Sara telefonou-lhe, vem cá a casa hoje à noite, já a situação mudou, daqui a uns dias poderei explicar-te tudo. Ele deu uma desculpa, já tinha um compromisso, e foi dormir com Denise, o que fazia cada vez mais habitualmente. E quando Sara apareceu na Casa, procurando-o, foi frio e não aceitou discutir. Dois dias depois ela voltou à carga e ele manteve a frieza, é para saberes que não sou um boneco. No entanto, ontem, quando Sara pela terceira vez o procurou e perguntou se o rompimento era definitivo, que então ficasse tudo claro, ele hesitou, gaguejou, estou só chateado e quero uma explicação completa, mas não te posso dar ainda, tem confiança em mim e espera um pouco. Quando me puderes dar a explicação, então procura-me, não antes. E foi ter com Denise, a queimar os últimos cartuchos.

A situação convinha-lhe perfeitamente, pensou ele a caminho do Rialva, onde ia se encontrar com Vítor. Tinha todo o tempo livre para os últimos dias de Denise. E mesmo um pretexto preparado, caso Sara ouvisse alguma coisa sobre essa ligação. Claro, estava chateado contigo, apareceu a francesa, preciso de me distrair. Nunca teria acontecido se não me andasses a esconder coisas. Tinha pois de manter a posição de orgulho ferido, pelo menos até Denise ir embora. Mas não a levou mais à Casa, uma vez bastava. Subira na consideração dos companheiros, que agora o tratavam com mais deferência. Mas não era bom exagerar com essas conversas de política que Denise adorava. Primeiro, dava sono. Depois, ela ficava toda excitada e não parava mais de falar, mesmo quando já estavam despidos. Francamente, quando uma pessoa entra numa mulher tem de estar concentrado nisso, não pode distrair-se com discursos. Só música é que dá para acompanhar o ato, a música até ajuda, faz melhorar o rítimo. E a polícia andava atenta, ainda o podiam chatear por causa das bocas da francesa.

A situação não estava para brincadeiras. Mesmo Vítor se mostrava cada vez mais prudente e conspirativo, sobretudo se não estavam em casa. Aí sim, falava pelos cotovelos. De política, claro. Ontem disse cuidado com os papos, os pides andam em cima da gente como nunca, sobretudo desde que o Aníbal desapareceu. Há dias a notícia tinha estourado na Casa como uma bomba. O oficial desapareceu quando devia embarcar para Angola. Até se tinha despedido de uns tantos, vou cumprir o meu dever. As pessoas comentaram, olha este gajo, agora vai matar negros e isso é cumprir o seu dever. Afinal, dias depois, a verdade veio à tona. Aníbal não tinha ido para Angola, se esfumara. Houve risos abafados, olhares brilhantes, gestos de vitória. Aníbal era fixe, só que não andava a gritar aos quatro ventos o que lhe passava na cabeça, nem qual era o seu dever. As conversas ciciadas se tornaram mais animadas, os amigos apresentavam rostos mais alegres, apesar dos tempos. Mas durou pouco. Logo apareceram caras estranhas no Rialva, tipos mesmo que iam à Casa sem serem sócios, os lares de estudantes mais vigiados, as residências também. Malongo não notara, mas Vítor mostrou-lhe um homem que agora estava sempre à frente do prédio da Praia da Vitória. Vigiavam tudo quanto era canto à procura do Aníbal. Ou de outras coisas.

Pela primeira vez se lembrou da sua própria situação militar. Tinha feito tropa aos vinte e um anos, mas só a recruta. O Benfica arranjou maneira de ele ser dispensado ao fim de seis meses. Será que agora o iam chamar para o exército por causa da guerra em Angola? Já tinha saído há dois anos do serviço ativo, mas não estava livre de ser recrutado de novo, sobretudo se faltassem efetivos. Assim como os estudantes que arranjavam adiamentos até terminarem os cursos, desde que não reprovassem. Falava-se que isso ia terminar, iam ser mobilizados dos vinte para os vinte e um anos, quer passassem quer não. Porra, ainda me vão apanhar e desta vez nem o Benfica me safa. E que faço? Vou fazer guerra, eu, que só gosto de futebol? A solução encontrada por Aníbal podia ser muito bonita para meninas românticas, mas era de político. Claro, Sara devia estar contente, adorava aquele intelectual franzino e tudo o que ele pensava estava certo. Mas ele não se encantava tanto assim com alguém que só lia e gostava de filosofar. Devia falar com o Vítor, a situação não lhe estava a agradar nada.

O amigo estava sentado a uma mesa com Laurindo. Combinavam uma ida ao cinema para depois do jantar. Malongo rejeitou o convite, tenho muito que fazer. Os outros riram, por ele ser um desocupado. Vítor disparou, vais ter com a Denise. Malongo concordou e Laurindo deixou de sorrir. Que tem este, também queria comer a francesa? Vejam lá o miúdo, já tem os dentes afiados. Mas Malongo fingiu não ter reparado, derivou a conversa para o que lhe interessava.

– É verdade que vão mobilizar os estudantes para a tropa, acabar com os adiamentos?

– Fala-se nisso – disse Vítor. – Aquilo lá na terra é guerra a sério, todo o Norte está tomado pelos terroristas.

Vítor falou, olhando para a mesa ao lado, onde um tipo de chapéu cinzento se tinha tornado hirto atrás do jornal, quando Malongo fez a pergunta. Vítor utilizou a palavra terroristas de propósito, era a linguagem oficial. Assim não corria riscos. E os amigos entendiam que deviam ter cuidado com as falas. Vítor estava a ficar um verdadeiro clandestino, pensou Malongo. Mais um que vira político, constatou com desgosto.

Foram jantar. O ambiente estava pesado, as pessoas falavam prudentemente e olhando para todos os lados. Os ouvidos da PIDE estavam por perto. Malongo tinha um inofensivo assunto de conversa, o futebol. Mas, mesmo picado por Laurindo e Vítor, não se entusiasmava. Queria falar da sua situação militar, mas também não se atrevia. Vítor estava na idade e tinha reprovado no ano anterior. Podia ser mobilizado dum momento para o outro. Seria pois um interlocutor interessado, mas não ali, onde já não se podia conversar tranquilamente. Para Laurindo isso não era assunto urgente, ainda não tinha idade. Só daqui a dois anos seria mobilizado, estava numa boa, em dois anos passam tantas coisas. Malongo respondia por frases curtas às perguntas dos amigos, pensando em como poderia discutir com Vítor. Ele ia ao cinema e Malongo regressaria a casa só de manhã. Muito tarde. Como em tudo, Malongo era impaciente.

Foi ter com Denise, ruminando as mesmas preocupações. Estás diferente, disse ela quando se encontraram a sós, correu-te mal o dia? Devia começar a despi-la. Mas sentou na cama e ficou a olhar para ela. Ela tirou o vestido leve e o soutien. Já não tinha pudor nenhum, até provocava, também queria aproveitar as últimas noites. Como Malongo não reagia, sentou no

colo dele e beijou-o.

– Estou chateado. Podem chamar-me para a tropa e não quero fazer guerra nenhuma. Parece que vão mobilizar toda a gente que se safou até agora.

– Também se passou com os argelinos e os franceses. Tens de fugir.

– Fugir, eu?

– Claro. Vai para França. Lá ninguém te pode ir buscar. E eu ajudo-te. Arranjas um emprego e pronto.

– E deixo o futebol?

– Não sei se lá é fácil jogar, isso não sei. Mas também há boas equipas. O importante é fugir para fazer a revolução. O futebol é secundário.

– Para mim é o principal.

Denise ficou pensativa. Ele não se decidia a acariciá-la. Não sentia o corpo de Malongo vibrar com o calor do dela. Parou de se mexer sensualmente em cima dele, procurando uma reação. Disse:

– Está para muito breve essa mobilização?

– Não sei. Mas também não é dum dia para o outro.

– Logo que chegar a França, vou tentar saber se é fácil um africano ter lugar numa equipa. E escrevo-te a contar tudo. Claro que com cuidado, já sei que aqui as cartas se leem antes de serem distribuídas.

– Não falo francês. Aprendi a gramática, mas não falo.

– Ao fim de pouco tempo já falas. Estudaste cinco anos de francês, não?

– Mas era péssimo aluno.

Denise utilizou toda a sua arte para o fazer esquecer as preocupações. As carícias e os beijos fizeram o membro dele enrijecer. A natureza veio à tona e Malongo esqueceu tropas e guerras. Despiu-se de repente e entrou noutro tipo de combate, para o qual estava mais qualificado.

7

Sara soube por Marta que Aníbal queria vê-la. Já tinha passado uma semana sobre a deserção. Era normal que fosse visitar a amiga, não podia levantar suspeitas. Tinha notado algumas movimentações estranhas à frente de casa, mas só dois dias depois de Aníbal ter saído. Tipos encostados às portas do outro lado da rua, um ou outro que entrava com ela no autocarro. Fez a sua vida habitual, exceto encontrar-se com Malongo, que a rejeitava. Não se preocupou muito com a vigilância da polícia, pois tinha a certeza que começara só depois de Aníbal ter mudado de residência. Devia ser o que faziam a toda a gente com ligações possíveis com Aníbal. Laurindo também lhe tinha dito que a malta da Casa estava a ser vigiada quase ostensivamente. Mas desde a véspera não sentia essa perseguição.

Habituou-se a fixar as caras de todos os que entravam com ela na mesma paragem de autocarro e dos que saíam. Caminhava um pouco e olhava para trás, a ajeitar um sapato ou fingir observar uma montra. Notava também os que estavam parados à frente de casa. E desde ontem não via nada de suspeito. Desistiram, também não podiam controlar continuamente toda a gente.

No entanto, quando foi com Marta diretamente do hospital para casa, observava tudo o que se passava à volta. No meio duma conversa banal, segredou tens tido cuidado para ver se não és seguida? Marta riu. Apertou-lhe o braço. Tentando falar o mais baixo que podia, a alentejana disse:

– Estou uma perfeita clandestina. Anoto tudo. E sabes que tenho uma memória de elefante. Posso garantir-te, não suspeitam de nada. O Aníbal também ajuda, nunca saiu de casa e se está sozinho não abre para ninguém. Parece um gato, não faz barulho nem a andar. Se as janelas estão abertas, fica sempre longe delas. Acho que não viu a rua desde que chegou. Impossível que desconfiem.

De todas as maneiras, Sara ia atenta. Compraram os produtos necessários para o almoço e subiram para o apartamento de Marta. Nada de suspeito havia na rua. Sara tinha a certeza.

Aníbal parecia mais magro. Expressou a opinião em voz alta e logo Marta interveio, semiagastada, se pensas que o estou a tratar mal estás enganada. Aníbal falou, sorrindo:

– Nunca comi tão bem na minha vida. É impressão tua.

– A comidinha é boa, isso sei – disse Marta. – Só que esse gajo come pouco, deve encontrar energias noutro sítio.

Marta foi para a cozinha. Os dois amigos sentaram-se perto um do outro. Sara contou-lhe o pouco que sabia sobre o cerco que se apertava em relação aos angolanos. E das reações suscitadas na Casa pela notícia da sua deserção. Aníbal sorriu, outros vão seguir. Ele disse que estava bem de literatura, Marta afinal tinha uma biblioteca muito rica. E que as discussões entre eles não eram tão duras como imaginara antes. É porreira, resumiu. Sara falou da espionagem que sofrera, mas que parecia já ter terminado. É normal, disse ele, ao fim de uns dias não descobriram nada e desistiram. Mas não abandones as precauções, o teu segundo sentido tem de estar sempre alerta. A todo o momento podem voltar. Conversaram sobre a situação política, das notícias que vinham nos jornais e que eles tinham de saber interpretar. E depois, fora de propósito, Sara disse:

– Estou grávida. Vou ter uma menina.

– Como sabes que é uma menina?

– Intuição.

– Como reagiu o Malongo?

– Não sabe ainda. És o primeiro a saber. E não digas à Marta.

– Devias contar ao Malongo.

– Sim. Um destes dias.

Sara não confidenciou que estavam praticamente separados. Para quê, provocar mais problemas a Aníbal? Ia ter de dizer que a maka fora por causa dele. Aníbal ia exclamar esse Malongo não presta, talvez até sugerir-lhe um aborto. E o assunto era só dela, não queria sequer discutir. No entanto achou curioso ter sentido necessidade de se abrir a Aníbal. Mesmo se não estivesse em más relações com Malongo, certamente contaria primeiro ao amigo.

– Olha, Sara, pedi que viesses para mais um favor. Claro que te queria ver e falar contigo. Mas também para esse favor. Como sempre te disse, podes recusar, cá me arranjarei. Mas não convém que eu saia de casa.

– Podes estar tranquilo, faço o que for preciso.

– Tem algum risco, embora pequeno, se tomares precauções. Lembras-te que jantei com um camarada que me ia preparar a fuga, quando fui para tua casa. Mudei para cá e ele não tem as coordenadas. Preciso de entrar em contacto. Tenho maneira de o encontrar mas não me convém sair. Podes contactar esse tipo?

– Sim, claro.

– Tínhamos combinado um encontro num jardim para amanhã às quatro da tarde. Se eu não fosse, irias tu. Ele tem a tua descrição. Mas põe os óculos, eu disse que usavas óculos e agora me lembro que muitas vezes não os usas, para veres o mundo mais belo do que é.

Riram os dois e Sara maravilhou-se como Aníbal conseguia estar calmo e até lembrar-se de detalhes sem significado. Experiência de situações difíceis ou apenas força moral? Aquela força que é dada pela fé inquebrantável numa causa considerada justa. Podia ser apenas um desejo de mostrar confiança para que os outros a tivessem também. Em todo o caso, exigia muita coragem.

– Leva o número de telefone da Marta escrito num papelito. Chegas ao pé dele e dizes que vens da parte do Joaquim. Escolhi o nome mais português que existe! Perguntas se tem notícias para o Joaquim. Quando partires, aperta-lhe a mão e passa-lhe discretamente o papel com o número. Diz-lhe antes que deve telefonar à noite, quando a Marta está, porque não atendo o telefone. E que peça para falar com o Joaquim. Entretanto, digo à Marta que o Joaquim sou eu.

– Como o vou reconhecer?

– Estará sentado num banco ao lado da estátua de Diana, a ler um jornal. É de meia-idade, com cabelo preto e uma camisa aos quadrados. Combinámos isso para o caso de eu não poder ir. Se o banco ao lado da estátua tiver outra gente, ele estará no mais próximo. Também não há muitos e será fácil identificá-lo. Depois telefonas para aqui. Duma cabine pública, não de tua casa. Não vens cá, telefonas.

– Falo com a Marta ou contigo?

– Dizes à Marta para chamar o amigo dela, sem nomes. E não dizes o teu, a Marta reconhece a tua voz. Falas comigo, só para dizer que tudo correu bem e quais as notícias. Breves e de forma indireta. Pode ser, a viagem é para tal data ou coisa assim. Está bem?

– Tudo claro. Só não disseste o nome do jardim. Ele deu-lhe o nome dum pequeno jardim não muito longe da casa dela. Tinha lá passado algumas vezes, mas nunca reparara na estátua da Diana. Disse isso a Aníbal e se achava melhor ir lá reconhecer o sítio.

– Não. Vai só amanhã e à hora exata. Não há problema, é a única estátua. Ir hoje e voltar lá amanhã, coisa que está fora dos teus hábitos, podia chamar a atenção. E assegura-te que não estás a ser seguida. Conheces os truques?

– Já li muitos livros policiais, está descansado.

– Sim, às vezes são úteis. Nunca tive tempo para ler muitos, tinha outras preocupações.

– Preconceitos de intelectual, que só lê grande literatura.

– Não, também há grande literatura policial. Nunca tive tempo, estava mais virado para outras coisas. Mas aqui na casa da Marta já li um.

A amiga disse que a comida estava quase pronta e Sara foi pôr a mesa. Foram conversando os três e Sara notou que os outros dois se entendiam muito bem, mesmo quando o assunto era político. As opiniões eram diferentes, Aníbal defendendo as teses marxistas e Marta contestando-as. Mas cada um ouvia os argumentos do outro, não se excitava a rebatê-los. Conversa civilizada. Sara notou um carinho especial, embora muito discreto, na maneira como se falavam. É, duas pessoas inteligentes sempre se entendem, mesmo que as ideias sejam divergentes, pensou ela. E de qualquer modo tinham um vasto terreno comum, o ódio à ditadura de Salazar e a esperança na independência das colónias. Opunham-se nos métodos e na maneira de prever a sociedade futura. Uma sociedade onde o Estado ia abolir as classes, segundo Aníbal, uma sociedade sem Estado pois este tendia a ser o manto sob o qual novas classes se criariam, segundo Marta.

Sara foi para casa, não sabendo se voltaria a ver Aníbal. Escondeu a tristeza que a ideia lhe provocava e despediu-se naturalmente. Ele também. Mas o beijo que lhe deu na face era mais prolongado que o habitual. Uma despedida? Talvez para toda a vida.

Trabalhou alguma coisa, embora o encontro do dia seguinte não lhe saísse da cabeça. Nos

últimos tempos, para esquecer a atitude de Malongo e tudo o que sucedia, esforçava-se por trabalhar mesmo à noite. E a tese tinha finalmente avançado um pouco. Aprendia a conviver com as preocupações, fonte de certo orgulho e segurança. Dormiu mal, o que se ia tornando um hábito. E na manhã seguinte, no hospital, estava sempre a olhar o relógio de pulso. Ainda faltava muito tempo, mas não podia chegar atrasada. Sabia, nessas coisas um minuto conta e os camaradas eram rigorosos. Do hospital foi logo para casa, nem tentou entrar em contacto com Malongo. Aliás, esforçava-se por pensar nele o mínimo possível e considerar a separação como estúpida mas irreversível. Tinha de se habituar à ideia de ter uma filha sem pai. Não era bom para a criança, mas tudo na vida se arranja. O importante é que ela nascesse. Sara sentia-se com capacidade de ser mãe e pai ao mesmo tempo. E contra a família, ainda por cima.

Saiu de casa às três da tarde, olhando discretamente para todos os lados.

Apanhou um táxi que passava e pediu para a deixar no Parque Eduardo VII. O movimento para tomar o táxi tinha sido muito brusco e despistaria qualquer perseguidor. No entanto, olhava constantemente para trás. Saiu do carro e entrou no metrô. Apanhou o primeiro, atenta a tudo o que acontecia à volta. Saiu três paragens à frente e foi apanhar um na direção oposta. Tinha a certeza que não era seguida. Saiu cinco estações à frente e entrou noutro táxi. Continuou a observar os carros que o seguiam, já mais tranquila. O táxi depositou-a perto do jardim, mas ainda eram quatro menos um quarto. Meteu-se num café e encomendou uma bica. Sentia dores na barriga, como antes dum exame importante. Quando era mais nova, chegava a vomitar antes das provas, apesar de ter sido a melhor aluna em todas as turmas que frequentara. Saiu às quatro menos cinco e dirigiu-se para o jardim, controlando constantemente o tempo e a retaguarda. Chegou à estátua de Diana precisamente às quatro horas e havia um homem sentado a ler o jornal. Com uma camisa aos quadrados.

– Venho da parte do Joaquim – disse ela, quase num sussurro.

Ele baixou o jornal e mostrou-lhe uns olhos vivos interrogando atentamente a mulher à sua frente e todo o espaço em volta. Sara vivia o primeiro encontro em carne e osso com um mito, o militante clandestino. Talvez fosse isso que lhe provocava dores de estômago e não o medo. Ele fez um gesto elegante e ela sentou ao lado.

– Há notícias para ele?

– Tem de aguardar pelo menos uma semana. Mas está tudo a correr bem.

– Ele teve de mudar de casa. Tenho o telefone aqui num papel, que lhe darei na despedida. Telefone à noite, vai atender uma mulher, peça para falar com o Joaquim.

– Está bem. Fique cinco minutos e parta depois. O homem levantou-se, apertou-lhe a mão, recebendo o papel com o número de telefone. Caminhou num passo descontraído, aspirando o ar e observando com deleite as flores dos canteiros. Sara estudou então o jardim. Só havia um par de namorados num banco mais ao fundo, totalmente indiferente ao mundo. Deixou correr os cinco minutos, parecendo repousar, mas concentrada na observação dos namorados e no que pudesse passar à volta. Saiu do jardim, voltou pelo lado da rua, viu o par na mesma posição, respirou fundo. Podia ir telefonar na primeira cabine pública, missão cumprida. Sentia-se agora leve e quase alegre. Já tinha distribuído panfletos, feito parte do comité de estudantes para manifestações contra o governo no Dia do Estudante, assinado papéis

exigindo eleições livres, feito uma palestra contra o colonialismo na Casa, e outras ações de menos relevo. Teria certamente contactado militantes clandestinos, mas sem o saber. Esta era a primeira vez que falara a alguém sabendo que o era. Mandava a prudência que esquecesse imediatamente a cara e os modos do comunista. Mas não era possível. Aqueles olhos vivos, a fala quente, o ar afável quase carinhoso, tinham ficado para sempre gravados na sua memória. Assim eram os heróis anónimos que arriscavam a vida todos os dias para combater a ditadura. Com o fim de criarem uma outra ainda pior, diria Malongo, o descrente. Também Marta.

Muitas vezes conversara com Aníbal sobre questões de ideologia. E com Furtado, nos tempos em que este era adepto entusiasmado da revolução mundial. Tinha lido um ou outro livro, pouca coisa, pois a literatura marxista só entrava clandestinamente em Portugal e era muito difícil de obter. Uma vez Aníbal falou-lhe do relatório Khrutchev sobre os crimes do estalinismo. Ele não tivera acesso ao texto, apenas a resumos de fontes secundárias. Mas estava perturbado, não se construía uma sociedade justa com crimes e perseguições. Furtado, pelo contrário, chamava Khrutchev de barriga de ginguba que traía o comunismo. Ela não tinha posição definida, sentia-se demasiado desinformada. Acreditava numa sociedade justa, de homens iguais. Admirava a coragem dos comunistas, que eram presos e viam as suas células destruídas, para logo se levantarem e continuarem a luta. Ao mesmo tempo, sentia em Aníbal uma reserva crescente em relação a esses seres míticos. Bem antes dos acontecimentos de Angola. Instintivamente assimilava as reservas de Aníbal como suas. E ele, a sua bússola, ia desaparecer irremediavelmente. Tinham de ter uma conversa franca antes disso, o amigo não a podia deixar à deriva.

Foi telefonar. Deu o recado. E pediu a Aníbal, antes preciso de falar contigo, para mim é vital. Ele concordou, fica descansada.

Não podia trabalhar. Tinha de ver gente, andar. Por isso dirigiu-se para o Rialva. Era cedo demais para Malongo aí estar, o que lhe convinha. Não queria sentir-se humilhada hoje. Haveria de encontrar alguém simpático, agradável, com quem trocar impressões, mesmo que apenas sobre o estado do tempo. E numa mesa encontrou o poeta Horácio dando uma lição de literatura a Laurindo. Sentou-se com eles, embora o pretenso poeta a aborrecesse. Ele nem interrompeu o discurso para a cumprimentar, fez-lhe um gesto com a mão e prosseguiu, demonstrando que os últimos poemas publicados pela Casa dos Estudantes provavam de maneira irrefutável a influência do modernismo brasileiro nos escritores angolanos.

– Vê o livro do Viriato da Cruz. Ele marca a ruptura definitiva com a literatura portuguesa. Utilização da voz do povo, na língua que o povo de Luanda usa. Já não tem nada a ver com tudo o anterior, em particular com os portugueses. A literatura à frente, a expressar o sentimento popular de diferença. Os brasileiros fizeram isso há trinta anos.

Laurindo olhava para todos os lados, inquieto. Não escondia o desejo de arranjar pretexto para fugir. Sara percebeu e deu-lho.

– Desculpa, Horácio, mas o Laurindo tem de sair comigo. O papo está muito interessante, mas vim buscá-lo.

Ela levantou-se, Laurindo arrumou apressadamente o livro inutilmente aberto à sua frente, despediu-se de Horácio e seguiu-a. Já na rua, ele disse:

– Obrigado, Sara, foste providencial. Há mais de duas horas que não me deixava estudar. E ainda por cima a falar do Viriato. Não sabe que hoje é um nome proibido, mesmo que só como poeta?

– Quando ele fala de literatura, esquece tudo. Tem razão que o Viriato significa a ruptura definitiva. Na poesia e agora no resto. Até pode haver influência dos brasileiros, não sei. Mas dizer isso em voz alta no Rialva é pior que declamar um panfleto.

– É inconsciente?

– Não tanto assim – disse Sara. – A impressão que me dá é que ele quer ser perseguido, preso mesmo. O poeta preso porque é revolucionário. E fazendo poesia na cadeia. O herói romântico. Necessidade de afirmação, necessidade de sofrer para se sentir homem. E para ser admirado pelos outros. Posso estar a ser muito má, muito injusta... Coitado do Horácio, a PIDE não o leva a sério e não lhe dá a glória duma prisão.

Riram. Sara sentia-se bem com Laurindo, uma cumplicidade se tinha estabelecido na manifestação. Era muito novo e imaturo, mas queria aprender e integrara-se muito rapidamente no meio dos estudantes. Não lhe parecia o jovem fascinado pela nova liberdade de um meio longe da família, gastando a bolsa nos primeiros dias do mês com futilidades, para depois ir vivendo de empréstimos. E era franco, o que se tornara uma virtude enorme nestes tempos de desconfiança.

– Onde vamos? – perguntou ele.

– Onde quiseres. Pago-te um lanche numa pastelaria fina da Avenida da República? Ou vamos a um cinema?

– A pastelaria fina é boa ideia, nunca estive numa. Mas dividimos a despesa.

– Nem sonhar. Fui eu que convidei.

Laurindo não ripostou. Havia os que aceitavam o convite duma mulher, mas protestavam pela forma, esperando no entanto que ela pagasse. E havia os que se faziam convidar, sem escrúpulos. Ele não se colocava em nenhum dos lados. Nem lhe pediria o dinheiro por baixo da mesa, para parecer pagar a conta.

Tomaram chá com torradas. A pastelaria era fina mesmo. Frequentada por senhoras velhas ou de meia-idade, ostentando joias e vestidos caros. Um ou outro homem numa mesa, de fato e gravata comprados nas melhores lojas, com aparência de profissionais liberais bem instalados na vida. Contrastavam com o seu ar de estudantes. Mais Laurindo, que ainda por cima era mulato. Mas não se sentiam mal ali, numa mesa isolada das outras. Puderam conversar sobre tudo, sem a incómoda presença dum homem de chapéu lendo sempre a mesma página dum jornal. A conversa acabou por desembocar na situação de Angola e na fuga de Aníbal.

– Agora a malta está preocupada com a possibilidade de uma mobilização geral para o exército. Fala-se muito nisso. E ninguém é muito claro, nem mesmo ao seu melhor amigo, mas todos estão a pensar no exemplo do Aníbal.

– Nem há outra solução – disse Sara.

– Pessoalmente ainda não tenho esse problema. Mas já me decidi, para a guerra não vou. Pelo menos por este lado. Achas que o Aníbal já está em França?

– Já deve estar. Devia ter tudo preparado antes.

– Ainda bem. Só o conheci de vista. Mas tem alto prestígio junto da malta. Espero que vá juntar-se ao Mário e Viriato, não à UPA.

– Podes ter a certeza. Conheço-o o suficiente para jurar a pés juntos.

– O Vítor disse-me que vocês eram muito amigos.

– Sim. Mas ultimamente víamo-nos muito pouco, porque ele foi para a tropa e estava fora de Lisboa.

Tinha de mentir. De esconder. Era chato fazê-lo a Laurindo, um tipo puro, mas havia outra solução? Curioso, não me pus problemas de consciência destes ao esconder as coisas a Malongo, e no entanto é ou era o meu homem. Que raio de relação estranha criei com Malongo? E já nem me ofendo se por todos os lados ouço advertências apenas veladas à pouca seriedade dele.

– Este ambiente está cada vez mais pesado – disse Laurindo. – Abafa-se literalmente. Com medo da própria sombra. Vendo pides por todo o lado. As notícias de Angola é só de prisões, mesmo de intelectuais. Até de brancos. A qualquer momento podemos ser apanhados na rede, mesmo se nos limitamos a conversar sobre as coisas.

– Sim. Tens sentido muito racismo aqui?

– As pessoas olham de lado, mais do que antes. Pergunto-me se não é só imaginação, às vezes não estou tão seguro. Mas nunca ninguém me insultou, lá isso não. Talvez maior brusquidão numa bicha, talvez uma fala mais impaciente se não me decido logo a comprar algo numa loja, talvez...

– Não tenhas dúvidas, o racismo cresceu muito. Há uma vaga de patriotismo provocado pelos acontecimentos. Bem podem dizer, somos todos portugueses e existe uma sociedade plurirracial. Mas as pessoas de cor diferente são vistas como estrangeiros indesejáveis. Pior, perigosos. O nacionalismo provoca isso.

– Mesmo o angolano, Sara?

– E não está a provocar?

– Queres dizer que qualquer nacionalismo provoca racismos ou xenofobias, mesmo o nosso, pelo qual lutamos?

– No nosso caso, ou no de África em geral, o nacionalismo é uma fase necessária e vale a pena lutar por ele. Não ponho isso em dúvida. Mas provoca também exclusões injustas. E, se exagerado, leva as sociedades a fecharem-se sobre si próprias e a não aproveitarem do progresso dos outros povos.

– Um casamento entre nacionalismo e internacionalismo, é isso?

– Definiste muito bem. Um casamento harmonioso entre dois contrários antagónicos.

– Mas isso é linguagem marxista.

– Pois é. Resta a saber se essa utopia se pode realizar. Alguns dizem que já a realizaram, com o comunismo.

Laurindo abanou a cabeça, mais espantado que escandalizado. E com algum medo escondido, notou ela. A propaganda oficial resultava. Mesmo para as pessoas mais sinceras o comunismo era um espantalho assustador. Não só para os burgueses, como pensava Marx.

– Achas que a malta lá fora segue essa utopia? – perguntou ele.

– Não faço a mínima ideia.

– Li uns papéis, mas não tratam disso. Tu leste?

– Não, ninguém me mostrou – disse ela, amargamente.

– Tive de os ler muito depressa. Se voltar a tê-los na mão, mesmo que só por umas horas, passo-te. Posso ir a tua casa ou telefonar?

– A qualquer hora que seja. E agradeço-te a atenção. Não é agradável sentir-me excluída.

Partiram da pastelaria e despediram-se ali perto. Sara foi para casa, viver mais uma noite de solidão. Trabalharia? Ia tentar, nada mais tinha a fazer. E pensar na sua situação. A conversa com Laurindo tinha-lhe recordado algo que esquecia sempre, talvez como forma de defesa psicológica. Qual era realmente a sua posição? A malta começava a pensar no estrangeiro como o paraíso da liberdade. Não era preciso falar para se entender o que passava nas cabeças. A França era o Éden, o generoso lugar de asilo para todos os perseguidos, o reino da tolerância e do mel. Paris, apenas conhecida pelos filmes, era a Babel para onde convergiam os contestatários de todos os quadrantes, os humilhados de todas as gerações. Os angolanos olhavam para Paris, mesmo sem o ousar dizer. E ela? Ia terminar o curso e meter-se nas goelas do colonialismo e do ódio racial? Ou ficar aqui, nesta sociedade ambígua, a boca cerrada também pelos mesmos fascistas, temendo a cada passo alguma denúncia anónima? Tinha ainda de incluir Malongo nesta equação a múltiplas incógnitas, tantas que se perdia nas contas. Decididamente, só Aníbal lhe podia apontar alguma luz. Sara entrou em casa, perdida a euforia do encontro no jardim, com a sensação de estar numa piroga sem remos e de olhos vendados, num qualquer rio Cunene correndo para uma cascata.

8

Os mais-velhos tinham-lhe encomendado um serviço. E Vítor ficara muito orgulhoso, porque pela primeira vez o faziam participar nalguma coisa. Era muito simples e aparentemente sem importância. No entanto, já entendia suficientemente o ambiente da Casa para saber que por detrás duma coisa banal se escondia algo mais importante. Os mais-velhos eram estudantes em fim de curso, ou mesmo com o curso já terminado, que se reuniam em casa dum ou outro, para conversarem sobre os assuntos da terra. Muitas vezes com umas violadas à mistura. Não lhe parecia um grupo organizado, mas bem podiam ter ligações com o exterior. De facto, algum deles por vezes lhe passava um papel clandestino ou lhe dava uma explicação mais séria sobre os acontecimentos. E transmitia notícias frescas da terra. Manobravam nos bastidores da Casa dos Estudantes, alguns faziam parte da direção, e influenciavam decisivamente as eleições nas assembleias gerais. Mas tudo aparentemente sem organização prévia.

Lá ia Vítor, no comboio de Cascais, cumprir a missão de convidar o Elias para um baile na Casa. Conhecera-o no Huambo, numas férias, pois o outro era do Bié. Tipo uns seis anos mais velho. Estudaram também o liceu no Lubango, mas em períodos diferentes. Quando Vítor foi para o Lubango, já Elias tinha de lá saído. Depois encontraram-se por acaso em Lisboa. Reconheceram-se e combinaram novos encontros, o que faziam de vez em quando. Nada de grandes amizades, até porque moravam longe e os encontros eram raros. Elias habitava num lar duma igreja protestante fora de Lisboa, com outros estudantes, três ou quatro, do Bié e Huambo. Estes nunca frequentavam a Casa, nem os mesmos cafés que os outros estudantes. Talvez por morarem fora de Lisboa, talvez por serem protestantes.

Vítor saiu numa estação e procurou o endereço. Era uma vivenda retirada, numa rua tranquila, sem nenhum sinal exterior de congregação religiosa. Embora não proibidos, os protestantes sofriam muitas restrições em Portugal, onde a religião oficial era a católica. Elias estava no lar e convidou-o ao seu quarto, que compartilhava com outro, no momento ausente. Vítor expôs-lhe o motivo da visita. O convite era extensivo aos outros angolanos, claro. Elias sorriu, limpando os óculos de vidros espessos. Tinha uma fala calma, sempre macia.

– Já deviam saber que não vou a bailes. Nem os meus companheiros.

– Devem saber, mas certamente que isso é um pretexto para se encontrarem. Digo-te sem certeza, porque só me pediram para transmitir o convite.

O quarto era modesto, normal para um estudante. Duas camas de ferro, duas secretárias, um guarda-fatos, um pequeno sofá e uma estante para livros. Pintado de branco e extremamente limpo. Sentado no sofá, Vítor tentava decifrar os títulos na estante. Havia alguns livros de estudo, uma boa parte em inglês. Um ou outro sobre Angola, provavelmente de missionários que tinham estado na terra. Elias notou o interesse dele e disse:

– Há vários livros antropológicos sobre África e alguns sobre Angola. Não são meus, são do lar. Por isso não te posso emprestar.

– Em inglês ainda por cima...

– É uma língua necessária. Também há alguns em francês. De Frantz Fanon. Já ouviste falar?

Para Vítor era novidade completa. Sentiu vergonha de negar, provava a sua ignorância. Elias sorriu, percebendo a atitude do outro.

– É normal, aqui é pouco conhecido, proibidíssimo. Denuncia da forma mais violenta o facto colonial. Mas está descansado, ainda vai dar muito que falar. É absolutamente indispensável ler Fanon, para entender o presente e o futuro dos nossos países. Ele é antilhano, médico, mas está com os argelinos na sua luta pela independência. Diz por exemplo que só a violência do colonizado pode fazer ultrapassar o complexo de inferioridade que o colonizador lhe inculcou. O colonizado só pode adquirir uma personalidade de homem livre se exercer a violência. Qualquer violência se justifica assim. Como o filho que mata o pai, pelo menos em sonhos, para se tornar adulto.

– Por essa teoria, a violência da UPA justifica-se.

– Exatamente. É a violência dos oprimidos para fazer superar os traumas causados pela violência dos opressores.

– Não estou de acordo. A UPA mata também a gente da minha terra e da tua, os contratados que vão trabalhar para as roças de café no Norte...

– É uma fase necessária. Para que ganhem a consciência de que são colonizados. Não têm nada que ir para o Norte engordar os roceiros. Estão a colaborar com o colonialismo, mesmo se inconscientemente. Na primeira fase, o terror é necessário para criar consciência. Depois isso terminará. E haverá a integração de todos num país independente.

– Não sabia que defendias as teorias da UPA.

Elias voltou a limpar os óculos. Mirou-o atentamente com os seus olhos míopes. Não sorriu. Tinha cara de sacerdote, se não fosse protestante estaria certamente num seminário católico, pensou o outro.

– Ouve, Vítor, é a única teoria que soube mobilizar populações inteiras para lutar com paus ou catanas contra o poderio colonial. Conheces outra melhor?

– Conheço. A que diz que todos os angolanos devem lutar juntos contra o colonialismo, sem massacres de civis, sejam eles quem forem. E que congregue até mesmo os mulatos.

– Utopias! Isso não funciona na prática. Eu sei, são ideias que correm na Casa dos Estudantes. Mas a Casa é dominada pelos filhos dos colonos, sejam brancos ou mulatos. No

fundo, querem apenas uma melhor integração no Portugal multirracial. Todos falam da independência, mas a ideia não é a mesma. É mudar para ficar tudo na mesma, com o português dominando o negro. E tu alinhas nessas utopias, porque o teu pai não é camponês. O meu é. E a única hipótese de estudar foi aproveitando a bolsa da minha Igreja. O camponês só pode ser mobilizado para a luta por formas bem concretas, que ele entenda, por exemplo o ódio ao branco ou a repartição das terras dos brancos. Vai falar de luta contra o colonialismo como sistema, sem tocar nos roceiros ou nos comerciantes. Ninguém te segue, a não ser os intelectuais da cidade. E esses não contam numa luta destas.

Vítor sentia-se intimidado. Começara a ler umas coisas, a discutir com os mais-velhos, mas reconhecia a sua ignorância. Como argumentar contra um tipo que passava a vida a ler e a discutir teorias de que ele nem sequer ouvira falar? E ainda por cima sem levantar a voz, pacientemente, como um professor ou um padre que explica algo a uma criança.

– Devias ler o Fanon. Infelizmente não te posso emprestar. Imagina que o fizesse, mesmo sem a direção do lar o saber, e que o livro fosse apanhado e descoberta a sua origem. Ia criar problemas tremendos à Igreja. Mesmo sem isso já somos acusados de fomentar o "terrorismo" e estão a perseguir protestantes no Bié, no Huambo, em Benguela, apenas porque são protestantes. Tenho pena, porque precisavas de o ler. Muitas das tuas utopias iam cair por terra.

– Tu não acreditas mesmo que possamos viver todos juntos em Angola um dia, sem injustiças nem desigualdades?

– Com os brancos e mulatos não. Eles tenderão sempre a dominar-nos.

– No entanto, os missionários que te formaram e ajudaram são brancos.

– Americanos ou brasileiros, não portugueses. E muito menos portugueses nascidos em Angola, que se sentem com direitos sobre a terra por lá terem sido gerados. Esses são os piores, mesmo se tiveram uma mãe ou uma avó negra. Mãe ou avó que era apenas uma serviçal do branco. Esses transportam em si a supremacia da parte branca sobre a negra, vem desde a nascença.

– Tinham que matar o pai para libertar a mãe.

– É isso mesmo.

Vítor tinha dito a frase com uma certa ironia, mas Elias não notou ou nem se preocupou com isso. Em conversas anteriores, tinha apreciado a maneira profunda como o protestante tratava os problemas. Havia nele algo de amistoso, que cativava à primeira vista. Antes dos acontecimentos de Angola. Permanecia o mesmo, sempre afável, mas agora a barreira criara-se entre os dois, daquelas barreiras de que é impossível delimitar os contornos. Sem mais nada para dizer, voltou a insistir:

– Podias ir ao baile. Sempre é bom conversar com malta da terra.

– O baile é um pretexto fútil. Conversar não recuso, estou sempre pronto. Mas não em bailes nem naquela Casa. Quem quiser falar que venha aqui, podes dar-lhes o endereço. Compreende-me bem, Vítor. Individualmente sou incapaz de fazer mal a uma pessoa, todos os seres humanos me merecem o maior respeito. Mas estamos a tratar dum povo inteiro, aí não há lugar para sentimentalismos.

– Eu tenho amigos mulatos que são tão nacionalistas como eu. Até um ou outro branco, que

me têm ajudado a compreender as coisas.
– E que neste momento devem estar a preparar-se para irem defender os pais e as propriedades.
– Nem todos. Haverá alguns, claro.
– Admitamos que haja alguns justos. Não justificam que se altere a estratégia, a única vitoriosa. Esses ficarão como as grandes vítimas, não nossas, mas da colonização. Não fomos nós que chamámos os pais deles para lá. Não é nossa responsabilidade, por que perder tempo a pensar nisso?
– Um povo nunca perdoa massacres, mesmo se feitos em nome da liberdade.
– A História me ensina que os povos têm a memória curta. Uma geração é sacrificada, mas a seguinte integrou-se e pronto. Todos os poderes se constituem com base na violência, nalgum momento. Depois de passada a necessária fase da violência, então pode-se ser democrata. E o povo orgulha-se das suas liberdades. Mas só depois de ter adquirido uma personalidade livre, autónoma.
Vítor sentia necessidade de ir embora. Não esperou mais tempo. Despediu-se de Elias, que o fitava ironicamente da ombreira da porta da rua. O protestante levantou o braço e disse afavelmente:
– Tens de abandonar os sentimentalismos, Vítor.
Caminhou até à estação de comboio sem olhar para trás. Aproveitava o dia livre a andar um pouco pelas praias? Já havia banhistas, apesar de a água do mar ser gelada para um africano. Desviou-se da estação e foi até à praia. O ar estava quente, um verão antecipado. Mas as ondas que chocavam contra as rochas davam-lhe uma sensação glacial. Como as palavras de Elias a contrastarem com o calor dos olhos míopes. Nunca pensara que um umbundo como ele podia apoiar a UPA, a qual massacrava os "bailundos", como eram chamados todos os contratados do Planalto Central que iam trabalhar no Norte. Elias não seria o único. Os outros companheiros do lar pensavam certamente da mesma maneira. Pelo menos tinham a mesma atitude de distância em relação à Casa, agora entendia por quê. Sentou-se na areia, olhando o mar esmagando-se nos rochedos.
Muito tempo ficou ali, gozando o sol, a contemplar o mar que lhe parecia sempre hostil, pois nascera no interior do Huambo. Ecos antigos da família faziam associar o mar à morte. Ecos vindos dos tempos das caravanas de escravos que no mar encontravam o porto para o degredo nas plantações ou minas do Brasil. Ou mais recentemente, para os trabalhos forçados em São Tomé. A família não tinha sido tocada, mas reproduzia esses ecos longínquos que se gravaram na sua memória. Ou, quem sabe, também tinha tido os seus membros desgarrados que faziam o trabalho sujo de ir ao interior capturar escravos para os integrar nas caravanas. Muita gente viveu disso, e não foram só os portugueses. O seu pai era do Golungo, no Norte, e tinha podido estudar enfermagem. Privilégio vindo de famílias escravocratas? E a família da mãe, do Huambo, da linha direta dos chefes? Se os havia, eram segredos bem escondidos.
Notou ao fundo da praia uma mulher escura, deitada na areia. Havia pouca gente entre eles, mas a distância não o deixava ver bem. Levantou-se e caminhou para a mulher. Sentou-se a três metros dela. Parecia dormir. Viu que se tratava duma mulata e o corpo deitado

parecia escultural. Ela acabou por se virar e olhar para ele. Vítor sentiu o peito explodir, tal a beleza da jovem. Não a conhecia, parecia nunca a ter visto. Ela mirou-o intensamente, à procura talvez de alguma lembrança. Depois desinteressou-se e olhou o mar, agora sentada. Mas Vítor sentia-se impelido por uma força qualquer que o levava a ultrapassar a timidez. Não tinha nada a perder. Desculpa, mas não és de Angola?

Ela olhou-o de novo, com certa curiosidade. Fez o sim com a cabeça. Vítor aproveitou e encurtou a distância na areia.

– Sou do Huambo – disse ele.

– E eu do Lubango.

– Estudei lá o fim do liceu. Bela terra. Vim de lá há três anos, estudo Veterinária. E tu? Não me lembro de ti.

Ela riu e mostrou uns dentes muito brancos e uniformes. Toda ela era linda, a mulher mais bonita que Vítor já vira, disso tinha a certeza. O fato de banho deixava perceber as formas perfeitas, adolescentes. A cor era escura e, no entanto, os cabelos negros eram quase lisos. Efeitos da mestiçagem. Os olhos eram outro mistério, pois por vezes eram castanhos claros, por vezes pareciam verdes, conforme o sol neles se refletia. Vítor esqueceu Elias e a sua conversa inquietante. Que se lixassem todos os racistas do mundo, perante aquela jovem até um neonazi se rendia à evidência da superioridade das misturas.

– Vim o ano passado estudar Enfermagem. E agora lembro-me de ti. Eras mais velho, por isso nem reparaste em mim. Não andavas atrás da Esmeralda?

Vítor fez uma careta involuntária. Recordava-lhe cenas tristes. A sua paixão pela Esmeralda, uma colega branca de Moçâmedes que jogava basquetebol, e que nunca lhe passou cartão. Paixão por muitos gozada, por não ser correspondida. Racismo? Provável. O certo é que ele nunca tivera coragem de se declarar diretamente, mas Esmeralda sabia e os colegas também. O Lubango era como o Huambo, negro que olhasse para uma branca era notado. Podia não acontecer mais que isso, mas pelo menos era motivo de chacota escondida. Tinha havido mesmo um primo de Esmeralda que o procurou para lhe dizer, tu andas a brincar com o fogo, toda a gente sabe que não tiras os olhos da minha prima, vê lá. Ele apercebeu-se então que a sua paixão era pública. E certamente impossível. A partida para Portugal foi uma libertação, pois ao menos ia esquecer a basquetebolista. E agora vinha esta beleza lembrar-lhe as suas frustrações, as suas humilhações.

– Más recordações, coisas de miúdo. Mas vejo que tens boa memória.

– Oh, também não foi há tanto tempo assim. E era um caso muito comentado.

– Imagino.

– Eu era miúda, dos primeiros anos do liceu. E ficava com as colegas na varanda do primeiro andar a olhar para baixo. Vocês, os rapazes, ficavam no meio do pátio, onde havia os bambus, durante o intervalo, a fumar e a conversar. E tu sem tirar os olhos da Esmeralda, que ficava na varanda do rés-do-chão, no canto, ao pé dos laboratórios. Não era?

– Devia ser – disse ele, incomodado.

– Todas nós sabíamos que ela fazia de propósito. Punha-se ali para que a admirasses, rodopiava, chamava a atenção. E as amigas dela riam, porque tu bebias cada um dos seus gestos.

Ele ficou calado. Olhou o mar. De repente descobria que as suas atitudes mais íntimas tinham brilhado ao sol. Os raios de sol sempre descobrem as faces escondidas do diamante, mesmo se enterrado na areia. É só preciso saber ver. E os homens têm a maldade suficiente para ver. Fizera durante dois anos uma figura ridícula, quando julgara ser um platónico discreto.

– Hoje penso que ela então já mostrava a sua verdadeira natureza. Deu no que deu.

– Nunca mais soube dela – disse Vítor.

– Meteu-se com um homem casado, um professor do liceu, deu uma bronca dos diabos. Depois arranjou outro. E outro. Hoje está num cabaré do Lobito. Mais ou menos prostituta. Como vês, já na época era uma tipa...

Ela procurava a palavra justa, mas não precisava, Vítor entendia. Não lhe servia de lenitivo saber que Esmeralda se degradara a esse ponto. Nunca desejou qualquer vingança, apenas esquecer. E hoje para ele era igual, fosse Esmeralda princesa ou puta, dava tudo no mesmo. A sociedade continuava a ser racista, a achar ridículo o amor dum negro por uma branca. E se um dia se cruzassem, ele um tipo famoso e com poder, ela uma puta de canto de rua, Esmeralda ainda lhe diria, tu bebias da minha mão, fazia de ti o que queria, seu negro. Podia ir para a cama com ele, mas pelo seu dinheiro ou o seu poder. Sim, esta jovem tinha razão. Esmeralda não prestava. E a sociedade também não. Mas como te chamas?

– Fernanda.

– Já foste à água?

– Nem brincar. Vim só apanhar sol. Mas vou provar com o pé. O pé vai ficar a doer, já sei, mas tenho de o fazer.

Fernanda levantou-se e foi até à borda da água. Vítor não se enganara ao vê-la deitada, tinha um corpo perfeito. Ela pisou a areia molhada, veio logo aos saltinhos. Sentou-se na toalha a rir.

– Não te dizia? Nunca hei de entrar aqui no mar. Nem no máximo do verão.

– Eu também nunca entrei. Aliás, não sou muito tipo de praia. Para ser sincero, nunca, mesmo nunca, tomei banho no mar. Em Angola vivi sempre no interior e aqui é a primeira vez que estou numa praia.

– Sabes ao menos nadar?

– Não me afogo. Aprendi no rio. Mas muito mal.

Ela riu. O riso era um poente nas montanhas do Huambo, depois da chuva, quando todos os arcos-íris se confundiam nos rosa-violetas e azuis das nuvens, rasando as pedras negras no alto dos morros verdes. Ou então era água cristalina caindo do alto da Unguéria com os sons estranhos do deserto castanho-lilás do Namibe. Oh, nem tento definir o riso dela, deixo para o Horácio.

– Eu adoro nadar. Aprendi na piscina da Senhora do Monte, nas férias ia à praia a Moçâmedes ou a Benguela. Mas aqui, já percebi, só numa piscina.

Conversavam e o tempo passava. Ele não tinha nada urgente a fazer, já desistira de se apresentar aos exames. Ia chumbar mais uma vez, mas os estudos ou a carreira apareciam-lhe tão distantes, tão secundários, que já nem remorsos sentia por gastar inutilmente o dinheiro do pai, fazendo sacrifícios para lhe enviar a mensalidade. Queria fazer parar o tempo, como

na canção brasileira que marcara os bailes da sua infância. Até o mar tinha perdido o aspecto hostil, ronronava de encontro às rochas, atirando espuma para o ar. Gozava uma paz há muito perdida. Como quando era criança e ia ao rio com os amigos, na Kahala, e esqueciam o mundo e a família para só pensar na alegria de brincar. A vida tinha enterrado essa sensação de liberdade. A presença de Fernanda fê-la renascer.

Mas tudo tem um tempo e foi ela quem o notou, tenho de ir embora. A frase trouxe a glacialidade do mar e os tormentos da vida. Inútil dizer fica mais um momento, inútil querer agarrar o tempo com as mãos. Ela vestia-se já. Vítor lutou pela última esperança:

– Vais para Lisboa? Podemos apanhar o comboio juntos. Ela concordou e foram lentamente para a estação, sempre conversando sobre as banalidades que os podiam unir. Ela morava num lar de madres. Vítor foi adiando a despedida o mais que pôde, até a acompanhar à entrada do lar. Já não havia mais nada para evitar a separação e ele propôs-lhe:

– No sábado há um baile na Casa dos Estudantes. Gostava de te convidar.

– Mas essa Casa tem má fama. Tu és sócio?

– Sou sócio, claro. É lá onde se juntam todos os estudantes africanos. Não sei por que tem má fama.

– São todos uns comunistas, é o que dizem.

– Disparate! As madres é que dizem?

– Não só. As minhas amigas também. E recebi uma carta do meu pai a prevenir-me para nunca lá pôr os pés, fazem política contra o governo. E eu cá nem percebo nem quero perceber de política.

Vítor sentiu vir à tona o seu sentimento nacionalista. Durante toda a tarde que estiveram juntos, ele evitara entrar nesses assuntos, porque percebera por uma frase ou outra que Fernanda ainda estava crua em termos de consciência política. Queria apenas fazer o curso de Enfermagem e vivia num universo que não lhe facilitava a aprendizagem de outras coisas. Com as madres ainda por cima. Mas agora tudo se juntava, o interesse coletivo e o seu interesse pessoal.

– A Casa é uma associação que torna a vida mais fácil aos estudantes das províncias africanas – evitou o termo colónia para não a chocar. – Temos uma cantina onde se come mais barato que em qualquer outro sítio. E um posto médico. E há muitas atividades culturais e de recreio. Isso é mau?

– Se fosse só isso! Dizem que é uma capa para outras coisas.

– Vem à Casa, vais conhecer as pessoas, vais ver o ambiente. E por ti mesma descobrirás que te andam a enganar, afastando-te dela.

– Já passa da hora, tenho de entrar.

– Vens ao baile?

– Telefona-me antes. Não estou nada convencida e sou uma filha obediente. Além disso, as madres só raramente autorizam saídas de fim de semana. E nunca para ir a um baile, é evidente.

– Mas então encontramo-nos amanhã ou depois. Conversamos com calma e arranjamos uma maneira.

– Está bem. Espera-me amanhã às quatro da tarde à saída da escola.

Lançou-lhe o sorriso mais luminoso que nele algum dia poisara e entrou no lar. Vítor ainda ficou instantes parado, gozando a saudade do sorriso dela.

Encontraram-se no dia seguinte e no outro. Vítor avançava com muito cuidado nos assuntos melindrosos e concordava com ela ao condenar a violência no Norte, mas sem entrar em detalhes. O pai dela, colono que fora da Madeira para o Lubango fazer agricultura, conseguira uma situação estável. Casou com uma negra, casamento mesmo pela Igreja, raro na zona. Tinham quatro filhos e todos estudavam. Fernanda, a mais velha, veio para Lisboa, os outros seguiriam. Embora no Lubango não tivesse havido nada do que se passava no Norte, o pai estava aterrorizado. Medo de perder a vida ou a chitaca? As duas coisas certamente. As cartas mostravam um pessimismo que a assustava. Vítor ouvia, com a felicidade de tudo saber sobre ela, e cautelosamente procurava mostrar-lhe que a sociedade estava doente. Insistia no racismo existente no Lubango e nisso ela concordava, também o tinha sentido por causa da mãe negra. Mas Vítor entrava nesses assuntos com todo o cuidado, não fosse perdê-la por ser rotulado de comunista, o pior de todos os males, só comparável a ter feito um pacto com o Diabo em pessoa, o próprio Belzebu que aterrorizava os sonhos infantis de Fernanda.

Ao fim dos dois encontros, ela tinha vontade de ir ao baile. No fundo, estava cortada de todo o ambiente em que crescera. No lar só havia outra africana, da Guiné, mas era muito fechada e não tinham criado verdadeira amizade. Queria ver pessoas da terra, dançar os rítimos de Angola, do Brasil ou das Caraíbas, que lhe estavam no sangue. Mas era impossível. As madres nunca iam deixar. Só se alguém acima de qualquer suspeita fosse falar com elas e pedir para passar o fim de semana em casa respeitável.

Vítor despediu-se dela com a promessa de se voltarem a encontrar à saída da escola, sempre que quisesse. Mas o baile era impossível. Ele devia descobrir uma solução e só tinha dois dias. Mas como? Quem conhecia capaz de se apresentar nas madres com ar suficientemente respeitável aos olhos delas para as convencer a deixar Fernanda passar um fim de semana em sua casa? Por vezes elas iam ao cinema sábado. Mas no máximo até à meia-noite. Era nessa altura que a festa começava a sério. Por isso teria de ser um pedido forte, para dormir fora, com todas as garantias de decoro. Era evidente, não conhecia ninguém capaz de convencer as madres. Havia o Dr. Arménio, mas Vítor não tinha suficiente confiança com ele para lhe fazer tal pedido. Nem pensar.

Foi ao entrar no salão de estar da Casa e ao ver Sara no sofá com Laurindo que a ideia lhe veio. Sara era pessoa respeitável, médica, branca ainda por cima. Capaz dum favor a um amigo. Logo afastou a ideia. Com que cara ia pedir isso a Sara, ainda por cima agora que o Malongo a rejeitava? Sentou-se junto deles a um gesto do Laurindo. Conversavam tranquilamente sobre cinema, mas o problema dele não o deixava participar, só ouvia. Se a Sara estivesse em bons termos com Malongo tudo seria mais fácil. Mas podia ter transferido para ele o ressentimento que devia sentir pelo Malongo. Vítor aliás sentia alguma culpa no que se passava entre os dois, já prevenira Malongo que não estava a proceder bem, sempre a arranjar outras mulheres. Mas o amigo não ligava, dizia que a Sara era esposa e as outras amantes. E que não viessem com coisas, não havia angolano sem amantes, fazia parte da identidade nacional. Nesses assuntos, Malongo dava sempre uma de filósofo. Só que desta

vez a coisa tinha ido longe demais e eles quase nem se falavam. Era sério, porque Malongo não queria tocar no assunto. A maka era a Denise ou outra? Malongo fechava a cara, não respondia.

Laurindo foi chamado abaixo e ficaram os dois sós. Tinham de conversar e ele só respondia por monossílabos às perguntas dela. Sobre os estudos, notícias da família, coisas assim. Fez um esforço para ser mais expansivo, pois Sara podia pensar que ele se fechava por causa do Malongo e ia ficar chocada.

– Estou cheio de problemas.

Desabafou involuntariamente, apenas para se desculpar pela sua pouca comunicabilidade. Mas logo a seguir se apercebeu que tinha entrado num caminho do qual podia ser difícil sair. Ela pegou logo, que se passa? Ele sorriu. Timidamente. Tristemente. Sara fez cara preocupada, é tão grave assim? Ele tinha de reconhecer que não era grave. Se lhe dissesse a verdade, mais uma vez ia fazer figura ridícula por causa dum amor. Não, que se lixe. Ela era mulher, compreendia como ninguém. De repente, esqueceu a triste experiência com Esmeralda, e frustrações posteriores que sempre escondera de todos. Precisava de se abrir e confiar.

– Estou apaixonado. Já sei, vais rir. Mas não é caso para rir.

– Rir porque estás apaixonado? Isso alguma vez foi caso para rir?

– É que posso parecer ridículo. Já fui várias vezes ridículo.

– Para os que não sabem o que é o amor, uma pessoa apaixonada pode parecer ridícula. Também muitas vezes me pergunto se não pareço ridícula.

Como por um golpe de magia, Sara tinha-o posto à vontade. Claro, ela não podia senão compreendê-lo, também tinha problemas do género. Vítor sentiu um reconhecimento muito grande pela médica, mesmo se ela não o podia ajudar.

– Chama-se Fernanda e é do Lubango. A coisa mais linda que já vi. Ainda não namoramos, não tive coragem. Mas queria convidá-la ao baile, talvez então as coisas andem. Mas vive num lar de madres e claro, não a autorizam. Ainda por cima na Casa, que tem péssima reputação naquele meio. Só se alguém respeitável lhes fosse pedir para passar a noite de sábado em sua casa. Alguém que se apresentasse como uma antiga amiga da família. Não tenho ninguém que o faça. Ao ver-te com o Laurindo, lembrei-me de ti. Mas vejo que é pedir-te demais.

Sara riu, não de gozo, mas de compreensão, é então esse o grande problema? Bateu-lhe afetuosamente na mão.

– É mesmo sério esse sentimento ou é só para gozar?

– Se fosse só para gozar, desligava a pilha e pronto. Além do interesse pessoal, há também o resto. Precisa de ser politizada, tem a cabeça cheia de teias de aranha.

– Que idade tem ela?

– Dezoito anos.

Sara olhava para ele, sorridente. Vítor tentava adivinhar o que se passava na cabeça dela. Devia estar a ver os dois lados do problema, portanto havia uma esperança.

– Achas que as madres me reconhecem um ar respeitável, como disseste?

– Oh, sim. Médica. Estudaste no Lubango, podias muito bem ter conhecido a família dela

daí. E agora descobriste que ela está cá. Gostavas de a levar ao cinema e conversar, mas depois fica tarde para ela voltar para o lar. Que levas a Fernanda domingo de manhã sem falta, para a missa das dez. Tens uma maneira de ser e de te apresentar que dá confiança, elas vão aceitar.

Evitou falar na cor dela, havia coisas que não se diziam senão em última necessidade, por uma questão de pudor. E era desnecessário, Sara compreendia.

– Olha, Vítor, eu alinho. Numa condição. Eu também venho ao baile. Estava hesitante, mas agora decido vir com a minha amiga Fernanda. E vais comportar-te decentemente com ela. Imagino o estilo, miúda muito nova de lar de madres, inocente, sem defesas. Danças e falas com ela o que quiseres, não tenho nada com isso. Mas sem grandes farfalhos nem empernanços...

– Francamente, Sara!

– Oh, eu conheço-vos, não perdem tempo. Ela e eu vamos para minha casa às seis da manhã. Sozinhas. Depois levo-a ao lar. Mais. Se possível, peço para só a levar à tarde, assim podemos dormir alguma coisa. Se as madres exigirem que ela esteja na missa das dez, muito bem, não dormimos, ela irá a essa hora. Agora tens de me prometer que aceitas estas condições e te vais portar bem com ela.

– Queres que jure?

– Não é preciso.

– Quando a vires, vais ver por que eu estou assim. É a sério. Sara, posso beijar-te as mãos? És uma santa.

– Apenas uma amiga. E guarda os beijos para as mãos da Fernanda.

Malongo entrou na sala, viu os dois no sofá, fez ar de enfado e saiu. Ia certamente jantar. Vítor ficou incomodado, evitou olhar para Sara. Ela sim, ela tinha um problema. E ele ajudava? Nada, era um egoísta. Mas também ajudar como? Seria ajudar contar toda a verdade sobre Malongo e Denise? Quem se mete em makas de casal só estraga ainda mais. A Denise foi ontem embora e portanto as coisas podem resolver-se por si sós. Egoísmo? Talvez. Mas ela também não lhe pedia ajuda, nem tocava no assunto.

– Vens jantar comigo, Sara?

– Não, não. Já ia sair.

Combinaram encontrar-se no dia seguinte com Fernanda, para as duas se conhecerem e acertarem o que dizer às madres. E Sara saiu, sem passar pela cantina, onde estaria certamente Malongo. Vítor ficou ainda sentado no sofá, tentando pôr ordem nas ideias, olhando distraidamente dois colegas a jogarem pingue-pongue. A euforia apossava-se dele, mau grado o desejo de a controlar.

9

Fernanda era de facto uma linda mulher. Compreendia a forte paixão de Vítor, embora temesse que a atração fosse apenas causada pela beleza física da rapariga. Mas quando a conheceu, apercebeu-se de outras coisas. Com muitas teias de aranha na cabeça, como dissera Vítor, mas que podiam ser varridas com uma certa dose de paciência. Estaria ele à altura? Devia confiar.

Estavam os três no seu quarto, comendo. Há muito não tinha convidados e fizera questão de preparar um jantar especial, digno da ocasião. Afinal, era a primeira vez que Fernanda e Vítor comiam juntos. A conversa com as madres foi mais fácil que julgara. Para isso vestiu-se com o melhor vestido que tinha, sóbrio mas de bom gosto. E adotou uma compostura de médica, responsável. Primeiro a diretora do lar queria ver Fernanda chegar à meia-noite. Sara não negou, mostrou apenas que isso lhe complicava a vida. No entanto, se não havia alternativa... Acabou por ter ganho de causa, mas no domingo às nove tinham de se apresentar na porta. Foi ela própria buscar Fernanda sábado às quatro da tarde e ficaram juntas até aparecer Vítor. Deu tempo para conversarem, começando obviamente pelos estudos e o Lubango. Pouco a pouco. Sara apercebia-se que a outra era sensível aos aspectos sociais. Falou-lhe de medicina preventiva, do carácter social da profissão das duas (afinal Fernanda não estudava Enfermagem?) e a jovem concordou facilmente com as suas ideias. Era só questão de tempo para aquela cabecinha bonita funcionar a pleno.

Jantavam, pois, quando tocou o telefone no corredor e a senhoria bateu na porta de ligação. Sara foi atender e era Marta, dizendo que o seu amigo queria vê-la. A médica teve de fazer rapidamente as contas. Não podia deixar os dois sozinhos no quarto, iam sentir-se constrangidos e talvez até Fernanda pensasse ser uma combina indecente. Marcou o encontro para depois das dez, Marta disse tens até à meia-noite.

Vítor comportava-se em perfeito cavalheiro, embevecido, suspenso das palavras e dos olhares de Fernanda. Esta, mais reservada, não escondia certo interesse por ele. Era bonito observar o par, procurando-se, aproximando-se muito delicadamente. Jogo eterno, mas sempre novo, pensou Sara. E foram as duas lavar a louça. Saíram por volta das dez, rumo à Casa. Já havia muita gente a entrar e de baixo ouvia-se a música alta. Ela deixou-os subir,

disse não vou demorar muito, e foi apanhar um táxi.

Marta não estava, tinha ido ao cinema para os deixar conversar à vontade. Aníbal não esperou que ela se sentasse, foi logo dizendo:

– A partida é para esta madrugada. Como pediste para falar comigo antes de eu ir, pedi à Marta para te telefonar logo que fui avisado da data. E antes de mais, mesmo se não pedisses, ia fazê-lo. Foste uma amiga e uma camarada, tinha de te agradecer.

– Não era preciso. Sim, queria falar contigo. Estou um pouco baralhada. Sinto-me marginalizada dos amigos e francamente não sei a quem pedir opinião. Primeiro achava que devia ir logo para a terra, depois de acabar o curso. Neste momento não me sinto capaz de viver naquela sociedade colonial, cheia de racismos. Os outros movimentam-se, noto que discutem, mas nada me dizem. Queria alinhar num projeto coletivo e não ter de decidir individualmente sobre a minha vida. Percebes o que quero dizer? Não preciso de desertar, porque não me chamam para a tropa. Mas no fundo é quase a mesma decisão que tenho de tomar.

– Entendo perfeitamente. E se não houvesse hoje barreiras criadas por alguns, tu estarias ao corrente e também entenderias. O Movimento lá de fora está a chamar os estudantes. Precisam de quadros para a luta. Apesar de eu estar cortado do mundo há duas semanas, sei disso. E estou de certa maneira a tratar esse assunto. Não me perguntes como, mas há sempre meios. Ora bem, precisamos de todos. Precisamos de ti como médica.

– Ainda não o sou.

– Tens o diploma daqui a pouco. E se não tiveres o diploma, pouco importa, tens a ciência e é isso que conta. Tens de pensar numa coisa, Sara. Sair de Portugal e integrar as fileiras da luta. Não tens escolha. Ias toda a vida culpar-te de não o ter feito.

– Foste mais claro sobre aquilo que eu desejaria fazer do que eu própria. No entanto há problemas...

– O Malongo? A criança?

– O Malongo tornou-se um problema secundário. A criança é coisa mais séria, evidentemente. Mas não só. Que garantias tenho que vou servir para alguma coisa? Se já aqui me estão a pôr na prateleira, lá fora não será ainda pior?

– É um risco. E tenho a obrigação de ser absolutamente sério contigo. Não te posso garantir nada. O racismo dum lado provocou o racismo do outro. Hoje o branco nacionalista é olhado com desconfiança pelos nacionalistas negros. A cor a contar mais que as ideias, que os comportamentos. É triste mas é uma realidade. Pode durar ou ser ultrapassada rapidamente. Quem pode adivinhar?

Ficaram a olhar-se. Sara pensava, talvez nunca mais visse o amigo. Para já, a travessia de duas fronteiras era arriscada. E depois, que reservava uma vida de luta para cada um? Sempre seriam amigos, isso sabia. Mas voltariam a poder encontrar-se? Aníbal continuou:

– Não tenho muitas informações sobre pontos específicos. Mas creio compreender que o Movimento quer a colaboração de todos os angolanos, por angolano entendendo-se todos os que querem participar na luta pela criação dum país independente. Mas será a minha interpretação subjetiva, aquilo que eu desejo entender? Pode ser afinal que o Movimento não veja as coisas assim. De qualquer modo posso garantir-te que, se chegar ao contacto com

eles, é por isso que me vou bater. Mas não te prometo vencer essa luta, não conheço as condições.

– Se o Movimento não tem essa tua visão, então também não é o meu. E que farei lá? Trabalhar num hospital dum país estrangeiro? Até quando? Porque depois não posso voltar aqui.

– Podes sempre voltar. Podes pedir um passaporte e ir legalmente. Vais festejar com uma viagem o fim do teu curso. Que melhor pretexto? E depois ficas lá, se sentires que vale a pena. Ou voltas.

– Tenho ficha na PIDE. Se não me derem o passaporte?

– Aí sim, encaras outra possibilidade. Confidencialmente, mas mesmo muito secretamente, vou te dizer. Vou lá ajudar a preparar a fuga da malta que está aqui e não tem hipótese de arranjar passaporte. Isso ainda vai durar. Se pedires agora o passaporte, daqui a um mês já sabes se podes ir legalmente ou não. Se não deixarem, então aproveitas a outra via.

– Vou pensar nisso. Não. Vou fazer isso. Não tenho alternativa.

Ele sorriu. Olhou-a com estima. Aníbal tinha lágrimas nos olhos? Não, devia ser ilusão provocada pela sua miopia. Mas havia mais coisas a perguntar, não tinha tempo para se preocupar agora com esses detalhes sentimentais.

– Se eu for, como depois contactar as pessoas, a organização? Não vou pôr anúncio no jornal.

– És capaz de memorizar um endereço de Paris, sem nunca o escrever e sem o repetir a ninguém, mas mesmo a ninguém?

– Claro. Esqueces que decorei o calhamaço inteiro de Anatomia?

– Eu sou historiador e nunca fui capaz de decorar datas. Então ouve bem.

Soletrou o endereço e ela repetiu. Tinha a certeza, nunca o ia esquecer. Sonharia com ele, se fosse preciso.

– E se não puder ir legalmente? A malta daqui vai pôr-me ao corrente?

– Lutarei por isso, prometo. E logo que chegar a Paris, escrevo-te um postal assinado Joaquim. Saberás que cheguei bem.

A entrevista estava no fim. Havia tantas coisas a dizer e a ouvir. Mas devia partir. Aníbal tinha de descansar ou preparar a viagem. Podia ser um disparate, mas ela sentia que não devia ficar mais tempo. Talvez porque aquela estranha vontade de o abraçar, de se despedir para sempre doutra maneira, não só como amiga, estava a apossar-se dela. Tudo podia acontecer entre eles naquele momento e isso dava-lhe medo. O medo do depois.

– Precisas de alguma coisa? – disse, tentando ser fria.

– Não, está tudo pronto.

– Eu vou. Há baile na Casa.

Abraçaram-se em silêncio. Já não havia lugar para as palavras. Ela saiu rapidamente, com a sensação que muito tempo ia passar sem voltar a encontrar Aníbal. Talvez toda a vida.

Andou a pé, assegurando-se que não era seguida. Depois apanhou um táxi em direção à Casa. Só ia ao baile por causa de Vítor e Fernanda, embora não precisassem dela para nada. Mas tinha prometido fazer o papel chato de dama de companhia. Antes, a perspectiva dum baile na Casa sempre a excitava. Outros tempos. Teria de ver Malongo desprezá-la,

dançando com outras, fazendo de galo orgulhoso. Ele não perderia a ocasião. E o raio do tipo era bom bailarino, sobretudo nos merengues. Quando namoravam, ele dizia merengue não danço contigo, não mexes o suficiente, vou buscar uma patrícia. Ela não se importava, preferia ficar a vê-lo dar espetáculo, e que espetáculo! Suava em bica mas não parava. Os outros pares é que muitas vezes paravam para o observar. Hoje, já imaginava, Malongo daria um espetáculo ainda maior, apenas para a provocar. Vês, não preciso de ti, diria cada uma das suas massembas. Entrou no baile como na forca.

O ambiente estava animado, mas não tinha ainda chegado ao rubro. Isso só depois da meia-noite. Havia talvez uma centena de pessoas no salão, metade dançava. Foi passando pelos grupos encostados às paredes ou nas varandas, cumprimentando. Amigos antigos, que não via há muito tempo, outros que vinham de Coimbra ou do Porto. O baile era o pretexto para as pessoas se encontrarem, refazerem as amizades. No entanto, havia grupos mais fechados e as diferentes fraturas, nacionais ou raciais, começavam a ser evidentes. Vítor dançava com Fernanda. Quando a música parou, foi ter com eles. Viu então Malongo, sentado numa cadeira. Geralmente só as mulheres se sentavam, os homens ficavam sempre de pé, a dançar ou a conversar. Malongo estava sozinho, o que era estranho.

– Ainda bem que já vieste – disse Fernanda. – Este ambiente é uma loucura. E eu não queria vir...

Convidaram Fernanda para dançar e ela interrompeu a conversa. Vítor disse:

– É sempre isto desde que chegámos. Não a largam, todos em cima.

– Ainda agora estavas a dançar com ela, que eu vi.

– Queria dançar todas as músicas com ela. Devia ter posto um letreiro, propriedade privada, quem se aproximar é homem morto.

Sara apertou-lhe o braço, cuidado com essas ideias reacionárias de propriedade sobre as mulheres, é assim que se começa. Ele riu. Disse que Fernanda estava a gostar da festa e isso é que era importante. Até já tinha descoberto amigos que não via desde a terra.

Malongo levantou-se e foi ter com eles. Convidou Sara. Aceitou, surpresa. Era um bolero e dançaram algum tempo calados. A dado momento ele disse continuas com os teus segredos?

– Já te expliquei mil vezes. Aconteceu uma coisa que não te podia contar no momento. E ainda não posso. Mas que não tem nada a ver com nós os dois.

Ele não disse mais nada. Terminada a música, levou-a ao lugar. Agradeceu gentilmente e ficou ali ao lado, mas em silêncio. Fernanda não parava de gabar a festa e de cumprimentar pessoas. Já um grupo se preparava para a vir buscar, mas Vítor antecipou-se, a próxima é comigo. Fernanda riu e olhou Sara, que lhe piscou um olho. Mal soou o primeiro acorde, Vítor enlaçou-a.

– O Vítor tem um grande combate a travar – disse Malongo. – Toda a malta quer dançar com ela. Ele está completamente maluco, nunca o vi assim.

Horácio, o poeta, juntou-se a eles. Mas já vinha a falar antes, nada preocupado que o som alto da música cobrisse as suas palavras.

– ... o que não deixa de representar a vitalidade de uma cultura intrínseca. O facto é que se consideram as influências como uma desvantagem, quando afinal...

Sara não ouviu mais porque Malongo a puxou para dançar. Horácio continuava o discurso, agora para o grupo do lado. Não faltava a um baile, mas para beber cerveja e falar, a maior parte das vezes para o fumo que nublava a atmosfera. Malongo dançou o resto da música sem falar. E depois pôs-se ao lado dela, sempre em silêncio. Sara estava perturbada. Era evidente que ele procurava as pazes e talvez não soubesse como fazer mantendo a dignidade. Mas havia mais do que isso, estava realmente triste. Vítor não sabia de nada, ou parecia não se importar, todo entregue à guerra total que consistia em conservar o contacto permanente com Fernanda. Quem poderia esclarecê-la? Sim, estava ali Arsénio, colega dele no Benfica. Se o assunto fosse futebol, Arsénio podia estar ao corrente. Inútil perguntar a Malongo, ia negar, estou mesmo porreiro, nunca estive tão fino... Era altura de se preocupar um pouco com Malongo e com ela própria, decidiu Sara.

Pediu desculpa, esperem só um momento, e foi ter com Arsénio, que estava num grupo mas se afastou imediatamente com ela para uma das varandas.

– Desculpa puxar-te assim, mas precisava – disse ela. – Trata-se do Malongo. Podes explicar-me com toda a franqueza se ele tem algum problema no Benfica? Juro-te que não digo nada a ninguém, nem a ele, se for caso disso.

– Oh, não há segredo. O problema é que não tenho a certeza. Mas estou convencido que o Benfica está prestes a dispensá-lo.

– Dispensá-lo? Pô-lo na rua?

– Mais ou menos. Pode emprestá-lo a outro clube, por exemplo da segunda divisão. Tem um salário muito menor, talvez nada. Ou pode mesmo pô-lo na rua.

– Mas afinal o que se passou?

Arsénio olhou para o outro lado, onde estava Malongo de pé junto de Vítor. Sara também tinha notado, Malongo não tirava os olhos deles, imaginava com certeza que falavam sobre ele.

– Estou a fazer especulações. Sara, não sei se o clube o vai dispensar. O que sei e é verdade, é que o Malongo deixou fugir a oportunidade da vida dele. Devia fazer mais um treino na equipa principal e ia jogar no domingo seguinte, ia mesmo. Apareceu nesse treino decisivo como se tivesse passado a noite num cabaré, não conseguia dominar uma bola, estava estoirado. O que queres que um treinador faça? Agora nem com as reservas alinha. Faz ginástica e pronto, o treinador esquece-o. Isso significa que tem os dias contados no Benfica. Eu avisei-o, avisei-o. Por isso estou à vontade, se ele perguntar podes dizer-lhe que fui eu mesmo que falei. Um jogador de futebol não pode andar em farras.

– Até estou admirada por tu estares aqui.

– Porque não te interessas pelo futebol. Senão sabias que amanhã não há jogos do campeonato. Por isso vim. Mas a minha mulher está aí atenta e às duas da manhã arrasta-me para a cama. Era isso que devias ter feito com o Malongo, pô-lo na linha...

E esta? Agora era acusada de soltar demasiado a rédea. Como se existisse sequer rédea para ele.

– Esqueces que não sou mulher dele, Arsénio.

– Para mim é como se fosses. E tens responsabilidades de o tornar um tipo sério. Se não fores tu, também não será ninguém.

– O problema é que ele não me considera sua mulher, nem aceita que eu o controle. E também, confesso, não o sei fazer.

– A mim faz-me pena, sabes? Ele tem enorme talento, podia ter sido um grande jogador.

– Falas nele já no passado. Só tem vinte e quatro anos.

– Sim, ainda teria tempo. Mas... Falta-lhe força para superar a dispensa do Benfica, começar tudo de novo noutro clube, impôr-se... Para isso é preciso ter muita força de vontade, ser um lutador. E ele não é, Sara. Não resiste a uma boa música, cai na farra. Só se tu conseguires pô-lo a ferro e fogo.

– Não é o meu estilo. Obrigada pela sinceridade, ao menos fiquei a saber o que o afligia.

Voltou a aproximar-se do grupo. Pela terceira vez consecutiva, Vítor não dançava com Fernanda. Cada um à sua maneira, os dois amigos estavam abatidos. Sara sentiu que mais uma vez tinha de ser uma espécie de bengala. Tristemente pensou, muitas vezes as bengalas são atiradas fora quando uma mais atraente aparece. Sacudiu esses pensamentos, esforçou-se por parecer natural.

– Então, Vítor, sempre na luta?

– Como vês. O problema é que não tenho o direito de lhe dizer, acabou a brincadeira, agora só danças comigo e pronto.

– Seria um erro. Deixa-a divertir-se. Vai dançar também com outras. Por exemplo comigo que estou aqui a levar um chá. Se ficas com ar de cão batido, ela pode perder a consideração que tem por ti.

Vítor concordou e foram dançar. Malongo ficou a vê-los. Era um merengue e ele não tentou sequer arranjar par. Depois Laurindo aproximou-se e disse-lhe qualquer coisa. Sara dançava mas não perdia Malongo de vista. Tinha de o ajudar, mas como? Era evidente que ele levava uma vida dupla, mesmo antes dum treino decisivo se metia em farras, como dissera Arsénio. Também podia ser culpa dela, que o afastou num momento importante. Não, ela não o afastou. Contara com a confiança e compreensão dele, que se revelou um machista completo. Não podia ter remorsos, a sua atitude era a única possível naquelas circunstâncias. Se Malongo fosse sério na sua profissão não haveria um treino decisivo, já teria há muito o lugar desejado na equipa. Antes da tropa era muito novo, jogava na equipa principal dos juniores e era considerado uma revelação. Passou para as reservas, estágio para ascender. Foi para a tropa e isso cortou-lhe um pouco a carreira. Mas mesmo assim foi chamado para a seleção militar, o que era sem dúvida uma enorme garantia. O Benfica mexeu os cordelinhos e tirou-o da tropa. Quer dizer, o clube confiava nas suas capacidades. Teve então dois anos para se afirmar. Dois anos em que eles se namoraram. Sara fez tudo para apoiar, mas ele não aproveitou estes dois anos, nunca passou das reservas. Alguma coisa estava errada nele e ela não tinha culpa.

Voltou ao lugar, decidida a recusar qualquer culpabilização. Preocupações já lhe bastavam. Podia ajudá-lo, se ele quisesse, mas não como uma expiação, também não era nenhum capacho. Malongo convidou-a logo para dançar, apesar de Laurindo lhe ter feito um sinal antes. E Vítor conseguiu apanhar Fernanda.

– O Arsénio esteve a falar-te de mim?

– Sim.

– Logo vi. E certamente a defender o treinador, que tem razão em não me pôr a jogar. Nem fui convocado para o jogo de reservas de amanhã. Esse Arsénio afinal não presta. Julgava que era meu amigo, mas está a fazer panelinha no clube. Em vez de me defender, fica só a ver.

– Deves estar a ser injusto. Não culpes os outros pelo que te sucede.

– Oh, já percebi tudo. Arrumaram-me lá, tinham demasiada gente de cor. Eu fui o escolhido para dar lugar a algum branco.

– Talvez esse branco chegue aos treinos em boa forma, sem cara de ter passado a noite em farras...

– Ele disse-te isso? Aquele sacana disse-te isso?

– E disse mais. Que talvez sejas dispensado do clube. Não tem a certeza, mas suspeita disso. E a culpa é só tua.

Malongo calou-se. Dançava mecanicamente. O corpo estava ali, mas com a cabeça noutro sítio. Não dava nenhum dos seus passos improvisados, que tanto maravilhavam os espectadores e que atrapalhavam sempre Sara, a qual nunca se habituara a acompanhá-lo nas invenções. Hoje era fácil dançar com Malongo, não saía da rotina. Mais fácil, mas muito menos atraente. Quando terminou a dança, ele propôs irem beber uma cerveja à cantina.

Havia vários grupos sentados. Praticamente só homens. Aproveitavam para beber e descansar um pouco as pernas, condenadas a ficar de pé toda a noite. Já não havia lugar nas mesas e eles sentaram-se nas escadas, cada um com a sua cerveja. Não era um sítio muito cómodo, porque constantemente passava gente para cima ou para baixo e tinham de lhes dar espaço. Malongo voltou à carga:

– É isso que te disse. São capazes de me correr do clube, sim, mas é por uma questão racial.

– Já tínhamos falado disso uma vez. E volto a repetir-te, não acredito. Claro que esta sociedade está cheia de racismo, mas não é o caso agora. Não arranjes desculpas esfarrapadas, isso não te vai ajudar. Encara a realidade de frente, possas...

– E qual é então a realidade?

– Falta de seriedade. Não cumpriste o que o clube estipula. Vais para a farra em vez de descansar para os treinos e os jogos. Que farras não sei. Mas isso está claro para o treinador e os dirigentes. Não sei se ainda tens tempo, mas muda de atitude, leva as coisas a sério. Abandona a farra.

– Farra uma merda! São desculpas deles.

– Que sempre tiveste uns misteriozinhos na tua vida, isso é verdade, eu senti. Achava que era coisa sem importância e que o teu interesse pelo futebol estava acima de tudo. Agora não sei. Se fores para a rua, culpa-te só a ti.

– Não se pode falar contigo. Não sabes nada do que se passa e embarcas logo na conversa do Arsénio.

– O Arsénio é um tipo honesto. E aconselhou-te a teres juízo.

– Também te disse isso?

– Disse, mas não precisava. Lembro-me muito bem de o ter dito uma vez à minha frente. Na época, não levei muito a sério, achava que te comportavas realmente como um

profissional. Afinal...

Malongo pousou as mãos na cabeça. Ficou assim algum tempo. Depois disse em tom desalentado:

– Se também tu me abandonas... Não me crês...

– Quero ajudar-te. Mas só o posso fazer se tu quiseres ajudar-te a ti próprio. E não é a inventar justificações raciais que te vais ajudar.

– Então o que devo fazer, senhora doutora?

Sara preferiu deixar passar a ironia implícita no tratamento. Não adiantava de nada agarrar-se a detalhes, isso era a tática dos vencidos. E Malongo estava vencido, apesar de não o querer reconhecer. Ela só podia ignorar ofensas, se as havia, e dar-lhe a mão. Fizera isso desde o princípio, apesar de Marta a acusar de parecer uma boa samaritana. Vítor também lhe dissera, és uma santa. Porra, querem ver que ainda acabo num altar?

– Leva os treinos e a vida a sério. Para com toda a espécie de farras. E se mesmo assim o clube te dispensar, vai para outro menor e treina e joga a sério. Ao fim dum ano, o Benfica chama-te de novo para a sua equipa principal.

– Isso era bonito. Se o Benfica me dispensa, sou chamado para a tropa, a terminar o serviço militar, e vou dar com os costados na guerra. Não haverá outra hipótese.

Sara sentiu um baque no peito. Ele estava a falar duma coisa séria. Sim, tinha razão. Ninguém o safava dos anos de tropa que não fez. Sobretudo agora que precisavam de gente. Segurou na mão dele, aceitando então todo o seu desânimo. Esqueceu ressentimentos e as suspeitas criadas pelo Arsénio, nada mais contava, apenas o namorado. Seria a palavra correta, seria ainda o seu namorado? Pouco importava agora. Ficaram de mãos dadas muito tempo, encostados um ao outro na escada, sem falar. As pessoas iam e vinham, os copos de cerveja subiam a escada, de vez em quando um tipo mais bêbado dava-lhes um encontrão. Mas eles pareciam não notar. Até que ela falou:

– Mas ainda não te puseram na rua, pois não? Pode ser que te deem mais uma chance. Agarra-a com as duas mãos. Vem, vamos dançar e esquecer os pessimismos.

Voltaram para o salão de cima, onde a festa estava no auge. Furtado, já com uns copos, procurava demonstrar a um desinteressado Vítor que a rebelião angolana estava condenada ao fracasso, com a contraofensiva que o exército colonial preparava. Essas coisas têm de ser bem feitas, como a revolução russa por exemplo, extremamente bem organizada, as *jacqueries* sempre falharam. Laurindo ouvia com ar de fastio e alguma cólera. Sara terminou com a conversa de Furtado, enganaste-te no andar, hoje política é na cantina, aqui é para dançar. Já vinha Fernanda, afogueada, nunca dancei tanto na minha vida, estou exausta. E Laurindo aproveitou para dizer, antes que arrefeças, agora é a minha vez. Foram os dois para a pista, mas Vítor sorriu para Sara.

Saíram do baile às seis da manhã, já o sol nascia sobre Lisboa. Malongo e Vítor foram acompanhá-las a casa de Sara. Na despedida, Malongo disse, vamos logo ao cinema? E deu-lhe um beijo na boca, longo, como há muito tempo. Vítor só deu um na face de Fernanda, tímido e nervoso. Combinaram encontrar-se na segunda-feira. As duas subiram para o apartamento, a aguardar a hora da missa no lar das madres. Tinham muito que conversar entretanto, o tempo ia correr rápido.

10

Afinal o Benfica acabou mesmo por dispensá-lo. Foi convocado por um diretor que lhe deu o veredicto. Tinha um mês para escolher. Ou aceitava ser emprestado pelo Benfica a um clube da segunda divisão, ou arriscava a sorte e ia procurar emprego à sua conta e risco. Durante esse mês recebia o salário. O clube que lhe propunham era uma filial do Norte. Tinha de abandonar Lisboa e viver numa cidadezinha lá nas berças. Se desse provas, no ano seguinte poderia voltar a ser chamado. O diretor foi claro, demos-te todas as possibilidades, não soubeste aproveitar, no tempo de tropa deves ter-te viciado nas putas porque antes eras diferente. Vê agora se ganhas juízo.

Não ia nada para o Norte. Que morem nas berças os besugos, sempre gozados pelos angolanos, não se rebaixava a lá ficar. Denise tinha escrito, talvez haja possibilidades aqui, falei com uns tipos. Mas ela não tinha influências nem conhecia ninguém com acesso ao meio futebolístico francês, eram só especulações. E Malongo não conseguia arranjar passaporte para sair de Portugal, com a tropa interrompida. Se nem Sara, uma futura médica, conseguira obter o passaporte... Tinha sido ontem que ela recebera a notificação, depois de uma entrevista no Governo Civil. Fizeram bué de perguntas, conforme ela explicou, queriam saber das suas atividades na Casa dos Estudantes, até lhe perguntaram pelo Aníbal. No fim disseram, lamentamos muito, mas não pode sair do país. Sara recebera há semanas um postal de Aníbal, chegara bem a França. Foi então que ela lhe contou o que passara, por quê não o tinha deixado ir lá a casa quando escondia o Aníbal. Como vês, não te podia dizer nada, só agora. Malongo ficou irritado com a falta de confiança, mas ela contou tudo com muita paciência e disse, nestas coisas de clandestinidade não há amigos nem namorados, em primeiro lugar tem de se guardar segredo. Ele acabou por engolir, embora lhe desagradasse saber que o sabichão do Aníbal tinha dormido uma noite no sofá do quarto dela. A contragosto acabou por lhe dar razão, de facto Sara tinha de guardar segredo. E nem insistiu para saber onde passara ele o resto dos dias até à fuga, não lhe dizia respeito. O facto é que se nem Sara conseguira o passaporte, como lhe iam dar a ele que não tinha terminado a tropa? Se fosse pedi-lo, aí é que o chamavam imediatamente para o exército. E não escapava da guerra.

Mas não aceitava a despromoção de jogar num clube de segunda divisão, sem força para o safar da tropa. Tinha de fugir. Sara já lhe tinha tocado no assunto de forma cautelosa, se tiveres de ir para a guerra, fazes como o Aníbal. Numa conversa com Vítor este tinha adiantado a mesma ideia. Vítor sentia-se sufocar com a falta de liberdade, a vigilância omnipresente da PIDE. Andava todo animado com o namoro finalmente conseguido com Fernanda. Mas dizia que Portugal já não era sítio para viverem, tinham de lutar pela independência. Malongo começava a dar-lhe razão, afinal a política era coisa que tocava na vida da gente, mesmo daqueles que nada queriam com ela. Pouco adiantava dizer estou-me nas tintas para a política. Ela interferia no seu presente e futuro, sem pedir autorização. Sim, tinha de fugir, e pedir asilo em França. Também era um perseguido político, como os antifranquistas que nesse país tinham procurado refúgio, e como tantos outros antes. A dispensa do Benfica não era uma forma de perseguição política?

Sara recebeu a notícia sem grande surpresa. Afinal já estavam a contar com ela, Arsénio tinha sido muito claro. Malongo disse logo que não aceitava ir para o Norte, nunca a deixaria só em Lisboa. E o Norte de Portugal era uma cambada de atrasados, sempre a reboque da capital, mas com dois séculos de diferença.

– Que vais fazer?

– Já falámos disso. Vou fugir para França. Tenho de arranjar uma maneira.

Sara ficou calada. A França aparecia agora aos olhos de todos como a terra prometida, da liberdade absoluta. Não só Vítor, também no outro dia Laurindo, aquele miúdo, suspirara ao se falar em Paris. E os outros amigos. Ninguém dizia vamos fugir, mas todos pensavam nisso, ele percebia tudo agora que estava sensibilizado para o ambiente que se vivia. E Sara também ansiava, por isso pedira o passaporte. Era como uma onda que tocava todos.

– Olha, Malongo, sozinho não consegues. Não tens contactos com os meios clandestinos, nem estes terão confiança em ti para se arriscarem a pôr-te lá fora. Afinal sempre foste apolítico. Mas sei que se prepara uma fuga maciça dos angolanos de Portugal. Aproveita ir junto. Também quero aproveitar. O problema é que ninguém me fala disso e não sei como estão as coisas. O mais certo é esquecerem-me por causa da minha cor.

– Achas que o Vítor pode estar ao corrente? Ele no outro dia veio com uma conversa dessas.

– Acho que ele está. Ou vai estar no momento próprio.

– Vou falar com ele. Possas, sempre fomos amigos, vivemos juntos. Ele vai dizer-me se souber alguma coisa.

Sara concordou com a cabeça. Estavam num banco de jardim, de mãos dadas. Tinha aprendido com ela, os jardins são o melhor sítio para se conversar sobre estas coisas. Mesmo o quarto dela não era muito seguro, a PIDE tinha microfones que instalava para ouvir as conversas. E desde que ela pedira o passaporte, deviam estar a espiá-la por todos os lados. As relações deles estavam no ponto alto, mas quando a ia visitar e passava a noite, falavam de ninharias, com medo dos microfones. Sara disse:

– Mudemos de assunto. Tenho uma notícia para ti. Guardo-a há mais dum mês. Como tivemos aquela maka, não te contei, podias interpretá-la como uma pressão qualquer. Mas agora tenho de te dizer.

Ela interrompeu a fala e ele ficou à espera. Olhou para todos os lados, a ver se estavam a ser espiados, mas afinal não tinha sido nenhum movimento suspeito que levara Sara a parar. Devia ser coisa difícil de dizer, alguma confissão grave. Malongo sentiu os intestinos remexerem.

– Estou grávida.

Malongo olhou para o maciço de flores à frente deles. Pensou que podia ali estar instalado um microfone. Estupidez! Grávida. De quem? Ora, era pergunta que se fizesse? De cada vez que faziam amor, ele surrava-a rudemente, para utilizar a sua linguagem habitual. Dada a intensidade e frequência das relações, a criança só podia ser dele. Haka, nem Sara era mulher para ter outras aventuras. Era dele, claro, perguntar até podia ofender.

– Estou de cerca de três meses. Fiz análise e tudo. Quero essa criança e vou guardá-la. Mas tu não tens obrigação nenhuma, ponho-te já à vontade. Se não a quiseres, eu assumo sozinha.

Que conversa era essa? Malongo nem estava a entender muito bem o sentido das palavras. Ia ter um filho, merda, ia ter um filho a quem ia ensinar a jogar bola e a ser o maior nguendeiro de todos os angolanos. Também ia ensinar-lhe viola, para compor música como o Ngola Ritmos e mestre Liceu. Formariam o Duo Malongo, nome bonito para um conjunto. Não resistiu mais e saltou do banco, gritando. Pulou algumas vezes, perante o pasmo das pessoas que se encontravam no jardim. Abraçou Sara e beijou-a. Uns velhos olhavam reprovadores. Malongo virou-se para eles e gritou:

– Vamos ter um filho. Vou ter um filho.

Sara riu para os velhos, mas estes fecharam ainda mais as caras enrugadas. Comentaram qualquer coisa, mas Malongo nem notou, todo entregue a beijar e acariciar Sara. Olhou para a barriga dela, pôs-lhe delicadamente a mão em cima.

– Ainda não se nota – disse ela.

– Temos de comemorar, vamos dar uma festa.

– Estás maluco? Deixa que ela nasça.

– Ela não. Ele. É um rapaz.

Sara não contestou. Beijaram-se de novo. Um dos velhos levan-tou-se do banco e foi embora. O outro abanava a cabeça, escandalizado. Mas um par de namorados mais ao fundo sorria e fazia gestos. Sara disse:

– Vamos embora, estamos a dar espetáculo. Daqui a bocado vem a polícia saber o que se passa.

– Que se lixem todos! Estou contente, não posso mostrar?

Mas ela levantou-se do banco e ele obedeceu. Foram andando muito apertados até ao Rialva, onde Malongo queria anunciar a boa notícia. Sara convenceu-o do contrário, nada de barulhos, vamos dizer aos amigos como uma coisa natural. Ele não estava de acordo, nem era uma coisa natural, era uma coisa bestial, mas está bem, já que queres, vamos ser discretos. Na rua fazia planos e contou a Sara a sua ideia de criar o Duo Malongo. Ela ria, feliz, mas se for uma menina também podes criar o duo na mesma. Não era a mesma coisa, achava ele, mas não tinha problema, fariam o rapaz a seguir. Porque ele queria muitos filhos. Nunca tinha pensado no assunto, nem a sua ligação com a Sara até então o levara a

equacionar assim o problema. Agora estava claro, queria prole numerosa. Quando fosse velho, daria conselhos a numerosos filhos e netos, seria um ancião respeitado, um patriarca. E reuniria o conselho de família todos os sábados para o funje da tradição, sentado à cabeceira da mesa comprida debaixo da mangueira do quintal.

Acabaram por não ir para o Rialva, mas para casa de Sara. Ela já tinha entregue a tese e esperava agora o dia da defesa. Mas tinha de estudar, para preparar essa discussão com o júri, na próxima semana. Claro que pouco estudou, Malongo não a deixava. Estava todo animado, até foi dar a notícia à senhoria, a qual franziu a cara biliosa, mas não fez comentários.

Sara teve de o acompanhar a jantar na Casa, ele queria comunicar a boa nova à malta na presença dela. Depois iriam comemorar no Bar Amazonas, com muita cerveja e tremoços. Esqueceu que tinha sido varrido do clube, que só tinha salário por um mês. Ia ser pai e isso tornava-o eufórico. Afinal, era a sua única vitória, depois de amargar tantas derrotas.

As coisas passaram-se como Sara queria. Está bem, ela hoje mandava, tinha-lhe dado um bom presente. Disseram aos amigos, sem grandes gritos nem abraços. Não houve discurso, muito menos grandes algazarras. Tudo foi com o máximo de discrição, afinal Sara era capaz de estar com algum pudor. Malongo adivinhou essa possibilidade, não exagerou nas comemorações. Mas arrastou alguns amigos para o Amazonas, tinha de se regar. E também foi o chato do Laurindo, convidado especial de Sara. Disse esse miúdo não, mas ela não se deixou demover. Engraçava com o fedelho, todo metido a político, ainda a cheirar a mijo nas fraldas.

Malongo não perdoava a Laurindo a franqueza dele, quando Denise estava em Lisboa. Um dia apanhou-o à parte e disse-lhe que não tinha o direito de tratar Sara assim, encornando-a constantemente. Antes até pensara que o garoto estava com pretensões em relação à Denise, afinal andava chateado por causa da Sara. Claro que levou berrida, mete-te na tua vida ou ainda te rebento as fuças. Se nem o Vítor, que era seu amigo, lhe falava assim... Agora Sara tinha convidado o Laurindo e era ele, Malongo, que pagava a despesa. Bom, hoje podia perdoar tudo. Mas que o miúdo não lhe saísse com uma piada, senão esmagava-o ali mesmo no bar. Possas, em breve ele era pai de família, não podia consentir faltas ao respeito, ainda por cima vindas dum tipo que nada conhecia da vida dos adultos.

Eram dez pessoas. Vieram as canecas de cerveja, acompanhadas de pratinhos com tremoços e azeitonas. Em breve, a conversa derivava para a política. Malongo tentou desviar o tema, mas era fatal. Parecia não havia outro assunto. Sara estava calada, talvez porque não se fiava na confidencialidade do bar, talvez porque pensava no filho. Quem mais puxava o saco era o Furtado, agora convertido ao pacifismo, quando antes era um incendiário. Vítor e Laurindo davam-lhe trela, contrapondo argumentos, tentando provar que as sociedades nunca mudam sem grandes convulsões. Conversa chata, pensou Malongo, estragavam sempre a festa.

Felizmente apareceu Horácio e improvisou um poema de circunstância, de fetos gerados em tempos difíceis, condenados a viver em futuros idílicos, quando todos os homens fossem iguais. O poema nunca mais acabava, porque ele corrigia, como é que eu dizia no princípio?, não pode ser assim, dava nova nota, e vinha acabar no mesmo concerto. Mas ao menos

mudou a conversa, onde estava Horácio ninguém mais podia falar. E fazia as pessoas rir, porque combinava flores delicadas com proletários suando no meio do óleo das máquinas e poentes violetas com gerações de grávidas arrastando as barrigas cheias de revolucionários. Malongo quis ir buscar a viola para acompanhar o poema, mas Sara dissuadiu-o. Não faz mal, Horácio, amanhã vamos compor uma coisa juntos, com o teu poema e a minha música. E foi assim que todos souberam que Malongo se treinava à viola, segredo religiosamente escondido que nem Sara nem Vítor tinham divulgado.

A revelação das tendências musicais de Malongo serviu para reanimar a discussão. Tito, um golunguense integrando o conjunto Ngola Kizomba, grupo da Casa dos Estudantes, logo propôs mas tens de ensaiar connosco um dia. Malongo irradiava felicidade com o sucesso, pois tinha conseguido ao menos uma vez roubar o estrelato a Horácio, dono de todas as conversas.

11

Sara tinha finalmente terminado o curso. A defesa da tese correu bem e arrancou uma distinção do júri. Marta também conseguiu nota alta, embora sem distinção. Foram juntas receber o diploma e decidiram comemorar numa pastelaria com chá e torradas. Falaram ainda do curso e da sua nova condição de médicas. Sara sabia, inevitavelmente iam conversar sobre perspectivas do futuro e temia isso, pois tinha de esconder os seus planos, já adiantados. Malongo informara-a que a todo o momento podia ocorrer a fuga dum grupo numeroso de angolanos, havia muitos preparativos. Vítor punha-o ao corrente das coisas essenciais, só não sabia quem organizava. O amigo falava de mais-velhos, sem os nomear. Malongo estava na lista que corria secretamente. E eu?, perguntara Sara. É evidente que sim, vamos juntos. Parecia um sonho e Sara não estava tão segura de ser incluída na lista. Pensava, tenho de abandonar a paranoia, mas a dúvida persistia.

– O nosso amigo que esteve lá em casa deixou-me cair – disse Marta. – Recebi um postal, como tu. E depois uma carta sem endereço. Como sabes, tenho passaporte e já estive na Itália. Tinha-lhe dito que ia visitá-lo, logo que acabasse o curso. Nesta carta simpática, muito terna, diz para esquecer. E não manda o endereço. Mesmo que saia, não tenho meio de o contactar. Grande sacana!

– Tem outras coisas a fazer. Até pode estar já muito longe.

– A carta tem o carimbo de Paris. Não esperava. O primeiro tipo que não pus a andar... foi embora e deixou-me.

Sara não entendeu muito bem a desilusão da amiga. Claro que Aníbal tinha uma missão a realizar e não podia comprometer-se com visitas, mesmo de amigas que o ajudaram. A menos que... A dúvida assaltou-a e perguntou:

– Mas que tipo de relações criaram?

– Ora, sua ingénua! As que se criam entre um homem e uma mulher que vivem quinze dias no mesmo quarto. Ora porra! Todos os outros me cansaram ao fim de algum tempo, mas o Aníbal não. Quando estava no melhor, ele foi embora. Está bem, tinha de ir, mas agora deixa-me pura e simplesmente cair. Para eu aprender.

Sara ficou chocada. A revelação de ter havido relações íntimas entre eles doeu-lhe. Bolas,

mas que esperava eu? Sempre vira o Aníbal como uma espécie de sacerdote, apenas dedicado às ideias. Nunca suspeitara nele outros interesses nem ouvira sequer alusões a mulheres anteriores. Antes não lhe estranhava, porque o colocava numa redoma de amizade sem mácula. E era mácula? Revelava-se apenas como um ser humano, ela é que estava a ser estúpida.

– Nunca me disseste nada.

– Também eu não sei por quê. Geralmente conto-te os meus casos. Não são secretos e ninguém tem nada com isso. Desta vez foi diferente, foi sério, apaixonei-me mesmo, estou aqui a sofrer que nem uma vaca sem o vitelo.

Sara estava confusa. Marta bebia tristemente o chá e ela aproveitou para pôr as ideias em ordem. Era difícil. Apesar do esforço, sentia desapontamento. Aníbal era um homem e acontecera o normal. Podia dizer isso mil vezes que o fundo de si própria não o aceitava. Sentia ciúme? A palavra pareceu-lhe enorme. Depois admitiu, uma irmã sente ciúme quando sabe que o irmão tem outra relação. Sentirá? Ou apenas se há algo de incestuoso no seu sentimento? Incesto? Que brincadeira. Disse para si própria, amo e estou grávida dum outro homem, não há ambiguidades em mim. Amar dois homens ao mesmo tempo, isso é tema para cinema.

– Ele prometeu-te alguma coisa?

– Não, nunca. Aí é que está. Foi da máxima lisura. Quando lhe falei em ir lá fora, ele apenas riu. Disse claramente, deixa as coisas assim.

– Então, de que te queixas?

– Porra, não percebes? Foi tão forte, tão bom, que criei ilusões. Chegado lá fora, ele ia ter saudades. Isto não podia acabar assim. E nem sequer sei onde o procurar, o Mundo é tão grande...

Sara tinha o endereço de Paris. Era um possível ponto de informação. Mas não lhe daria o endereço. Aníbal dissera para não o revelar a ninguém, para o recordar apenas lá fora. Talvez ele pensasse em Marta quando insistiu com ela sobre o segredo. Não lhe daria o endereço, por cumplicidade com Aníbal e para respeitar as leis da clandestinidade. Sentiu prazer nisso. Serei sádica a este ponto? Bebeu o resto do chá, o qual lhe parecia estranhamente amargo.

– Estás assim, porque não foste tu que rompeste a relação. Uma questão de amor-próprio apenas.

– Não. Estou assim porque a relação não se esgotou. Tudo se deve esgotar até começar a cheirar mal. Chega sempre o momento de enterrar, como um cadáver. Aí não há razão para desilusão, saudade. A ligação cheirava cada vez melhor. E foi nesse momento preciso que se interrompeu. Dói, ficas com mais sede ainda.

Devia consolar a amiga. Mas não sabia como. As palavras de encorajamento são tão inúteis como as boas intenções. Só a consolaria com um ato, dar-lhe o endereço. O resto seria conformar-se às convenções que as duas recusavam. Não podia cair no formalismo vazio, que além do mais lhe pareceria hipócrita. Marta tinha desfrutado da ternura escondida de Aníbal, adivinhada mil vezes e afinal tão profundamente desejada. Era realmente amiga de Marta, faria qualquer coisa para a ajudar em caso de necessidade, mas desta vez estava

ferida, tinha de o reconhecer. Como se a outra tivesse cometido um sacrilégio. Quem sou eu, afinal?, perguntou-se. Exasperada. Sentia que perdia o alto respeito que nutria por si própria, o pior que podia acontecer a alguém. Malongo estava à beira disso, quando o salvou a notícia de ser pai. Agarrou-se à lembrança de Malongo, agora tão carinhoso, sério, aceitando mesmo participar em reflexões políticas.

– Tenho de ir, Marta. Deves compreender o gesto do Aníbal, libertou-te porque não tem nada para te dar. Esqueces que tem uma revolução pela frente?

– Sei de tudo isso. Mas, que raio, como é que vou esquecer um tipo daqueles, um fora de série? E sabes que mais? Dói-me também saber que ele está errado, que se vai lixar.

– Como assim?

– Se não morrer, o que se enquadra melhor com a sua maneira de ser, vai desiludir-se. A tal revolução que tem à frente não vai ser como ele a imagina. Nunca nenhuma é como os sonhos dos sonhadores. É um sonhador, apesar de toda a sua linguagem rigorosa de comunista. Acaba por ter ideias mais libertárias que as minhas, que ele chamava de anarquista. As revoluções são para libertar, e libertam quando têm sucesso. Mas por um instante apenas. No instante a seguir se esgotam. E tornam-se cadáveres putrefatos que os ditos revolucionários carregam às costas toda a vida.

– Falaste-lhe assim?

– Claro. Riu daquela forma paternalista que têm os iluminados, os que detêm a verdade. Como se eu fosse uma criança engraçada. Não me ofendi, nada nele me ofendia. Mas discutimos muito. Disse-lhe que a Revolução Francesa acabou no terror e Napoleão e que a bolchevista terminou logo no estalinismo, mesmo antes de Stálin ser o patrão. Procurou rebater, é muito forte em argumentos históricos. Mas lá no fundo ficou tocado, senti. Porque é um sonhador, um utópico. Pior que eu. Ou morre ou se desilude, não tem outra alternativa.

– Em Angola será diferente.

– Falas como ele. Os iluminados dizem sempre que a sua experiência não descambará como as outras. Não ousam afirmar, porque são ou querem parecer modestos, mas pensam assim: se eu acredito nisto, por que não se há de realizar como imagino? E partem os cornos, sempre, sempre... São aliás feitos para isso, para partir os cornos.

Sara levantou-se. Já conhecia as ideias de Marta sobre a inelutabilidade de os processos políticos se burocratizarem e acabarem num sistema opressivo criado por eles próprios. Não partilhava esse pessimismo e Aníbal também não. Mas hoje não queria discutir. Estava demasiado baralhada com os sentimentos ambíguos que nela descobria. Pagou a conta. Marta não a quis acompanhar, ficou sentada na mesa, fazendo um triste gesto de despedida, uma mão cansada a abanar.

Quase correu para se encontrar com Malongo, como para um refúgio. Agora sabia sempre onde o encontrar, ele levava uma vida regular de casa para o Rialva, deste para a Casa dos Estudantes, daí para o quarto dela. Já tinha passado o mês que o Benfica lhe dera, o último salário estava no fim. Esperava a fuga. Tocava viola, conversava, fazia amor com ela. E pensava em França. Estava transparente como nunca, isso dava confiança a Sara.

Com efeito, lá estava Malongo numa mesa do Rialva. Não conseguia esconder o nervosismo, ela tinha-se atrasado assim tanto? Ao entrar, olhou o relógio na parede. Seis

horas da tarde. Não estava atrasada, mas Malongo impacientara-se, era evidente. Havia pouca gente no Rialva, Sô Evaristo cochilava atrás do balcão. Malongo levantou-se mal a viu, vamos dar um passeio. Ela estranhou, não era habitual, mas deu meia volta e saiu com ele. Sô Evaristo nem despertou. Na rua, Malongo segredou é para hoje à noite.

– O quê?

– Ora, o quê! Sabes muito bem. O Vítor vai ter ao teu quarto à noite, o Laurindo também. Vão lá buscar-nos de carro às dez horas. Estava à tua espera para te avisar. Prepara só um saco de mão com as coisas mais indispensáveis. Não se pode levar mala, só um saco.

Sara caminhava maquinalmente, quase empurrada pelo braço forte de Malongo. Aos poucos ia assimilando tudo o que ele dizia. Sempre contara que fosse avisada com mais tempo, muitas coisas ficariam sem ser feitas. Que se lixe, o importante era ir, o resto não contava.

– Se puderes, prepara qualquer coisa para comer, vamos andar toda a noite, de carro e a pé. Conta com quatro pessoas. Não sei por que incluíram o raio do Laurindo no nosso grupo, esse miúdo põe-me a carapinha toda de pé. Mas nem deu para discutir. Vamos aos grupos de quatro e encontramo-nos todos na fronteira. Uns vão de comboio, outros de autocarro, parece. Nós, talvez por tua causa, vamos de carro. O Vítor é que deve saber mais detalhes, é o chefe do grupo. Vou para casa arrumar o saco e depois vou ter ao teu quarto. O primeiro a chegar vai ser o Laurindo, às sete horas, foi o Vítor que decidiu, também não sei por quê. O último serei eu, às oito horas. O Vítor às sete e meia. Não convém que cheguemos todos ao mesmo tempo, pode chamar a atenção.

Malongo afastou-se, no caminho para a Rua Praia da Vitória. E ela pensou, com os sacos iam chamar a atenção, mesmo chegando a horas separadas. E todos a entrarem no mesmo carro às dez, cada um com um saco... Felizmente que a casa não estava vigiada, tinha a certeza. Primeiro que a PIDE notasse, já estavam do outro lado da fronteira. Oh, que se lixe, que se lixe, vamos embora, deixar este país de merda onde se abafa. Tentou recordar um poema de Élouard que circulava clandestinamente, sobre a liberdade, mas só retivera os primeiros versos. Avançou para casa, tentando fazer uma lista mental de todas as coisas que devia levar. O mais difícil era decidir depois o que tinha de deixar.

Laurindo chegou às sete em ponto. Muito excitado, como era natural. O quarto estava todo virado do avesso, as roupas dispersas por cima da cama e das cadeiras, as malas abertas no chão, os livros e papéis numa desarrumação indescritível. Já tinha escolhido o saco que devia levar, mas nele só pusera ainda os objetos de higiene. Olhava para a sua riqueza, desesperada, sem saber por onde começar.

– Posso ajudar? – ofereceu-se Laurindo.

– Nem sei. Olha, mete os livros todos e papéis nessa mala castanha. Tenho de pensar no que devo levar.

Meteu alguma roupa interior no saco, a de melhor qualidade. Em França era verão também, por isso deixava de lado as roupas pesadas. Só levava um casaco, por causa dos Pirenéus. Laurindo foi arrumando cautelosamente os livros. A mala ficou cheia e ainda sobravam livros. Ela disse-lhe para meter o resto noutra mala, a de porão. Não levas nenhum? Não, são muito pesados. Mas lembrou-se do diploma e dos certificados que

atestavam ter o curso de Medicina. Meteu-os no saco, de lado, para não ficarem muito amachucados. Isso era o mais importante. Lembrou-se de repente que ainda tinha de cozinhar, ora, faria qualquer coisa simples, tinha ovos e carne. Arroz para acompanhar. Depois de resolver o problema do saco. Laurindo falou, sem parar o seu trabalho:

– O Malongo já te contou a luta que teve por tua causa?

– Não, não me disse nada. Lutou?

– Maneira de dizer. Estranho que não te tenha dito nada. Admirei-o. Francamente, admirei-o. Parecia um leão.

Sara parou de pensar no saco. Virou-se para o rapaz. Que estória era essa agora? Mais um segredo. Mas Laurindo não lhe deu tempo de formular a pergunta.

– Não te queriam deixar ir. O Malongo disse que não ia sem ti, que estavas grávida e casavam em França. Tanto lutou e discutiu que aceitaram. Acho que o Vítor também ajudou.

– Mas quem não queria que eu fosse?

– Não sei. Os mais-velhos. Fiquei ao corrente mais ou menos por acaso. Também nem sei quem manda nisto tudo, só se diz os mais-velhos. Fiquei admirado por o Malongo fazer esse tipo de exigência. Nunca ninguém o levou muito a sério e o mais certo era dizerem, então também não vais e pronto. Mas ele conseguiu convencê-los, afinal querem que o máximo de angolanos escape.

Ela não disse nada. Por um lado, estava reconhecida a Malongo pela sua fidelidade. Por outro, irritada porque mais uma vez a queriam deixar de lado. Atirou com raiva umas roupas para dentro do saco. Estava cheio, já dificilmente fechava. Escolheu o casaco mais longo e quente que tinha, os outros foram parar à mala de porão onde Laurindo acabara de pôr os livros. Fez um esforço para só pensar no trabalho. Que fazer depois com as malas? Ia deixar bem arrumadas no quarto, com um bilhete para a senhoria. Tinha o aluguer do mês pago, não ficava a dever-lhe nada. No bilhete diria apenas para ela entregar as malas à Marta que as iria buscar. E telefonava a Marta para no dia seguinte apanhar as bikuatas e as expedir para os parentes da província. Um dia poderia reavê-las. Só escreveria aos pais de Paris. Ia ser um choque para eles, a contarem com ela dentro de meses em Benguela, mas não queria pensar agora no assunto.

Foi telefonar para Marta. De caminho disse à senhoria, não se preocupe com o barulho, vêm uns amigos comer, mas às dez horas tudo estará silencioso. A senhoria não disse nada, atitude que tomava desde que a sabia grávida dum negro vadio. Marta estava em casa, pediu detalhes, mas não lhos podia dar, vem só cá a casa amanhã e apanha umas coisas que tenho, depois explico-te, é urgente. Marta prometeu, imaginando que ela estaria metida noutra coisa parecida com a de meses atrás, quando lhe ofereceu o Aníbal. E não era do mesmo género? Depois escreveria de Paris a pedir desculpas pelos segredos, mas a situação exigia servir-se dos amigos sem cerimónias. Marta diria muitos porras e merdas, mas acabaria por rir.

Faltavam ainda umas coisas para meter na última mala. Couberam a bem ou a mal. Fecharam todas e arrumaram-nas num canto. Sobravam os apetrechos de cozinha, mas oferecia-os à senhoria. Sentou-se à secretária e escreveu-lhe um bilhete seco, dizendo que tinha de partir urgentemente para o Porto, recebera um recado da família, e que não a quisera acordar porque o recado chegou muito tarde. Que entregasse as malas à Marta, que a

senhoria conhecia. Ficava o quarto livre, já lhe pagara o mês. Pôs o bilhete em cima da última mala.

– Vamos agora pensar no jantar.

Foi nessa altura que Vítor chegou. Com um grande saco que parecia pesado.

Sentou-se no sofá ao lado de Laurindo, arfando com o esforço de subir as escadas com o saco. Sara esperava que a água fervesse na panela, para pôr o arroz. Os bifes e os ovos eram para depois. Aproveitou a pausa e disse para Vítor:

– Tu deves estar ao corrente das coisas. Então não queriam que eu fosse?

Vítor olhou para Laurindo. Parecia acusá-lo de revelar um segredo altamente confidencial. Laurindo baixou a cara, assumindo a falta.

– Houve problemas. Tens de compreender, a situação não é fácil. Mas está resolvido e pronto, esquece.

– Sou a única pessoa branca que vai?

– Por que pões as coisas assim? Há mais. Três ou quatro mulheres casadas com angolanos. Mas essas são portuguesas ou de outras colónias. Angolana, sim, parece que és a única.

– E homens?

– Não sei. Nem me perguntes, vais ver mais tarde quando todos nos juntarmos. Há muito pouca gente ao corrente de tudo, são as regras.

Laurindo mexeu-se no sofá. Hesitava em falar, talvez porque Vítor era um pouco mais antigo no meio e o chefe do grupo, o que indicava que tinha alguma responsabilidade. Mas acabou por desabafar.

– O curioso é que para as portuguesas não houve problemas. Para a Sara houve. Porque é angolana. Ou porque as outras são casadas com mais-velhos?

– Se querem a minha opinião, não sei. Imagino que há muitas influências por fora. As portuguesas não criam dificuldade, serão sempre estrangeiras, não riscam. Mas os brancos angolanos não são aceites por muita gente, porque podem vir a reivindicar a terra, que é deles também. E, bom... não devia dizer, mas que se lixe! Não pensem que foi porque o Malongo e eu insistimos que a coisa se resolveu. A Sara vai porque chegou uma ordem de fora para ela ser incluída no grupo. Mas havia quem, mesmo assim, não queria aceitar essa ordem.

Aníbal, pensou Sara. Ele defendeu a sua causa lá fora e ganhou. Esse, ao menos, que não era nacionalista de última hora a apanhar o comboio, cumpria o prometido. Não era por acaso que uma tipa livre e exigente como Marta se apaixonara por ele, o fora de série, como lhe chamara. Por associação de ideias, lembrou-se de Fernanda.

– Vítor, já que estamos aqui a contrariar todas as regras de clandestinidade, a falar do que não devemos, e numa casa que nem devia servir para este encontro porque podia estar vigiada desde que me recusaram o passaporte... Bem, vou infringir mais uma regra. A Fernanda?

Ele entristeceu num repente. Durante a conversa anterior estava tenso, de cenho franzido, quase zangado. Agora parecia um saco a esvaziar-se. Fez um esforço visível para responder e antes mesmo de o conseguir já Sara lamentava ter tocado no assunto.

– Não quis vir.

– Não houve tempo para a convencer, com certeza. Quando lhe falaste na possibilidade da fuga?
– Há uns dias, quando eu vi que as coisas se precisavam. Não houve meio de a convencer. Discutimos muito, oh, nem falávamos de outra coisa. Tens razão, foi pouco tempo. Está muito agarrada à família, a fuga seria uma traição às esperanças que os pais depositam nela... E tem medo do que se passará a seguir.
– Sim, foi pouco tempo – disse Sara. – E depois, quem sabe o que será a nossa vida? Nós somos mais maduros e muitos recusam, certamente. Muito mais uma jovem que só há dias começou a descobrir que as ideias impostas pela família e a escola talvez não sejam a verdade. Pode ser que vá ter contigo mais tarde.
– Pode ser. Mas não acredito. Vou-lhe escrever, tentarei sempre guardar o contacto. Mas sem muitas esperanças. Está num meio que não ajuda a tomada de consciência.
– O amor conta muito, Vítor. Não percas a esperança.
Ele não respondeu. Mas tinha ar de não acreditar muito no amor dela. Talvez tivesse razão, pensou Sara, sempre houve muito maior interesse por parte dele. Fernanda aceitou o namoro, mas podia ser apenas para quebrar a rotina do lar das madres. E quando tinha de saltar no vazio, confiando apenas nele, ficou parada, não saltou. Não era de facto grande prova de amor.
Malongo chegou, com um saco e a viola. Sara foi tratar do jantar. Vítor esqueceu as desilusões amorosas e assumiu o papel de chefe do grupo.
– Disse-te que era só um saco. A viola vai ficar aqui.
– Nem brinques comigo. Não vai atrapalhar ninguém, o problema é meu, eu é que a carrego.
– Ocupa lugar no carro.
– Vai no meu colo, não ocupa lugar nenhum. E vais ver, ainda vou ter de te ajudar a carregares esse teu saco tão pesado. Esqueces que sou um atleta? O peso para mim não é problema. E os outros todos vão levar as violas, não é coisa que se deixe para trás. Nem viola nem mulher.
Vítor encolheu os ombros, desistiu da conversa. Laurindo foi ajudar Sara, enquanto Malongo dedilhava a viola. Até o jantar estar pronto. Comeram à pressa, consultando constantemente os relógios. Sara olhava para o quarto, abria e fechava gavetas, não fosse esquecer qualquer coisa importante. Parecia estar tudo em ordem, o dinheiro no bolso, o diploma no saco, o coração aonde?
Perto das dez horas, Vítor levantou-se e ficou encostado à janela, olhando para fora. Ninguém falava há muito tempo, a tensão nervosa não permitia. E se o carro não aparecesse? E se tudo falhou e não os avisaram? As perguntas vinham e iam, na cabeça de Sara. Pelas caras dos outros, até mesmo a de Malongo, que deixara de tocar ou de dizer piadas, as mesmas perguntas atormentavam-nos.
Vítor finalmente disse, alto, quase gritando:
– Está aí o carro, é esse. Vamos depressa.
Cada um pegou no seu saco e desceu as escadas. Sara foi a última, deitou um derradeiro olhar pelo quarto onde vivera seis anos, viu as malas empilhadas com os seus tesouros,

apagou a luz e fechou a porta, sentindo que ao mesmo tempo fechava um capítulo da sua vida.

Epílogo

O grupo de fugitivos foi travado na fronteira da Espanha com a França pelas autoridades franquistas. Imediatamente informado, o governo de Salazar pediu a sua extradição para Portugal. Esperava-os a prisão e a tortura.

Uma organização humanitária, a Cimade, que estava na origem da fuga, alertou os governos ocidentais para a situação desesperada dos angolanos. Algumas embaixadas em Madrid fizeram pressão. Finalmente Franco deixou-os seguir para Paris, a cidade da luz e da esperança.

O grupo dividiu-se. Muitos foram estudar para países da Europa, ocidental e oriental, ou para os Estados Unidos. Outros integraram imediatamente os dois movimentos de libertação. Sara e Malongo ficaram em Paris. Aníbal já aí não se encontrava.

A CHANA
(1972)

Ainda o deserto.

Agora, do deserto brotou capim e o deserto se tornou chana. Mas sob o capim há areia. E que é a areia senão o cobertor do deserto?

Não, não é verdade.

A chana não é um deserto, nada tem de comum com um deserto. A areia é um pormenor, não a alma do deserto. O deserto é um mundo fechado. A chana são vários mundos fechados, atravessados uns pelos outros. A complexidade da chana está na sua própria definição. Para uns, os otimistas talvez, a chana é um terreno coberto de capim rodeado por uma floresta; para outros, os pessimistas, a chana é um terreno sem árvores que cerca uma floresta. No fundo, por que distinguir otimistas e pessimistas? Não será a floresta, no segundo caso, uma simples ilha, talvez um Mussulo onde coqueiros nascendo da areia procuram com seus penachos acariciar as nuvens? Ou será a chana, prosaicamente, apenas um terreno sem árvores que é preciso atravessar para chegar à floresta ansiada?

E ainda mais no fundo, não será vão definir a CHANA?

(Duma página arrancada pelo vento ao caderno de apontamentos do Sábio).

1

O homem é um ponto minúsculo na chana. O sol acaba de se erguer e perdeu o tom ensanguentado que guardara por momentos, depois de violar a noite. O homem já deixou atrás de si uma longa extensão de terreno, coberta apenas por capim. A mata, abandonada ao notar os primeiros alvores que lhe indicavam o Leste, ficou bastante longe, tomou mesmo o tom azulado da distância. Nada se apercebe à sua frente, além dum oceano de capim baixo chegando à altura dos joelhos. Mas ele sabe, lá onde finda a chana haverá árvores e sombra. No fundo duma chana há sempre árvores, bem como à direita ou à esquerda ou atrás; a chana é um mar interior, a única incerteza reside no tempo necessário para chegar à praia.

O sol nascente indicou-lhe o caminho e reaqueceu-o do frio da noite. O homem recebe o calor na cara, como uma carícia particular. Sabe que, em breve, a carícia se tornará incómoda e, mais tarde, tortura. Por enquanto, porém, o sol é apenas o ser que fez afastar o frio e os terrores noturnos; é ainda bendito, para depois ser amaldiçoado e, quando desaparecido, ser desejado. Destino de qualquer soberano...

O homem tem uma arma, uma Kalashnikov soviética, apoiada no ombro esquerdo. Um boné verde oculta-lhe o abundante cabelo encarapinhado. A barba farta termina em duas pontas, no queixo. Os olhos são grandes, muito brancos, realçados pelos sinais duma noite mal dormida. Veste uma farda camuflada e calça botas militares. Do cinturão está pendente uma bolsa-cartucheira para os carregadores de reserva, do lado direito. Mais atrás, uma corda enrolada. Do lado esquerdo, o cantil e o punhal adaptável à arma. Na parte da frente do boné está espetado um emblema oval, onde se nota um facho aceso empunhado por uma mão negra: o homem é um guerrilheiro.

Marcha rapidamente em direção ao Leste, os olhos inquietos abarcando toda a chana. Por vezes, estaca repentinamente e move a cabeça ou inclina-a, para escutar. Logo prossegue, cada vez mais rápido. A farda, as botas, a barba, estão sujas de pó acumulado. A estação seca está no fim, mas as chuvas ainda não começaram. As chanas estão ressequidas e a poeira cobre tudo. O capim novo já nasceu e contrasta com o amarelo que ficou da estação passada. Nos sítios onde chegara o fogo posto pelos caçadores, o negro calcinado já foi vencido pelo verde possante que fura a terra. Daí a três meses toda a chana estará coberta de

água, água parada onde crescerão girinos, sanguessugas e mosquitos, copulando-se constantemente. Então, qualquer marcha será um arrastar torturante com água pelos joelhos, com quedas frequentes por causa dos buracos camuflados e o zumbir permanente dos mosquitos à volta da cabeça.

Agora, a chana está ainda seca e o homem marcha rapidamente para a fronteira-refúgio.

2

O seu grupo era composto de onze combatentes. Andavam há quase um mês, vindos do Bié para a fronteira da Zâmbia. Atravessaram os planaltos onde o mel impera, rios e riachos, pântanos, chanas, mas sobretudo matas. Nalguns sítios repousavam dois ou três dias, lá onde a comida era abundante e o povo acolhedor, o que rareava com a aproximação da fronteira. Depois recomeçavam a travessia, cada vez mais cansados mas mais rápidos, à medida que as matas do Moxico ficavam para trás e a Zâmbia vinha até eles. O homem fora chamado ao exterior contactar a direção do Movimento e os guerrilheiros iam buscar material. Para não ser retardado, recusava a companhia dos elementos do povo que ao grupo pediam para se integrar e montava acampamento afastado das fogueiras de mulheres, velhos, crianças, que recuavam para a fronteira, fugindo da guerra.

Dos confins do Kembo, do Kuanavale ou do recém-nascido Kuanza, vinham colunas de gente nua e desesperada. As velhas de ventre ressequido arrastavam crianças de barriga inchada e grandes olhos. Os velhos e os homens e as mulheres, um pano esfiado nos quadris, transportavam às costas bolas de cera e quindas com restos de fuba. Os homens ainda possuíam um machadinho, com o qual apanhavam o mel na mata. As mulheres levavam as cada vez mais inúteis panelas. A cera era o seu único bem, o capital que iriam vender ao primeiro comerciante da fronteira para resistirem aos meses de fome.

As ofensivas inimigas tinham despovoado os kimbos. Os helicópteros despejavam bombas, metralha, e homens treinados para matar. Os campos de milho e massango, as lavras de mandioca, as hortas, tudo tinha sido devastado, ou pelos desfoliantes lançados dos aviões ou por homens raivosos que arrancavam as plantas da terra com a mesma raiva com que outros, antes deles, tinham no Norte despedaçado as cabeças das crianças contra as árvores. Pessoa capturada não tinha escolha: indicava o caminho para a base guerrilheira ou era imediatamente assassinada. As ofensivas eram simultâneas e acompanhadas de propaganda, panfletos, comunicados, agentes infiltrados nos kimbos, programas de rádio especiais. “Vocês, nas matas, sofrem e morrem, enquanto os chefes terroristas vivem como nababos no estrangeiro... Vocês, nas matas, vivem como animais selvagens, mas os que estão connosco são bem tratados, vivem como cidadãos portugueses... Não sigam os bandidos, que estão a

aproveitar com o vosso sofrimento... A tropa é vossa amiga...” E lá vinham os helicópteros, e lá vinham os aviões, e lá vinham os Comandos e os GE e os Flechas, todos armados, estranha luz nos olhos, arrancar a mandioca e o milho, em nome da amizade. E lá vinham as cristianíssimas cruzes de Cristo, pintadas a vermelho nas barrigas dos bombardeiros, tingir de vermelho rasgado as barrigas negras das crianças.

O povo perdeu a confiança na guerrilha e criou o vazio à volta dela, recuando aos milhares para a Zâmbia. Ao redor das fogueiras, nas frias noites da caminhada interminável, os lábios dos velhos sussurravam o mesmo desespero que os olhos dos meninos, brandiam os mesmos espectros que os sexos desfalecidos das mulheres: a fome, o frio, a morte. Nada há a fazer, o inimigo é demasiado forte, os nossos filhos e pais e maridos ousaram desafiá-lo, acordaram as cinzas adormecidas dos maus espíritos, lançaram a maldição sobre nós. Aquilo que está parado não deve ser mexido. Fujamos, fujamos, fujamos para a Zâmbia. E as pernas seguiam, dilaceradas pelos espinhos de semanas, obedecendo ao terror.

Quando avistava o grupo de guerrilheiros, o povo vinha pedir, deixem-nos ir convosco, precisamos da proteção das vossas armas. Ele não respondia. Mandava o grupo avançar mais depressa.

– Não nos abandonem. Vocês são os nossos guerrilheiros. Tu, que és um chefe, deixa-nos entrar no teu grupo. Não vos atrasaremos, pediremos um esforço suplementar às nossas pernas para não vos importunar. Tu és um muata, um responsável, deves ouvir o povo...

Ele nem respondia. As colunas de povo não tinham comida, procuravam-na nos paus, eram pesos inúteis. E ainda por cima acabaria por ter de dividir com elas os restos de sal perdidos nos forros dos bolsos. Por isso evitava-as, fazendo acampamento longe delas, desviando a rota se via alguma à sua frente. Não tinha remorsos, lutava pela sobrevivência. Há muito deixara de se questionar, como antes fazia, quando se considerava um intelectual.

Na margem do Kuando ouviram helicópteros sobrevoarem o rio. Avançaram, o coração apertado. Ainda na véspera tinham visto o que restara dum grupo de populares que atravessara o Kuando e caíra numa emboscada do inimigo, na margem esquerda: dois corpos de mulher abandonados no mato e rastos sanguinolentos de feridos arrastados para os helicópteros. Ao sentir a presença constante dos helicópteros, ele dissera devemos andar de noite, pois os aparelhos podiam ter deixado tropas à frente. Os guerrilheiros recusaram andar à noite, invocando todos os pretextos. Nunca referiam a verdadeira causa, o medo do chieye, o fogo-fátuo que se evola do fósforo de corpos em decomposição. Ele insistiu, mas em vão. Como responsável, poderia obrigá-los. Mas seria ainda pior, pois os guerrilheiros criariam uma razão de parar ao fim duma hora de marcha. Só quando é chana e o inimigo ronda, o guerrilheiro aceita passar à noite, só o medo do inimigo presente é mais forte que o medo da noite e seus fantasmas. Ele sabia, corria para o naufrágio. Mas os kimbos estavam desertos ou habitados por velhos que afirmavam nada ter de comer. O mais certo era ser verdade. Descobriram no entanto um único habitante num kimbo, um velho quase se confundindo com um pau de tão magro, o qual lhes deu kaxipembe de makolo. Era o fim, dizia, não há mais fruta para fazer a aguardente, o alambique estava ali para ser abandonado, bebam comigo o resto, depois me vou deitar ali no sol e morrer. Bebendo o kaxipembe e olhando o velho que preparava o sítio onde ia morrer, ele decidiu, temos de andar depressa,

mesmo de dia.

E foi assim que avançaram de dia e caíram na emboscada adivinhada. A primeira rajada abateu o guerrilheiro que ia à frente. Ele e mais dois combatentes responderam ao fogo do inimigo e depois recuaram. Perdeu-se então dos outros, na confusão da retirada no meio da mata, com os obuzes de bazuka a explodirem a seu lado, as balas incrustando-se nas árvores ou partindo ramos mesmo acima da sua cabeça. Correu, saltando sobre troncos, rastejou, cambalho-tou, continuou a quatro patas, sem medo, sem consciência, sem dor, sabendo apenas tenho de sair daqui. Parou quando os pulmões escapavam rebentar e a garganta estava em fogo. Perdera a noção do tempo e da distância percorrida. Já o tiroteio tinha terminado e ele não sabia de onde tinha vindo. O sol apontava o meio-dia e não lhe servia de indicador. Estava perdido.

Andou às voltas durante o dia, procurando caminhos ou o rasto de algum camarada. Nem sabia que andava às voltas, não procurava orientar-se, só olhava o chão, desejando um sinal de bota. No entanto só encontrava as marcas das suas próprias. Não se assustou demasiado com o facto. Estavam na altura do posto do Ninda, à direita, quando foram surpreendidos. A fronteira não podia ficar a mais de três dias de marcha e a direção ser-lhe-ia dada, na manhã seguinte, pelo sol nascente. O pior era ter perdido a mochila, levada por um guerrilheiro, precisamente para lhe aliviar o sacrifício da caminhada.

Quando o frio apertou à noite, deu razão ao Sábio que nunca permitia que lhe levassem a mochila. Dizia o Sábio, um dia perco-me dos outros e fico sem cobertor. Por isso, o fraquitolas do Sábio lá carregava sempre a sua casa às costas. A contragosto, teve de reconhecer que o Sábio era o mais prudente dos dois. A ele a questão sempre se pusera: levar a mochila era sem dúvida mais seguro, nunca se sabe o que a próxima volta do caminho esconde; mas, além do tormento provocado pelo peso nas costas, também lhe fazia perder prestígio aos olhos do povo, pois é símbolo de importância ter um carregador que leve a mochila do responsável. O Sábio não se importava com isso e, afinal, quando chegavam a um kimbo desconhecido, ofereciam o melhor banco a ele e nunca ao Sábio, pois este levava a sua própria mochila, como qualquer guerrilheiro. A sua desforra era aceitar o banco e deixar o outro sentado num banquinho incómodo, ou mesmo no chão. Para não armar.

O inimigo estava tão perto que não ousou acender o fogo. Não dormiu, tiritando de frio, dando cada vez mais raivosamente razão ao Sábio que mesmo ali o humilhava. E pensou e recordou, esperando a madrugada.

3

Dois anos antes, o Sábio contara-lhe:

Assisti a uma xinjanguila interessante, no Kembo. Não te vou descrever a xinjanguila, que conheces, mas acho que vale a pena fazer-te notar certos pormenores a que talvez não tenhas dado importância.

O segredo da dança está na interação entre o coletivo e o individual. A dança de pares pode ser dançada só a dois. Basta música, um homem e uma mulher, ou duas mulheres, ou dois homens. No limite, basta mesmo uma só pessoa. Na xinjanguila, o coletivo é fundamental, não só para o rítimo dado pelas mãos e pés dos outros, mas pelas figuras diferentes que se formam quando quatro ou cinco pessoas saltam da periferia da roda para o centro, onde se encontram, para voltarem à periferia convidar a pessoa que fica à sua direita, que por sua vez vai até ao centro. Assim, o movimento é o de quatro ou cinco linhas quebradas, em zig-zag, que se deslocam da esquerda para a direita, interferindo-se. Tudo combinado com os movimentos de ombros, ancas, braços e pernas. E o particular? Está no breve instante em que a pessoa da esquerda, ao vir do centro, te convida batendo os pés ou dando um sacão de anca, ou à tua frente bamboleia o ventre a mimar o ato sexual. Também está na tua ida ao centro, onde encontrarás outros, e quando voltas convidar a da direita. É realmente um equilíbrio constante entre o habitual sentido coletivo da dança de roda e o sentido particular da dança de pares. O prazer não está em sentir o corpo do outro vibrando com a música e o contacto do teu. O prazer está em sentir o prazer coletivo do rítimo e o de sentir viver, vibrar, o corpo que vem ao encontro do teu, sem o tocar.

Eu estava entre Maria e Mussole. Não as conheces. Maria terá uns dezassete ou dezoito anos, Mussole talvez pouco mais nova. Maria é alta, ligeiramente forte, Mussole é um capim pela sua flexibilidade. Ao princípio, Maria estava à minha esquerda e por isso vinha convidar-me. Depois trocámos e ficou Mussole do lado esquerdo. Maria é uma torrente, é o vento forte que faz uivar a mata. A dança nela é feita de curvas largas, os braços abarcando o Mundo, a língua entre os dentes, o ventre frenético, um vulcão. Mussole, pelo contrário, é o tumulto profundo que se deixa adivinhar nas águas paradas, é a vida borbulhante na chana. Os braços em cruz sobre o peito, a cabeça inclinada para a direita, as ancas rebolando

ligeiramente, profundamente. Tudo nela se passa no interior, é como se gozasse o seu próprio corpo. Maria dá-se à dança, ao rítimo, Mussole integra o rítimo nela, é a fêmea que comanda o ato, não pelos movimentos do corpo, mas pelo aspirar profundo dos músculos da vagina. Maria é o que se chama vulgarmente a mulher quente, a dominadora, a que pode tomar a iniciativa perante o homem. No entanto, Mussole é a verdadeira dominadora, porque a promessa quente só é transmitida pelo que nela se adivinha. Muito mais tentacular, subtil.

Se eu não tas descrevesse assim, logo desde o início, preferirias Maria? Foi o que me aconteceu, como a todos os míopes. Preferi Maria. Com ela fui para a mata, com ela fiz amor ao rítimo frenético da xinjanguila que se ouvia dali. Depois voltámos à dança.

E Mussole passou para a minha esquerda. Estava uma Lua cheia de espanto, realçava a mais pequena ruga dum narizinho franzido em riso malandro. E Mussole passou a vir para mim, pouco se importando realmente comigo, toda ela gozando o rítimo que absorvia do ar, da Lua, da chana. E percebi então a potência do prazer de Mussole. Deixei de prestar atenção à dança, ao meu corpo, à luz da Lua, à poeira que se levantava do terreiro, para me entregar à ânsia que precedia o aproximar de Mussole. Comecei a avançar mais, de modo que os nossos corpos se tocassem num lapso de segundo. E tudo o resto se apagou. O prazer era o pressentimento do curto instante que ia vir e a sua realização periódica. Até que ela se tornou sensível ao meu corpo mais pressentido que tocado. Ou talvez só o desse então a perceber, não sei. O certo é que integrou o meu corpo ao seu prazer, os passos mudaram, no curto instante em que para mim vinha os olhos de mbambi não só examinavam o que se passava no seu interior mas também examinavam o corpo que ia ao seu encontro. Quanto tempo durou, ignoro-o. A fonte de prazer mudava constantemente, saltava do prazer de sentir a vibração do ventre dela colando-se ao meu sexo ao prazer de pressentir o orgasmo profundo e mudo de Mussole, na cópula do rítimo com o meu sexo.

Tudo tem um fim. E a dança também. Ficámos os dois desamparados, face a face, dolorosamente ausentes dos outros que se despediam. A interrupção fora brutal e eu sentia o gosto do inacabado. Era no entanto difícil sair dessa prostração, em que os olhos se beijavam já que os corpos não tinham pretexto para o fazer à frente de todos. E foi ela que decidiu, como sempre, pelo jogo interno das vísceras. Percebi o convite mudo lançado pela espécie de cãimbra que lhe arrepanhou levemente o ventre, a convulsão de duas coxas que se apertavam sob o pano. Só eu podia captar uma mensagem tão discreta, pois conseguira entrar no segredo que encerrava aquele corpo de adolescente desabrochando. Peguei-lhe na mão e puxei-a para a mata. Se deitou na areia sem uma palavra. Não fez um gesto para me ajudar a despi-la. Não fez um gesto para me ajudar a penetrá-la. Manteve-se praticamente toda a noite quieta. Quietude enganadora. O seu prazer sentia-se pelas convulsões largas e ininterruptas que nasciam no útero e se espalhavam, morrendo, nos músculos da vagina, em vagas espaçadas, saboreada cada uma como única.

Mussole, nessa noite, ensinou-me o segredo da vida: o prazer de viver está em viver o prazer do instante, como único. Espaçado, para que a reminiscência do anterior se ligue ao pressentimento do seguinte. Mas suficientemente frequente para que o ponto-morto não seja doloroso, pela saudade. Tive de partir no dia seguinte para aqui e trouxe comigo a fadiga da noite inesquecível e a saudade insuportável de Mussole. Numa palavra, estou apaixonado...

Não é grave.

Isso contara Aníbal, o Sábio, dois anos antes, quando se reencontraram. O Sábio não era homem para esconder nada, gostava de falar, tudo aproveitando para dar uma lição. Talvez para humilhar os outros...

4

O sol começa a aquecer. Os olhos estão fixos no horizonte, na sombra que parece não crescer. Para trás, a mesma sombra esbatida das árvores que deixou.

De repente, o homem estaca, a respiração suspensa. Um ruído longínquo, indefinível. Vento ou avião? Vira-se para todos os lados, procurando um arbusto. O mais próximo fica à sua direita, a uns trezentos metros. Escuta de novo. Pode ser um helicóptero. Desata a correr para o arbusto, o coração ritimando os passos. Enquanto corre, parece-lhe que o ruído se afastou, mas pode ser efeito do esforço. Chega ao arbusto que não mede mais dum metro e quase nu. Retomando o fôlego, agachado no meio do arbusto, apercebe-se enfim de que já nada se ouve. Dez minutos à espera, descansando. Nada.

Caminhou durante cinco horas a um rítimo demasiado rápido. A corrida final esgotou-o. As pernas doem, o baço dói-lhe, a respiração é irregular. Efeito da fome também: dois dias sem comer. E lembra-se da sede. O calor vem chicoteá-lo. Tem de avançar para chegar à mata.

O sol está quase a pino. Olha para a floresta que abandonou mas não tem a certeza. A corrida desorientou-o. Tem uma noção da direção que deve tomar, mas é vaga. Começa a seguir as suas pegadas mas acaba por perdê-las, pois atravessou um bocado de terreno duro. O pânico começa a mostrar a cabeça. Está no meio duma chana imensa, cujas margens apenas se adivinham, e o sol não lhe serve para nada. Volta atrás e tenta cortar para o sítio onde ouvira o ruído. É uma baixa da chana, onde com certeza há água, por isso o terreno não mostra pegadas. Ajoelha-se, pega no punhal. Cava um pouco e a água barrenta brota. Deve esperar o assentar da lama, ficando a água mais límpida. Mas a língua parece inchar na boca e não espera. Bebe assim mesmo. Enche o cantil, volta a procurar o rasto. Se fosse guerrilheiro experimentado, facilmente descobriria um capim pisado ou outro indício qualquer. Mas sempre foi responsável. Sempre teve quem o guiasse, quem estudasse o terreno por ele. As suas preocupações eram outras. Os olhos não se exercitaram e agora são como cegos. Com a procura, a vista teimosamente pregada no chão, acabou por se afastar do arbusto. Quando o tenta encontrar, para dali prosseguir na direção que inicialmente vagamente conhecia, não o pode distinguir dos outros que se situam num raio de quinhentos

metros.

Perdi-me completamente, agora sim. É mais uma constatação que um grito de desespero. O pânico, no entanto, cresceu. Que fazer? Espeta uma estaca no chão. Ainda não é meio-dia e por isso a sombra indicará o Ocidente. Sabe que não é bem verdade, pois naquela época do ano o sol não incide perpendicularmente. Tenta refletir. O sol deveria ser perpendicular ao Trópico de Câncer, portanto... Portanto nada! Já não sei o que digo. Sim, Trópico de Câncer, é verão na Europa. E depois? Adianta saber que é verão na Europa? Estão nas praias neste momento, as damas só pensando em bronzear. Ou nos tipos que as vão levar à *boîte*. E eu aqui, nesta praia sem mar. Que adianta pensar no Trópico? Tropical é um cinema de Luanda. Como Tropic é uma loja de Brazzaville. E Tropicana um cabaré de Bucareste, de Berlim, ou sei lá de onde... Estou me borrando para o Trópico de Câncer. Câncer. *O Pavilhão dos Cancerosos*. Quem sabe, eu também? Marilu não leu, dizia que Soljenitsyne era um reacionário e não perdia tempo com merdas. Marilu e os preconceitos obtusos, onde estaria ela, onde estariam os seus preconceitos? Marilu não entraria num partido, não por preconceito, era toda feita para um partido, incapaz de viver sem preconceitos, mas o seu comportamento pessoal impedia-a: tinha criado o preconceito da liberdade total na vida privada, é o único preconceito que qualquer partido não aceita. Marilu... Merda, estou me borrando para Marilu, quero é saber qual a direção a tomar. Que falta me faz agora um mapa com todas as direções, como as do metrô na Europa. Lá estou eu a pensar na Europa, no meio desta África desgraçada. Tão perdida como eu.

Decide avançar para o oposto da sombra indicada pela estaca. Assim faz. Os passos são dolorosos e maquinais. Já tem de novo sede. O mais chato é que não era helicóptero nenhum e eu, feito cagarolas, abri logo o compasso. Devia ser o vento na anhara. Aqui chama-se chana, palavra também só com “aã”. Ou savana, que também quer dizer a mesma coisa. Não é por acaso. A repetição do som é sinal de igualdade, indiferenciação e chatice. Não é regionalismo, como os políticos imediatamente rotulariam, mas a palavra anhara soa melhor. Anhara-aranha. Aranha gigante, Marilu. Teias psicológicas que prendem, depois ela suga a vítima, suga-lhe tudo que de útil pode ter, e deixa cair a carcaça ressequida. Foi o que lhe fizera, mas ele conseguira arrastar a carcaça, por um esforço de vontade, ou de orgulho, e com o tempo refez-se o todo, como uma minhoca. Sou uma minhoca? Pelo menos pareço, com a lentidão da marcha. É preciso puxar mais. E pensar noutra coisa diferente dos apetites vampirescos de Marilu. Ela não fora mais que um par de coxas quentes, tanto mais quentes quanto mais se subia a mão por elas, uma máquina animal de fazer amor. Queria ser jiboia mas não ultrapassava a fase da aranha. Uma jiboia falhada, no fim de contas. Pobre Marilu. O preconceito de jiboia fazia-a proclamar aos quatro ventos sou livre, devoro a vida. A tática era a da aranha, a atração conseguida pela aparência física ou intelectual sobre o que estivesse ao alcance. Mas acabava somente por chupar a vida, não a tragava. Por isso a abandonei. Um par de coxas... Quatro anos? Sim, quatro anos, na Europa. Afinal, hoje só restava a imagem duma aranha mascarando-se de jiboia e sugando uma minhoca. A imagem não era muito lisonjeira para ele, teve de reconhecer. Há grandeza no reconhecimento da pequenez, compensou.

São duas horas da tarde e oito de marcha. A mata está mais próxima mas o homem tem a

sensação que se desviou da rota. O sol bate-lhe nas costas e ele segue a sua sombra. Uma minhoca tragando a própria sombra.

A fome, o calor, a fadiga, provocaram-lhe dores de cabeça. Por vezes lhe parece a floresta está a dois passos, mas logo se afasta, caprichosa. Já não sente as pernas, os pés, as costas. As dores de todo o corpo concentraram-se na cabeça. A sede também o persegue. Sabe, na mata não encontrará água. Guarda portanto a que tem no cantil, porque não há pior que dormir com sede. Quando chegar à Zâmbia, fará um refresco de maboque ou laranja. Espremerá a laranja, depois acrescentará água, mas sem esquecer de tirar as pevides. É irritante beber uma laranjada ainda com os caroços. Não porá açúcar, quer é saborear o sumo natural. Como fazia na Europa, quando era estudante. Em Paris... Gostava de beber um *citron pressé* em Montparnasse, num café tranquilo onde iam os artistas. No tempo em que ainda havia cafés de artistas em Paris, nos primeiros anos de 1960. Punha muito açúcar, pois o limão é amargo. Mas com laranja não é preciso. Passeava à borda do Sena às duas da manhã, solitário, quando a cidade morria e o rio corria para ele. Os vagabundos, deitados debaixo das pontes, nem se mexiam quando ele passava. Mijava para o rio, mesmo ao lado da Notre-Dame, o que lhe dava um prazer especial. Depois acabava por cair num bar qualquer da margem esquerda para beber uma cerveja gelada e encontrar uma mulher não muito exigente. Mas Paris era só nas férias. Estudava em Colónia. Diziam dele que estudara Colónia mas nada do seu curso. Conheceu todos os cantos da cidade e todos os ângulos de sombra da catedral; viveu à custa duma velha que queria ter um negro na sua coleção de objetos exóticos; tentou esquecer Fernanda, que nunca aceitou sair de Portugal; perdeu a bolsa de estudos por reprovar dois anos seguidos; encontrou Marilu, perdida na selva da grande cidade; viveu dum emprego de inquiridor numa firma de publicidade, até ser despedido por preencher os questionários em casa para não se maçar a interrogar as pessoas; e voltou, chamado pelo Movimento, por não ter terminado o curso. Uma injustiça, pois outros nas mesmas circunstâncias tinham ficado pelas Europas.

Mas ele aceitara vir para a luta, sem grande resistência. Estava farto de discutir revoluções nos cafés com africanos e latino-americanos, revoluções falhadas à nascença. Estava farto dos comités europeus de apoio às lutas do Terceiro Mundo, mais revolucionários que os próprios, que exigiam moral de seminário e se escandalizavam com a libertinagem dos africanos. Como os padres europeus em África, o mesmo tipo de gente, só que mais rota e suja. Apesar do seu discurso avançado, ele acabou por se incompatibilizar com os tipos dos comités, sobretudo por causa da velha senhora. Censuravam-no por prostituição. Não era nada, apenas ajuda mútua. A senhora queria exotismo e ele queria a boa vida proporcionada por ela. Comércio como outro qualquer. Os tipos dos comités também reprovavam o pouco empenho em participar no trabalho dos sempre iguais boletins de informação, inventando sucessos no Terceiro Mundo e provando por A mais B que a revolução mundial era para amanhã. Queriam-no metido nas lutas ideológicas deles, dando peso moral dum filho legítimo de África às querelas sobre as vírgulas de um programa político qualquer. Cruzou pró-chineses, pró-soviéticos, pró-guevaristas, trotskistas, situacionistas, pró-albaneses, titistas-cogestionistas, anarquistas, contra-todistas, posadistas, socialistas utópicos, africano-socialistas, eurocomunistas, numa lista de intolerâncias que

nunca mais findava. Estava farto que lhe vigiassem os passos e as companhias e depois viessem com lições de moral revolucionária. Estava farto de ouvir as mesmas discussões sobre tal texto de Marx ou Lênin, cânones sagrados que era preciso saber interpretar a cada momento. Por isso veio para a luta. Fez um rápido treino militar e foi integrado na guerra, primeiro como formador político, depois como responsável a nível zonal.

E agora está perdido numa chana, os olhos fixos numa mata que se recusa a avançar para ele. No entanto, a mata está nitidamente mais perto, já pode distinguir as árvores. Descansará na mata. Depois prossegue à noite, aproveitando o tempo fresco. São três horas e o calor não diminuiu. Um refresco de sumo de ananás caía bem. Os soldados portugueses trazem-nos nas rações de combate, ele costuma ver as latas vazias deixadas nos trilhos da mata. Um dia, na Zâmbia, comprou um ananás e comeu-o sozinho. Nunca tinha tido um ananás inteiro para si. Limpara-o mal e, no fim, tinha a língua a arder, por causa dos picos. O ananás castiga a impaciência, é como uma operação militar. Tenta recordar o sabor do ananás, vai para além do sabor e chega ao amargor do fim, com as papilas irritadas. O ananás tem personalidade, como o maracujá ou o maboque. Há frutas sem personalidade, tais a pera, a maçã ou o figo. Estou para aqui a descobrir personalidades de frutos! Quem me dera mesmo umas uvas... Vinho! A ideia fê-lo sobressaltar. Um vinho branco bem gelado, um La Trappe argelino, por exemplo. Há anos não bebia um bom vinho gelado. Francine embebedava-se regularmente com vinho tinto, especialmente Bordeaux, era da região. A bebedeira fazia-a dizer asneiras grosseiras, acabava por representar o papel de puta barata. Quando sóbria, era uma excelente companheira. O seu defeito era embebedar-se com vinho tinto. Helga embebedava-se com uísque, não olhava a despesas. Talvez mais grosseira ainda que Francine, um dia passara nua por um corredor do Lar Universitário abraçando-se a todos que a cruzavam e apertando-lhes o sexo por cima das calças. Ou Erika que, numa *party,* embriagada com *champagne* e cerveja, propusera uma sessão de bacanal e iniciara-a, sendo virgem e tímida. Tantas vezes tentara conquistar Erika e ela sempre negara, por medo ou timidez. Nessa *party* foi deflorada à vista de todos por um industrial obeso e repugnante que se dizia de esquerda e pagava a festa. O apetite desperto pela bebida em Erika foi ainda saciado por cinco homens, ele próprio incluído. Os dos comités estavam estarrecidos, Erika era uma das suas mais recentes e competentes recrutas. Mas Helga e Erika tinham desculpa, pois não se embebedavam com vinho tinto. Francine não tinha desculpa, nunca percebera a elegância dum branco gelado. Francine se justificava, era devido à sua ascendência proletária. Arvorava o tinto como o aristocrata o brasão. Vira isso em certos intelectuais europeus que, à falta de vivência ou ação provando proletarismo, iam buscar socorro à origem, real ou imaginária, agora que deixara de constituir perigo ou vergonha. Tais alguns mestiços que, na fase do nacionalismo triunfante, recusavam o pai branco para se apresentarem unicamente como filhos da mãe negra. E não se atrapalhavam com essa estranha partenogénese. Ou o outro, este já cabrito, fronteiras-perdidas, que à falta de mãe negra foi agarrar-se à avó, utilizando o dela como seu nome de guerra. Como se isso escondesse a palidez da cara. Eu tenho orgulho em ser negro, mas sou-o realmente. E bastam os anos em que ser negro era humilhação, era sinónimo de escravo ou de ignorante. Hoje, ser negro é ter uma arma e combater contra o colonizador, seja ele ou não branco. Muitos africanos de outros países

ainda se admiram: “Mas vocês têm mesmo coragem de lutar contra os brancos?”. Complexo do colonizado que grassa por África. Nós aqui não temos disso. O branco é o dono da técnica e da potência, mas não é um deus. E a branca hoje deseja o negro, como antes as negras desejavam os brancos, à força de os aceitar. O negro hoje é símbolo. A mulher sempre desejou o homem que lhe bate no marido, a mulher deseja o dominador que a vinga da dominação anterior. As feministas que engulam essa, é merecida. O negro hoje começa a ser um símbolo de domínio, porque ousou revoltar-se contra o senhor. É um símbolo sexual, o *phallus* da potência é negro! Sorri, numa careta, satisfeito com a descoberta.

A mata está a menos de quinhentos metros. O homem para. Os pensamentos distraíram-no. É preciso cuidado ao entrar na mata, constitui um bom local de emboscada. Se o barulho da manhã era um helicóptero, pode ter deixado tropas na mata. Os soldados podem tê-lo avistado desde há muito tempo e prepararem-lhe uma cilada. Observa atentamente cada árvore, tentando descobrir um vulto escondido. O coração pulsa no peito.

A mesma sensação que no ano anterior...

No ano passado, ao atravessar o Kuando. Eram duas canoas para a travessia. Meteu-se na mais pequena e veloz, conduzida por um pescador. Oito guerrilheiros vinham na outra. A sua tomou enorme vantagem durante as três horas de travessia. Ele deixou, pois havia ofensiva inimiga e no rio e pântanos não tinha abrigo contra os helicópteros. Arrependeu-se ao chegar à outra margem. O “porto” era totalmente despido e a canoa vista ao longe. A chana da margem, onde geralmente havia capim alto que encobria a chegada da canoa, fora queimada por inadvertência ou pelo inimigo. A mata ficava a quatrocentos metros, em semicírculo. O pescador depositou-o na margem e voltou para o outro lado. Pensou em retê-lo mas desistiu. Não lhe seria de socorro nenhum, pois não estava armado. E não lhe pediria para o esconder nos caniços do rio, era uma vergonha um responsável medroso. Que diria o povo? Sempre escondera o medo para dar o exemplo. Ficou sozinho na margem, hesitando. A meio da chana havia um maboqueiro raquítico. Decidiu avançar até lá, o dedo no gatilho, os olhos perscrutando a mata. Na véspera tinham ouvido explosões, os tugas podiam estar ali acampados. Hoje é o meu dia, hoje é hoje! O peito doía, pela contração dos nervos ou pelo galopar louco do coração. Pensou que nunca mais chegaria à árvore. Mas chegou. Placou ao solo contra ela, procurando proteção no frágil tronco, a arma apontada contra a mata. O vento fazia mover as sombras e criar vultos. A sensação de o inimigo estar ali... Resolveu ficar junto da árvore. Os soldados esperavam que ele chegasse à floresta para o apanharem vivo. Pois bem, se o quisessem vivo teriam que o vir buscar, avançando no terreno descoberto. Acertaria nalguns e o tiroteio prevenia os camaradas, que escapariam. Não havia outra coisa a fazer. Meia hora passou. O inimigo não se decidia a aparecer. Mas apercebia vultos móveis. Os nervos crispados gritavam e obrigavam-no a rilhar os dentes. Ao fim de novos quinze minutos, a segunda canoa atracou à margem. Pensou que agora o inimigo iria começar o fogo, pois ele já não estava só e seria difícil apanhá-lo vivo. Os guerrilheiros avançaram despreocupadamente e ele fez-lhes com o braço o sinal de perigo. Agacharam-se e progrediram com cautela. Quando chegaram perto dele, o medo sumira, já não estava só. No entanto, mandou dois guerrilheiros à frente, em reconhecimento, os outros ficaram placados em cobertura. Os batedores chegaram à mata e fizeram sinal para avançar.

Não havia inimigos, o vento e a imaginação criavam vultos na mata. Sentiu-se obrigado a dar uma explicação sobre as necessárias medidas de segurança, mais para se justificar que para instruir os camaradas. Os guerrilheiros tomaram atitudes irónicas, no seu silêncio jocoso de camponeses. Fingiu ignorar, mas a lembrança ainda hoje o irrita.

Avanço ou não? Agora não tem o grupo atrás, está só, verdadeiramente só. Tudo o que fizer dependerá dele e será em função de si mesmo. A única vantagem, insignificante, é não precisar de esconder o medo. Avança mais uns passos, a arma em posição, o indicador roçando o gatilho. Está a trezentos metros. O sol bate em cheio nas folhas da mata, criando todos os cambiantes, do verdamarelo ao castanho. As árvores de folhagem caduca já se vestiram de novo e a cortina verde parece impenetrável. O homem para. Põe um joelho no chão para se camuflar no capim. Fica nessa posição quinze minutos, observando e repousando. Se o inimigo está ali, deve tê-lo avistado há muito e a emboscada está disposta. Se assim é, devem ter-se espalhado pela sua esquerda, na orla da mata que faz uma curva, ficando um grupo à frente para abrir fogo. O grupo da esquerda progride então na chana para o apanhar vivo. Só pode ser esse o plano deles. Mais para a direita, a chana prolonga-se. Perpendicularmente à sua direção, para a esquerda, a chana chega à floresta a cerca de um quilómetro. Devo ir para aí e em passo rápido. Obrigo-os a levantar a emboscada e avançarem na orla para me cortarem o caminho. A política deles agora não é matar, é apanhar vivo. Muito mais desmoralizante para a guerrilha ouvir os seus responsáveis capturados apregoarem arrependimentos na rádio. Chamam isso de política "psicossocial"... Tenho de aproveitar também a psicossocial. Terei possibilidade de entrar na mata antes deles e depois é ver quem corre mais. Apesar do medo, sentiu orgulho pela sua lucidez e sangue-frio. Não se é muata à toa, digam o que disserem.

A imagem que fez de si próprio dá-lhe ânimo. Precipita-se para a esquerda, a correr. Ao fim de certo tempo abranda o passo, mantendo-o embora rápido. O cansaço e a fome provocam vertigens. Observa a mata à sua direita enquanto caminha e nada nota de suspeito. Começa a flectir para aí, tentando retomar a respiração. E quando está a cem metros da orla, lança-se de novo na corrida. O rítimo dos passos não o deixa ter medo, mas imagina o som do primeiro tiro. Continua a correr ou placa? O melhor é correr, arriscar, eles vão atirar para o ar. Alcança as árvores e nada se passa. Sempre a marchar, olha à sua volta, admirado. Depois solta uma gargalhada nervosa, entrecortada de soluços. A mata está vazia de homens.

Deita-se contra uma árvore e fica nessa posição até que o sol desaparece e o frio se assenhoreia, sorrateiramente, da noite. As vertigens não passam, a fome torna-se insuportável. Tenta guardar a água para quando se deitar. Vai andar o máximo esta noite. Com o frio, também não poderia dormir. Esperará que o Cruzeiro do Sul se levante bem acima das copas das árvores, para o guiar. Agora é que era bom andar na chana, a orientação era fácil. Mas infelizmente está na floresta. Tudo sempre ao contrário. É como esta maldita guerra. Quando uma pessoa está a contar com o inimigo e faz um bom plano de defesa, ele não aparece. E cai-nos em cima quando menos o esperamos. Maldita guerra! Os que a iniciaram abandonaram-na, os outros que se arranjem... Caramba, estou a dizer o mesmo que o povo. Mas é verdade, merda. Ninguém o tinha obrigado, se nela participava era por sua vontade. Deixa lá disso, sei bem como é isto de ser voluntário: uma pessoa é obrigada, o que

dirão os amigos, o que será o futuro? Voluntariado forçado! A esta obrigação chamamos consciência política, nome bonito para nos enganarmos. Nuns, é para se enganarem; são os idealistas. Noutros, é para enganarem os outros; são os vivaços. Tudo uma aldrabice. Aqui estou eu, perdido, a sofrer da fome e do frio, sabendo apenas que a salvação está no Leste. Para quê? Uns tantos no exterior utilizam o meu sacrifício e o de tantos outros para chegarem aos países amigos e receberem dinheiro. Desse dinheiro, metade vai para os seus bolsos e dos parentes e amigos. A outra metade serve para aguentar a guerra. Esta parte destinada à guerra é o capital investido para apresentarem êxitos aos amigos e receberem mais, não é por estarem interessados em libertar o país. Já fui parvo, já acreditei na boa fé de toda a gente. Agora já não me levam. Foi a última vez que vim combater. Se pensam vou voltar ao interior estão muito enganados. Vão lá eles, os donos da guerra. Vão ver se se pode lutar assim, sem mantimentos, sem povo, com guerrilheiros que fogem ao primeiro tiro. Claro, vão dizer, se os guerrilheiros não são corajosos, é porque os responsáveis não os moralizam. Mas como moralizar um homem que se apercebe de todas as injustiças? Vão dizer, isso é influência da propaganda inimiga, os pequeno-burgueses infiltraram-se na guerrilha... Que somos nós todos senão pequeno-burgueses? Se é propaganda do inimigo, ela constata uma realidade. Ou o inimigo é sempre mentiroso?

A noite já se impregnou em todas as coisas. Dentro de pouco tempo deve retomar a marcha. Não pode estar muito longe da fronteira, só mais um dia de sofrimento talvez. A menos que se tenha desviado... Afasta o pensamento.

Chegará à Zâmbia, sim, chegará. E dirá tudo aquilo que pensa e proporá uma modificação radical no Movimento. Ainda se pode salvar a situação, mas é preciso homens honestos e decididos no comando. Acabar com os apadrinhamentos, com os incapazes e os ladrões. Tem de se acabar com a hegemonia dos nordistas, que já provaram ter desconseguido a guerra. Como qualquer organismo, um Movimento vive da substituição do velho pelo novo, pela renovação constante das células. O curioso é que todos os partidos de esquerda aceitam este princípio dialético, passam a vida a proferi-lo. No entanto, nunca o aplicam a si próprios e quanto mais velho é o indivíduo melhor dirigente será. Os velhos nunca largam o poder, só à força. Ora, é preciso sempre sangue novo, uma geração que se substitua à precedente, um revigoramento vindo dos quadros. Só assim se pode recuperar o terreno perdido. O inimigo é como um paralítico, é um subdesenvolvido material e moral, obscurantista. Se se mantém, é porque não temos sabido agir. Vejam lá eu, rodeado de inimigos, não estou a comê-los? Passo no meio deles em plena ofensiva e os pobres indigentes nem se apercebem. Basta coragem e inteligência. São camponeses lá de Portugal, ou camponeses de Angola. Com isso pode-se fazer um exército capaz? Nós também, ou promovemos os quadros, ou então foi-se...

Levanta-se, encorajado pelos pensamentos. Volta à chana e descortina o Cruzeiro do Sul. A constelação sempre lhe pareceu feia, trôpega, mas agora chega a ser bela. Deve caminhar com ela sempre à sua direita, dirigindo-se para leste. Mete-se na mata, tentando manter o azimute. Deixa de ver o Cruzeiro, escondido pelas copas das árvores. Só pode contar com o seu sentido de orientação. Ao fim de meia hora chega ao fim da mata, depois de ter caído três vezes, por tropeçar nas raízes. Procura o Cruzeiro e encontra-o nas suas costas: esteve a marchar para o Norte. Atravessa a chana na direção correta. Durou pouco tempo, pois está

de novo na mata. Vai andando, tropeçando, caindo, chocando contra os paus, tremendo de frio, sangrando das canelas esfaceladas contra as árvores, sem outra preocupação senão a de manter o sentido do Leste. No meio da mata, o Cruzeiro nunca lhe aparece. Avança assim mais duas horas, até que de novo encontra a chana. O Cruzeiro agora está à sua esquerda. Andou para o Ocidente todo esse tempo. Deita-se no meio da chana, exausto, desesperado. A marcha da noite não serviu para nada, antes pelo contrário. Decide descansar ali. Mas não suporta o frio. Ao fim de cinco minutos levanta-se. Ouve então o ruído do rio, vindo do Norte. Caminha para ele, pelo menos terá água para beber.

À medida que se aproxima, vai adivinhando os contornos da margem. Que rio será? O Kuando não, tinham-no deixado muito para a direita e ele depois desvia para sul. O Tundombe? Se for o Tundombe, está no bom caminho, um pouco desviado. O Kapui? Não, também devia ter ficado para a direita. Sim, só podia ser o Tundombe. Está salvo.

Chega à margem e logo a ilusão se desmorona. É um rio grande. O Tundombe nesta época do ano está seco, como não pensei logo nisso? Que rio pode ser? O Kuando não, ele está na margem direita do rio e, se fosse o Kuando, teria de estar na esquerda. Aliás, o Kuando não é assim, corre no meio de pântanos. Um pressentimento angustioso entra nele: o Ninda? Sim, só pode. Não há outro rio e é possível, se marchou para Norte. O pânico agora é incontrolável. Se é o Ninda, terá de atravessar uma picada e uma estrada, evitar o posto... e ainda lhe faltarão dois dias bem puxados até à fronteira. Nunca poderei, nunca poderei. Deixa-se cair sobre os joelhos e fica prostrado, sem nada decidir. Ao fim de longo tempo, resolve beber água. Enche o cantil e depois avança para a mata. Ali se deita, sem ousar acender fogo.

O frio e o medo não o deixam dormir. A pergunta obsessiva é sempre a mesma, será o Ninda? Só pode. O Kapui? Não, neste tempo também está quase seco. Só pode ser o Ninda, só pode ser o Ninda. E ali perto vive uma companhia de soldados tugas. São onze horas da noite. Que fazer?

É meia-noite. Só há uma hipótese, avançar já. Tem de atravessar esta noite a estrada para o Chiume e a picada do Tundombe. De dia é demasiado perigoso, pois os soldados patrulham-nas, sobretudo perto do posto. Deve passar ao lado deste, portanto só o pode fazer à noite. Reúne o que lhe resta de forças, tenta esquecer as dores de todo o corpo, e avança de novo para o Leste. Vai pela orla da mata, junto da chana que se estende até ao rio, para poder orientar-se pelo Cruzeiro e pelo rio. Quando descobrir o posto, desvia-se para a direita. Já não consegue disciplinar as ideias e as recordações, só o medo o faz seguir sempre a orla da mata. Prepara-se mentalmente para encontrar de repente os holofotes do posto, mas nunca mais chega a eles. E já são três horas.

Deita-se junto a uma árvore, pensando que será incapaz de se levantar. Já não sente fome, ultrapassou essa fase. O cansaço finalmente se torna agradável, pois não o deixa sentir frio e mergulha-o num torpor próximo do delírio. As imagens passam pelo cérebro como se tivesse presenciado o que nunca vira. Mas o Sábio contara as coisas com tal sentimento e colorido que ele via Mussole, o seu corpo flexível dançando para ele, o corpo despedaçado sangrando para ele, os olhos do Sábio sobre ela reclinado derramando lágrimas dele. Sim, fora ele que amara Mussole, fora ele que se extasiara nas suas carícias, fora ele que com ela

morrera naquele dia de abril do ano passado em que as chanas cantavam de florzinhas coloridas e os rios se penteavam de grandes folhas redondas. Naquele dia de abril do ano passado, feito para o amor, naquele dia em que ele voltou ao Kembo para encontrar pela quarta vez Mussole. Foi naquele dia de abril em que corria para o kimbo de Mussole, depois de três meses de separação interrompendo os quinze dias do terceiro encontro. Sim, naquele dia de abril em que ele a vinha buscar, pagar o alembamento aos pais, comprar o calor do seu corpo com um cobertor e a promessa de outros presentes que não tinha. E corria pela chana da borda do Kembo, ansioso por mergulhar nos segredos mudos da ternura de Mussole, gazela mais ligeira que o livongue, antílope de olhos macios mais que o mel lhe escorrendo dos lábios ao mastigar um favo doirado como a sua pele quando ao sol roubava os reflexos, ela, seu mbambi negro, fonte de todo o amor. Sim, foi naquele abril de chuvas traiçoeiras que ele chegou ao sítio do kimbo. Foi no abril do ano passado, o dia não sabe, o Sábio escondeu, mas em que os trovões serviam de fundo ao chicotear das faíscas, que viu o kimbo queimado, ainda fumegante. Foi naquele dia de abril do ano passado (por que abril seria sempre fatídico, com a morte do Herói, com o rompimento de Marilu?), foi nesse trágico abril que ele pressentiu no meio do capim o corpo violado e esquartejado de Mussole. Foi nesse dia de abril que soluçou até ficar sem voz, embalando a menina feita para a vida, princesa da ternura escondida, que para ele conservava abertos os atónitos olhos de gazela. Foi, sim, nesse abril que fechou o coração, como um livro lido e relido que não aceita ser mais profanado, e encheu o cérebro de ódio frio para quem lhe roubara a fonte de vida. Sim, no abril das chanas se cobrindo de flores lilases, cavou a sepultura de Mussole e jurou sobre a campa fresca lutar até ser abatido, mesmo que só ele restasse, já não por ter crença, mas por única volúpia de vingança, agora que o declínio coletivo era irreversível. E queria agora o Sábio usurpar-lhe o direito de chorar Mussole? Mussole era sua, sua era a saudade dela como o fora o seu corpo, como o fora a renúncia depois da sua perda. Mussole, Mussole, Marilu... Fernanda.

Limpa as lágrimas com as costas da mão suja e recorda que tem de avançar até ver o posto. São quatro horas da madrugada, deve atravessar a estrada ao abrigo da noite. Levanta-se maquinalmente, apoiando-se à árvore para não cair, pois as pernas tremem e só vê faíscas vermelhas à sua frente. Admira-se de poder andar e é consciente de que não se trata de milagre, apenas um efeito do medo. Lá vai, arrastando os pés, até que os primeiros clarões se adivinham à frente. Não chegará a tempo de atravessar a estrada. Então, as luzes dos holofotes varrem por cima das árvores a noite agonizante. O posto do Ninda. Aproxima-se mais, penetrando na mata. De repente, a estrada e a ponte, ao seu lado esquerdo. A manhã triunfa finalmente.

O homem recua para a mata. Terá de passar o dia escondido, à noite atravessar a estrada, a picada para o Tundombe, e avançar ao longo do rio até à fronteira. Aguentará? Começa a perder a conta dos dias de fome e de sono. Sabe que não dormirá de dia, por medo de ser descoberto, tão perto do posto. Até onde vai a resistência dum homem?

5

Dois dias antes da sua partida, dissera-lhe o Sábio:

– Quantos mortos nesta guerra? Quantos lares abandonados, quantos refugiados nos países vizinhos, quantas famílias separadas? Para quê? Quando penso nos sofrimentos somados de todos, nas esperanças individuais destroçadas, nos futuros estragados, no sangue, sinto raiva, raiva impotente, mas contra quê? Já nem é contra o inimigo. Cumpre o seu papel de colonizador. O colonialista é colonialista, acabou. Dele não há nada a esperar. Mas de nós? O povo esperava tudo de nós, prometemos-lhe o paraíso na terra, a liberdade, a vida tranquila do amanhã. Falamos sempre no amanhã. Ontem era a noite escura do colonialismo, hoje é o sofrimento da guerra, mas amanhã será o paraíso. Um amanhã que nunca vem, um hoje eterno. Tão eterno que o povo esquece o passado e diz ontem era melhor que hoje.

– É uma guerra longa – respondeu ele, prudente.

– Pois é. Mas não foi preparada. Prometemos o futuro próximo, é já daqui a uns meses, aguentem um pouco. Vão ver, vem tecido, vem sal, vêm técnicos, já estão mesmo a caminho. E o povo esperava. O tecido não atravessava a fronteira, era gasto em bebida, o sal serve só para salgar os rios da Zâmbia, os técnicos ficam vivendo bem na Europa. E o povo nu, cultivando para os guerrilheiros, sem compensação senão um bombardeamento ou uma investida inimiga. Um povo cansa-se se só ouve mentiras. Nada foi organizado, já não digo para melhorar, mas pelo menos para manter o nível de vida da população. Nada, ou pouco. Que se vê hoje? O Moxico despovoado, o Kuando-Kubango despovoado, o Bié oriental despovoado, a Lunda *idem*. Só há população na Zâmbia ou nos postos inimigos. Aqui, nas matas, escassos kimbos ainda se mantêm, mas já prontos para a partida. As canções só dizem fujamos, vamos para a Zâmbia. Quem traiu, foi o povo? Não, foi heroico, resistiu durante anos. Mas toda a resistência termina se não há uma perspectiva.

– Os do Norte estragaram muita coisa.

– Cai agora no regionalismo, Mundial – disse o Sábio, mordendo uma haste de capim. – Culpas os do Norte. Sim, os primeiros responsáveis que vieram eram do Norte. Tinham a experiência da guerra lá em cima, por isso eram normalmente os comandantes. Havia bons e maus. A maior parte eram bons patriotas, prontos a todos os sacrifícios. E lutaram. Mas

encontraram uma população noutro estádio de desenvolvimento, não integrada no sistema colonial-capitalista e por isso com contradições menos violentas contra o ocupante. A população aceitou a supremacia dos que chegaram com armas e a técnica da guerra, que é sempre fonte de respeito e admiração temerosa. Povo com hábitos diferentes, que não ousava revoltar-se contra o colono, mas que foi despertado pelos que vieram e os apoiou.

– E os do Norte criaram a sua própria colonização. Recrutaram guerrilheiros locais mas eles eram os chefes. Apoderaram-se da logística e arranjavam mulheres com os bens da guerra. Mas nas mulheres deles ninguém tocava, nem para apertar a mão. Nega se és capaz! E os fuzilamentos? Combatente que cometesse uma falta mais ou menos importante era fuzilado. Houve traidores, sim, mas todos? Quem tivesse mulher bonita, arriscava-se a levar um tiro num combate, só que o tiro vinha das costas, e o comandante ficava com a mulher. Nega, se podes.

– Isso nunca ficou provado. Admito que casos desses pudessem ocorrer, mas não eram comuns. E também houve tipos do Norte fuzilados, isso acontece em todas as guerras. As pessoas cansam-se, passam-se para o outro lado, ou cometem crimes que têm de ser punidos. Há muito exagero no que se diz agora.

– O curioso é que geralmente eram pobres tipos do Leste.

– Reages como homem do Sul, Mundial. É normal, diria eu, se não tivesses outra instrução. Se tivesses sempre vivido na mata, se o teu entendimento não ultrapassasse as fronteiras do teu kimbo, a reação seria normal. Tu estudaste, andaste pela Europa, nasceste no Huambo mas viveste em cidades. Deves refletir menos apaixonadamente. Além disso, o Huambo não é o Leste nem mesmo o Sul. E sou do Norte, mas nunca mandei fuzilar ninguém, sabes bem disso. Nunca faltei ao respeito a um homem do povo, só por ser do Leste. Nunca me comportei em colonialista, nunca quis privilégios. Nega agora, se és capaz.

– É verdade. Mas tu és diferente.

– No entanto, quando os camaradas se excitam chamam-me entre dentes kamundongo, como se fosse o pecado original.

– Porque te não conhecem. Estão habituados ao domínio dos kamundongos.

– Não – disse o Sábio. – Eles conhecem-me, há anos que vivo com eles. Antes nunca o diziam. Talvez pensassem, mas não tinham coragem de o dizer. Os responsáveis, fossem eles do Norte ou do Sul, não admitiam. Mas hoje fala-se. Nesse aspecto talvez seja melhor, ao menos as pessoas manifestam o que têm lá dentro. Mas por que ontem eu era o irmão e hoje sou visto quase como inimigo? Vivo nestas matas há cinco anos, falo a língua daqui, amei com todo o respeito uma mulher do Leste, cuja morte me matou. Sou mesmo do Norte? Nunca me vi assim, sou apenas angolano. Então por que agora se viram contra mim, por que tudo o que digo deve ser falso, quando antes era quase sagrado?

– Os crimes cometidos pelos kamundongos foram demasiados, agora não aceitam nenhum kamundongo. Tens de compreender.

– Não é só isso. Não foram só os kamundongos que erraram. Tu mesmo não fuzilaste homens daqui? Lembro-me dum caso, Vítor...

– Cumpria ordens dos kamundongos – disse Mundial.

– Não mandaste o Panga para uma missão só para aproveitar da mulher dele? E não és

kamundongo, apesar de o teu pai o ser. Por que agora me consideram quase um assassino, eu que sempre lutei contra isso, que vos acusava a vocês, homens do Leste ou do Sul, de maltratarem o vosso próprio povo? Esse nome de Sábio veio do facto de ter um curso superior? Até tenho, mas quem o sabe? Deram-me esse nome porque passava demasiadas lições de moral, falava sempre em defesa do povo. Não, o problema não é só esse. Agora, são os responsáveis do Leste que agitam os guerrilheiros e o povo contra os kamundongos. São os pequenos quadros que gritam acusações, umas verdadeiras, a maior parte falsas, para eliminarem os do Norte e assim subirem na organização. Para o oportunista tudo vale, mesmo a mentira mais grosseira. A massa vai apoiar, a demagogia domina, então por que não aproveitar para sujar o nome dos outros, mesmo do amigo de antes, para apanhar um posto, de preferência civil, pois é aí que se tem acesso aos bens materiais? E os guerrilheiros, vendo isso, sabendo que não podem subir porque não têm o mínimo de instrução para competir com os próprios quadros do Leste, exigem dinheiro para combater. Até o povo exige dinheiro para voltar ao interior.

– Está bem, Sábio. Nós é que estragamos a guerra, somos os oportunistas. Vocês não cometeram erros, eram os bonzinhos que nos vieram ensinar a guerra e a comer com colher. Mas nós aprendemos e quisemos os vossos postos para ter rádio e relógio. Então começámos a fazer agitação regional. É só isso, não é?

– Deixa de ironias. E não te coloques em posições regionalistas. Por que dizes “vocês” e “nós”? Pões-te também do outro lado da barreira? Estás só a criar um fosso entre nós, um fosso falso.

– Não o estou a criar. O fosso existe já, não o notaste?

– Eu contribuí para ele? – disse o Sábio.

– Eu também contribuí?

– Não sei. Já não sei. Antes não acreditaria. Mas vejo-te a falar em “vocês” e “nós”, mais reservado mesmo desde que chegaram as cartas da fronteira. Comentaram-nas entre vocês, evitavam que eu ouvisse. Não me falaste nelas, não me deste nenhuma notícia, mas via-te sempre com elas na mão, lendo-as baixinho para os outros. Se esse fosso já existe, quem o cavou?

– Os crimes, os erros... cometidos pelos do Norte. Não por ti, eu sei. Mas os teus patrícios estragaram tudo.

– Manténs a tua posição, não é? Se há uma divisão regional, tudo acaba, quem aproveita é o inimigo. Já estamos fracos, a divisão aniquila-nos. Pensa nessas mulheres e crianças que olham para nós ainda com alguma esperança. Nós éramos os salvadores, os redentores. Como o seremos, se nos combatemos?

– Não te estou a combater, Sábio. Não estou a dividir nada. Só digo essa divisão existe e os militantes e o povo desconfiam dos kamundongos. Se houve homens do Leste que erraram, o que é certo, aprenderam porém com os do Norte. Quem formou os homens daqui? Não foram os exemplos mais que as palavras bonitas? Podem dizer-me vinte vezes por dia que somos iguais, a prática mostra que há privilegiados. E quem são os privilegiados? Os do Norte. Alguns do Leste? Sim, alguns vendidos que gravitam na órbita deles, que tudo aceitam para receberem umas migalhas do bolo. Haka, não é mesmo evidente? Com o tempo, os

daqui aprenderam. Demorou, mas aprenderam. E agora não aceitam. De quem é a culpa, Aníbal? Por que nos ensinaram a igualdade de boca se não a praticavam?

O Sábio ia interromper, mas Mundial fez um gesto imperativo e continuou:

– Deixa-me acabar. Quantos comandantes eliminaram os seus subordinados do Leste, só com medo de serem suplantados? Não forçosamente eliminação física, mas política. Uma ratoeira, o do Leste fazia um erro, tumba, uma despromoção, uma mancha no currículo. Sabes disso tão bem como eu, falámos de alguns casos. Quem começou com essa luta pelo poder? Não foi o que estragou a guerra? No momento em que todo o povo apoiava, abusaram dele. Quando os guerrilheiros estavam decididos, maltrataram-nos, humilharam-nos, vocês são macacos, nós é que somos homens, portadores duma cultura superior, falamos português ou francês, sabemos ler. Vocês serão apenas guerrilheiros e as vossas mulheres trabalharão para nós. É verdade que esta região era mais atrasada, mas que se fez para a desenvolver, para formar os homens? Pouco. Hoje continua a haver mais quadros do Norte que do Leste e, no entanto, já passaram seis anos de guerra nesta frente. E houve milhares e milhares de guerrilheiros. Os quadros estão aonde?

– É certo isso, Mundial, devia-se ter feito mais. Mas por que não se culpa o Movimento, os dirigentes, por que acusar só os do Norte?

– Quem são os dirigentes? Não são do Norte?

O Sábio atirou mais lenha para a fogueira. Um grupo de guerrilheiros estava num fogo ao lado, a vinte metros deles, observando-os. Os canos das armas, refletindo a luz das labaredas, lançavam para a noite cintilações baças. As armas estão cansadas, já não brilham, pensou Mundial. Disse:

– Quando se fala dos kamundongos, fala-se dos dirigentes e de um grupo de responsáveis subalternos que dominam o Movimento. Nem todos são do Norte. Mas a maioria domina. Mesmo os mestiços são chamados kamundongos, embora não sejam todos. Há mestiços do Sul e muitos com boas ideias. Mas entram no grupo dominante, se quiseres fazem parte da classe dominante. O termo kamundongo hoje significa privilegiado.

– No entanto, também há privilegiados do Leste ou do Sul, como tu... Entre nós dois, quem é mais privilegiado? Diz sinceramente. Eu nunca mando ninguém ao exterior comprar cigarros ou açúcar ou café. Nem tenho dinheiro para isso. Mas cada caravana que vem traz-te sempre coisas que mandas comprar. Nunca fico com tecido que vem para o comando para dar às mulheres...

– Ora, é porque recusas sempre a tua parte. Tinhas direito a ela.

– Não, acho que não tenho direito. Acho mais justo que se distribua o tecido pelo povo, que anda nu. O mal é que vocês agora opõem-se aos do Norte, não para corrigir os erros, mas para aproveitarem desses erros. Estaria do teu lado se dissesses o Movimento não se preocupa com o povo, todo o tecido deve ser para o vestir, vamos acabar com os privilégios dos responsáveis, com o muatismo. Mas não. Dizes é um direito ficar com uma parte, direito instituído pelos primeiros responsáveis e que o Movimento tolerou. Mas para ter esse direito é preciso ser responsável. Por isso corramos com os outros para nós gozarmos esse direito. Não estás a pensar em melhorar as coisas, em acabar com todos os erros que trouxeram a luta para trás. Estás, como os outros, a pensar utilizar a situação atual em teu proveito. Isso

tem um nome, é oportunismo.

– É impossível discutir contigo, só insultas.

– Não estou a insultar, estou a dizer a verdade. E digo-te a ti porque sou teu amigo. A outro não digo, arrisco-me a levar um tiro nas costas.

– Não dramatizes. Sempre disseste que somos um povo pacífico, se fazemos a guerra é porque somos forçados. Por que iríamos ajustar as contas aos tiros?

– Nunca se sabe, Mundial, à força de matar e ver morrer, passa-se a dar menos valor à vida humana. Mesmo que para cada inimigo abatido haja uma justificação política. E quando não há formação, é fácil esquecer o sentido do combate e passar-se a matar só pelo prazer de matar. O odor do sangue torna-se imperioso e quando uma rixa surge, as armas podem cantar. Sucede em todas as guerras. Por que não na nossa, onde já tantos nem sabem porque lutam?

– Mas daí até darem-te um tiro, a ti que não fizeste mal a ninguém...

– Ora, é imprevisível. Um bocado de hidromel a mais e já me chamam diretamente kamundongo. Se digo umas verdades, é fácil prever o que sucederá. Por isso falei-te a ti, mas não falarei aos outros.

Ficaram a olhar para as chamas da fogueira. Pálidas chamas que iluminavam as vinte cubatas dispostas em dois semicírculos com trincheiras à volta.

– Conhecemo-nos desde Lisboa, da Casa dos Estudantes. Há quantos anos já, Aníbal? Doze, treze, sei lá. E andamos há três anos mais ou menos juntos, nesta frente. No Kuando, no Kembo, no Kuanavale, aqui. Sempre fizemos parte do mesmo comando. Depois deste tempo todo, deves conhecer-me... Sempre te considerei um amigo. Achas que sou um oportunista?

– Os homens mudam, não sei. Antes pensava que eras um pouco superficial, inconstante, mas honesto. Nem sempre corajoso. Não me refiro à coragem física, sempre te comportaste em homem corajoso que sabe camuflar o medo, mas à coragem moral. Hoje não sei. As circunstâncias fazem mudar um homem. Antes aproveitavas da posição de responsável para teres privilégios, não demasiados, diga-se de passagem. Mas era compreensível, estava instituído, tinhas tido vida fácil na Europa, habituaste-te a certas coisas. De qualquer modo abandonaste o conforto ao vir para aqui, o que é meritório. Eras jovem, podias aperfeiçoar-te, agir de acordo com os ideais políticos. Mas, de repente, mudaste. Notei quando voltei da última missão. Na minha ausência transformaste-te, bastaram três meses. E quando chegaram as cartas tratavas-me quase com hostilidade. A única coisa que disseste é que te chamavam à fronteira. E evitavas falar-me. Hoje, talvez porque partes, aproximaste-te para conversar. Remorsos de me deixar isolado?

– Por que remorsos? Chamaram-me... E às vezes não apetece falar.

– Discutias horas com os outros, no entanto. E aqui não há mais nada para passar o tempo. Só há combates quando o inimigo ataca, vivemos escondidos na mata como bichos. Todo o dia na base. Livros não há. Só hidromel e conversas. Não vale a pena negares, evitavas-me. Cometi algum erro, fiz-te alguma coisa? Penso não é isso, estamos habituados a tratar diretamente um com o outro. Só pode estar relacionado com as cartas e com o regionalismo que reina agora aqui.

– É escusado, Sábio. Estás pessimista e vês fantasmas onde eles não existem. Não há

momentos em que não tens vontade de falar com uma pessoa?
– Não importa. Tudo se esclarece, mais cedo ou mais tarde.
– Importa, sim. É a opinião que tens de mim. Sou então um oportunista?
– Estás a tomar posições oportunistas. Não é exatamente a mesma coisa.
– Obrigado pela condescendência. Podias chamar claramente oportunista.
– Não estou a ser condescendente. Para ti seria mais simples se te chamasse oportunista? Era um bom pretexto para cortares completamente comigo.
– Porra! Isso já é mania da perseguição.
– Talvez. Quem não fica maluco nesta guerra absurda?
– Vês como estás, Sábio? Até já dizes que esta guerra é absurda. Estás completamente desencorajado. E sabes por quê? Porque não queres convencer-te dos erros. Como corrigir as coisas, se não se aceitam os erros? Chegou o momento de falar claramente, para que a guerra retome o seu sentido.
– O que dizes, no fundo, é o mesmo que estou a dizer. Não digo que a luta contra o colonialismo é absurda, mas o caminho que a guerra tomou é absurdo. Olha para os guerrilheiros. São hoje uns foragidos, quase mercenários, já nada têm de combatentes revolucionários, nada, absolutamente nada. Qual é o problema principal para eles? A mulher que foi dormir com outro, a miúda que está a crescer e que todos disputam, o ndoka que ainda não está pronto, aquele comeu mais carne que eu. E quando há qualquer coisa, a desculpa é o tribalismo, o regionalismo. Porque aquele é umbundo, ou mbunda ou kangala. Ou então, o pior dos crimes, porque é kamundongo. Tudo isto não é absurdo?
– É preciso modificar.
– Como? Metendo em todos os cargos só homens do Leste? É assim que pensas modificar a situação?
– Não é isso. Mas deve-se dar mais cargos aos homens do Leste.
– Mesmo que sejam piores que os outros?
– Mesmo que sejam piores que os outros. É preciso repartir os postos mais equitativamente.
– A competência, a honestidade, a formação revolucionária, isso não conta? O que conta é a regra da proporcionalidade?
– Foi o que sempre contou, Sábio. A competência, a honestidade, mais o quê disseste?... Isso nunca contou. Contava o facto de se ser do Norte ou não.
– Estás a exagerar. Não subiste na organização? Nunca foste guerrilheiro simples, entraste logo com uma responsabilidade.
– Também era melhor! E sou dos raros. Resta saber se o facto de o meu pai ser kimbundu do Golungo não contou. Mas não vejo o meu caso, vejo o dos outros que continuam como antes. Se falasse por mim, sim, podia ser oportunismo. Não é de mim que se trata.
– Quantos comandantes do Leste há? Um só? Até analfabetos subiram a comandantes, porque eram bons combatentes. O que é justo.
– E por que não os alfabetizaram? E por que não os formaram? Podem ser comandantes de esquadrão, mas não podem passar daí, pois são analfabetos.
– É um erro a apontar. Mas uns tantos foram formados, nada de exageros. E subiram de

qualquer modo.

– Claro, já não havia outros. Os do Norte não queriam lutar, estavam todos na fronteira. Eram precisos comandantes. Hop, eleva-se um analfabeto que seja bom combatente. Mas esse terá voz algum dia? Nunca, porque é analfabeto, está limitado. Pouco se fez para formar os homens daqui. Se me formei um pouco, enfim, se estudei, foi à custa do meu pai, não foi à custa do Movimento.

– Tiveste uma bolsa na Alemanha. Não a aproveitaste, costumas confessar que não estudavas nada.

– E quantos há que ficam dez anos a acabar um curso, só porque são do Norte e têm padrinhos?

– Não sejas desonesto. Sabes melhor que eu como se passam as coisas. Recusam vir para a luta, o Movimento retira-lhes a bolsa e eles conseguem uma pelos seus próprios meios, com todas essas associações de ajuda que existem na Europa. Dizem que se estão a preparar para a fase da Reconstrução Nacional! Tu quiseste vir quando foste chamado e esse mérito ninguém te pode tirar.

– Não estávamos a falar de mim.

– Tu é que puxaste o teu caso. Quando te interessa, apresentas-te sempre como exemplo... Mas sobre os comandantes analfabetos... Sempre disse que o Movimento devia ter feito mais para formar quadros. Foi uma grande palavra de ordem, apresentada como propaganda, mas na prática... Outras prioridades mais imediatas aparecem. Pode ser apenas inconsciente, mas o factor humano sempre foi desvalorizado. Falta de sensibilidade ligada ao próprio subdesenvolvimento da sociedade. Mas não é porque são do Norte ou do Leste, não vejo as coisas assim.

– Não podes ver! Essa é a nossa diferença. És do Norte e inconscientemente defendes os teus. Problema cultural.

– Caímos sempre no mesmo. Mas agora sou eu o regionalista.

– Sim, no fundo é assim. Repara, Sábio. Com o lema Abaixo o Tribalismo pode-se fazer tribalismo. Basta que se utilize esse lema sempre que as nossas posições são atacadas. Estão-me a acusar dum erro, é porque sou de tal tribo, estão a fazer tribalismo. E às vezes é só mesmo porque cometi um erro. Mas ao brandir o lema, toda a gente se assusta e recua no ataque. Ninguém quer ser acusado daquilo que foi ensinado como sendo o pior dos crimes. Foste tu um dia que me chamaste a atenção para isso.

– Lembro-me. E tomei posição para defender um guerrilheiro do Leste que estava a ser injustamente acusado de tribalismo, porque criticou um comandante do Norte, quando ele estava cheio de razão, esse comandante era um malandro.

– Então? O tribalista a gritar Abaixo o Tribalismo, para se safar... Neste momento estás a defender por sentimentalismo os que erraram. Não é uma posição regionalista, mesmo que totalmente inconsciente? Pensa nisso.

– O.K. Quando se chega a este ponto, é impossível discutir.

– Disse-te que havia um fosso. Quando há um fosso, andamos às voltas mas caímos sempre nele. Sábio! Tens de saltar o fosso, mas isso não compreendes.

– Renegando as minhas ideias e pondo-me a gritar os kamun-dongos estragaram a guerra?

Eu culpo é o Movimento, a direção, para ser mais preciso.
– Formada pelos do Norte...
– Não só. Há de tudo na direção. Entre os do Norte há intelectuais que concordam connosco nas críticas. Já ultrapassaram tudo, Mundial, tu conheces.
~ Ultrapassaram mesmo? Terás tu próprio ultrapassado? Deste tantas provas, oh, se deste... No entanto, no momento da verdade, por uma lealdade qualquer estranha, recusas saltar o fosso.
– Ouve, Mundial, esta discussão não leva a lugar nenhum. O melhor é vermos honestamente o que fazer para salvar a situação.
– É o que tento fazer. E que propões, Sábio?
O grupo de guerrilheiros foi se deitar. As duas sentinelas, colocadas nos dois extremos da base, revezavam-se na fogueira agora deserta para se aquecerem. Os postos ficavam desguarnecidos, mas havia pouco perigo de ataques noturnos. Depois de algum tempo a aquecer as mãos nas brasas, a sentinela olhava os dois responsáveis e de mau grado voltava para a sua posição. O Sábio respondeu:
– Já muitas vezes tínhamos falado disso. É mais urgente do que nunca a criação dum partido revolucionário dentro do Movimento. Ele devia ser o núcleo que dirigia o Movimento, o qual na prática se convertia em frente. Os elementos desse partido seriam escolhidos a dedo, só entrando os militantes sem mácula.
– Sim, já falámos disso. E já não acredito. Quem escolheria a dedo esses elementos? Quem seria o juiz?
– Uma comissão, sei lá, um grupo.
– Não vês o problema. Sábio? Isso seria público, evidentemente. Uma conferência decidia a criação de tal partido e de tal comissão. Ou pensas que se faria na clandestinidade? Muito arriscado.
O outro abanou só a cabeça. Mundial prosseguiu:
– Mesmo que essa ideia fosse aceite, o problema ia pôr-se na escolha da comissão. Haveria uma maioria de homens do Norte e o povo não aceitava. Ou pior, não diria nada e esse partido estava desde o início desconsiderado. Não vês? Neste momento recusaríamos aos do Norte serem os juízes da nossa militância.
– O que propões então?
– O que já disse. Igualdade no número de dirigentes. Tantos do Norte e tantos do Leste. É uma etapa provisória mas necessária. Depois que subam os melhores, os mais competentes e honestos, como dizes. Se o povo vir que os do Leste também podem fazer recuar a luta, aceitará que só os melhores dirijam.
– Depois quando, Mundial? Quando já tudo tiver acabado? Se a luta for ainda mais para trás, então acabou. Ficamos com armas e sem homens. Já estamos à beira da catástrofe...
– Numa primeira fase, os guerrilheiros e o povo ficarão animados, todos voltam para os seus postos. Se depois a luta recuar, fica como está agora, ou talvez melhor. Mas com tudo esclarecido.
– Utopias! O povo não quererá mais nada connosco, entrega-se todo ao tuga. Isso é suicídio puro e simples. Se agora a direção não é boa, depois ainda será pior.

– Por que pior? Tiramos os maus elementos da direção e no seu lugar ficam os melhores do Leste. Pior não fica.

– E como se fará a escolha? Se tudo é movido agora pelo regio-nalismo, pela demagogia, que garantias haverá que os melhores do Norte ficam na direção e que não serão precisamente os piores? O mesmo para o caso dos do Leste.

– É um risco. De qualquer modo, a tua fórmula é impraticável, Sábio.

– Porque vocês não querem. E a tua é um suicídio.

– Que falta de confiança tens nas massas e nos quadros do Leste.

– Conheço-os, isso basta. E deixa de te colocar como quadro do Leste. Claro, agora Leste é tudo que se opõe ao Norte. Além do mais, recuso-me a ver-te como do Centro ou do Sul ou do Leste. Somos apenas angolanos, é tudo.

– As massas não nos veem assim, Sábio.

– As massas... pobres massas, sempre amassadas. Massas de tomate! Manipuladas por todos. Como sempre na história.

– Tive muitos amigos de todas as regiões – disse Mundial. – Na Alemanha, por exemplo, era o único estudante do Leste ou, como dizes, que não era do Norte. Entre nós nem notávamos essa diferença, às vezes brincávamos comparando as nossas cidades de origem, mas nunca se levava realmente a coisa a sério. Quem ia dizer que a Kahala era mais cidade que Luanda? Portanto, não me considero do Leste ou doutro sítio. Certamente me sinto melhor numa cidade qualquer que numa mata do Moxico ou do Huambo, sou homem da cidade. E de preferência cidade grande, só mesmo Luanda, que mal conheço, podendo dar uma pálida ideia da minha cidade de sonho. Gosto é de Paris ou Colónia ou Hamburgo. Regionalista, eu?

– Gostaria de te crer, mas hoje não consigo. Sinceramente. A tua argumentação, o teu comportamento, não me inspiram total confiança.

– Defendo aquilo que me parece justo. Pode ser que por ter nascido no Huambo tenha maior sensibilidade para esses problemas. Mas se fosse de Cabinda ou do Uíje, teria a mesma posição.

– Não estou tão seguro, Vítor. Mas já é tarde, temos de dormir.

6

É meio-dia. O homem continua deitado na mata, a arma entre os joelhos. Por vezes cai em sonolência, aquecido pelos raios de sol que se filtram, tímidos, pela ramagem. Mas imediatamente desperta, os nervos chicoteados pelo cair dum galho ou o grito duma ave. Logo voltam as recordações, os fantasmas do passado. Presentes, colando-se a ele, como o seu medo.

Malongo abandonou Sara e a filha, Judite. Encontrou-as em Paris, quando ia a caminho da Argélia, chamado pelo Movimento. Viviam no mesmo apartamento em que ele todos os anos ficava, nas férias. Agora estavam apenas as duas. Malongo fora para Amsterdã atrás duma holandesa, tocava e cantava num cabaré, mas não dava mais notícias. Sara trabalhava como médica num hospital e durante os cinco anos depois da fuga de Lisboa sustentou a família. Aguentava resignadamente as escapadas sistemáticas de Malongo, sempre por causa de mulheres. Ele acabava por aparecer ao fim de certo tempo, prometendo ter sido a última vez. Sara fingia acreditar, esperando apenas que o Movimento a chamasse para a luta. Mas nunca a chamavam e Malongo desaparecia de novo. Desta vez era diferente, fora e nunca mais voltara. Se voltar, vai encontrar a porta fechada, acabou, estou farta, disse Sara. Ele deu-lhe razão, o amigo não tinha cura possível. Ficara ainda pior que em Lisboa, definitivamente perdida a esperança de encontrar lugar num clube de futebol. Se virou para a música, mas não era tão bom como no futebol. Tocava em cabarés de terceira categoria e no verão ocupava um canto no Quartier Latin, cantando para turistas. O dinheiro que ganhava era apenas para o vinho, nunca para ajudar nas despesas da casa. Isso tornou-o amargo, Sara e Judite pagavam pela má disposição. Até que fugiu de vez, dizendo vou fazer fortuna na Holanda. Mundial ficou dois dias em Paris, em casa de Sara, até apanhar o avião para a Argélia. Faria treino militar, não sabia onde, e depois ia para a guerra. Se encontrares o Aníbal, diz que os amigos são feitos para responder às cartas, por muito ocupados que estejam. Nunca mais o vi e escrevi-lhe várias vezes. Só recebi uma carta dele e pouco dizia. Também podes dizer ao Movimento que espero resposta às dezenas de cartas que lhes mandei propondo a minha ida para uma fronteira qualquer, até parece que não precisam de médicos na retaguarda. A Judite não é problema, vai comigo. E suportará o que as outras

crianças suportam. Ficar toda a vida no exílio é muito pior que tudo o que possa passar na luta. O Laurindo sim, sempre me escreveu enquanto esteve em Cabinda. Depois foi transferido não sei para onde e deixei de ter notícias. O Horácio, esse, continua em Praga, por vezes manda-me um poema, conta ingressar na guerrilha logo que termine o curso, já falta pouco. Prepara-te para o aturar, se ficarem na mesma zona. Nunca mais soube nada da Fernanda, tiveste notícias? Ele teve de dizer que há muito perdera esperança de a encontrar, provavelmente já tinha voltado para Angola. Ou casara no Puto com um branco qualquer. Disse em tom de brincadeira, mas só a ideia lhe provocava convulsões na barriga. Mais uma frustração, decididamente não tinha sorte com as mulheres.

Tais foram as conversas com Sara, que lhe arranjou um estojo de primeiros socorros com tudo o necessário, sem esquecer os remédios para malária, para diarreias agudas, até mesmo um tranquilizante por causa das angústias da guerra. Não pôde despedir-se de Malongo, perdera qualquer referência. E era o seu grande kamba, tinha pena. Sara despediu-se tristemente, fala ao Aníbal, não esqueças, que escreva de onde quer que esteja, estou a precisar. E ficou abraçada a Judite, menina bonita de cinco anos, lembrando uma outra mulata que ele conheceu numa praia de Portugal, numa vida anterior.

Sara pensava sempre no Aníbal, com quem ele teve uma última conversa antes de partir para a fronteira, cheguei à conclusão que é melhor vires comigo ao exterior. O Sábio repudiou a ideia, não fui chamado, não tenho nenhum assunto urgente a tratar lá e, além de tudo, detesto o clima de manigâncias políticas que se vive na fronteira. O meu lugar é aqui com os guerrilheiros. Mundial procurou convencê-lo, falou do perigo de haver algum problema disciplinar e ele ter de corrigir um combatente, o que podia provocar um levantamento, dado o atual clima de revolta contra os kamundongos. O Sábio sempre fora um teimoso, quem o não conhecia? Afinal estás com remorsos de me deixar... Disparate, era só para ofender e impedir o resto da conversa. Desistiu, que se lixasse, o problema era dele. Continuar a conversa era chegar ao ponto de dois dias antes, com uma ruptura ainda mais consumada. E afinal eram amigos. Lembrou da Sara e disse para lhe escrever. Meteria a carta no correio, na fronteira. Ela continuava em Paris e esperava por notícias, qualquer bilhete era um lenitivo para dez ou onze anos de exílio. E que lhe vou dizer, que espere e creia, um dia será chamada, como os justos que esperam a graça de Deus? Não, Mundial, deixei de prometer o Paraíso há muito tempo, quando dele perdi o rasto. Não sei mentir. Deixa-a pensar que isto aqui é uma maravilha, que nos batemos heroica e generosamente pelo futuro da terra. A verdade vai destruí-la. Ao menos lá está a trabalhar e a viver sem dificuldades, com a filha a estudar. E não tem a real medida do que andamos aqui a fazer. Pelo menos deve ter uma ilusão, sempre compensa. Mundial disse até à próxima, estamos juntos, vou mandar-te café da fronteira e açúcar, precisas de mais alguma coisa? O Sábio precisava dum par de meias, os dois que tinha apresentavam buracos já incapazes de tapar, tantas vezes tinham sido cosidos e recosidos. Com um abraço, Mundial garantiu é a primeira coisa que faço ao lá chegar, e arrancou para a fronteira.

7

O dia vai declinando. Em breve virá mais uma noite de frio, de cansaço e de terror. Tudo abandonar. Procurar o calor duma casa, mesmo que a cela duma prisão, uma presença humana, mesmo um carrasco, comida, mesmo um pedaço de pão bolorento e duro. Tudo abandonar. E é tão fácil. O posto do Ninda está a menos dum quilómetro, durante todo o dia ouviu os carros e as vozes e o ladrar dos cães. Que lhe farão se se entregar? Pouco ou nada. Ouve às vezes na rádio dizer, os que se entregam são bem recebidos. Pelo povo correm mujimbos que um tal guerrilheiro que se rendeu hoje é comandante das “milícias”, outro é chefe dos “Flechas”. Toda a propaganda do inimigo é falsa? Se o fosse, não teria nenhum crédito junto da população, o colonialista já ultrapassou a fase da inicial estupidez, em que tudo o que afirmava era ridículo. Hoje eles aprenderam, mentem no geral com coisas verdadeiras no particular.

Onça era um grande combatente. Várias vezes foi citado por feitos heroicos. Mas feriu-se seriamente numa perna e tiveram que cortá-la para evitar a gangrena. Dizem hoje vive num campo da fronteira, sofrendo da fome e do frio como os outros, arrastando-se. Que Movimento é este que nem com os mutilados de guerra se preocupa?

No posto vão interrogá-lo. Obrigam-no a falar na rádio, a fazer apelos aos camaradas para que sigam o seu exemplo e se rendam. Angola Combatente, a rádio do Movimento, vai apodá-lo de traidor. E depois será livre, poderá voltar ao Huambo natal, encontrar os pais de quem se separou há catorze anos. Não vale a pena? Acabar com a fome, o cansaço inútil, o frio, o medo, a troco de um título de traidor concedido por uma organização que já pouco significa e que nunca chegará ao poder. Com a farda e a arma, abandonará o nome de Mundial e retomará o seu verdadeiro de Vítor Ramos, estudante de profissão. Em Nova Lisboa pode estudar Veterinária, formar-se-á com 35 anos, ainda não é tarde. Aqui é que nunca fará nada. Mesmo se não morrer ou for apanhado, que será dele quando o Movimento rebentar? O declínio é certo, pode aguentar mais uns tempos, mas será vencido. Que será dele e dos outros? Serão uns refugiados na Zâmbia e tratados como tal. Terá de se entregar aos colonialistas em condições piores, pois se renderá aos vencedores já consagrados. Neste momento ainda podem recebê-lo bem, porque dele podem aproveitar. Depois é uma moeda

furada, não vale nada. Há que escolher a boa altura e é agora a boa altura. Mais tarde será tarde demais.

Kapangombe tinha a mais bela mulher da zona. O comandante, um kamundongo, desejou a mulher. Ela negou, gostava era do marido. Kapangombe era um combatente corajoso e disciplinado, todos o apreciavam. Em emboscada, de terreno favorável, Kapangombe morreu. Ninguém percebeu por quê, o inimigo quase nem replicara ao fogo. Na emboscada, Kapangombe fora colocado ao lado do comandante. Um mês depois, a mulher do falecido Kapangombe passava para a casa do comandante. Então todos perceberam a razão da morte de Kapangombe, mas ninguém ousou falar.

Em tudo há um risco, pensou Mundial. Quando se vai para a guerra ou se corteja uma mulher, quando se procura um emprego, há uma unidade de contrários: o que se quer obter e as suas consequências funestas. A habilidade consiste em analisar a contradição profundamente e escolher sempre o contrário forte. Hoje, o Movimento só tem força no exterior. A dialética sempre disse o factor interno é o primordial. Então quem duvida da vitória dos portugueses? Só lunáticos como o Sábio. Nele já nem é a necessidade de acreditar para crer nalguma coisa, já não é a mística da revolução. Hoje, para ele só conta a vingança. Eu aceito arriscar, mas quando há possibilidade de ganhar. Arriscar quando nenhuma vantagem está do nosso lado é estupidez. O tempo do romantismo morreu. Como lhe contava o velho Samalanga, em noites de confidência à volta da fogueira:

“A luta veio e agradecemos muito. Já passou muitos dias e não sei quando que a guerra chegou no Muié. Antes ouvimos mujimbos e os primeiros a chegar foram os da Unita, disseram-nos que estavam no Chikolui. Perguntámos: que trouxeram para a luta? Bengalas. Só com bengalas é que vão correr com o tuga? E nós lhes desprezámos, vamos abandonar as nossas casas assim? Estavam a fazer confusão e dissemos, quando vocês aparecerem aqui vamos queixá-los nos tugas. Estão a trazer outra vez guerra de kuata-kuata? Eles foram, nunca mais voltaram. Ali vem o chefe do posto todo atrapalhado, foi ameaçado na picada do Kalimbue e quando o chefe chegou no posto desconseguia de falar. Vimos, o que será isso? Os que tinham famílias nas matas, não passou uma semana, já abriram. Aí vem coluna de carros com soldados, disseram lá onde ameaçaram o nosso chefe, vamos lá mesmo limpar hoje. Foram. Quando vieram, nós não podíamos perguntar como é. Trouxeram o Xinjanja, que foi verdadeiro angolano. O Xinjanja morreu por causa da comida dele. Veio o comandante do Movimento, foi mesmo na lavra do Xinjanja. O Xinjanja disse já vi vocês querem mesmo lutar contra os tugas, então comam à vontade. Quando foi apanhado pelos tugas, o Xinjanja foi maltratado na nossa vista, tiraram-lhe os colhões. Disseram quem der comida a esses turras vai ser tratado como o Xinjanja. Ninguém dormiu naquela noite. Mesmo o imposto não doía tanto como aquele mal que fizeram no Xinjanja. Dali nasceu-nos vontade de abandonar toda riqueza e ir no Movimento para expulsar os assassinos colonialistas. Fomos nas matas. Outros que estavam do lado de cá do Muié disseram que iam ver ainda. Os soldados levaram-nos no arame farpado, apanharam o gado deles. E eles disseram: Hum-hum, aqueles outros foram nas matas, eles é que têm razão. E também abriram. Os do Movimento começaram a nos mobilizar que somos todos camaradas. Mas afinal era só mentira. Vinham só comer da comida do povo. Muitos rapazes aceitaram lutar,

alguns foram castigados só àtoamente, não pode. Eu, no meu coração, pensei: esse Chapuile é da minha tribo, posso falar com ele. Perguntei como é que vocês estão trabalhar que a luta não avança? E a castigar pessoas a uso, não estamos ficar contentes. Chapuile disse recebia ordens do mais-velho, esse kamundongo... Depois fui apanhado pelos soldados, me levaram no arame. Trabalhei como pedreiro para o comandante da PIDE. No mês de dezembro de 1970, vieram colunas do Luso, umas para Gago Coutinho, outras para Cangamba. Os de Cangamba saltaram na mina, os de Gago também, Muié e Cangombe também. Os tugas ficaram pior que kissonde. A raiva daqueles carros ainda novinhos que saltaram, haka, os presos que apanharam nas matas começaram então a matar com metralhadora na vista de nós. Daí caí no chão, pensei outra vez vou retirar, aqui não dá. Disse à mulher vamos embora. O pide estava intrujar, me pagava cem escudos por dia como bom pedreiro, não liguei. Vim na mata. Mas afinal foi esta guerra vocês trouxeram, só para o povo morrer? Vale mais acabar com ela."

O povo assim falava. Como é que ele, intérprete das aspirações populares, ia obrigar as massas a suportar uma guerra que já não queriam?

O Sábio dissera um dia:

– A guerra é um pretexto, ou para os fracos se convencerem de potência ou os criminosos cometerem legalmente atos de sadismo, se não legalmente pelo menos justificadamente. Ou para os fortes arriscarem a sua própria imagem, como o campeão de boxe que põe o seu título em jogo, pelo gosto do risco. Ou para uma espécie de justiça intrínseca nas coisas pôr o rei nu, mostrando as mazelas, se não aos olhos de todos, pelos menos aos seus, ou também aos da rainha.

Pouco depois acrescentara:

– Não, isto é uma noção religiosa da guerra. Ela é feita por místicos, cada um à sua medida e à sua maneira, mas como somatório deixa de ser mística.

– O desgraçado que é enviado para a guerra, contra sua vontade, é um místico? – perguntara Mundial.

– Podia recusar ir. Segue a mística do medo de contrariar a ordem estabelecida, o superior, a lei. Que é isso senão misticismo? A superstição impregnou-se em tudo, meu velho, é uma reminiscência da época em que o homem vivia nas grutas e via no relâmpago um deus temível. Que o digam os tiranos ou os príncipes da Igreja que dela sempre se souberam servir à maravilha.

Levanta-se ao cair da noite. Começa a avançar para a estrada. Quando o ouvirem falar na rádio, os camaradas não vão acreditar, pensam foi capturado. É o que pensam sempre dos que passam para o lado do inimigo. Que comentários farão? Estou-me marimbando, mais dia menos dia todos me imitarão. E o Sábio? Esse não, esse terá de ser abatido. O Sábio vai dizer, já tinha notado algumas modificações nele, estava desencorajado, o moral minado, por isso não resistiu à tortura. O Sábio vai humilhá-lo uma vez mais com superior condescendência. Não era mau moço, mas pouco corajoso, coragem moral, claro. Merda para o Sábio. Os tugas não o obrigam a indicar o local da base do Sábio? Não o levarão de helicóptero para presenciar a destruição da base, talvez para nela participar? Não, isso não, recusará. E se me torturarem, resisto?

Quase inconscientemente, começa a desviar a rota para a direita, evitando o posto. Não. Terá de aguentar a fome e o cansaço, a salvação não está no posto, está na Zâmbia. Não é salvação ter a barriga cheia mas saber-se toda a vida responsável por Mussole não ser vingada. Que o justiceiro morra antes que justiça seja feita, isso é inevitável e não está na sua mão. Mas não pode ser o agente do inevitável.

8

A estrada é uma serpente larga e clara, na escuridão. Fica dez minutos a observar um lado e outro, antes de se decidir. Enfim, corre da mata, sobe a ravina, atravessa a estrada, salta para a mata do outro lado. E deixa-se cair, exausto.

Como pode um homem suportar a fome, o cansaço, a falta de sono, o frio, o medo? De que é feito um homem? Que mais podem exigir de mim, não sou super. Por que evitar o posto, se ao menos ali acabava tudo? Fome, fome, preocupação número um desta guerra, sonho e pesadelo do guerrilheiro, tema central de conversa. Nunca sentira verdadeiramente a fome. Quantos livros descrevem as fomes da Índia, do Sul do Saara ou do Nordeste do Brasil? Quantos filmes vira? Afinal, nunca soubera o que é olhar para um esquilo saltando duma árvore para outra e vê-lo, não com uma cauda comprida, mas como um roliço pedaço de carne churrascando na fogueira. Só agora sabia o que é a fome.

Um bom burguês do Primeiro Mundo, ao se refastelar na mesa dum restaurante, nem pensa que o faz para a satisfação duma necessidade primordial, mas como um prazer, um entretenimento. Que fração de tempo por dia consagra ele ao pensamento de que deve comer? Só se quiser fazer dieta para emagrecer. Quanto mais rica é a sociedade, menos pensa no fundamental. Que injustiça. Como não haver revoltas? A verdadeira luta de classes é a contradição que opõe os que passam o dia a pensar na barriga para a encher e os que, se nela pensam, é apenas para a esvaziar. E não me venham com teorias, esta é a única verdade.

Levanta-se mais uma vez, admirando-se de o poder ainda fazer. Arrasta-se, vendo à esquerda o holofote do posto varrendo periodicamente a copa das árvores.

Horas depois, a picada do Tundombe aparece. Hesita. Talvez seja melhor seguir a picada, tentando chegar à base guerrilheira que conheceu em tempos. Mas já deve ter mudado de sítio e a picada pode estar minada. Resolve aproximar-se do rio, agora que o posto ficou longe, e seguir o rio até à Zâmbia, é mais prudente. Marcha o resto da noite, tentando manter o azimute de nordeste. Não alcança o rio. A madrugada volta. Mais uma. Igual às outras, sem nuvens. O sol apareceu-lhe nas costas, o que significa desvio para ocidente. Pode estar ainda perto do posto, não faz ideia. Esta mata do Ninda era famosa, já dois ataques ao posto tinham falhado apenas porque os guerrilheiros se perderam nela à noite. Constata o facto sem

emoção. Deita-se e tenta dormir, gozando a diminuição do frio. Que interessa se está perto do posto ou não? Tudo lhe é indiferente. Tenta pensar, para se manter acordado. Mas o sono de dias vence-o definitivamente.

Acorda com o sol do meio-dia. Dormiu, enfim. Tenta levantar e desconsegue. O sono fez avivar as dores em todo o corpo. E a sede. Tenho de me arrastar até ao rio. Encosta-se a uma árvore, a arma na mão esquerda servindo de bengala, e ergue-se. Balbucia dois passos para a frente e cai de borco no chão. Acabou, é a inação, pensa. Só lhe restará contemplar as folhas, o céu, e despedir-se tranquilamente da vida. Tão perto da meta! Arrasta-se até uma árvore e tenta de novo. Consegue levantar-se. Finca bem as pernas, inclina o corpo ligeiramente para a frente e cai, dez metros à frente. De novo repete a operação. Ao fim de dez quedas, apercebe o fim da mata diante de si. Cai mais três vezes e chega ao término das árvores. É uma lavra de mandioca. Olha para todos os lados. Ninguém. Chega à primeira planta e arranca-a pela raiz. O tubérculo está comestível. Arranca mais dois e rasteja para a mata. Com o punhal descasca os tubérculos e come-os, quase sem mastigar. É mandioca boa, da doce. Se fosse da outra, no mínimo apanhava uma diarreia que o matava. Mas teve sorte, muita sorte. Fica longo tempo descansando. As forças começam a voltar, timidamente, anunciadas pelo sangue que deve circular mais rapidamente no corpo. Arrasta-se para a lavra e arranca mais tubérculos, com que enche os bolsos. Tenho de me afastar daqui. Se o dono da lavra vier, vai seguir os rastos para exigir o pagamento do roubo. E se não é povo do Movimento, denuncia-o ao tuga. Levanta-se e avança, caindo agora menos frequentemente. Já tem comida para a noite, precisa é de encontrar água. Se não se perdeu de novo, amanhã está na fronteira. E à noite poderá acender uma fogueira, desde que tenha a certeza de se ter afastado do posto.

São duas da tarde. A chana adivinha-se entre as árvores. Marchou praticamente sem guia, tentando manter a direção nordeste, para alcançar o rio Ninda. Calcula que está perto do antigo posto do Monteiro, abandonado pelo inimigo tempos atrás por causa da insegurança. Ao chegar à chana, vê o rio à sua frente. Finalmente! Devo ter dado muitas voltas, para me ter assim afastado do rio. Aproxima-se e cai de bruços na areia, a cara metida na água fresca. Depois de beber, levanta-se e olha para a esquerda. E o coração para, e só raios vermelhos lhe aparecem diante dos olhos: está ao lado do posto do Ninda.

Precipita-se para o meio dos caniços da margem. Como é possível? Ergue cautelosamente a cabeça e vê as casas, as casernas no cimo do outeiro, as cubatas do povo perto do rio, as chapas de zinco refletindo a luz do sol, o fumo saindo das chaminés. Está a menos de um quilómetro. Pode mesmo distinguir a sentinela na sua guarita. E só então ouve os ruídos da vida do posto, gritos de gente e ladrar de cães, que não apercebera antes por causa da sede e fadiga. Acabou, acabou tudo. O povo e os soldados vêm cariar água no rio, algum pode querer descer um pouco a corrente e vai descobri-lo. Maldita guerra, maldita guerra. Quem me mandou meter em aventuras? Não me bastava a aventura da vida? Calma, calma, já estiveste em situações piores. Deixa disso! Nunca mais serei capaz de me afastar deste filho da puta de posto, parece um ímã. A lavra pertence a gente do posto, por isso será descoberto. Não, já é tarde demais para virem à lavra. Só amanhã de manhã. Estarei longe, então.

Só tinha uma solução, ficar deitado entre os caniços até ao escurecer, rezar para que

ninguém o tenha visto, e seguir a corrente do rio. Acabaria por chegar à fronteira. Olha para o relógio, duas e meia. Ainda tem quatro horas de aflição. Que fazer se algum soldado aparece? Abrir fogo e fugir. Se for capaz. Não pode caminhar agora para a mata, há demasiados riscos de ser descoberto. A sentinela não me terá visto? Pode, sim. Se viu, também pode pensar que sou um soldado. Nunca vai supor um guerrilheiro a ousar aproximar-se tanto, em pleno dia. Os olhos estão obstinadamente fixos nas casas e no rio. Um camião entra no posto. Chegam-lhe ao ouvido exclamações de alegria, deve trazer comida e vinho, sacanas, comem e bebem do melhor, assim é fácil fazer guerra. Em seguida a dúvida: um carro isolado veio de Gago Coutinho? Quer dizer que os guerrilheiros já não controlam a estrada, antes os tipos só andavam em comboios de mais de dez camiões. Esta guerra está lixada.

Às quatro horas, um grupo de soldados sai do posto e dirige-se em fila indiana para o rio. Vêm armados, nota ele, deve ser uma ronda. Os soldados chegam à margem e começam a descer o rio. Para o lado dele. Estou tramado. São dez soldados. Descem a picada do Monteiro, paralelamente ao rio. Estão agora a quinhentos metros. Se foge para a mata, vão vê-lo e desconfiar. A perseguição começará. Sem hipóteses para ele, fraco como está. Os caniços da margem também não são um esconderijo suficiente. Deixa-os aproximar e abre fogo? Só acerta em dois ou três com a primeira rajada e os outros responderão. Fica encurralado entre a mata e o rio, será presa fácil. Os olhos procuram avidamente um melhor esconderijo. O desespero ganha-o e afasta o torpor beatífico que sentia desde que tinha comido a mandioca. Os soldados estão a quatrocentos metros. A única coisa a fazer é meter-se na água fria. Rasteja os dois metros que o separam do rio e entra na água, deixando fora a ponta do cano da arma, em posição de fogo. Se não estão desconfiados, não reparam na cabeça que emerge, no meio dos caniços. Deixou de ver os soldados, mas ouve já os passos pisando a areia. Pode ser apenas uma ronda de rotina. Nesse caso, passam e nem olham.

Os passos ouvem-se cada vez mais nitidamente. E percebe a primeira frase, deve ser boato do povo. Mais uns passos a rilharem a areia e outra frase, os gajos estão à rasca, já nem pensam em atacar, meu sargento. Nunca se sabe, diz uma voz com pronúncia de português, eles atacaram o Chiume. De novo a primeira, meu sargento, o povo tem medo à toa, não dá para acreditar.

Dentro em breve, os soldados estarão à sua frente. É estranho, pensa ele, como uma existência de anos se pode decidir num segundo. O tal gosto da vida e do risco, o momento da verdade, de que falam os aventureiros. Gosto uma merda, só dor de barriga. Que terá pensado o Laurindo, quando o apanharam e mais à sua coluna de guerrilheiros num rio da Lunda? Teve tempo de sentir medo, ou morreu com a primeira rajada? O corpo nunca foi encontrado, os comunicados do exército português não o notificaram, os do Movimento ignoraram. Morreu de bala ou afogado? Afogado não, espero que não, mil vezes uma bala rápida, um tiro na cabeça ou no coração. Laurindo foi grande comandante, aquele mulato da Gabela era um gajo porreiro, do Centro como ele. Na Lunda também o consideravam kamundongo? Seria injusto, Laurindo era fixe como poucos.

– Eram rastos de turras – disse a mesma voz de português. – Sempre o mesmo tipo de sapatilhas e em todas as direções. É porque anda um grupo perto.

– Vamos mas é voltar. Os que chegaram trazem notícias de Gago Coutinho. E cerveja...

Lembra-se de repente e a lembrança quase o faz perder os sentidos: as marcas das botas na areia. AS MARCAS DAS SUAS BOTAS NA AREIA. Vão vê-las fatalmente, vão segui-las até ao rio. Está apanhado. Agora sim, acabou tudo. E pelo que ouviu não é uma ronda rotineira. Quando atravessou a picada para beber água, nem se preocupou com os rastos, pensava estava longe do posto, nem sequer olhou para a esquerda. Assinei a minha sentença de morte. De morte, não. Posso render-me já. Digo que me vinha entregar, mas estava à espera da noite, pois tinha medo que abrissem fogo ao me verem. Se me prenderem, será por pouco tempo.

Os soldados estão à sua frente. É agora. Vai levantar-se para chamar. Adeus guerra, adeus Movimento, vou para a paz.

– Olhe, meu sargento! Ali, na mata. O grito travou o gesto de Mundial, que permaneceu deitado na água, paralizado para lá do medo.

– Qualquer coisa mexeu ali.

Primeiro fechou os olhos, querendo iludir a visão do inevitável. Depois abriu-os para o inimigo. Os soldados estão parados à sua frente, a uns vinte metros, de costas, perscrutando a mata. Não era por causa dele. Um esforço para pensar, para agarrar a sorte. Vê-os perfeitamente, porque se soergueu um pouco. Pode fazer fogo e matar uns tantos. Mas para quê? E os outros? A guerra acabou, tudo acabou, só há que se render. Já não é capaz de agarrar a sorte fugidia.

– Uma pessoa? – perguntou o sargento.

– Parecia.

– Ele está a ver fantasmas, meu sargento – disse outra voz. – Não conhece já o Simão? Ele é sempre assim.

O Simão! Mundial recorda-se dele. Antigo guerrilheiro que se passou para o inimigo e agora é guia das tropas. Pisteiro infalível, vai descobrir-lhe as pegadas, não há dúvida, é melhor entregar-me já.

– Vê fantasmas, mas descobre sempre a caça. Tens mesmo a certeza, Simão?

– Parecia, meu sargento.

– Ei vocês aí – grita subitamente uma voz vinda da direção do posto.

Os soldados viram-se. O sargento faz sinal de silêncio ao que se aproxima, mas este não se preocupa, pois continua a gritar:

– Que é que há? Que estão a fazer?

Mundial já não compreende nada, nem tem força para compreender. Uma só ideia o domina: entregar-se. Levantar a arma e gritar-lhes. É tão simples. Mas a mesma voz distante prossegue não ouviram chamar-vos?

– Este gajo é maluco – resmunga o sargento. – Estes estudantezinhos armados em oficiais é que estragam esta guerra. Ouvimos, sim, meu alferes. Estamos a fazer patrulha.

– Venham embora. Vai haver parada, o major Calado está a chegar.

Os soldados olham em silêncio para o sargento.

– Bom – disse o sargento. – Vamos então, rapazes. Parada! Deixa lá a tua sombra, Simão, o alferes não se interessa por isso. E era bem feito que fosse um grupo de reconhecimento e

atacassem o posto e matassem o major Calado e os alferezinhos e mais a puta que os pariu. Cabrões! Talvez aprendessem que não se brinca às paradas na guerra.

E ante os olhos estupefactos de Mundial, os soldados deram meia volta e marcharam para o posto. Simão, ao andar, fitava sempre a mata à sua esquerda, inquieto. Sabia que arriscava tudo todos os dias, era um traidor que não teria perdão se os guerrilheiros tomassem o posto.

Devagarinho, sem ainda acreditar no milagre, o coração de Mundial recomeçou a bater.

9

Saiu da água e deitou-se na areia. O sol em breve desapareceria e poderia afastar-se daquele sítio amaldiçoado. Sentia frio, a farda estava encharcada. Ainda não compreendeu toda a cena, só sabe que não o apanharam. Mas o cérebro recomeça a funcionar, ainda que hesitante. Aparentemente, os soldados ouviram rumores do povo que andavam guerrilheiros ali perto. Deviam ser as suas pegadas que foram descobertas, já havia dias que rondava por ali. Não sei, falavam sempre de marcas de sapatilhas, como usam os guerrilheiros, e eu tenho botas como as do exército tuga. Não importa. O grupo veio fazer uma patrulha que foi interrompida pela chegada iminente do tal major Calado. E estavam a uns dez metros das marcas das suas botas. Essas botas de algum defunto soldado tuga, recuperadas num combate e que ele, como responsável, aproveitou. É sorte demais, pensa Mundial. O que os distraiu? Alguma sombra furtiva na mata. Mas que sombra? Uma minhoca tragando a própria sombra. Nem o próprio Simão estava seguro. Uma coisa é estranha: se tinham encontrado as suas pegadas, porque vieram fazer ronda do lado leste do posto e não do ocidental ou sul, por onde ele andara? Era a primeira vez que se aproximava deste lado. Verdade mesmo? Sei lá, já nem sei por onde andei, perco-me logo que entro na mata. Não, não havia que compreender. Só sei que fiz muito bem em não me levantar, senão poderiam ter disparado. Isso talvez não fizessem. Mas iam desconfiar da sua desculpa. Desculpa, Marilu, desculpa, será a última vez. Se ele se entregasse ali, diriam viste-te sem saída e rendeste-te. Não é a mesma coisa que ir entregar-se ao posto. Pensavam, é claro, que ele fazia parte do suposto grupo de reconhecimento. Ia lerpar na tortura, para contar toda a verdade e nada mais que a verdade. A verdade que eles queriam ouvir, na sua nunca acreditariam. Ainda dizem que não há tipos com sorte! Toda a sua vida tivera sorte, porque sabia jogar com ela.

Não, estás a mentir a ti próprio, Mundial. Desta vez não arriscaste, não foste dono de ti, soberano, como costumas dizer. O dono de si, como o entendes, é orgulhoso, altivo talvez, procurando ultrapassar-se. O dono de si vive a aventura, só pode viver com a aventura. Conquista a sorte, vence-se na má sorte. Tu não és um dono de si, foste vencido pela má sorte, não procuraste dobrá-la. Aproveitaste da sorte, não a conquistaste. Não te dominaste, não fizeste dos nervos cordas de viola, renunciaste à vitória antes de o jogo iniciar, e agora

estás a ser batoteiro. É efeito do cansaço, do desespero desta guerra absurda, desculpou-se ele. Não, Mundial, reconhece. O dono de si, ao fazer batota, é impulsionado pelo prazer de enganar, de ridicularizar, de dominar; a batota nele é cruel. Em ti, a batota é mesquinha, pois estás a querer justificar-te. Abandona esse mito do dono de si, já não te serve. Que se lixe a moral! Quem sou eu para me julgar? Já pareço o Sábio. Queria ver outros na mesma situação. Devo é pensar agora como me vou afastar daqui. Que me interessa a opinião que tenha sobre mim ou os meus atos? Marilu interessa-se? Mussole interessou-se? Nem um gesto fez para me conhecer. Oh, quem me dera dormir, dormir, e não pensar no que sucederá se me apanharem.

O frio da roupa molhada fá-lo bater os dentes. Pelo menos disso está convencido. Ou é o medo? Deve ser o medo que está a diminuir e, por isso, se faz sentir. Há bocado era demasiado intenso para que eu o pudesse perceber. Afinal és medroso. Sim, sou, e depois?

Sou um merdas. Marilu sabia-o, sempre o soube, por isso me desprezou. Mussole morreu antes de o poder saber. Sou um merdas, mas ninguém tem nada com isso. A tua bela autossuficiência no perigo era uma máscara... E quem não tem máscara? Quem é igual por dentro e por fora, pelo direito e pelo avesso? Oh, acabar com isto tudo, acabar de vez. Porque não me apanharam? Batiam-lhe, torturavam-no e depois tudo passaria, deixavam-no em paz numa cela, podendo dormir descansado, pois já não havia esperança. É como quando se arranca um dente. Sempre tive um medo horrível do dentista. E dizia-me que era melhor ter coragem, doeria um pouco e depois tudo passava. Mas nunca era capaz de me decidir a ir dar esse passo, só quando já as dores me levavam ao desespero, jogava então tudo por tudo. Dizia mais tarde que passara inúteis dias de sofrimento quando afinal era tão simples. És um merdas, sim. Sou lúcido, reconheço a minha merdice, mas já não me importo.

No entanto, era preciso pensar no que fazer. Quando a noite o escondesse dos olhos do posto, ia avançar pela picada ao longo do rio, sempre ao longo do rio. Mais à frente deixaria a picada, pois devia estar minada. E continuar ao longo do rio. Assim chegará sem dúvidas à Zâmbia, amanhã ou depois.

E passar a noite com a farda molhada? Andar mais vinte e quatro horas, ou setenta, aos tropeções? Com umas míseras mandiocas? Já que a sorte o favoreceu, era melhor aproveitá-la e meter os trunfos do seu lado. Iria mas é entregar-se mais logo, desde que o sol caísse, para não suportar o frio horrível que se adivinha. Por que não agora? Não, agora estão na parada, podem ficar nervosos e reagir mal. Ao escurecer, aproxima-se. Grita antes a preveni-los que se vai render. Seria estúpido apanhar uma bala no momento em que decide ir ao dentista. É o contrário, Mundial. Estás a protelar o momento de arrancar o dente. Não me chateies, é verdade o que dizes, mas deixa-me ser fraco uma última vez. Depois serei outro homem. Um traidor, um renegado, irei indicar a base do Sábio, darei todos os pormenores sobre a organização, explicarei como devem explorar os conflitos tribais que existem, como isolar ainda mais os kamundongos, falarei de crimes na rádio, farei tudo o que me pedirem. Serei outro homem, já não serei fraco. Mas deixa-me ainda viver a angústia do último momento, esta angústia de ter ainda que decidir. Depois já não precisarei de decidir, eles decidem por mim, apenas os sigo fielmente. Assim poderei descansar.

Está gelado. O sol esconde-se atrás das árvores e a escuridão vem breve. A temperatura

desce à noite nesta época quase até aos zero graus. Na Europa não é nada, até são capazes de suar. Mas para nós... e ainda por cima molhado! Deita-se de costas. O céu ainda está iluminado, sem uma nuvem, já a terra e o rio e o posto começam a ter a cor neutra das coisas mortas. A paz invade-o. Vou comer uma mandioca, saborear a doçura do seu leite, beber água em seguida. Logo fumo, tomo banho, vão dar-me roupa limpa, deitarei numa cama, descansarei. Com a tranquilidade tão perto, por que demorei tantos anos a percebê-la? Sim, era agradável a Europa, nos bons tempos antes e durante Marilu. Admiravam-no, pertencia a um país em luta, era bicho raro, uma novidade. E aproveitava sempre para dar lições de política àqueles jovens imbecis que sonhavam com a revolução mundial. Chegou a ser autoridade no meio estudantil, e antes de 1968. Agora voltará a ser. Ex-terrorista! Todos vão querer conhecê-lo, ver de que carne é feito um responsável do Movimento. Que fácil é viver, afinal, quando se sabe.

A noite já veio. Levanta-se a custo e caminha para a picada. Não a vai seguir, pois podem vê-lo de longe. Primeiro vai até à mata e depois virará para o posto. Antes de chegar ao arame farpado, grita que se vai render. Pobre Sábio, não vingará Mussole, ele o impedirá. Boa desforra. Com que direito quer o Sábio tomar o seu lugar, ele é que deveria vingar Mussole. Mas é estúpido vingá-la, que é Mussole senão um atrasado ser daquelas matas? Bonita? E quanta mulher bonita não foi vingada? Por que seria essa mais que as outras? O Sábio sempre foi um imbecil e vai receber uma lição. Entra na mata.

– Arrto!

Estaca, de novo arrepiado. A surpresa paralisa-o.

– Yove ya. Quem és? – perguntam em Mbunda. Fui estupidamente apanhado. Que se lixe! Ao menos tudo acabou. Duas sombras saem do lado esquerdo, apontando-lhe as armas. Um lampejo de lucidez o percorre. E dispara para a sorte:

– Sou do Movimento, camaradas.

Uma lâmpada de bolso, daquelas género caneta, que mal se apercebe na mata, foca-lhe os olhos e a arma.

– Onde ias? – perguntam-lhe de novo em Mbunda.

Não tem a certeza e isso é cruel. Não consegue ver os detalhes da farda dos outros, apenas vultos. A intuição disse-lhe eram guerrilheiros. Se fossem soldados, não procederiam com tantas cautelas. Agora já tinha lançado a sorte.

– Sou o camarada Mundial. Perdi-me dos outros e vim cair aqui ao pé do posto. Há dois dias que tento sair daqui perto mas perco-me e volto para trás. Essa mata do Ninda! Não me conhecem, camaradas?

– Não – diz um deles. – Vem.

Um vai à frente dele, outro atrás. Internam-se na mata. O cérebro de Mundial agora funciona com rapidez. São guerrilheiros e mais uma vez escapou por um triz. Uns metros mais à frente, ia virar em direção ao posto. Assim, como o interceptaram a tempo, têm mesmo de acreditar que ia afastar-se do posto pela mata. Se desconfiassem dele, tiravam-lhe a arma. Andam cerca de dez minutos e depois o da frente faz sinal para pararem. Assobia levemente. Respondem de mais longe. De novo avançam. Até um sítio onde estão cinco homens sentados.

– Está aqui o camarada de hoje à tarde – diz o da frente.

Um deles levanta-se. Toparam-me à tarde, pensa Mundial. É preciso dizer toda a verdade, menos a que se passou dentro da cabeça.

– Sou Sangue Forte, chefe de secção – disse em Mbunda. – Como se chama?

– Mundial. Responsável da Zona F.

– Ah, sim, lembro. Na altura eu era guerrilheiro simples. Focou a lanterna na própria cara, que sorria. Tentava fazer-se reconhecer.

– Tenho uma ideia – disse Mundial. – Mas estou lá longe há tanto tempo.

– Como veio parar aqui, camarada?

Mundial deixou-se cair no chão. Contou resumidamente a viagem, a emboscada em que caiu, a marcha solitária, a aproximação do posto e como infrutiferamente se tentara afastar. Depois contava o mujimbo inteirinho, já não aguentava mais.

– O camarada está muito cansado e com fome. É melhor comer um bocado. Mukindo, abre uma lata de carne, rápido. Estamos a fazer reconhecimento ao posto, para um ataque próximo.

– Eles já vos descobriram – disse Mundial.

– Afinal?

– Sim. Quando eu estava no rio, um grupo de soldados veio do posto e avançou mesmo até ao pé de mim. Ouvi o que falavam. O povo tinha informado sobre marcas de sapatilhas, bué. Eu pensei eram as minhas marcas. Depois eles viram qualquer coisa na mata...

– E apareceu um outro a chamá-los. Foi esse Culatra que não se escondeu a tempo. Vimos o camarada a atravessar a chana para o rio. Primeiro pensámos era um tuga. Mas vimos a arma, a AKA. Ficámos admirados, como é que um camarada está aqui perto do posto?

– Nem vi posto nenhum, julguei estava longe. Só pensava em beber água.

– Sim, muito tempo sem beber. Mukindo, a lata já está? Coma, camarada, eu vou falando. Pode beber leite frio? Aqui não podemos acender fogo. É só para ganhar forças. Temos de andar um bocado. Mas é perto, perto. Depois pode comer à vontade e dormir com fogueira. Mukindo, abre uma lata de leite. Culatra, traz o teu cantil, prepara já o leite. Mandioca também quer? Haka, tantos dias sem comer... Esta guerra é dura.

Mundial aprovava só com a cabeça, enquanto devorava a carne enlatada e a mandioca.

– Ali à frente temos carne e podemos fazer pirão – disse Sangue Forte. – Não vamos continuar com o reconhecimento, vamos mas é recuar para a base. Eles viram-nos mesmo?

– O guia, o Simão, conhecem? O Simão viu um vulto, mas depois apareceu o oficial e foram embora. Podem voltar. Amanhã.

– Não fale, camarada. Coma. Depois falamos na fogueira. Os guerrilheiros viram-no ir para o rio e estranharam. Aproximámo-nos. Então apareceram os soldados. Escondemo-nos na mata, mas esse Culatra demorou. Quando os soldados foram embora, recuámos, mas deixei dois guerrilheiros a vigiar o camarada.

– Pensaram que eles me iam agarrar, não?

– Bem, para falar verdade, pensei que eles iam se encontrar com o camarada. Para lhes dar informações. Podia ser um infiltrado no Movimento.

– Sim, é certo – disse Mundial. A escuridão felizmente impedia que se visse a perturbação

dele. – O camarada Sangue Forte é muito vigilante, tem toda a razão. Mas eu só estava a tentar escapar... Tive muita sorte.

Durante dias e dias não viu uma pessoa. Perdido na solidão mais completa. De repente descobriu que o mundo estava sobrepovoado. Aparece gente de todos os lados e eu no meio. Parece um jogo. E é. Joguei e agarrei a sorte, agora ela já não me escapa.

– Se eles o vissem, que é que o camarada fazia? – perguntou Culatra.

– Abria fogo. Já estava pronto a abrir, quando eles olharam para vocês. Aí fiquei à espera, ver o que faziam. Mesmo que matasse alguns, ia ser difícil fugir do sítio onde estava. Não tinha solução, ia morrer como combatente.

– Sim, ali era difícil – disse Mukindo.

– Mas quando eles descobrissem as marcas das botas, eu ia abrir fogo. Vitória ou Morte!

– O camarada teve muita calma, possas – disse Sangue Forte.

– Eu não sei o que fazia – disse o guerrilheiro que o conduzira. – Não sei mesmo. O camarada não tinha medo?

– Um bocado, então não? Quem não tem medo numa situação dessas? Problema não é o medo. É preciso é ultrapassar o medo, não deixar que o medo vos domine, senão acabou.

– Se não quer comer mais, vamos então andar – disse Sangue Forte. – É muito perto daqui. Só mais um esforço e depois vai descansar bem, no seco.

– Sim, vamos, eu aguento. A Vitória é Certa!

Avançaram durante cerca de uma hora por um estreito carreiro. Mundial seguia colado ao guerrilheiro que o precedia, para não sair do caminho invisível na escuridão. As dores do corpo e o frio tornavam-se insuportáveis, agora que se aproximava do descanso. Quando se sabe que a marcha está a terminar, os últimos minutos são terríveis, pensou ele. Depois saíram do caminho, quando ele se continha para não desesperar e se deitar no chão, renunciando. Andaram a corta-mato cerca de dez minutos. E chegaram a um lugar aberto na mata, com vestígios de recentemente lá ter dormido alguém. Havia restos de uma fogueira e indícios de que a areia fora preparada para camas.

– Dormimos aqui ontem – disse Sangue Forte. – Acendam rápido a fogueira para o camarada. Mukindo, prepara bem o sítio para ele dormir. Não tem cobertor e está molhado. Mukindo, tu dormes com o Dinamite e emprestas o teu cobertor.

Mundial despiu a farda molhada e embrulhou-se no cobertor de Mukindo. Este, entretanto, tinha apanhado um molho de capim seco. Juntou os restos de lenha da véspera e chegou um fósforo ao capim. A labareda cresceu imediatamente. A mais bela coisa, pensou Mundial, uma fogueira na noite. Não tinham café, mas Sangue Forte deu-lhe um cigarro. Acendeu-o avidamente. Puxou uma baforada e reteve-a nos pulmões o máximo de tempo possível. Sorriu, ao exalar o fumo.

– O fumador sofre sem tabaco – disse o chefe de secção.

– Nem me fale. Não sei o que é pior, se a fome se a falta de tabaco.

– Uma vez estive uma semana sem poder fumar. Pensava ia ficar maluco. Os guerrilheiros depois disseram eu refilava por tudo e por nada, mas nem reparei.

Sangue Forte era falador, pensou Mundial. Tanto melhor, há tanto tempo que não conversavam com ele. O calor da fogueira em breve aumentou, pois os outros guerrilheiros

chegaram com mais lenha. Mukindo trouxe-lhe uma mochila e ele encostou-se a ela, ficando com as pernas junto do fogo. O calor fazia-lhe um agradável formigueiro nas pernas que em breve se espalhava por todo o corpo.

– Esse Mukindo é meu parente – confidenciou o chefe. Mas interrompeu a fala, porque Dinamite veio da mata com outra mochila que aí estava escondida. Desapertou o fecho e tirou dela bocados de carne seca e um saquito de fuba. Outro guerrilheiro apareceu com uma panela e pô-la ao fogo.

– Que prefere? – perguntou Sangue Forte. – Carne assada ou cozida?

– Assar é mais rápido – disse Mundial. – O problema é o molho.

– Não há problema, temos massa de tomate. Viemos bem equipados. A missão vai ser importante, está aí o comandante Muxima. Primeira vez que venho para um reconhecimento sem passar fome.

Os guerrilheiros sentaram-se à volta do fogo. Eram sete homens a olharem com admiração para Mundial. Ele sentiu a consideração e voltou a encontrar a sua segurança. A vida é bela. Foi melhor assim, não precisei de me render. Sempre o poderei fazer, se as coisas continuarem más.

– Como vai isto por aqui?

– Mal, muito mal, camarada. Estão só a discutir na fronteira, reuniões, mais reuniões, e os guerrilheiros a fugir. Já não há povo no interior, toda a comida vem de fora. Já ninguém está acreditar na guerra, estão cansados ou com medo. O que vale é que ainda há responsáveis com coragem.

– Quais?

– Ora, você, por exemplo. Não é qualquer um que aguenta o que aguentou e continua com vontade de lutar.

– Não sou assim tão bom como julga.

Mal sabes tu que estou a ser sincero, pensou Mundial. A melhor maneira de não se fazer acreditar é dizer a verdade. Os guerrilheiros sorriram, condescendentes, mostrando que aceitavam a sua modéstia porque eram delicados. Um deles estendeu-lhe um maço inteiro de cigarros, fique com ele, camarada.

– Como está aquilo lá à frente? – perguntou Mukindo.

– Como aqui. O povo recuou, os guerrilheiros também. Situação difícil. Mas essas reuniões são para quê?

– Para resolver os problemas, parece – respondeu Sangue Forte. – Até aqui não se viu ainda nada. Este ataque ao Ninda já foi atrasado duas vezes por causa dessas reuniões. Se ainda ao menos dessem alguma coisa... Mas só se estão atacar uns aos outros.

– Essas reuniões vão resolver os problemas? – disse Mukindo. – O povo já falou tanto, ninguém ouviu ou ligou no que disse o povo. Agora é que vão ligar? Quando fizeram reunião para nós falarmos, eu não fui. Já falámos tudo. Toda a gente sabe o que estragou a guerra. Agora é só preciso avançar com ela.

– Como, se há problemas políticos? – disse Mundial.

– Tragam comida, acabem com isso de alguns terem tudo e só esses serem ouvidos e vamos ver se a guerra não vai avançar. Deem ao povo o que prometeram e o povo vai

combater ainda mais do que antes.

– Mas isso são os problemas políticos que é preciso resolver – disse Mundial. – Como queres acabar com as desigualdades de que falas, sem discutir, sem te organizares?

– Deixe, camarada – disse Sangue Forte. – Esse Mukindo não sabe o que diz, é mesmo assim.

– Não sei o que digo, camarada chefe? Sei muito bem. E o que digo é o que o povo diz, é a mesma coisa.

– Como vais então melhorar as coisas? – insistiu Mundial.

– Não é com reuniões, não. É preciso correr com alguns que estão a estragar a guerra. Com a força.

– Mukindo!

– Deixe, camarada chefe, é assim mesmo. Eu sei o camarada Mundial é um responsável, se ele quiser pode ir lá dizer foi o Mukindo que disse isso mesmo, não faz mal. O que diz o povo e os guerrilheiros é aquilo estou a dizer. Se quiserem prender-me ou fuzilar-me, então vão ter de prender muitos. Já chega de falar só nas costas. Agora falamos abertamente e, qualquer dia, vamos empregar a força, já é demais. Por que não falar? – Virou-se para os outros: – Por que ele é responsável? Mas vocês, não sei como estão a pensar. Julgam as coisas se fazem sem responsáveis? Podemos gritar, protestar, isso não dará nada. Mas se há responsáveis que nos ouvem, os nossos responsáveis, não os estranhos, então as coisas serão melhor. Por que não falam agora, para o camarada Mundial aceitar as nossas ideias? Ele não é um Muxima, é dos nossos.

– Por que sabes que sou dos vossos?

– Vê-se logo, muata. Um deles não aguentava como o camarada aguentou, nem falava connosco assim. São superiores, são os donos da guerra, pensam sabem mais que nós só porque leem português. Eu leio Mbunda, português nem sei falar. Para aprender língua de branco, então inglês é melhor. E ninguém me vai obrigar a falar português. Quem quiser falar comigo, aprenda então a minha língua.

– Deixa disso, Mukindo – disse Culatra. – Se eu pudesse, aprendia mesmo português. Sem português, você não pode passar de chefe de secção, nunca é nada.

– Não estou aqui para ser do comité diretor – disse Mukindo. – Estou a defender as minhas ideias, o meu povo. O povo não fala português. Se não for promovido, não interessa. Isso é porque o Movimento só faz subir os que já são privilegiados, os que sabem português. Julgas que me vendo para ser dirigente?

– Se fores dirigente, podes defender melhor o teu povo – disse Mundial.

– Não sei para ser dirigente. Assim estou bem, como guerrilheiro. As pessoas quando sobem começam só a pensar nas barrigas deles, esquecem o povo. Mesmo alguns dos nossos que quando estavam na base eram bons. Mas depois subiram porque sabiam falar português, uns tinham andado na escola do tuga, outros eram mesmo professores. Foram promovidos. Ao povo falavam a nossa língua, prometiam acabar com a exploração. Mas viviam das migalhas que os dirigentes deixavam na mesa depois de comerem bem. Alguns mobilizavam-nos contra os dirigentes, contra os kamundongos. Afinal também aldrabavam, só queriam aproveitar do poder.

– Foram poucos esses – disse Sangue Forte.

– Foram poucos, sim. Porque foram poucos os nossos que subiram. Mas também estragaram, não cumpriram nada do que disseram.

– Nem podiam, nunca tiveram o poder real – disse Mundial. – Mas então que achas que se pode fazer? Parece que és contra tudo e todos.

– Sim, sou contra tudo o que está mal. E está tudo mal. Estragaram a guerra, aldrabaram o povo, agora estão nas reuniões a se atacar uns aos outros. Julga esta ação contra o Ninda vai ser feita? Não vai nada, no último momento vão dizer as coisas estão mal atrás e por isso é melhor voltar para a fronteira. Os muatas voltam para a fronteira e mandam os guerrilheiros para as bases do interior. Mas os guerrilheiros não ficam sozinhos nas bases, também vão para a fronteira. E têm razão.

– Mas então é preciso mudar os chefes – disse Mundial. – Só os que querem fazer a guerra podem dirigi-la. Por isso é necessário reunir, discutir, arranjar novos responsáveis. Essas reuniões são necessárias, se os militantes estão a querer escolher os chefes. Não sei nada do que se passa, lá na frente ninguém está informado. Mas acho que se essas reuniões são para se eleger novos dirigentes, então isso é bom, é o momento para se modificar a organização.

– É isso mesmo que digo sempre ao Mukindo – disse um guerrilheiro.

– Mukindo pensa os escolhidos farão como os outros – disse Dinamite.

– O que penso é que vamos escolher mal – disse Mukindo. – Por quê? Porque os dirigentes deviam ser aqueles que querem avançar a guerra. E quem conhece esses? Nós pensamos, este ou aquele é bom combatente, vai fazer a guerra. Vamos pô-lo dirigente. Quando apanhar o poder, acabou, não vai querer fazer guerra, quer só gozar do poder. Os camaradas falam devem ser homens da Frente Leste a dirigir. Estou de acordo, não porque são daqui, mas porque os kamundongos já mostraram não queriam fazer a guerra. De acordo, o povo pensa assim também. Mas eu conheço esses que vão subir. São iguais aos kamundongos. Não vão fazer nada. Não é por ser mbunda ou tchokue que é bom, vocês vão ver.

– Uma luta sem dirigentes? – disse Mundial.

– Os daqui são melhores que os outros – disse Sangue Forte.

– São melhores? – retomou Mukindo. – Esses que nós andamos a falar para subirem, não foram eles mesmos que começaram aí a fazer confusão contra os kamundongos? Disseram é preciso haver dirigentes do Leste. Para que diziam isso, vocês não pensaram? Seriam os escolhidos, por isso andam tão ativos aí. Não acredito neles. Se pensassem éramos nós, os brutos, a subir, deixavam de andar a correr dum lado para o outro, até perdiam a fala.

– Não acreditas em nada, tu – disse Sangue Forte.

– Já não acredito, não. O Linyoka, por exemplo. Todos falam, o Linyoka tem de ser dirigente, vai fazer avançar a guerra. Que é que o Linyoka tem feito estes últimos tempos? Só se embebeda com kaxipembe. Há quanto tempo saiu do interior? Nunca mais volta aqui dentro, ainda menos se vira dirigente. E o Adriano? Foi bom comandante durante uns tempos, fez nome. Aproveitou logo para sair e nunca mais voltou. Se subir é que vai voltar? Haka, são todos iguais...

– Não é nada disso – disse Culatra. – Esses são mesmo bons dirigentes, querem o bem do povo. Se subirem, vais ver como o povo vai apoiar a luta.

– Porque são daqui. O povo apoia os próprios filhos. Depois vai descobrir que eles também o enganam. E ninguém mais consegue mobilizar o povo.

– Eles não vão nada enganar o povo – disse um.

– Chega já, Mukindo – disse outro.

– Não vês todos estão contra o que dizes? – perguntou Sangue Forte.

O resto dos guerrilheiros mandava calar Mukindo. Este baixou a cabeça, contemplou a fogueira, murmurou entre dentes:

– Vocês pensam o tribalismo é bom. Está bem, hão de aprender.

– Tribalismo, tribalismo – gritou Sangue Forte. – Quem é tribalista?

– Está bem, camarada chefe, acabou.

– Não. Agora vais dizer quem são os tribalistas aqui. Ah, vais dizer...

O chefe de secção olhava ameaçador para o seu parente. Os guerrilheiros seguiam a cena, em tensão. Mukindo não levantou os olhos do fogo. Disse, baixo e tristemente:

– Tribalistas somos todos. Para que negar? Todos queremos dirigentes daqui. Mas eu não digo o Muxima é mau comandante só por ser kamundongo. Digo é mau comandante, porque não fez nada para encorajar os guerrilheiros, porque vive bem no exterior. Pelo menos é o que dizem. Mas não é por ser do Norte. Kudila era do Norte e foi o maior comandante que o Movimento já teve. Até hoje todos nós choramos o Kudila. Kimbari é do Norte e foi um grande comandante, o povo até hoje chora o Kimbari. Lhe mandaram embora daqui não sei por quê, para estudar.

– O Muxima é como os outros, é tudo – disse Culatra.

– Quais outros? – perguntou Mundial, encorajando-o com um sorriso.

– Ele quer dizer os kamundongos – disse Mukindo. – Por que não falas o que estás a pensar, Culatra? Tens medo porque sabes isso é tribalismo? Fala, diz aquilo que costumas dizer, o Muxima é um kamundongo, tem de ser corrido. Também acho ele deve ser corrido, mas não por ser kamundongo. E quando usar a força contra eles, é por necessidade e não porque são do Norte. Mas falem então, têm medo de quem? O muata é dos nossos, não é kamundongo, podem falar à vontade.

A conversa foi interrompida porque a comida estava pronta. Puseram a panela junto de Mundial. Não há água para lavar as mãos, desculpou-se o chefe.

Mundial meteu os dedos na panela, enrolou uma bolinha de pirão com o polegar e o indicador, mergulhou a bola no molho e levou-a à boca. Com a mão esquerda, pegou num pedaço de carne assada. Os outros esperaram que engolisse o bocado. O chefe meteu os dedos na panela e a seguir os outros, um a um. Em breve a panela estava vazia.

– O Mukindo tem razão em parte – disse Mundial, encostando-se de novo à mochila e fumando um cigarro. – Não se deve pôr o problema, os kamundongos dum lado, nós do outro. Mas é preciso ver que a maior parte dos dirigentes e comandantes que vieram fizeram muitos erros e não queriam lutar, só aproveitar da luta. Esses infelizmente eram do Norte. Por isso hoje se confunde. O povo não pode distinguir bem, para ele todos são maus. No entanto, é preciso modificar a situação. E, sem ser tribalista ou regionalista, acho que, de qualquer modo, temos de diminuir o poder desses dirigentes que erraram e pôr outros capazes. Se houver também homens do Norte que mereçam a nossa confiança, não devemos ter medo em

elegê-los. Mas eu pergunto: há mesmo camaradas do Norte que possam ser bons dirigentes, pelo menos entre estes que conhecemos?

– Não há – responderam todos menos Mukindo.

– Há – disse Mukindo. – O Kimbari.

– Está longe – disseram os outros.

– O Sábio – disse Mukindo. – É da mesma zona do muata.

Mundial ficou incomodado pela observação de Mukindo. Que raio de nome foi ele buscar. Relembrava-lhe o passado. Fingiu não ouvir e falou:

– Então não é tribalismo querermos pôr dos nossos a dirigir. Realmente são os únicos capazes de resolver os nossos problemas. Se houver um ou outro do Norte, não tem problema...

– É isso – apoiaram alguns.

– Vistas as coisas assim, ninguém pode acusar-nos de tribalismo. Os que o fazem é para se defenderem, sabem que essa acusação assusta qualquer pessoa.

– É isso – apoiaram todos.

– Camarada Mukindo, não estás de acordo comigo, assim?

– Mais ou menos. É isso que eu queria dizer.

– É o que nós pensamos, então – disse Sangue Forte.

– No fundo, na prática, todos estamos de acordo, só as palavras é que mudam – disse Mundial.

– Não sei – disse Mukindo. – Não sei se compreenderam o que disse, mas para mim não é a mesma coisa. Não falam como o muata falou, há diferença...

– Estamos todos de acordo, sim, Mukindo – repetiu Mundial. – Todos queremos pôr dirigentes que conheçam o povo e o respeitem. Esses têm de ser dos nossos, é o essencial.

– Não o Linyoka ou o Adriano – teimou Mukindo.

– Ouve, Mukindo – disse Mundial. – Este momento é muito importante, por isso devemos estar todos unidos. O que eles querem é dividir-nos, para se manterem no poder. Como o colonialismo e o imperialismo. Durante anos ensinaram-nos o tribalismo é mau, embora eles o fizessem. Esses ensinamentos foram aceites de tal modo que hoje a pior ofensa é chamarem-nos tribalistas. Então aproveitam. Sempre que exigimos justiça, acusam-nos de tribalismo. E nós recuamos. E eles continuam a fazer o que querem. Os tribalistas são eles. Devemos exigir justiça, e a justiça é que sejamos nós a dirigir a guerra e o Movimento aqui na Frente Leste. Não queremos ir dirigir lá no Norte. Então?

– É isso mesmo – disse Culatra, batendo as palmas.

– Isso não é tribalismo, isso é linguagem revolucionária. Não nos podemos separar por causa das palavras, fazer o jogo deles. As ideias é que contam. E como vês, Mukindo, as ideias de todos nós coincidem.

– Talvez, talvez... – disse Mukindo.

Mundial virou-se para os outros a sorrir e disse:

– Parece que consegui pôr toda a gente de acordo.

– Sim, o muata é mesmo um político – disse Sangue Forte.

– Muitos assim é que precisávamos lá em cima – disse um guerrilheiro. – Mas só estão os

kamundongos...

A conversa tinha terminado. Antes de se deitar, o chefe segurou Mukindo por um braço e ralhou com severidade, mas em voz baixa. Mukindo não respondeu, só abanava a cabeça. Ao se estender no seu lugar perto do fogo, Mundial ouviu-o resmungar baixinho, todos falam do povo, mas ninguém pensa nele. O povo é como tronco de árvore. Todos se apoiam a ele, sobem por ele, para apanhar os frutos que estão lá em cima. Não é o povo que lhes interessa. Só os frutos.

Consegui de qualquer modo a unanimidade, até o anarquista do Mukindo concordou. Mas uma unanimidade precária, pensou, enroscando-se voluptuosamente no cobertor aquecido pelo fogo. O que interessa é a ideia que fica. Que consegui pô-los de acordo. Amanhã podem retomar a discussão e dividir-se de novo. Dirão falta aqui o muata para nos pormos de acordo. A ideia fica, sou capaz de traçar a linha de ação que convém a todos. O mujimbo vai ser espalhado por eles, oh, o mujimbo voa. Daí a ser seu representante vai só um passo. Passo que transpôs com delícia, já meio adormecido, embalado pelas brincalhonas chamas da fogueira.

10

Ao acordar, Mundial já tinha elaborado o seu plano de ação. Tratava-se de convencer o chefe de secção a deixá-lo seguir para a fronteira, sem passar pela base onde se preparava o ataque ao Ninda. Depois do mata-bicho de leite e mandioca, disse a Sangue Forte:

– É urgente chegar à fronteira, pois tenho relatórios a apresentar. Se for convosco ao Tundombe, é só perder tempo. Não vou discutir com o Muxima a situação da Zona F. E se lá for, tenho de ficar uns dias. Já perdi muito tempo, devem estar todos preocupados a pensar que morri ou fui apanhado.

– Sim, isso é verdade. Mas tenho de o levar à base. É a lei. Não é desconfiar do camarada, mas tem de ser controlado. Nem guia de marcha tem...

– Ficou na minha mochila.

Os outros guerrilheiros tinham aprontado as mochilas para a partida e camuflado os vestígios da sua presença naquele sítio. Ouviam os dois responsáveis a conversar. Mundial piscou um olho a Mukindo.

– Quem me vai controlar é o Muxima? O chefe desta secção é você, não o Muxima. Só se está a suspeitar...

– Não é isso, não – protestou Sangue Forte. – Mas lei é lei.

– E qual é a lei? Que o chefe deve controlar as pessoas que passam no sector. Ora, o chefe é você mesmo e já me controlou.

– Os comandantes podem querer falar consigo para saber coisas...

– Vão ver-me quando regressarem da missão. Vou mas é para essas reuniões, já estou atrasado. Vou levar as opiniões dos sectores mais avançados da guerrilha, da Zona F, vou defender as posições do povo.

– É certo isso – disse Culatra.

– O camarada passa só no Tundombe, o desvio não é grande – disse o chefe.

– Faz-me perder um dia. Se não for mais.

– Os comandantes vão querer conversa e perde dois dias – disse Culatra. – É melhor ir direto na fronteira.

– Estás só a falar – disse Sangue Forte. – Mas o chefe sou eu e os comandantes xingam-me

é a mim, não é a vocês. O camarada Mundial é um responsável e por isso compreende, mas vocês falam só à toa.

Mundial achou que devia contornar os temores burocráticos do outro. Falou em voz branda, amigável:

– O camarada tem razão em seguir a lei, é vigilante – Os guerrilheiros resmungaram. – Mas escrevo ao Muxima a explicar por quê quero ir diretamente. Ele não o vai criticar. Tem vezes que a lei não serve, porque há situações que exigem decisões rápidas. Não quero obrigar o camarada a deixar-me seguir, é o seu sector. Mas também sei o camarada chefe compreende a situação especial que estamos a viver. Peço-lhe para me ajudar, pois tenho muita coisa a dizer nessas reuniões, a defender as ideias que ainda ontem discutimos. E, se as discussões correrem bem, o Muxima deixará de ser comandante em breve.

– É isso mesmo – disse Mukindo. – O chefe tem mas é medo do Muxima. Como é que impede o muata de ir já direto?

– Não tenho medo nada. Vocês deviam aprender com o camarada Mundial, nem veem como fala. Ele sabe o que é responsabilidade. Vocês falam como mulheres, à toa, sem pensar. É por isso que nunca passam de guerrilheiros simples... Vou deixar o camarada ir, mas estou a aceitar riscos que vocês nem percebem.

– Eu vou escrever ao Muxima e não haverá riscos. Mas há uma coisa... Não posso ir sozinho.

– Dois vão acompanhar o muata e depois regressam – disse Dinamite.

– Como vou explicar a coisa? – disse Sangue Forte, coçando a carapinha. – Saio com um grupo de reconhecimento para um ataque. Volto com menos dois guerrilheiros, porque os mandei acompanhar o camarada à fronteira. Um grupo de reconhecimento é coisa secreta, os homens não podem sair do sector assim.

– Se o camarada diz que me deixa ir, mas não me dá dois guerrilheiros para me acompanhar, então é melhor dizer não me deixa ir. Estou muito cansado, não sei se vou aguentar. E não conheço o caminho, ainda me perco outra vez.

O chefe suspirou. Acendeu um cigarro para ganhar tempo. Os guerrilheiros comentavam em voz baixa. Sangue Forte sabia, estava a perder prestígio à frente dos seus homens, iam acusá-lo de ter medo do Muxima. Mas tinha aprendido que devia manter ao máximo o secretismo das operações militares. Voltou a suspirar.

– Bem, vou-me lixar com tudo isto. Vão me criticar. Se ainda o camarada fosse um deles, podiam aceitar. Está bem. O Dinamite e o Culatra vão consigo. Põem o camarada na fronteira e voltam imediatamente, sem contactar ninguém. Se daqui a três dias não estiverem na base, vão nas cordas. Comigo ninguém brinca. Levem um pouco de comida. E se encontrarem alguém, não deem nenhum mujimbo sobre a missão. Senão ainda vão dizer que sabotei o ataque. Três dias.

Mundial escreveu um bilhete a Muxima e entregou-o ao chefe. Este disse ao despedir-se:

– O muata compreende a minha posição... A situação não está para brincadeiras e trata-se dum ataque que não deve falhar.

Já falhou, pensou Mundial. Os comandantes, quando souberem que o tuga está desconfiado, vão desistir do ataque, e têm razão. Eu teria de defender essa posição, se fosse à base. E é

isso que não quero. Os guerrilheiros vão pensar que o ataque se frustra porque os kamundongos não estão interessados na guerra.

– O camarada tem razão – disse Mundial. – O ataque tem de ser um êxito. É preciso entrar no posto e varrê-lo. Se não tivesse tanto assunto importante a resolver, participava também, não como comandante, mas no grupo de assalto. Pode ter a certeza que se houver problema, vou defendê-lo contra os Muximas.

Despediram-se e avançaram uns passos. Mundial se virou e levantou o punho.

– É preciso entrar no posto, camaradas. A Vitória é Certa! Os guerrilheiros e o chefe levantaram os punhos, respondendo. Nem sequer se aproximarão do Ninda, pensou Mundial. O contrário seria uma estupidez. E o Muxima é tudo menos estúpido.

Sentia todo o corpo dorido, mas acelerava o passo dos dois guerrilheiros. Havia um motivo suplementar para chegar rápido à fronteira. Nem que tivesse de voar. Atrás deixara admiradores, que iam passar o mujimbo a outros. Os dois que com ele andavam fariam o mesmo na fronteira. Talvez não falassem do ataque que se preparava, mas não resistiam à tentação de transmitir o mujimbo sobre ele. E não era Mundial que os impediria, só por causa do Sangue Forte. Em breve o seu nome estaria feito. A situação estava mais madura do que esperara. Havia pontos obscuros que em breve esclareceria. Mas era preciso chegar rápido. Os nervos retesados acabavam por vencer as dores que, com o aquecimento, se tornavam mesmo agradáveis. Voltava a sentir a leveza dos tempos de glória, em que nada o fazia parar, o que lhe dera fama dum homem de vontade férrea junto dos companheiros. Naqueles tempos longínquos em que perseguia, imbecil que eu era, um sonho coletivo. Em que a ideologia o fazia tudo enfrentar com fé religiosa de missão.

Pararam ao meio-dia para comer carne de lata e leite. Sobrou um resto para a noite, mas o dia seguinte seria de fome. E sede, pois não havia água na chana da fronteira, nesta época do cacimbo. Imediatamente deu ordem de prosseguirem a marcha. Culatra perguntou:

– O muata não quer descansar? Está muito sol.

– Não, é preciso chegar rápido.

– Mas o muata está fraco e cansado...

– Não. Vamos. A guerra não espera, camaradas. Com este passo, chegamos quando à fronteira?

– Amanhã quando o sol estiver assim – com o braço estendido para cima, Culatra apontava o meio-dia.

Pararam às quatro horas, para beber água numa poça. Encheram os cantis. Seria a última ração. Como era fim da tarde e pouca gente tinha por ali passado durante o dia, a água estava mais ou menos limpa. Ficava muito pior à noite, pois os animais vinham beber. Continuaram até o escurecer. Prepararam a fogueira e comeram os restos. Os guerrilheiros estavam exaustos, tinham marchado doze horas praticamente sem interrupção. Mundial parecia fresco. Dinamite entregou-lhe o cobertor e disse, sem poder esconder a admiração, o muata voa mesmo.

– Estou a ver os camaradas estão cansados. Senão podíamos andar agora à noite. Começa a chana a partir daqui, não é?

– Sim, agora é só chana.

– Já sei vocês não querem andar à noite. Mas era melhor. Podíamos chegar de madrugada, até antes.

– Hum, é melhor dormir – disse Culatra. – Estamos cansados e é bom andar de olhos bem abertos. O tuga às vezes dorme aqui perto.

– Não vou insistir, vamos dormir mesmo aqui. Mas estás-me a dar razão, Culatra. Se o tuga às vezes dorme aqui, então era melhor andar na chana à noite. O tuga não dorme na chana... Mas digam-me, o Sangue Forte é bom combatente?

– Como os outros chefes – disse Culatra.

– O que quer dizer? Que é bom ou que é mau?

– Assim, assim. Há melhores.

– Por que foi nomeado chefe de secção então?

– Foi o comandante Linyoka que o nomeou.

– São parentes?

– Todos os mbunda são parentes.

– E tu não és mbunda?

– Não. Eu e o Dinamite somos lutxaze.

– E o Mukindo?

– O pai é mbunda, a mãe é kangala.

– Então a maior parte dos guerrilheiros do Sangue Forte não são mbunda?

– A maior parte? Todos não são. Mbunda só o Sangue Forte e os chefes de grupo. Os guerrilheiros são lutxaze, kangala ou mesmo tchokue. Então o camarada não sabe que aqui os kamundongos são comandantes e os mbunda chefes?

Mundial riu, embora já conhecesse a piada. Continuou o inquérito:

– E os ovimbundu?

– Uns são comandantes, outros são chefes – disse Dinamite.

– Vocês também estão a exagerar – disse Mundial. – Há mbunda, como o Linyoka, que são comandantes.

– Sim, claro – disse Culatra, o mais falador. – Mas nós dizemos assim, kamundongo é muata, mbunda é chefe, kangala ou lutxaze é só guerrilheiro.

– Mas o Mukindo?

– Ah, esse... É o sangue kangala que fala nele.

– O Sangue Forte disse-me que são parentes.

– O pai do Mukindo é mbunda e todos os mbunda são parentes. Se defendem. Mas o Mukindo não se interessa muito com isso. E diz sempre o que tem a dizer aos chefes. É talvez um bocado maluco, uma vez fez uma emboscada sozinho a um grupo de GE e recuperou duas armas. Recebeu louvor. É por isso que pode falar assim. Andava sempre com o comandante Kudila e ainda hoje fala muito dele. Diz que o Kudila foi o maior comandante que ele conheceu. O Mukindo estava ao seu lado quando o Kudila morreu. O Kudila gostava dele, por isso o Mukindo diz não pode ser contra os kamundongos, pois lhe aparece logo a imagem do Kudila quando atacam os kamundongos. Era um grande comandante e um homem justo.

– Esse Mukindo é curioso! Gostaria de conversar mais com ele, mas não tive tempo. Que

pensa ele dos ovimbundu? Vocês sabem eu sou umbundu, não sabem?

Culatra sorriu. Avivou a fogueira com um pau.

– Ele diz agora estamos unidos contra os do Norte: umbundu, mbunda, lutxaze, kangala, tudo está junto. Mas que depois vai haver confusão. Quando os kamundongos forem corridos, os mbunda e ovimbundu vão lutar para o poder. E mais lá no norte há os tchokue e luvale... Diz estamos só a fazer tribalismo e depois o tribalismo vai nos separar. Os lutxaze e kangala vão ser dominados pelos mbunda e ovimbundu, como já foram antes. Diz estamos a esquecer quem trouxe o tuga aqui. Os ovimbundu. E antes os mbunda dominavam os kangala. As contradições antigas vão voltar, porque estamos a remexer nas cinzas do tribalismo.

– Esse Mukindo é curioso. Quem lhe ensinou tudo isso?

– Estudou no CIR da Zona A. Só que agora diz não fala português, mas sabe mesmo. Estudou política e o Kudila falava muito com ele.

– Vamos dormir – disse Mundial. – Amanhã ainda há chana. A chana...

Um arrepio percorreu-o, apesar do fogo. Seria a última caminhada na chana. A última! Depois arranjaria pretexto para não pôr mais os pés nesse monstro. Como dizia o Sábio?

"Há dois universos, o da chana e o da mata. O primeiro é a angústia, a interferência de mundos, o inconforto, a mobilidade, a instabilidade. O segundo é o mundo uno e indivisível da tranquilidade, da facilidade, da quietação. O primeiro é o da gazela (ou mbambi ou tava), o segundo é o da abelha e do mel. Finalmente, o segundo, o da mata, é o mais perigoso, como o hidromel que se bebe sem tento porque é doce, sem se dar conta que embebeda. O primeiro é aquele em que toda a surpresa é agradável, pois só se espera o pior. O segundo é aquele onde toda a surpresa traz a mudança, o perigo, o mau encontro, a situação dolorosa de novidade para o espírito sedentário. O primeiro é o da vida misteriosa que borbulha à sombra minúscula de uma haste de capim: os insetos, as bolhas de água chupadas pelos caules estreitos, os escorpiões ou os mbambis. O segundo é o da vida aparentemente evidente, do verde possante das folhas rebentando nas árvores nuas, do ruído do vento vergastando ramagens. Será mesmo assim? Tudo é ambíguo nos dois universos."

Diga o que disser o Sábio, pensou Mundial, sempre prefiro a mata. E adormeceu.

11

O ruído dum avião sobrevoando a linha da fronteira tinha-os atrasado e às dez horas ainda estavam a quatro horas de marcha do destino. A fome, que sempre o acompanhara, era mais insuportável agora, pois sabia que estavam perto.

A chana estendia-se à sua frente. Primeiro começara por ser só à frente, quando saíram da mata onde tinham dormido. Depois a chana prolongou-se para o lado direito, mais tarde para o esquerdo também, e ultimamente para trás. Só um ou outro arbusto com folhas semelhantes às da palmeira cortava o horizonte. O mar, o mar odiado e temido, pensou Mundial. Os guerrilheiros caminhavam à sua frente, mais repousados à medida que chegavam ao termo da caminhada. Para ele era sempre o contrário.

De repente se lembrou do Elias, o protestante adepto de Fanon. Andaria também por aquelas paragens? Tinham fugido juntos de Portugal, com todos os outros. Em Paris se dividiram. Elias e mais uns poucos foram para a UPA, depois FNLA. Perdeu-lhe o rasto. Certamente tinha saído da FNLA para formar a Unita, como todos os ovimbundu da antiga UPA. Podia andar ali pelo Leste. Havia grupos de que quase nada se sabia, vivendo semiclandestinos na Zâmbia e por vezes fazendo incursões em Angola. Elias podia ser um deles. Que aconteceria se se encontrassem? Na Zâmbia, não havia problemas, até podiam conversar. No interior, o mais provável era a conversa das armas, mesmo se absurda.

Ao meio-dia, surgiu lentamente, lá onde a vista se cansa, uma ténue penugem azulada indicando a mata de Kaxamissa. Atrás estaria Sikongo, na Zâmbia, a capital do caxipembe. Duas horas de marcha, calculou Mundial. Ainda se não distinguia a enorme árvore isolada, de folhagem permanente, que marcava a fronteira. O sol projetava a cabeça nos pés e ele foi pisando maquinalmente a sua sombra, distraído.

Um tiro à sua frente o fez estremecer. Placou automaticamente ao solo, tirando a arma da segurança. Não agora, que estavam tão perto, rogou.

– Fugiu, fugiu – ouviu Dinamite gritar. Os dois guerrilheiros correram para o lado esquerdo.

– O que é? – gritou Mundial, soerguendo-se.

Os outros não responderam e continuaram a correr. Mundial olhou para todos os lados. O

medo foi cedendo o lugar à perplexidade. Levantou-se cautelosamente e ouviu mais um tiro. Agora foi Culatra que fez fogo. Depois os dois voltaram a correr. Dinamite estacou e disparou. E recomeçou a correria, obliquando para a direita, seguido pelo outro. Mundial, totalmente em pé e com a arma em posição de fogo, viu passar um mbambi à frente, a uns cinquenta metros de distância. Os guerrilheiros iam atrás. Mundial avançou para a direita e em breve apanhou-os.

– Está ferido – disse Culatra.

O mbambi não se via. Andaram uns quinhentos metros e perderam-lhe o rasto. Voltaram atrás, até ao caminho, onde Dinamite descobriu uma haste de capim salpicada de sangue. Pôs-se a avançar, seguido dos outros dois.

– Onde está ferido? – perguntou Mundial.

– Na perna – disse Culatra.

– O primeiro tiro?

– Sim. Estava mesmo à minha frente.

– E os outros tiros?

– Parece que desconseguimos.

Dinamite prosseguia seguramente, a indicar sinais que Mundial não via. Mas Culatra aprovava com a cabeça. Um quilómetro à direita do caminho, Dinamite estacou e levou a arma à cara. Mundial só viu o animal quando este saltou, atingido pelo tiro. Mas largou a correr, dando saltos a cada seis passos.

– Vamos, apanhou – disse Culatra.

E correram, seguindo o mbambi que se afastava. O animal em breve desapareceu.

– Deitou-se a descansar – disse Dinamite. – Já não aguenta muito. E voltou a seguir os rastos sanguinolentos, agora mais nítidos. O teu destino está traçado, pensou Mundial. Correrás e saltarás, por fim só te arrastas, mas a perseverança vai vencer. O sangue irá ficando pelo caminho e na última gota ainda encontrarás a força para a última passada. Mas também o sangue se esgota, meu velho. Não o dizia com maldade, antes com ternura. Era uma constatação duma lei de todos conhecida e por todos aceite: eles tinham fome, havia que matar os mais fracos para não morrerem.

O mbambi levantou a cabeça ao sentir os passos. Culatra, em segunda posição, disparou. O mbambi saltou para a direita e Mundial atirou. O animal rolou na areia, levantou-se e saiu a correr, mas com mais dificuldade.

– Bonito tiro, muata – disse Dinamite.

Voltavam agora para o caminho. O mbambi, uns duzentos metros à frente, escondia-se continuamente. Mas erguia-se logo que sentia os passos. Para se deitar cem metros à frente. Os guerrilheiros, implacáveis, não suspendiam a perseguição. Mundial já esquecera de perscrutar o som dos aviões, todo entregue ao cadenciado aparecimento e desaparecimento da cabecinha amarela. Amarela no amarelo da chana. De repente, o mbambi saltou à sua frente e inflectiu para a esquerda. Os três dispararam à queima-roupa, mas ele afastou-se.

– Deitou-se ali mesmo – disse Dinamite. – Vamos mais devagar. As camisas de camuflado estavam empapadas de suor. Os próprios olhos estavam embaciados pelas gotas que caíam do couro cabeludo, da testa, das sobrancelhas. Os olhos ardiam. Avançaram com cuidado, os

dedos nos gatilhos. O animal surgiu, levantando a cabeça, a uns vinte metros. Três tiros soaram no meio-dia parado. O mbambi desapareceu no capim.

– Apanhou – gritou Culatra e correu.

Dinamite ia fazer fogo mas travou a tempo para não acertar no companheiro. Mundial viu o mbambi saltar quase dos pés de Culatra e correr para a direita. Culatra fez fogo mas falhou. Mundial atirou com cuidado, para não visar o outro. O mbambi rebolou, mas pôs-se de novo sobre as patas e se meteu numa moita de capim mais espesso. Tremenda resistência, pensou Mundial. Tal é o apego a uma vida miserável. O sangue ficava viscoso sobre os brilhantes grãozinhos de areia. A moita estava a dez metros deles. Os três homens avançaram em linha, cada passo pontuado por um gemido do animal. Mundial distinguiu a cabeça surgindo no capim, os olhos que o fixaram, grandes, aterrorizados. Não havia ódio ou recriminação naqueles olhos doces, só medo. A língua, pingando sangue, tornara-se inchada demais para encontrar refúgio na boca.

Os três homens dispararam e voltaram a disparar. A cabeça desarticulou-se. O mbambi estava morto, os olhos abertos para o sol, procurando talvez uma explicação. O ventre, rasgado pelas balas, deixara cair o feto que nele germinava e que agora era uma bola sanguinolenta e palpitante.

Também Mussole estaria grávida quando morreu? perguntou-se Mundial, sem poder afastar os olhos do feto ainda vivo. Com a bota, pisou a cabeça do feto, que parou de palpitar. Depois virou-se para o lado e vomitou. Líquidos, apenas.

– Vamos levá-lo para onde há lenha – disse Culatra.

– Onde vais encontrar lenha? – disse Dinamite. – Aqui é chana.

– Eu levo-o. Tu vai apanhando todos os pauzinhos que encontrares.

Culatra pôs o mbambi às costas e dirigiu-se para o caminho. Dinamite e Mundial recolhiam todos os paus que encontravam. Eram raros, só havia restos de arbustos. Ao fim de certo tempo, juntaram uma porção suficiente. Sentaram-se no caminho e, enquanto os outros esquartejavam o animal, Mundial acendeu o fogo.

Ali, no meio da chana, a cerca de duas horas da fronteira, comeram os farrapos de carne que assavam na fogueira. O fogo era fraco e a carne estava meio crua. Os ruídos da chana eram imperceptíveis, salvo o marulhar que se adivinhava nos olhos do mbambi, cuja cabeça cortada estava atirada na areia branca. Mundial comia sem gosto, sem poder evitar os olhos do mbambi fixos nele. E os olhos do mbambi lembravam-lhe os desconhecidos de Mussole ou os demasiado conhecidos de Marilu. Acima de tudo, os do Sábio.

Não, nada já tinha importância. O passado fora enterrado na areia da chana e mesmo as promessas e os ideais coletivos. O que importava agora era o que iria encontrar na penugem azulada do futuro, o seu futuro. Ele, Mundial, já estava a salvo, já tinha um futuro. E o Sábio?

Epílogo

A resposta teve-a dois meses depois, pelos últimos escapados dos sectores avançados. O Sábio morrera, cercado, dois meses antes, por não ter querido recuar sem ser convocado.

Dois meses antes, à uma da tarde. Não o pôde confirmar, mas um pressentimento angustioso segredou-lhe que sucedeu no mesmo dia em que ele, Dinamite e Culatra, tinham caçado um mbambi. Um mbambi que lhes deu força para continuar até à fronteira.

O Sábio fora um mbambi ou um tronco de árvore que deixa de contar logo que se atingem os frutos?

Era coincidência, era superstição, mas esse pressentimento, que de todos calou e lhe trazia um frio ao coração, não mais o abandonou. E era aguçado pelas bebedeiras e pela xinjanguila da fronteira.

O POLVO
(Abril de 1982)

1

O alto-mar estava agitado. As ondas batiam de encontro aos rochedos que marcavam a entrada da pequena baía e perdiam força. Ainda remexiam as águas por cima do banco de recifes. No entanto, na praia de areia um pouco amarelada por causa da argila caída dos morros, as ondinhas vinham morrer, como sempre, fazendo apenas ondular as serpentinas de algas coladas ao fundo de rocha. Só o estrondo das vagas contra os rochedos, lá fora, fazia adivinhar a calema que se aproximava. Era abril, tempo ainda das calemas. A última fora em fevereiro e durara três dias. As vagas conseguiram ultrapassar a barreira dos rochedos e dos recifes, chegaram a lamber as bases dos morros. Levaram areia e argila, restos de peixes e caranguejos, trouxeram areia limpa. A Natureza a ocupar-se da minha praia, impedindo-a de se poluir, pensou o homem.

Provou a temperatura da água com o pé esquerdo. Mais fria que o habitual. É a agitação do mar que traz a água fria para a costa, disse em voz alta. A corrente de Benguela justificava assim o seu título de corrente fria, mas só quando havia calema se apercebia. No resto do ano, a água era apenas ligeiramente menos quente que em Luanda. Trazia só os óculos de mergulho e o tubo de respiração, mais as indispensáveis barbatanas e a arma. Deixara o fato de borracha em casa. Olhou para o alto do morro, onde ficava a casa. Deu-lhe preguiça de subir o íngreme caminho só para ir buscar o fato. Que se lixe, a água está suportável. Sentou na areia, calçando as barbatanas. Tinha decidido ao acordar que não faria grandes mergulhos, apenas caçar dois peixes. Por isso tinha deixado o fato e as garrafas de ar, que muito raramente utilizava. As garrafas estavam reservadas para o grande dia. Já as tinha há seis meses, recuperadas num armazém abandonado duma pescaria da Baía Farta. Os pescadores tinham rido, para que precisa disso? Mas eram uma preciosidade, podia com elas explorar a gruta submarina que tinha descoberto. No entanto, uma vez mergulhou perto da gruta e ficou, a cerca de oito metros de profundidade, olhando de fora. Largo tempo. Não ousou penetrar. A entrada era larga, mas depois parecia estreitar. Precisava duma lanterna especial. Levou dois meses até conseguir desencantar uma em Benguela, na casa dum amigo, leva-a, não preciso disso para nada, nem sei por quê anda por aqui. Voltou a mergulhar com as garrafas e agora com a lanterna. Confirmou a suspeita que a gruta se estreitava. Mas não

entrou. Ficou só a admirar os tons vermelhos da rocha, esverdeados pelos limos, e brilhantes de quartzo e mica limpos pelas ondas. O polvo estava lá dentro, tinha a certeza. Não teve coragem de o defrontar, voltou para a superfície. Ainda não tinha chegado a altura.

Entrou na água, com um arrepio no corpo magro. Foi nadando, só a bater os pés, olhando para o fundo e respirando pelo tubo. Dirigiu-se para a esquerda, onde havia os fundos rochosos, com mil e uma pequenas cavernas onde repousavam os peixes. Havia centenas de peixinhos, de roncadores, de ferreirinhas com as suas riscas transversais, um ou outro cachucho avermelhado. Ele observava o seu mundo submarino, feito de rochas, algas, peixes e caranguejos, mas sem se apressar. Mais cedo ou mais tarde ia encontrar um peixe grande, um que valia a pena caçar. Por vezes apareciam ali muito perto da praia. Senão, estariam na zona dos recifes. Tudo no seu mundo era feito em pequeno. A baía tinha um perímetro de duzentos metros de areia. Os recifes estavam a cinquenta metros da praia e os rochedos que fechavam a baía pelo sul a setenta. Em grande só mesmo os peixes e um ou outro tubarão cinzento. Na parte norte da baía não havia recifes nem rochedos, o próprio morro avançava em cabo para a fechar. Os grandes peixes entravam pelo norte e depois iam proteger-se atrás dos recifes, na zona sul. Tinha aí caçado na semana passada um pungo de quase cem quilos. Caçar foi fácil, mas deu grande trabalho arrastá-lo para a praia. E teve de pedir ajuda para poder transportar o peixe até à Caotinha, a menos de mil metros, onde o vendeu a um casal que tinha vindo de Benguela para namorar dentro do carro, contemplando a paisagem fabulosa do poente. Foi um bom negócio, mas em Luanda teria vendido dez vezes mais caro. O negócio foi bom por ter conseguido vender o peixe. Se não o fizesse, acabaria como tantos outros, oferecido aos deslocados de guerra, para não apodrecer. O kimbo dos deslocados crescia a olhos vistos na Caota, entre esta e a Baía Azul. Ali a agricultura era impossível, não havia água. Viviam da pesca, que eram forçados a aprender, mas sobretudo da comida que alguns organismos para lá levavam. Raramente. Por isso ele dava-lhes o peixe que não vendia ou não podia comer. Era uma migalha para aquelas bocas esfomeadas, fugidas duma guerra que ainda não tinham entendido.

Os cardumes fugiam à sua frente, mas o homem não se preocupava. Sabia ia encontrar o peixe pretendido na muralha de recifes. Escolhia antecipadamente. Hoje apetece-me um pargo, um grande pargo vermelho, churrascado nas brasas. Por vezes acontecia não encontrar a refeição desejada e ter de se contentar com outra. Mas era raro. Tinha toda a manhã para procurar. Era dono do seu tempo, a única liberdade válida. Afastou-se deliberadamente do extremo sul, onde estava a gruta. Nem queria pensar nisso, bastavam os pesadelos noturnos de toda a vida. Deu uma curva para a direita, explorando sempre os fundos rochosos, sem chegar aos recifes. Apercebeu uma barracuda à sua direita, o peixe nobre por excelência. Não era das maiores, mas pesava pelo menos quinze quilos. Não, chega de pescada, comi há dias. Hoje é pargo, está decidido. Deixou a barracuda seguir lentamente entre os caminhos do fundo, ondulando como uma serpente. De repente sentiu mais frio. Levantou a cabeça e olhou o mar. Claro, tinha saído da zona protegida pelos recifes, estava do lado direito da baía, onde a água da corrente fria entrava diretamente. A barracuda dirigia-se pois para o oceano. Voltou para trás, aproximando-se da praia. Gozou a mudança da temperatura da água, agora mais quente. Mas o fundo era branco, de areia, só por acaso aparecia um pargo.

Tinha aprendido na prática os hábitos dos peixes, ali, na sua baía. Provavelmente em outros sítios tinham costumes diferentes. Nunca procurara estudar isso cientificamente, nem muito menos generalizar. Em raras conversas sobre o assunto, nas suas vidas anteriores, tinha aprendido coisas que ali não se realizavam. Por exemplo, que os dourados só gostavam de andar no meio dos lixos, sobretudo dos restos de caniços arrastados pelos rios. Isso podia ser em Luanda. Na sua baía, já encontrara dourados no meio das pedras mais limpas. Não os caçava, porque não gostava de os comer. Eram apenas troféus e ele não procurava troféus. E o dourado era um peixe lindo, que gostava de contemplar sossegadamente. A sua baía era um ecossistema único no mundo, diferente da Caotinha ali ao lado e da Baía Farta mais longe? Assim a via, assim a queria. Ao menos alguma coisa na vida fosse como ele a queria.

Olhou as horas. Dez. Estava na água há mais de duas. Saiu e deitou-se ao sol para aquecer. Apeteceu-lhe fumar. Mas tinha deliberadamente deixado os cigarros em casa, para ver se o pigarro passava. Ao acordar, tossia cada dia mais. Por vezes chegava a vomitar, líquidos, evidentemente, pois de manhã tinha o estômago vazio. Estabeleceu assim mais uma regra de disciplina, só fumava depois do almoço. Enquanto nadava nem pensava nisso. Mas quando interrompia a caçada, o desejo voltava. A solução era mergulhar de novo.

Nadou agora para os recifes, do lado sul da baía. No princípio passeara, fazendo a inspeção do seu mundo, sem se preocupar com o resultado. O instinto de caçador tinha vindo à tona e estava mais impaciente, observando atentamente o fundo de rocha com algas e areia. Chegou à zona dos recifes, onde a água estava mais agitada por causa da calema lá fora. Não encontrou as costumeiras garoupas escondidas entre as pedras. Deviam estar mais para a esquerda, protegidas da agitação pelos grandes rochedos que emolduravam a entrada da gruta. Assustou um grupo de chocos que fugiram lançando os seus jactos de tinta escura, como os aviões lançavam os gazes. A água ficou mais baça e lembrou-lhe a presença do inimigo. Lá no fundo, em emboscada, bem à esquerda. Sentiu a presença, como antes, nas chanas, adivinhava a chegada dos helicópteros portugueses em formação de ataque. Como antes, nas chanas, apertou mais fortemente a arma na mão. E teve a mesma sensação de insegurança.

Duas corvinas estavam paradas à sua frente. Apontou a arma para uma delas. Gesto quase inconsciente. Mas não disparou. Quero comer pargo. Mas também já quase não tinha peixe seco e a corvina era boa para secar. Convinha ter sempre uma reserva de peixe seco para alguma aflição. Disparou. O arpão atravessou o corpo e ele sentiu o sacão do peixe na ponta do fio. A outra corvina fugiu. Pegou no cabo do arpão e nadou para terra, rebocando o peixe. Na praia armou de novo o arpão no disparador, respirou algumas vezes apanhando sol e voltou a mergulhar. Vamos lá procurar o tal de pargo.

Aproximou-se decididamente dos recifes, evitando ir para o extremo sul onde estava a gruta. Viu mais corvinas e alguns atunídeos, os serras. Davam para acompanhar um funje, de preferência secos. Desprezou-os. Com a turbulência, a água estava menos transparente, com muito plâncton revoluteando. Mas via suficientemente os fundos e entre os recifes. Apareceram alguns parguetes, demasiado pequenos. Gostava era dos grandes, com muita carne branca, que era preciso olear bastante ao assar. Uma garoupita, toda assustada, bazou a grande velocidade ao quase chocar com ele. O homem agora estava parado, os pés só

mantendo a posição horizontal do corpo, espiando entre os recifes. Por vezes, uma vaga conseguia romper as barreiras e fazia-o deslocar. Logo mais, ao entardecer, a calema estaria no máximo da força e as vagas iam passar por cima dos recifes. Amanhã será um mau dia para a pesca, os barcos vão se conservar ao abrigo dos portos e a canoa do Ximbulo ficar na areia. Por prudência, devia hoje fazer reservas. A calema podia durar dias. Se fosse muito forte, as águas estariam de tal modo agitadas que seria muito difícil caçar. Tinha sempre o recurso do anzol e da linha, mas não tinha paciência de ficar sentado em cima dum rochedo a pescar. Era caçador, não pescador. Diferença cultural enorme. Embora os economistas misturem tudo no mesmo grupo de atividade extrativa, pensou ele, a atitude é outra. O pescador fica fora do meio do peixe, ou numa praia ou num barco. Invade o meio do peixe com uma arma, rede ou anzol, apenas a arma entra nesse meio. O caçador penetra no meio marítimo, arrisca o corpo a corpo, usa a arma contra um adversário-vítima determinado que vê e respeita. Os dois matam, mas o pescador mata sem sequer pensar nisso. O caçador mata, consciente de que o faz. Quem é mais cruel? Ximbulo, um dia em que lhe falou nisso, só riu daquele jeito calmo de quem já viu muitas calemas, respondeu, chefe, deixa disso, resultado é o mesmo, peixe frito ou peixe assado, ou caldo.

Viu finalmente um pargo dos grandes. Estava de frente para ele, entre duas pedras, fitando-o de olhos mansos. Tiro muito arriscado, a arma não era das mais precisas, fora o que pudera encontrar. Só acertando na boca, que abria e fechava para respirar. Esperou ainda um pouco, a arma apontada. Se o pargo mexesse, podia apresentar-lhe o flanco, tiro seguro. Mas o peixe observava-o, sem intenção de se mexer. Anda lá, assusta-te, tenta bazar. Podia fazer um gesto brusco, levar o pargo à fuga. Mas aí escapava, pois teria de apontar à toa, para a esquerda ou a direita, levado pela intuição. E o arpão chocar contra a rocha, partir-se. Só tinha um de reserva. Era mais difícil encontrar arpões naquela terra que o Reino dos Céus. Como era difícil encontrar comida, cigarros, roupa ou outro produto qualquer. Cada um tinha de se desenrascar com os meios do acaso e usar da imaginação para sobreviver. Disparou com raiva. Não do pargo, invadido no seu meio, inofensivo, mas do passado de quimeras que trouxe este presente absurdo. O arpão entrou pela boca e atravessou-o longitudinalmente. Lindo tiro, disse para si próprio, sem emoção. Levou o peixe para a praia, sentindo frio. Se não tivesse de poupar o arpão, podia assar o peixe assim mesmo, rodando nas brasas como uma espetada.

Retirou o arpão, o que não foi fácil. Despiu-se dos óculos e das barbatanas, segurou a faca presa na perna direita e escamou os peixes. O sol começou a aquecê-lo e a fazer passar a raiva. Abriu os peixes e limpou-os na água. Peixinhos quase transparentes vinham disputar-se os restos de guelras e intestinos dos parentes assassinados. Ficou a ver a luta silenciosa na água clara. Sempre o combate pela sobrevivência, é a lei da natureza. Só o homem mata por prazer, ou por outro objetivo que não o de comer o adversário vencido. Ainda falam mal da antropofagia, essa ao menos respeita a lei da natureza. Sorriu, no meio dos pensamentos amargos. Também estou a exagerar. Os bichos, dum modo geral, não comem os seus iguais. Só os peixes. Ou alguns insetos. O leão ou a onça não comem os seus parceiros mortos, deixam-nos para as hienas. Mas também não lutam entre si até à morte, como o homem. O homem sim, é o maior predador de si próprio. Para deixar o inimigo vencido apodrecer ao

sol.

Por causa da calema próxima, devia voltar a caçar. A corvina era para secar, durante uma semana ficaria sem utilidade. O pargo seria comido hoje. Se amanhã o mar estiver bravo e não puder caçar, fico sem reservas. Mas sentia frio na água e não lhe apetecia voltar. Que se lixe, inventa-se alguma coisa. Meteu os dois peixes numa rede em forma de saco, pegou nos apetrechos e subiu o morro, só em fato de banho. O caminho era difícil, muito íngreme, pois o morro era alto. De baixo não se via a casa lá em cima, apesar de estar quase na borda da falésia. A subida aqueceu-o definitivamente. Mesmo os dedos rapidamente perdiam as rugas causadas pelo frio da água. Ora, em julho e agosto é que a água está fria, no cacimbo. E não é por isso que não caço. O pescador tem mais sorte, fica fora da água no cacimbo. E apanha mais peixe. Sou um mártir. Riu, transpondo o último obstáculo que o separava do planalto onde ficava a casa. Um mártir eremita, que se lamenta pela vida que escolheu. Se alguma vez fui livre numa escolha... Afastou os pensamentos ao ver a casa.

Parou, deixou a carga no degrau acimentado da entrada, olhou à volta. Como fazia sempre que saía do mar. Para o norte, a um quilómetro pelas praias, mas mais perto pelo alto dos morros, via-se a pescaria que agora era do Ximbulo. Destacava-se o telheiro, onde no tempo colonial se esquartejava o peixe para depois ser secado ao sol nas tarimbas. O telheiro ainda guardava a sua cal branca e à distância parecia caiado de fresco. Duas casas também brancas completavam o conjunto. Quando a pescaria funcionava, havia muitas cubatas à volta para os trabalhadores. Ximbulo habitava uma delas. Antes da independência, o dono foi embora com a traineira para a África do Sul, a pescaria encerrou. Um a um, os trabalhadores abandonaram-na também. Só Ximbulo ficou com a família, ou o que lhe restava dela. Ocupou a casa principal, passou a pescar com uma canoa. Apenas para sobreviver. O Estado não quis tomar conta da pescaria, muito isolada e pouco rentável. Ximbulo nunca legalizou a ocupação, nem a lei lhe permitia. Pouco se importava, ia vivendo com o que pescava no sítio onde nascera.

Para lá da pescaria, só morros e mais morros, durante vinte quilómetros, até Benguela. Morros ressequidos, onde com as raras chuvadas aparecia algum tímido capim. Cada vez menos, com o deserto que avançava vindo do Namibe. Para o oriente, o horizonte era muito mais curto, delimitado pelos morros áridos. Só para sul se sentia vida. A mil metros, via-se o restaurante da Caotinha e a casa branca dum arquiteto italiano que a construiu sobre a rocha, numa baía fechada. Depois adivinhava-se uma planície que ia dar à Baía Azul, centro balnear como a Caotinha. Nessa planície seca, os refugiados de guerra se tinham agrupado numa aldeia, mas que dali não era visível. E ainda mais para sul, quase a perder de vista, a Baía Farta, o principal centro piscatório da região, parecendo avançar em aguilhão pelo mar dentro.

Salgou a corvina e depositou-a numa pequena tarimba ao lado da casa, para secar. Destapou o tanque de água e encheu um balde. Regou a mangueira que plantara há três anos e crescia muito bem, apesar de todas as advertências. Até mesmo Ximbulo, o único que parecia não o considerar maluco, o advertiu, aqui no alto do morro mangueira não dá. Nem imbondeiro. Mas ele teimou em plantar lá a mangueira e todos os dias a regava. O terreno absorvia a água tão rapidamente que parecia não sobrar nada para a árvore. Mas o certo é

que crescera muito bem e já dava sombra. Por isso em baixo dela estava uma cadeira de lona, onde ele refletia e lia durante o dia. Um balde de água para uma mangueira era luxo que Ximbulo nunca poderia entender. Mas para ele era vital ter uma árvore de sombra. Ficou-lhe a necessidade por tanto atravessar chanas quando era guerrilheiro no Leste. A mangueira crescia melhor porque ele a acariciava, lhe confessava pensamentos íntimos, lhe lia passagens importantes de livros. A mangueira tinha nome de gente, Mussole, mas só em alguns momentos ele assim a chamava. E nunca à frente de estranhos, aí sim, iam dizer pirou de vez, está todo cacimbado, coitado, até dá nomes a árvores.

Entrou então em casa. Naquela casa inacabada que viu um dia e pela qual se apaixonou. E que terminou com a ajuda de Ximbulo.

2

A estória da casa começou há muito tempo. Na altura da guerra de 1975. Tinham-no mandado para a União Soviética fazer um curso militar, mais um, este para Estado-Maior. Talvez para descansar dos maus bocados passados no Leste com o desmoronar da guerrilha. Tão maus bocados que várias vezes a sua morte foi anunciada. Os mujimbos acabavam por se revelar falsos mas acabaram por o esquecer na frente, ninguém se lembrava de o mandar chamar e ele também não recuava sem ordem. Até que a sua unidade eram três pessoas, ele, o guia e um guerrilheiro coxo que não tinha para onde ir nem coragem de andar um mês em terras de fome e atravessando rios a caminho da Zâmbia. Nessa altura resolveu recuar, o seu grupo deixara de ser de combate há meses. O guerrilheiro coxo ficou, nada o podia convencer a fazer a viagem. Durante um mês, ele e o guia conseguiram furar os diferentes cercos, alimentando-se de mel. O guia sabia descobrir sempre o mel, sem nunca ter revelado o segredo, se ouvia as abelhas, se cheirava o mel, ou por outra razão qualquer. Era musekele, resto dos chamados bosquímanes, os homens do mato. Com ele não havia perigo de morrer de fome. Não só descobria o mel, como atraía caça assobiando por folhas especiais, ou cheirava à distância o inimigo. Quando chegaram à fronteira, em plena rebelião, tantos tinham sido os mujimbos sobre a sua morte que quase passou como sendo o espírito, o cazumbi, de si próprio. Deviam tê-lo tratado mal, pois estavam em rebelião contra os do Norte, mas não se atreveram a tocar num cazumbi. E ele apanhou o primeiro carro e foi para Lusaka, onde estava a direção do Movimento. O difícil foi aí, pois passaram a desconfiar dele por ter conseguido atravessar impune toda a zona rebelde. Ficou mais ou menos na gaveta e nem o chamaram para participar nas reuniões importantes que se realizaram. Quando a nova direção foi eleita, alguém se lembrou dele para o tal curso na União Soviética. Não quis aceitar, mas quase lhe impuseram. Muita coisa tinha mudado em 1974 em Portugal e ia terminar a guerra. Era necessário pensar num exército regular, para isso os mais capazes tinham de estudar nova organização e estratégias.

Regressou a Angola em 1975, em plena guerra contra os outros partidos. Logo foi destacado para chefiar uma coluna que travava o avanço dos sul-africanos no rio Keve. Foi então que conheceu Paulino, filho de Ximbulo. O rapaz tinha sobrado da batalha de

Katengue, onde morrera o seu irmão mais velho, e recuado com as tropas de Benguela para o Cuanza-Sul. Paulino ficou uma espécie de sua mascote, que passou a levar para todos os sítios. E nas noites de vigília antes das batalhas, Paulino contou que o pai, Ximbulo, era pescador perto da Caotinha e que ele e o irmão tinham sido voluntários para combater quando o kibeto começou na zona de Benguela. O nome da Caotinha evocou nele reminiscências de infância. Foi passar férias a Benguela e levaram-no a essa praia, onde um polvo enorme o assustou, polvo que lhe aparecia nos pesadelos antes das batalhas. Paulino acabou por morrer estupidamente, pisando uma mina, quando voltaram a ocupar Benguela e os sul-africanos retiraram para os seus aprazíveis santuários. Sentiu-se na obrigação de ir comunicar a morte à família de Paulino. E assim chegou àquele lugar seco, onde havia uma construção inacabada, mas quase pronta. Reconheceu na praia o sítio onde em miúdo se banhara e encontrara o polvo. Falou com Ximbulo, tentou encorajar quem perdera os dois filhos varões em três meses, sabendo da inutilidade das palavras.

Dois anos mais tarde, procurando esquecer o passado, desligado de todos os compromissos, decidiu viver naquela casa e caçar o polvo da sua infância. Ximbulo era o vizinho mais próximo e ajudou-o a terminar o teto. Nunca conseguiu arranjar tintas para pintar a casa, ficava assim mesmo. Tinha luz elétrica, o que era um milagre. O proprietário, antes de abandonar os locais, tinha conseguido fazer uma puxada da estrada até lá, mas provavelmente nunca a utilizou. Não havia água e ele teve de arranjar um tanque de fibrocimento. Um amigo, com casa na Baía Azul e que todas as semanas mandava um carro com água para abastecer as suas cisternas, aceitou que o carro viesse através dos morros até ali, para encher o tanque. Dava para cozinhar, se lavar a ele e a rara roupa que usava, e regar a mangueira. O resto deixava para Ximbulo, que a levava em garrafões para a pescaria. Ali, naquele ermo, água era ouro, Ximbulo podia tornar-se seu escravo.

Acendeu o fogo, pôs o pargo numa rede metálica acima das brasas. Pensou em Paulino, miúdo esperto, só com a segunda classe. Como estudar mais em tal local? Frequentou aulas na Baía Farta, mas só quando conseguia alguma boleia, nada regular. Pouco depois de se conhecerem, Paulino chamou-o de comandante Sábio, e ele quis brincar. Olha, chama-me só comandante ou só camarada Sábio. Comandante Sábio não dá, não vês que um tipo ou é sábio ou é comandante? Todos lhe chamavam assim, fez notar Paulino. Sim, mas esses são burros. Paulino ficou pensativo, foi dar uma volta, voltou com a resposta. Comandante, com isso que disse mostra que é sábio, por isso chamo-lhe mesmo comandante Sábio. Miúdo esperto, uma morte sem sentido aos dezoito anos. Alguma morte tem sentido? Algumas têm, as que não nos tocam.

Lembrara-se da morte e olhou para a mangueira. Tinha posto o fogareiro ao sol, um pouco longe da árvore, para o fumo não a incomodar. Abraçou-se ao tronco, acariciou-o. Disse com ternura:

– Alguma morte tem sentido, Mussole? E estás mesmo a ouvir-me? Senti no dia que te dei o nome e te plantei, as tuas folhas começaram a agitar-se em música. O espírito longínquo da falecida no Leste encontrou o caminho para aqui. Longa distância, mesmo para um espírito. Tão cansado ficou que nem fala, nem se manifesta. Cresces, cresces, com o espírito em cima. Frutos não dás, bem sei que ainda não chegou o tempo. Mas podias de vez em quando

xuaxualhar as folhas, quando não há vento, para me indicar que estás aí e não dormes.

A mangueira não estremeceu, apesar do vento que vinha do mar, encapelando cada vez mais as ondas para lá da baía. Seguras as folhas? Será um sinal? Pode ser. O dia do polvo está próximo, já é abril. Foi mudar a posição do pargo no lume e deitar-lhe mais óleo nos cortes paralelos feitos com a faca.

Só então foi guardar os apetrechos de caça no quartito ao lado da casa de banho. Tinha à frente uma cozinha, com um fogão a gás. Depois o quarto de dormir, com uma cama e um armário embutido. Alguns livros espalhados pelo chão, uma AKA encostada à parede, dois carregadores ao lado, despojos dos tempos de guerra. Depois vinha a sala, a preciosidade. Era ampla, intensamente iluminada porque toda a parte da frente da casa tinha vidro ou tijolo transparente. De qualquer posição se via o mar. Apenas um metro separava a parede dianteira da sala do bordo da ravina, por isso a entrada se fazia por trás, pela cozinha. Viu as ondas, cada vez mais altas, chocando contra as rochas. Apesar do sol aberto, a cor do mar estava carregada, só temperada pelos carneiros brancos de espuma. Uma traineira, ao largo, procurava a proteção da Baía Farta. Aparecia e sumia no meio das vagas, tangueando. Procurou ler o nome com os binóculos que também trouxera da guerra, mas os balanços da traineira não o permitiam.

Lembrou-se do pargo e correu para fora, se se queima lá vai a comida. Chegou a tempo de o virar, estava quase pronto. Foi então que ouviu o barulho do motor, para lá dos morros. O ouvido, treinado, indicou que o carro, um jipe, se dirigia para ali. Pela picada que o carro da água fizera desde a estrada asfaltada ligando a Baía Azul a Benguela. Por vezes acontecia receber visitas, principalmente Marília. Mas não eram horas para Marília, ela trabalhava. Ou seria domingo? Não fazia a menor ideia. Sabia que estavam em abril, ouvira qualquer referência no rádio. Nem precisava de ter ouvido, todo o seu corpo lhe dizia que estavam em abril. Mas os dias de semana tinham há muito perdido sentido.

3

O jipe verde parou ao lado da mangueira. Conduzido por uma mulher branca. Ela saiu do carro e ele teve dificuldade em reconhecer Sara. Estiveram quinze anos de guerra sem se ver, ela perdida por Paris à espera de ser chamada, ele em missões noutros sítios. Quando Sara voltou a Angola, nos finais de 1974, estava ele na União Soviética. Depois entrou logo na guerra. Só se encontraram, uma única vez, em 1977, quando ele foi a Luanda resolver o diferendo que o opunha à direção do exército e pedir a reforma. Não lhe deram reforma, nem havia lei para isso, mas deixaram-no sair do exército, ele era incómodo. Tinha direito a uma pensão alimentar, apenas. Nessa altura encontraram-se no hospital onde Sara trabalhava, combinaram visitas, ela deu-lhe o endereço. Mas, resolvida a situação militar, ele teve a ideia de vir ocupar a casa inacabada. A pressa foi tanta, com o medo que outros se lembrassem antes dele, que esqueceu tudo. Ou fez por esquecer. Apanhou o primeiro transporte para Benguela, meteu-se no acabamento da casa e a encontrar os meios de caça indispensáveis. Muitas vezes recordava Sara e que lhe devia uma desculpa. Agora ela vinha cobrar, estava certo.

Abraçaram-se demoradamente. Depois ele lembrou que estava de fato de banho e foi pôr umas calças. Voltou rapidamente para fora, retirou o pargo das brasas, disse naturalmente:

– Chegas mesmo à hora do almoço. Não podes perder este pargo, foi caçado há menos de duas horas, mais fresco não pode ser.

– Parece que adivinhei. Trouxe bebidas. E uma salada fria.

Ela foi ao carro buscar duas garrafas de vinho, uma de uísque, e um taparuer com salada. Ele trouxe da sala uma mesinha articulada e duas cadeiras. Montaram a mesa debaixo da mangueira, era mais fresco que na sala.

– Uísque? – disse ele. – Que luxo! Aqui só tenho kaxipembe, que é o mesmo que em Luanda se chama kaporroto e que o meu amigo Ximbulo, que o distila, chama pomposamente de aguardente. Tem a vantagem de não precisar de gelo. Mas desculpa, estava a esquecer que o kaxipembe é condenado pela medicina, por conter aldeídos.

– Sabes tão bem como eu que o uísque é mais fácil de encontrar nesta terra que uma agulha. E se pode beber sem gelo.

– Fácil para ti que tens cartão de loja especial. No mercado paralelo há aos pontapés, mas demasiado caro para um pobre caçador. Claro, se tivesse um carro, podia trocar peixe por uísque em Benguela. Era só questão de trabalhar mais um bocado, caçar mais uns peixes. Prometeram arranjar-me uma bicicleta, mas, azar, o delegado da indústria que fez a promessa foi transferido. São vinte quilómetros até à cidade, de bicicleta era um bom exercício. Mas tenho de esperar que seja transferido para aqui algum gajo que ainda se lembre de mim.

– Muita gente se lembra de ti, Aníbal.

– Para me apodarem de louco, eu sei.

Sentaram-se à mesa. Ele tinha dois pratos e garfos e até uma travessa para pôr o peixe. Serviram-se do pargo que fumegava e lançava o seu perfume para as nuvens. Ele lembrou de repente que não tinha limão, nem nada que o substituísse. O limão era importante para o pargo assado, mas paciência. Abriram uma garrafa de vinho. Sara falou:

– Deves concordar que a tua desaparição da cena política surpreendeu muita gente. Ofereceram-te vários cargos, ao que constou. O Vítor disse-me que até para ministro. E tu vieste para aqui, longe de tudo, sem contactar ninguém. É pelo menos um comportamento especial. Depois de uma vida inteira de luta...

– O Vítor, o Mundial... continua ministro, mas há tempos mudou de pasta. Ouvi no rádio. Como vês, estou informado. Tenho um rádio e à noite, quando estou com paciência, ouço os noticiários nacionais. Mas nem sempre, porque custa a engolir tantas palavras de ordem e discursos ocos. Basta um secretário qualquer do Partido para uma comuna, ou o delegado duma organização de massas dum município, fazer um discurso sem interesse, para passar logo na rádio. E o ouvinte que suporte os lugares-comuns, sem poder ripostar, porque oficialmente tratou-se de declarações importantes. Assim como qualquer reunião é decisiva, mesmo se foi dos gatos do bairro, fazendo uma análise profunda sobre a qual todos se debruçaram, como se estivessem à beira dum poço a olhar para baixo, como todos os dirigentes são destacados e pensam lucidamente etc., etc., poupo-te a repetição dos adjetivos mais utilizados neste país, tu ouves isso todos os dias como militante disciplinada que és. Ou deves ser.

– Sou.

– Pois. Não te condeno, sempre foste muito dedicada. E não gostaria de te ofender por qualquer palavra, juro que não é minha intenção. Sei muito bem distinguir as pessoas. Mas puxaste a conversa para a minha desaparição da cena e vens com o argumento de autoridade do Vítor, um sacana que me prometeu enviar café e umas meias para o interior, meteu-se nas confusões de fronteira, e até hoje estou à espera das meias... Aqui para nós, nunca entendi como o Mundial no derradeiro segundo se desviou da Revolta do Leste. Em 1972, quando partiu para a fronteira, já estava todo feito com eles. Não enganava ninguém. Mas depois cheirou o vento, ou teve um sonho anunciador. Mais tarde fui colando os bocados do que me contaram. Foi mantendo certo distanciamento dos dois campos, estando com um pé escondido em cada um. No momento decisivo da opção, cortou as ligações com os revoltosos. E foi naturalmente subindo na organização. Teve enorme habilidade, tenho de reconhecer. O chamado salto do gato que cai sempre de pé.

– Não gostas dele.
– Talvez por ter demasiado gostado dele. Sabes, a desilusão é o pior que há. Era o meu mais novo, tratado com todo o carinho. Desculpava-lhe todas as pequenas falhas, defendia-o quando precisava, confiando nele. Afinal, não passa dum oportunista.
– Estás a exagerar. É um dirigente capaz...
– Como todos, enquanto são dirigentes. São todos capazes e honestos, sem exceção. Quando um deixa de ser dirigente, então é que se sabe que afinal era um incompetente e um corrupto. A mitologia do poder, ou a mitificação dos homens do poder. Passa-se em qualquer religião ou seita. O chefe da seita é um santo, um desinteressado, adorado pelos fiéis. Quando cai, descobre-se que era o diabo e tem uma conta secreta na Suíça com milhões. Tudo isso é tão antigo e repete-se sempre em todos os regimes. Mas as pessoas não veem, porque acham que a sua experiência é única e melhor que as outras. Uma fé, como a religiosa. Ora, uma fé não se combate, nem por explicações racionais.
– Fazes-me lembrar a Marta. Depois de tu saíres de Portugal, a Marta disse-me que tu só tinhas dois caminhos, ou morrer na guerra, o que seria o melhor para ti, ou desencantares-te. Adivinhou. Porque perseguias um sonho utópico de revolução. Afinal desiludiste-te mesmo.
– A Marta... Nunca mais soube dela, tens notícias?
– Não, quando estava em Paris acabei por perder o contacto.
– Enganou-se numa coisa, colocou a questão numa alternativa. Eu morri e desencantei-me. Os dois caminhos num só.
– O desencanto é sempre uma morte, não é?
Ele afagou distraidamente o tronco da mangueira. Sentiu, por trás da casca rugosa, a seiva movendo-se com volúpia.
– Isso de utopia é verdade. Costumo pensar que a nossa geração se devia chamar a geração da utopia. Tu, eu, o Laurindo, o Vítor antes, para só falar dos que conheceste. Mas tantos outros, vindos antes ou depois, todos nós a um momento dado éramos puros e queríamos fazer uma coisa diferente. Pensávamos que íamos construir uma sociedade justa, sem diferenças, sem privilégios, sem perseguições, uma comunidade de interesses e pensamentos, o paraíso dos cristãos, em suma. A um momento dado, mesmo que muito breve nalguns casos, fomos puros, desinteressados, só pensando no povo e lutando por ele. E depois... tudo se adulterou, tudo apodreceu, muito antes de se chegar ao poder. Quando as pessoas se aperceberam que mais cedo ou mais tarde era inevitável chegarem ao poder. Cada um começou a preparar as bases de lançamento para esse poder, a defender posições particulares, egoístas. A utopia morreu. E hoje cheira mal, como qualquer corpo em putrefação. Dela só resta um discurso vazio.
Sara serviu-se de mais peixe. E acrescentou um pouco no prato dele, que ainda estava cheio. Pôs também vinho no copo dele, que estava vazio.
– Continuas a comer pouco. A encontrar energias noutro sítio, como dizia a Marta.
– Sempre comi pouco. Nunca ninguém compreendeu essa falta de apetite. Foi bom durante a guerra, em que havia fome, pois mal a notava. Ninguém me criticava então, sobrava mais para repartir. Mas hoje ninguém entende a minha falta de apetite, é curioso. E condenam-me porque mandei tudo para o ar, não quis carros, casas, ou várias mulheres, como eles têm,

possuidores dum apetite voraz, insaciável. Eu incomodava, num banquete de canibais eu só tirava um pastel e contentava-me com ele. Deves reconhecer que é incómodo para quem se empanturra com tanta comida. Assim, ao menos, poupo-lhes a minha incómoda presença. E poupo-me de vomitar de enjoo vendo tanta comida a estragar-se quando o povo morre de fome. Desculpa, isto não é conversa para se ter à mesa. Que dizes do meu pargo, não é uma maravilha? Falta só limão para completar a obra-prima do sabor natural e tão requintado. Ainda dizem que os franceses sabem cozinhar. Tu que viveste lá na doce França tantos anos, algumas vez comeste um pargo assim?

– Só em Benguela.

– Como é que apareceste aqui?

– Estou de férias. Resolvi vir passar uns dias a Benguela, apesar de já não ter família aqui. Não sei, talvez tenha, a família da minha mãe deve andar espalhada por aí, por causa da guerra. Mas não consegui nenhum contacto.

– E os teus pais?

– Pais e irmão foram para Portugal antes da independência. Quando cheguei a Luanda, já eles tinham partido. Há três anos fui lá, numa missão do Ministério da Saúde, integraram-me no grupo porque era diretora de hospital, e então estive com eles. Depois de vinte e quatro ou vinte e cinco anos. Estão bem, o meu pai conseguiu levar muito dinheiro para lá. Ele era vivo, logo que houve o 25 de Abril em Portugal percebeu o esquema muito antes dos outros. Vendeu os negócios todos e conseguiu transferir o dinheiro para Portugal. Saíram daqui ainda em 1974. Vivem dos rendimentos, o meu pai a culpar os comunistas de tudo, conheces o discurso, que os comunistas o despojaram de tudo, só não estão na miséria porque enfim, ele se acautelou. A minha mãe tem um discurso diferente, morre de saudades da terra. Este ano vou lá, já tenho os meios, para lhes apresentar a neta que não conhecem.

– Pois é, como está a tua filha? Também veio?

– Não, tinha aulas. Está na Faculdade de Medicina. Parece praga na família, quer ser médica.

– Tem vinte e um anos e chama-se Judite, não é?

– Continuas com memória de elefante.

– Só para o que me interessa. Procuro esquecer o resto. Infelizmente, muitas vezes sem sucesso. Mas como conseguiste chegar até aqui?

Sara riu. Terminou a sua porção de peixe antes de falar. Enquanto ela falasse, ele comia o pargo que estava quase intacto no prato.

– Sabia que estavas por estas bandas, na Caotinha. Em Benguela explicaram-me o caminho, logo dizendo que não era fácil de encontrar. Muito pouca gente conhecia este caminho. O delegado da Saúde emprestou-me o jipe. E não foi fácil chegar, porque não dei com a picada à primeira. Fui parar à Baía Azul, daí meti pela Caota. No restaurante da Caotinha disseram-me que por aí não chegava cá. Tinha de voltar à estrada e ir com atenção ao poste da luz. Acabei por encontrar o sítio, mas quando saí da estrada vinha com o coração nas mãos, e se não fosse essa a picada? Realmente estás bem escondido, não arriscas visitas indesejáveis.

– Aí é que te enganas. O ano passado o Mundial apareceu aqui. Imagina, nesta paz, com

três jipes cheios de guarda-costas e uma comitiva das autoridades de Benguela. Foram visitar a Baía Farta e alguém no regresso lhe disse que o maluco morava aqui. Deixou umas garrafas de uísque que levavam para um banquete qualquer, foi o único proveito. Garrafas que derrotei com o Ximbulo, falando mal do Mundial, claro.

A refeição terminara. Mesmo assim, ele tinha acabado a sua parte do pargo, só sobrou um pouco de salada. Deu cabo da garrafa de vinho, notando que Sara o acompanhava bem na bebida.

– Agora uma boa notícia. Tenho café e vou fazê-lo. Fruta é que não há.

– Deixa, eu faço o café, Aníbal.

Foram os dois para a cozinha e arrumaram as coisas. Enquanto a água fervia, ele mostrou-lhe a casa. Sara ficou encantada com a sala e o panorama que dela se descortinava. Era de facto impressionante ver de cima as massas de água a chocar contra os rochedos, a ultrapassarem os recifes e virem lamber a areia da praia. O sol começava a bater de frente na sala e brilhava com todas as cores refratadas pelos azulejos transparentes. Uma catedral, murmurou Sara, fascinada. A minha catedral, a única, disse o Sábio.

Voltaram para fora, com o café. Acompanharam o café com uísque seco, em silêncio, cada um agarrando os fiapos de nuvem das recordações. Ele notou. Sara estava envelhecida. Devia ter uns quarenta e seis anos, como ele. Não, ela era um ano mais nova. Muitos cabelos brancos, rugas na testa. Mas não era tanto isso. A maneira como se vestia, como se sentava, como fumava o cigarro, tudo nela tinha ar desmazelado. Muito diferente daquela Sara elegante, sem ostentar luxo, que conhecera em Lisboa. Foi a estadia em Paris? Também não. Quando se encontraram em Luanda, quatro anos antes, ela mantinha a mesma aparência de sóbrio refinamento, com a bata branca do hospital. E agora usava os óculos em permanência. Os últimos anos de vida devem ter sido difíceis, com o seu comboio de desilusões e dificuldades. Estou a notar o envelhecimento dela e nem olho para mim, o espelho que o diga.

– Que tal achas o meu aspecto, Sara? Fisicamente, digo.

Ela olhou os ombros e peito nus, a cabeça. Demoradamente. Ele sentiu a carícia para lá dos óculos. Sara deu uma gargalhada.

– Estás com ótimo aspecto. Pareces um etíope. Verdade, não estou a gozar. Esse cabelo enorme, como uma juba redonda e depois a tua magreza... No entanto, tens aspecto sadio. Seco como sempre, de quem não arrisca doença cardíaca.

– Vida frugal, eis o segredo. Muito peixe e nunca carne, nem manteiga, coisas assim. E o kaxipembe para queimar gorduras. Também muitas horas de mar e sol e vento.

– Se andasses por aí apoiado num pau, com um pano enrolado à cintura em vez das calças, as pessoas tomavam-te por um santo. Um profeta!

– Não preciso disso. Já me consideram uma espécie de profeta, só que do Apocalipse. O louco de Deus! Vou uma vez por mês à logística militar, em Benguela, para receber a pensão alimentar que o exército me concedeu. Carrego açúcar, arroz, feijão, óleo, essas coisas. É a única vez que saio daqui. E os soldados mais novos riem-se, sinto-os a rirem-se nas minhas costas, lá vai o maluco. No entanto, se lhes falo, ficam com muita atenção, bebendo cada uma das minhas palavras. Não é a atitude que se tem perante um profeta?

Ela não respondeu. Deitou o resto de cigarro fora. Virou-se para trás e contemplou os morros escalvados por onde viera. Ele acariciava escondidamente o tronco da mangueira. Sara virou-se de novo para ele.

– Não sentes demasiada solidão?

– Mas eu não estou só. Estou rodeado de coisas de que gosto. Os morros, a casa, esta árvore, os peixes, o mar, as algas, os recifes, os caranguejos, os pássaros, as formigas. Conheces a vida das formigas? Sabes distinguir as diferentes espécies e as relações que se estabelecem entre elas? Tenho estudado, continuei o estudo que fazia no Leste. Aqui não há salalé e é pena. No Leste o salalé era uma praga, comia-nos o teto das cubatas. Eu precisava de descobrir um meio de evitar isso. Passei tempos e tempos a estudar os caminhos do salalé, sabes, as espécies de túneis de barro que eles fazem para depois andarem lá dentro em segurança e devorarem os paus secos e capim que encontrem. E inventei a arma ecológica contra o salalé. Não rias, é verdade. Descobri que as formigas pretas, destas que também há por aqui, de tamanho médio e de um negro brilhante, com mandíbulas menores que o kissonde... bem, essas formigas pretas, se conseguiam penetrar nos túneis, dominavam o salalé. Matavam alguns, escravizavam a maior parte. Portanto, o remédio era simples, atrair as formigas pretas para cima do meu teto. Deitava açúcar de vez em quando para cima do teto. Não muito, até porque não tinha em abundância. Resultado, o salalé deixou de me devorar o capim do teto. Ensinei isso ao Mundial, mas ele riu, foi contar a toda a gente a última do Sábio. Até que com uma chuvada mais forte, ficou que nem um pingo, porque chovia tanto dentro de casa dele como fora. Veio pedir-me humildemente a receita. E sabes a melhor maneira de caçar caranguejos na praia, desses caranguejitos pequenos? Atraindo-os com qualquer material escuro, um pedacito de carvão ou um fruto de cazuarina, cada vez para mais longe do buraco. Quando isso acontece, corres e tapas o buraco onde ele quer penetrar. Fica perdido, indefeso, porque cada caranguejo no seu buraco, se entra no de outro leva berrida. Para descobrir essas coisas, preciso de fazer verdadeira pesquisa científica. Não tenho tempo para me chatear. E se quero ver uma pessoa de quem gosto, vou ali à pescaria do Ximbulo, ou à aldeia dos refugiados. Solidão? A pior solidão é estar numa multidão de gente com quem já não tens mais nada em comum.

– Mas por vezes não sentes a necessidade de uma presença humana mais constante, sei lá, por exemplo uma mulher?

– Ah, referes-te à solidão do macho sem fêmea ou da fêmea sem macho? Tenho esse problema resolvido, não à maneira dum santo. Há uma moça de Benguela que engraçou comigo nos tempos antigos em que era comandante. De vez em quando vem cá e passa a noite. Quando lhe dá na gana. Sem compromissos de qualquer espécie. Acha-me divertido, passamos bons momentos juntos. Eu faço o papel do tipo meio maluco, conto-lhe estórias estranhas, não é precisa muita imaginação, a minha vida sempre foi feita de coisas estranhas. A vida de toda a gente aqui nesta terra de todos os milagres também. Só que as pessoas não se apercebem do carácter estranho dessas coisas e ficam admiradas quando se lhes conta aquilo que afinal veem quotidianamente.

– E essa moça não quer ficar aqui?

– Disparate! Tem a sua vida em Benguela. E eu também não quereria. Assim, de vez em

quando está bem para os dois. Quando ela vem, sou eu que falo. Aliás, esse é um terrível defeito que tenho. Acabo sempre por ser o único que fala numa conversa. Por isso me chamaram o Sábio. Primeiro foi a gozar, ironia pura. Acabei por o adotar como nome de guerra e perdeu o carácter de gozo. Tinha notado isso quando era miúdo. Se me arranjavam uma alcunha e ficava chateado, pronto, a alcunha pegava. A melhor maneira sempre foi de assumir a alcunha, acaba por perder a carga semântica original. Aliás, a palavra negro aqui em Angola sofreu o mesmo processo. Os brancos chamavam-nos negros para nos humilhar, nos diminuir. Quando começámos a luta e passámos a utilizar a palavra como reivindicação duma identidade, tratando-nos a nós próprios por negros, os brancos ficaram à rasca, até mesmo os progressistas, já não sabiam como nos chamar. E passaram a chamar-nos negros, não como uma ofensa, mas como uma palavra neutra, um reconhecimento quase de emancipação. Nem sei se eles se aperceberam disso, mas foi o primeiro gesto que anunciava a aceitação inconsciente da independência... Se a Marília vivesse aqui, ia se chatear de me ouvir ao fim de três dias. E eu também ia cansar-me de falar para quem tem pouco a dizer.

– Não tens grande respeito por ela. Não é uma atitude machista?

– Ora, não sei, nunca pensei nisso. Mas eu respeito-a, nunca lhe pedi nada. Ela vem quando quer. Nunca perguntei se tem homem em Benguela, imagino que sim. Moça nova e bonita não se vai contentar com uma carcaça como eu, uma vez por semana ou de quinze em quinze dias. Conheço os problemas dela, se me pede dou um conselho. Sobre a sua vida amorosa não, porque nunca me falou dela. É assunto que não nos interessa quando estamos juntos. Machismo? Talvez por não a fazer participar mais na minha vida? Ela não quer. Eu também não quereria. A inexistência de qualquer tipo de dependência pode ser encarada como machismo? Porque não feminismo da parte dela?

– Não. Foi a maneira como falaste que ela tem pouco para dizer.

– E tem. Seria paternalismo negá-lo. Apesar de ter idade para ser pai dela, não a trato como filha e reconheço as suas limitações. Qual o mal?

Sara não respondeu. Acendeu outro cigarro. Duas horas da tarde. Em baixo da mangueira estava fresco, mas o sol torrava os morros. Ela propôs:

– Queres vir dar uma volta de carro? Vamos até à Baía Farta, há muitos anos que não ponho lá os pés e não terei outra ocasião tão cedo.

– Vou buscar uma camisa.

Vestiu a camisa, calçou uns chinelos, penteou o cabelo que estava pastoso por não ter tomado banho de água doce. O pente quase não entrava e ainda era mais difícil sair. A Sara tem razão, pareço um etíope. Com este cabelo grande e descuidado, a cara magra e o nariz fino, quase de branco, tenho ar de etíope ou somali. Sem nenhum tipo de ofensa para esse povo notável. Saiu, batendo a porta no trinco. Não utilizava nunca a chave, o que era uma imprudência, a bandidagem por vezes anunciava a sua presença na Baía Azul. Mas era mais forte que ele confiar no ser humano.

Subiram para o jipe e Sara arrancou. Galgou prudentemente a picada por cima dos morros, em silêncio. Quando chegaram à estrada asfaltada, ela perguntou:

– Como fazes para ir buscar o abastecimento, se não tens carro?

– Para lá apanho boleia com o carro da água, que fez ou refez esta picada. Depois, na

logística, dão-me também uma boleia para aqui. Nesse aspecto, continuam fixes. Sei, se pedisse outras coisas, talvez me arranjassem. Uma geleira, por exemplo. Até mesmo um jipe militar meio estragado, há tantos. Mas não quero pedir nada, questão de orgulho. E depois, como recuperar o jipe, com que peças? Dava um trabalho dos diabos, não estou para isso.

– Desculpa, Aníbal, mas esse teu orgulho é um pouco incompreensível para mim. Ele não te impede de aceitar a pensão alimentar, que deve ser mínima, imagino, mas de qualquer modo...

Ele não se ofendeu. Sara podia dizer-lhe tudo, ser muito dura, que ele nunca se ofenderia. Não era da natureza dela dizer coisas para ofender, ele sabia. E também compreendia a sua perplexidade, não se tinha feito a mesma pergunta mil vezes?

– Vou tentar explicar-te. Por vezes também para mim é difícil entender. Quando um tipo corta, corta com tudo e não fica dependente duma esmola, é essa a tua dúvida? Aceitei essa pensão ilegal, porque não há lei para as reformas militares. Não foi por pensar que a ela tinha direito por ter lutado esses anos todos. Toda essa malta que lutou pensa que tem todos os direitos porque lutou. Os privilégios que se inventaram encontram justificação no facto de terem feito apenas a sua obrigação de patriotas. Esse é o meu ponto de vista. Angola não me deve nada. Portanto, ao cortar com tudo, também devia ter recusado a pensão. No entanto, sem ela não podia sobreviver, porque inventaram um sistema em que tudo funciona por esquemas. Não há lugar para os marginalizados. Podia vender o peixe ao restaurante mais próximo e com isso sobreviver. Mas o restaurante é do Estado e não me pode comprar, tem de comprar o peixe ao Estado. E não tenho uma loja onde comprar os produtos de que necessito, as lojas estão vazias e exigem um cartão de abastecimento. Como fazer então? Não fui eu que inventei este sistema, nem me pediram opinião, e se o tivessem feito, não lhe ligariam puto. O Estado é pai, o Estado é que sabe, o Estado é que te sustenta. Como filho, aceitei a pensão que o meu pai me dá, não tenho outro. Um homem nunca escolhe o seu pai, não é?

– Numa coisa não estou de acordo. A malta que lutou tem mesmo direito a um reconhecimento. Possas, vocês fizeram a independência deste país...

– Isso não significa privilégios especiais. Deviam ter é direito a uma reforma, com os anos de participação na luta a contar mais. E tratamento especial para os que ficaram sem pernas ou estropiados de qualquer forma, ou viúvas ou órfãos. E tratamento especial para os analfabetos que subiram a funções importantes e que hoje nitidamente não trazem mais nada, porque não podem aprender a gerir um Estado. Mantêm-nos em funções, porque não sabem o que fazer deles, e são um peso morto. Foi essa reforma que pedi. Parece que ficaram ofendidos, fizeram um banzé dos demónios, quem não quer estar connosco, é porque é contra nós. Só me queria afastar, ser independente, não sou contra eles nem existe alternativa fiável. Acabaram por me propor essa pensão, que pode terminar a qualquer momento, conforme os ventos ou as pessoas.

– Podias procurar a tua independência, tudo bem. Outros o fizeram. Mas ficaram a trabalhar no sistema. E tu tens um curso superior, arranjavas emprego em qualquer lado. É mais isso que as pessoas não entendem, que te tenhas metido aqui, isolado do mundo. Significa um corte radical com o sistema, um exílio voluntário, e isso incomoda.

– Eu sei, oh, sei tão bem! Diz-me, Sara, não posso ter razões particulares para me meter aqui? Terão de ser fatalmente razões políticas?
– As pessoas não as conhecem.
– Nem têm nada de conhecer. O problema é esse, o Estado comporta-se como pai e o filho tem de lhe contar tudo, já não tem direito à privacidade. As pessoas de que falas de maneira sofismática, não são pessoas, são apenas os cargos que ocupam no aparelho do Estado. Não há lugar para sentimentos, relações humanas, apenas relações de poder. Os homens deixaram de ser homens, com as suas virtudes e defeitos, são apenas cadeiras cómodas, são máquinas, parafusos, bens que se utilizam. Ou máquinas mais complexas que se servem desses bens. Essas pessoas de que falas, não são pessoas, Sara, são o Estado, o sistema. A uma pessoa como tu, que te manténs pessoa, apesar de seres diretora dum hospital...
– Já não sou. Pedi para deixar a direção, não me entendia com as burocracias, agora sou apenas médica, com responsabilidades sim, mas na área técnica.
Aníbal riu. A gargalhada era a primeira que dava com tanto gosto há muito tempo, lembrava perfeitamente, desde uma discussão com o Ximbulo sobre o sexo dos peixes. Engasgou-se, tossiu fortemente. Tossia e ria, as lágrimas chegando aos olhos. Quando finalmente acalmou, disse, ainda entre risadas:
– Como vês, em certa medida, também te afastaste do sistema. Prova que ainda és pessoa. Não é o exílio, mas para lá caminhas...
Tinham passado a Baía Azul, sem reparar, e iam a caminho da Baía Farta. Numa baixa, havia capim verde, onde pastava algum gado. Essa baixa estava sempre com capim, mesmo depois do cacimbo, apesar de todas as secas, mistério da natureza. O lençol de água subterrânea devia ser quase à superfície, pensou ele. Tinha essa reflexão sempre que passava aqui, já não lhe dava importância.
– A uma pessoa como tu podia até dar as razões porque vivo aqui. Que são estritamente pessoais. Nunca ao Estado. Nos primeiros tempos muito mais, agora é mais raro, mas ainda aparece um rapaz de vez em quando em missão do paizinho, para ver que ando a magicar. São todos parecidos, com uma pastinha na mão, a fazer perguntas aos vizinhos. Como vivo, o que faço etc. A mim os rapazitos nunca perguntam, levavam cá uma berrida. Devem imaginar que estou a inventar uma arma secreta...
Calou-se. Tinha-lhe dado a deixa, mas Sara não mudara, nunca se atreveria a perguntar-lhe quais seriam essas razões pessoais. Ia ao volante, a morder-se toda de curiosidade, mas calada. Grande Sara, a discrição em pessoa. Aníbal ainda não decidira se lhe dizia ou não. Se ela perguntasse, a resposta sairia imediata, dela não tinha nada a esconder. Embora temesse um pouco a reação da amiga, exatamente porque era amiga. A Ximbulo também contaria, já lhe tinha sugerido até, mas Ximbulo tinha outras preocupações, gostava que ele morasse ali perto e pronto, cada um conhece o seu coração. Marília várias vezes tinha abordado o assunto, mas ele desviara. Sara devia ter razão, Marília era apenas um corpo de que se servia. Mas também ela se servia do dele e das suas estórias, estavam pagos.
Entraram na Baía Farta. A povoação estava quase sem vida, nada que fizesse recordar os velhos tempos em que era a capital do peixe. As lojas fechadas, muitas com vidros partidos, a maior parte das cervejarias onde se comia o melhor marisco também praticamente

fechadas. Notou que a do António estava aberta. Um ou outro serviço funcionava, mas com pouca atividade. Alguma gente nas ruas, muitos com farrapos a indicar a sua condição de deslocados de guerra, que engrossavam os kimbos à volta. Continuaram pela rua principal até à língua de terra que fechava a baía, ao longo das pescarias. As traineiras estavam todas paradas, abrigadas das fortes ondas que vinham do alto mar e as faziam balançar. Algumas pescarias estavam a funcionar, mas nunca chegando para as encomendas. Chegaram à ponta e Sara fez o carro dar a volta, sem uma observação. Também não precisava, Aníbal adivinhava-lhe os melancólicos pensamentos. Sim, a Baía Farta lembrava uma cidade-fantasma, embora ainda tivesse alguma vida. Ainda?

Quando voltavam, Aníbal disse-lhe para parar o carro à frente da cervejaria do António, vamos ver se ele tem cerveja gelada. Sara obedeceu. Sempre caía bem uma cerveja gelada.

O António era um mulato gordo e bem disposto, que se levantou pesadamente dum banco, mal eles entraram. A voz era fininha, de criança.

– Por aqui, comandante? Faz muito tempo.

– Trago aqui uma grande amiga. Está a morrer de sede, coitadinha. Fez o trajeto desde Benguela só para uma cerveja gelada.

António riu. Olhou para a porta de entrada, depois para a dos fundos. Falou, na sua voz fina, piscando o olho:

– Fale baixo, comandante, fale baixo, as paredes têm ouvidos. Não recebo cerveja há bué de tempo, desde o mês passado que não vendo. Por isso é que a casa está às moscas. Mas para si, comandante, tenho a minha reserva, que estava a guardar para o almoço de amanhã. Mas tem de ser na sala do fundo. Uns camarões para acompanhar? Ou caranguejo?

Aníbal olhou para Sara, à espera da resposta. Ela disse:

– Camarões. Acabámos de almoçar.

António levou-os para o que ele chamava a sala do fundo e que de facto era uma varanda nas traseiras, com uma mesa onde a família fazia as refeições. O pátio era acimentado e o calor do sol acumulava-se aí. A sala da frente, apesar de fechada, era mais fresca. Mas Aníbal compreendia que, por razões de segurança do dono, teriam de beber mesmo ali. Se os sequiosos baiafartinos vissem que ele recebia clientes, podiam partir-lhe a casa. E ter um processo judicial por açambarcamento de produtos, o que implicava multa e encerramento da cervejaria. De todas as vezes que Aníbal lá ia, sempre bebia nas traseiras, porque muito raramente António tinha cerveja para o público. E a pouca que conseguia, era por um esquema escondido no Lubango. Vieram três Ngolas, António serviu as duas e sentou-se à mesa com a terceira. Mandou um filho trazer um prato de camarões que estava na geleira.

– São fresquinhos, são da casa, podem comer tranquilos. O caranguejo também é do bom, daqueles antigos mesmo, os célebres. Agora aparecem com facilidade, eu é que só compro para a casa e os amigos, para quê mais? Sem cerveja, não há clientes. O caranguejo vai todo para Luanda, em esquemas.

– Conhecem-se há muito tempo? – perguntou Sara.

António riu, com o seu riso de miúdo. Deu uma palmada ligeira no ombro de Aníbal.

– Desde o Cuanza-Sul. Quando os sul-africanos tomaram Benguela, eu retirei com a família para o Sumbe, daí levámos berrida para Porto Amboim. Aqui o comandante apareceu

depois, a comandar uma parte das tropas que tomou o Sumbe e Benguela. Foi das primeiras pessoas a entrar em Benguela libertada, não é assim, comandante? Eu vinha atrás das tropas, com a família e as imbambas, a morrer de saudades dos três meses passados longe desta baía. Com o coração nas mãos, a imaginar que a casa e a loja estariam todas partidas. Afinal, tive sorte, só levaram as arcas frigoríficas. O seu amigo, minha senhora, trabalhou muito, todos reconhecem. Um dia apareceu-me aqui, a dizer que agora éramos vizinhos, morava perto da Caotinha. Festejámos isso com bué de cerveja, nesse dia havia, recordo-me bem. Os clientes é que sofreram, mas era razão para fechar a loja e comemorar.

– Muita gente acha que ele pirou, enlouqueceu – disse Sara.

– Deixe-os falar, não sabem o que dizem. Nem o que fazem. Malucos são eles, não viu a loja às moscas? Qualquer pessoa sã de espírito e que não queira só encher-se à custa dos outros, fazia como o comandante, mandava tudo bugiar, para viver tranquilo no melhor lugar do mundo. Melhor para um sábio.

Vieram mais cervejas. E outra rodada. Aníbal estava calado, deixava António falar, contar os pequenos dramas de terra pequena, as burocratices que o exasperavam, a calema que se anunciava, a escola dos filhos a funcionar aos soluços, o tempo do colono que ele não desejava rever mas em que se vivia melhor. Depois da terceira rodada, Aníbal disse vamos embora, Sara, que lhe esvaziamos a loja. Ela se levantou. António não quis cobrar nada, o comandante tinha crédito ilimitado na cervejaria, era um libertador que não aproveitara da liberdade dada aos outros. Ficou a fazer adeus com o braço, quando o jipe partiu.

Ele propôs que entrassem pela Baía Azul, para lhe mostrar o kimbo dos deslocados. Quando se aproximavam, as crianças deixaram as brincadeiras ou os trabalhos domésticos, para virem saudar a chegada do jipe. Aníbal saiu do carro e as crianças rodearam-no logo, gritando para as cubatas, Sábio, Sábio. Os adultos vieram imediatamente cumprimentar. Aníbal ria e dizia piadas, saudando um e outro pelo nome, apresentando Sara. Ela inquiriu dos problemas, fome e doença. Por vezes traziam-lhes comida, de vez em quando apareciam uns médicos com vacinas para as crianças, pouco mais.

– Não há um médico que vem regularmente fazer consulta? – perguntou ela.

– Nada – disse um mais velho. – Aparece assim, assim.

– Duas ou três vezes por ano – traduziu Aníbal.

As provisões estavam no fim, comiam arroz-doce, mas já sem leite, esse ficava reservado para as crianças e escasseava. Arroz-doce era arroz cozido com um bocado de açúcar, explicou o Sábio. Todos estavam magros, mas as crianças tinham barrigas enormes, efeito da falta de proteínas e dos vermes. Sara estava consternada, achava alguma coisa se podia sempre fazer. Foi ela que pediu para irem embora. Os gritos das crianças e as saudações dos adultos acompanharam-nos um bom bocado na picada.

– Está tudo em elevado estado de desnutrição – disse Sara. – Com tanto peixe no mar.

– O peixe é a ração de proteínas deles. Vai te parecer estranho, mas estavam em estado muito pior aqui há uns tempos atrás. Comem peixe, sim, pelo menos um mínimo, não têm é fuba para o pirão.

– Não podes fazer nada por eles?

– Não. Se os organismos apropriados pouco fazem, sou eu que posso?

Não falou do peixe que lhes dava de vez em quando, nada significava. Nem nos berros que proferia em Benguela junto das autoridades competentes, a exigir que tomassem medidas rápidas das várias vezes que a fome total se instalava no kimbo. Para quê? Nada mexeu. Ele sozinho não podia mudar o Mundo, já nem tinha força para tentar. Os deslocados tinham vindo de todos os cantos da província, eram camponeses que ali não tinham terras boas nem água para cultivarem. As roupas eram decentes, tinham recebido fardos duma organização humanitária dinamarquesa. O problema era a fome e as doenças, como disseram. Aníbal olhava para eles e reconhecia o mesmo tipo de caras e atitudes dos que há dez anos vira fugirem para a Zâmbia. As línguas eram diferentes, mas os olhares os mesmos, com luar de guerra a persegui-los.

– Coisa triste – disse Sara. – Vou falar ao delegado da Saúde. Pelo menos uma vez por mês tem de vir uma equipa médica. Há umas tosses por ali que prenunciam tuberculose.

– Eles sabem disso tudo. Prometem sempre enviar gente e medicamentos. Depois, ou realmente não têm meios ou esquecem. E não adianta eu estar sempre lá, já me olham de lado.

Aníbal indicou-lhe um caminho que cortava através dos morros e era mais próximo. Sara concentrou-se a estudar a nova picada. Não lhe parecia mais perigosa que as outras. Meteu o jipe por ela.

– Afinal sempre fazes alguma coisa por eles. Tinha de ser, pela maneira como te receberam e falaram. Havia uma coisa que se reconhece logo, confiança na atitude das pessoas. Eles gostam de ti, confiam em ti.

– Acho que sim. Por isso não disse que eras médica. Senão pensavam que eu lhes estava a prometer a tua visita regular. Nunca lhes prometi nada, nem quando vou a Benguela advogar a causa deles. Mas sabe-se sempre tudo.

– Sentias-te bem no meio deles. Se eu não pedisse, ias já aceitar um banco e ficar a conversar. Parecias outro, mais aberto, diria mesmo mais alegre.

– Talvez. De vez em quando vou lá conversar.

– Por que és um marginalizado como eles?

– É uma sina. Estou sempre com as vítimas dum processo. Talvez seja orgulho, mas nunca me sinto bem no meio dos vencedores.

– Aqui não podes fazer nada por eles. Nem pelos milhares e milhares que existem pelo país.

– Não posso aqui, nem em lugar nenhum do mundo. Deixei de ser um lutador. Sei que me entendes. Perdi poucas batalhas, mas sou um vencido. No fundo somos todos uns vencidos, não temos futuro, mesmo os que hoje pensam que estão bem ancorados ao fundo. Basta uma vaga mais forte e vão à deriva.

– O Vítor?

– Por exemplo. Não temos futuro, nem representamos o futuro. Já somos o passado. A nossa geração consumiu-se. Fez o que tinha a fazer a dado momento, lutou, ganhou a independência. Depois consumiu-se. É preciso saber retirar, quando se não tem mais nada para dar. Muitos não sabem, agarram-se ao passado mais ou menos glorioso, são os fósseis.

– E quem é o futuro?

– Os Malongos da vida.
– Bela perspectiva!
– Não pior que o presente. Onde anda ele?
Sara ficou instantes calada, observando o caminho. Já estavam muito perto da casa, só que deste lado ela ia aparecer bruscamente, não se via ao longe, pois havia uma pequena elevação no meio. Falou então:
– Pareces feiticeiro. Recebi notícias há pouco tempo. Deixou de cantar, anda metido em negócios. Não sei bem, mas são firmas que negoceiam com Angola. Parece que se está a tornar num intermediário. Mandou dizer que qualquer dia aparece por aí. Escreveu à filha e mandou-lhe roupas. Coisas úteis. Sempre teve um amor muito especial pela filha, absolutamente sincero. Por duas vezes lhe pagou viagem para Bruxelas, onde se instalou há tempos, e ela foi passar as férias com ele. Em relação à filha é quase perfeito. Vai rebentar por aí, mais cedo ou mais tarde, a vender coisas inúteis e a encher os bolsos. É bem o seu estilo.
Chegaram a casa. Ele quase saltou do jipe e foi cumprimentar a mangueira. Ela saiu lentamente, com relutância, parecendo com as mãos querer endireitar o vestido bastante amarrotado. Olhou o relógio e suspirou, tenho de ir.
– São só cinco horas – disse ele. – Tens que entregar o carro agora?
– Não, tenho o carro por todo o dia. Só vou entregá-lo amanhã, antes de embarcar para Luanda.
– Então? Como é que vais embora sem dares um mergulho na minha baía? Não é linda? Está mesmo a convidar-te para um mergulho. E agora à tarde a água está quente, apesar da calema lá fora.
Ficaram calados a olhar a baía e os recifes, do cimo da falésia. Sara riu às sacadas. Riso nervoso, notou ele.
– Não trouxe fato de banho.
– Essa é a melhor desculpa, realmente. Tomas de cuecas, ou nua. Qual a diferença?
Ela repetiu o mesmo risinho nervoso. Ajeitou os óculos, a ganhar tempo.
– Sim, é uma desculpa esfarrapada. Estás a dar-me o pretexto para ficar mais um bocado. Vens também?
– Vou lá abaixo contigo, claro. Mas não vou tomar banho, já tomei o suficiente de manhã. Levo-te uma toalha.
Ele foi apanhar a maior toalha e na passagem também a garrafa de uísque. Desceram o caminho, ele à frente, sustentando-a por vezes nos lugares mais difíceis. Sara ria baixinho quando ele tinha de a segurar por um braço para ela não escorregar. Na praia, ele sentou-se, encostando-se à falésia, no seu lugar habitual. Pôs a toalha ao lado e desrolhou a garrafa, um trago antes do banho? Sara negou com a cabeça. Ele bebeu pela garrafa. Ficou a olhar para ela, parada à sua frente. Largos momentos depois, Sara decidiu-se, tirou os óculos, que depositou na toalha e levantou o vestido. Atirou-o para cima da toalha. Ficou de cuecas e *soutien*. Virou-se para o mar, desapertou o *soutien* e atirou-o também, de modo que não se voltou. Correu para a água. Aníbal viu de relance o corpo branco dela, ainda muito bem feito, mergulhar nas ondas. Assim como a vira, sem olhar para a cara, parecia-lhe a menina

de dezoito anos que conhecera em Lisboa, o tempo não tinha corrido no corpo dela. Ficou a vê-la nadar. Durou muito tempo. Ela voltava para a margem, parecia que se ia levantar e vir ter com ele, depois desistia, mergulhava de novo, afastava-se na direção dos recifes, vinha de novo até à margem. Durou o tempo de ele acabar com a garrafa de uísque, gole a gole. De repente Sara aparentemente ganhou coragem e saiu da água. Ele imaginara que ela ia tapar os seios com as mãos, gesto habitual das mulheres pudicas, por isso se surpreendeu a vê-la avançar lentamente, muito lentamente mesmo, parecia até pose estudada, os braços afastados do corpo, os seios redondos e pequenos com os mamilos escuros apontando ainda para cima, a cueca branca absolutamente transparente mostrando o dourado monte de Vénus, batida nas costas pelo sol poente, recortada branca nos lilases e laranjas do ocidente e do mar, chegar perto dele ofegante apesar da lentidão da marcha, fitando-o de frente fixamente, a língua entre os dentes como quem se esvai, parar a um metro e ficar de pernas abertas como uma estátua, os braços sempre afastados do corpo que tremia afinal em estranhas convulsões quase imperceptíveis, até ele afastar a névoa que o álcool tinha posto nos seus olhos e ver a pele dela toda eriçada como de galinha, se levantar num salto com a toalha na mão, lhe envolver o corpo com a toalha e a puxar para se aquecer no calor dele, sentados agora, ele de costas contra a falésia, ela no seu colo, os braços rodeando-a, o bafo dele acariciando o pescoço comprido, muito tempo, tanto tempo que o sol se deitou no mar talvez pela força dos olhos dos dois fixos na morte diária do astro, até ela abrir furtivamente a toalha e lhe orientar as mãos, de modo que tocassem o corpo nu e ainda frio, para ele lentamente, muito docemente, levar as mãos pelo ventre acima a envolverem os seios, neles pararem, pressionando suavemente, enquanto as palavras brotaram como magia, sem comando possível, ali mesmo à frente, à esquerda dos recifes há uma gruta e nela mora o meu inimigo de sempre, um gigantesco polvo que me aterrorizou nesta mesma praia quando era criança e que jurei e trejurei um dia matar, não por vingança, apenas pelo irremediável do destino que nos fez cruzar os caminhos um dia e por isso aqui estou, adiando o dia do encontro, adiando, sabendo que ele lá está mas sem dar um passo para o encontrar, sentindo a presença dele, a existência dele, todos os dias, todos os segundos, no entanto adiando a data fatal em que tudo tem de terminar, ou ele ou eu, embora saiba que tem de ser em abril, e vai ser neste, como antes adiei o nosso encontro, sabendo-te desde sempre pronta para ele, mas teria de ser de forma especial e para isso vale a pena esperar vinte e cinco anos, só para sentir como agora os mamilos dos teus seios quase explodirem de tão duros pela leve pressão dos meus dedos, o que no fundo é apenas uma explicação, pois outra e mais verdadeira seria dizer que estão assim tão tesos por terem esperado vinte e cinco anos, assim como sinto que te esvais em desejo reprimido, desejo que sinto nos cheiros que exalas, e neste momento podia pedir-te tudo, este mundo e o outro, mo prometerias, porque já não está em tuas mãos decidir de nada, só o consumires-te de prazer, e eu também nada posso decidir, apenas temos de cumprir um destino de morrermos juntos durante minutos, esquecer o mundo e os teus doentes, esquecer eu o meu polvo, e ir ao mais fundo de ti própria beijar a rosa que se esconde atrás do teu monte de Vénus, mas não, não, não me beijes aí, a tua língua está a abrir-me em duas como duas sempre fui em relação a ti, a que te queria e ao mesmo tempo desejava outro, porque demoraste tanto a dar este passo, demoraste tanto, para agora me sorveres a alma com esse

beijo que não termina e me esgota e me anuncia sensações novas que sempre desejei e temi, dividida toda a vida. Sara estava deitada, estremecendo ainda do primeiro prazer e Aníbal deitou-se sobre ela, rasgando muito lentamente o que antes langorosamente beijara. Em breve ela recomeçou a perder a razão, a implorar frases quase incoerentes, enquanto convulsionava o corpo, e arfava, e chorava, num orgasmo infindável, a tentar em minutos inutilmente recuperar os anos perdidos.

4

Mais tarde, na cama, onde Aníbal lhe explorava atentamente com os olhos e as mãos o confiante corpo nu, ela disse:

– Quando me propuseste o banho de mar, percebi que se aceitasse, ia finalmente acontecer aquilo por que tanto esperara. E que mais uma vez, a iniciativa tinha de ser minha, para que se não gorasse de novo. Por isso hesitei. Ao dizeres que não havia diferença se nadasse nua, estavas a indicar que desta vez ajudarias a solução. Aceitei, mas fiquei nervosa. Nervosismo que se tornou pânico quando te vi sentar, preparando-te para tranquilamente gozar o espetáculo de me ver despir, a frio. Afinal eu é que tinha de tomar a iniciativa. Imaginei que seria de outra maneira, não pensei como, mas irias ajudar. Não ajudaste, sentaste-te com a garrafa. Não sei como me despi, foi como num sonho, a tentar ultrapassar o bloqueio psicológico que me levava a ficar parada, à tua frente, certamente com ar de rapariguinha desprotegida. Ao correr para o mar senti-me livre, fugia do teu olhar. Acalmei um pouco ao nadar, mas logo o problema se punha. Sabia, essa cueca molhada era totalmente transparente e os seios estavam a descoberto. Que atitude tomar ao sair da água? A da defesa do meu pudor, o que talvez inibisse qualquer seguimento, ou a da entrega aberta? Só podia ser esta e, apesar dos vinte e cinco anos, não tinha ultrapassado as barreiras. Por isso voltava a nadar, adiando aquilo que tanto tinha sido adiado. Imaginando no entanto o que ia acontecer, imagem essa que me afogueava por dentro e gelava por fora. Ficava parada na praia e via-te. Olhavas-me, sem esconder o desejo. Um desejo fortíssimo, que me excitava ainda mais ao ponto de sentir dores e espasmos no baixo ventre. Voltava a afastar-me, sentindo cada vez mais frio e que tinha de tomar uma decisão. Não podia durar muito mais. Assim aconteceu, como quando arriscas tudo numa jogada, respirando fundo e atirando-te para o abismo. Avancei para ti em entrega evidente, mas não tiveste a reação esperada, ficaste estático, com um olhar lambezudo apenas. Parei à tua frente, sem saber mais o que fazer, era eu e era outra, de artista de filme erótico a prostituta de rua, e ia certamente chorar se enfim não te levantasses e me enrolasses na toalha. Ao me abraçares e sentares-me sobre ti, tomavas uma ténue iniciativa que permitia enfim o desenlace inevitável. Sentia debaixo de mim o volume do teu sexo querendo romper a toalha e a tua respiração quente no meu pescoço. Era bom

mas insuficiente. Um orgasmo anunciava-se, incontrolável, vergonhoso naquela situação. Por isso tomei a iniciativa de abrir a toalha e as tuas mãos e as tuas palavras entraram no meu corpo. As tuas palavras cobriram o meu primeiro orgasmo, morri e fiz amor com um polvo que me sugava e penetrava ao mesmo tempo. Foi diabolicamente forte. Por que tinha de ser eu a precipitar os acontecimentos, por que nunca levaste as coisas até esse ponto? Orgulho?

Ele continuava a acariciar o corpo dela e a estudar cada milímetro de pele. Sara estava deitada de pernas abertas, as mãos atrás da cabeça, deixando-o fazer o que quisesse. Ninguém se entregara a ele tão confiantemente.

– Chama-lhe orgulho, se quiseres. Mas tudo tem o seu tempo. Não adianta sentares-te em baixo duma mangueira a esperar que dê frutos. Dará quando for a altura. A sabedoria está em saber quando é o momento de cada coisa, mais nada. Então desfrutas melhor. Se quando éramos jovens tivéssemos chegado a este ponto, não o teríamos apreciado da mesma maneira. Como qualquer jovem, teríamos apenas consumido o momento, consumido em fogo. Pouco restaria. Cinzas. Quando te reconheci ao descer do carro, soube que hoje era o momento. Apenas fiz durar o instante. Se não tomasses a iniciativa, eu teria tomado. Como tomei, sem que te apercebesses. Apresentar-te o António, os deslocados, não era uma maneira de te dizer que não estou louco, que sou confiável? Que ainda há gente que me entende, fora das esferas que frequentas?

– Estratégia da serpente? Ou do polvo?

Ele mordia-lhe levemente os mamilos saciados, enquanto enrolava os pelos do monte de Vénus com os dedos e inalava os cheiros que vinham dela. Falava baixo para os seios, o pequeno corte do umbigo, a penugem clara do ventre.

– Talvez. Talvez de velho de kimbo, de sekulo. Esses velhos que desprezamos, imbuídos da nossa cultura citadina judaico-cristã, têm muito a nos ensinar sobre a gestão do tempo, sobre os rítimos da vida. Beberam isso na fonte da sabedoria. Transmitem esses ensinamentos através de fábulas, de poemas orais, de adivinhas. Apesar de aparecerem em livros, não os sabemos ler. O que eles nos dizem, com as suas palavras, e que não entendemos, é que a natureza tem os seus próprios rítimos com os quais nos devemos conciliar para modificar a natureza. Ora, o que fazemos nós, os crioulos híbridos de duas civilizações? Impomos apenas a componente da industrialização e do desenvolvimento exógeno, quer sejamos socialistas quer capitalistas, o que implica outros rítimos. E depois admiramo-nos porque a natureza não nos segue, nos prega partidas a todos os instantes. Eles sabem isso, e dizem-nos, mas como são analfabetos, o nosso preconceito emudece-os ao nosso entendimento. Nós temos o conhecimento sagrado do marxismo-leninismo ou do ultraliberalismo do FMI, estudámos nas melhores universidades, como nos vamos rebaixar, perder tempo, a tentar perceber o que nos ensinam? E se as coisas correm mal, como têm de correr, arranjamos desculpas em fatores de fora, nunca vemos a nossa própria cegueira.

– Falávamos de nós e fugiste para uma análise mais geral, que até mete política no meio.

– Tudo está ligado, tudo explica tudo. Eu falava sobre o tempo, que determina tudo. O tempo das estações, o tempo das sementeiras, o tempo do nascer do capim tenrinho, o tempo do acasalamento das espécies, o tempo de morrer. Também o amor tem o seu tempo. Só que o homem moderno perdeu essa noção dos rítimos, pensa que os pode modificar

impunemente. E tu que és médica sabes que o corpo tem os seus próprios ciclos, determinados pela natureza ancestral, e as mudanças atuais do rítimo de vida são a causa número um do stresse. Então?

– Talvez o polvo que procuras não seja um monstro – disse ela. – Apenas engrandecido por um trauma de criança. Até pode não estar na gruta.

– Está. Pressinto-o sempre. Está lá à minha espera.

Ele calou-se, parou de observar e acariciar o corpo dela. Levantou-se, todo nu, e foi para fora. Era meia-noite. Viu as folhas da mangueira agitando-se, farfalhando. Havia vento, a calema rugia. Mas a mangueira estava protegida pela casa, não havia motivo para tal alegria das folhas. Aproximou-se da árvore, deu-lhe pancadinhas leves no tronco.

– Estás contente, Mussole? Finalmente te manifestas, mostrando a tua alegria? Também chegou o tempo de falares, depois de tantos anos de silêncio? Tudo se precipita neste mês, é como um cataclismo universal. É sempre assim. Tudo parece parado, nada acontece. De repente, a modificação do tempo anuncia-se por um relâmpago, ou uma calema. E as coisas começam a acontecer, aquilo que estava escrito nos ares e na profundidade do mar. Como as profecias antigas.

A árvore acalmou, indicando-lhe que devia voltar para dentro. Ele obedeceu e fechou a porta. Foi beber água à cozinha e deitou-se de novo. Sara estava soerguida, muito atenta. Olhava agora para ele, hesitante.

– Falavas para quem, para a mangueira?

– Sim – disse ele, naturalmente, dando-lhe um beijo leve.

– E chamaste-lhe Mussole. Era o nome da tua mulher que morreu no Leste, disse-me o Vítor.

– Esse tipo sempre foi um grande mujimbeiro. Mas é verdade.

– Ainda não superaste isso?

– Oh, já pertence ao passado. Deixou de ser uma ferida que transportava e que abria a cada momento. Passou a ser uma coisa boa do passado. O espírito dela está aquietado aí em cima da mangueira, veio logo que plantei a árvore. E agora manifestou a sua alegria pelo que aconteceu hoje entre nós.

Sara olhou-o de forma estranha, mas não comentou. Aníbal compreendeu, isso ela custaria a entender, seria exigir demasiado. Agora sim, ia pensar que ele estava maluco. E não tinha nenhum meio, absolutamente nenhum, para lhe explicar melhor. Tinha dito tudo o que podia, da forma mais clara. Sentiu-se na situação do velho do kimbo, que sabe não poder ser mais claro e vê que o outro não o entende. É isso, ser sábio é ser incompreendido, mesmo de Sara. Encolheu os ombros. Voltou a acariciar-lhe o corpo. No entanto, ela já não se entregava de forma tão confiante como antes, as pernas estavam uma sobre a outra. Terminara o momento único da comunhão total. O tempo tinha sido curto, pensou ele com amargura. Estupidez seria tentar alongá-lo como um elástico, o tempo quebraria pois era mais tenaz que aço. Continuou a acariciá-la, mas agora para provocar excitação sexual. Sara não ia voltar ao assunto, também ia esperar o seu tempo, ou talvez tomasse a coisa como uma brincadeira. Não dramatizemos, ela tem enorme capacidade de aceitação. Ou era verdade o seu pensamento otimista, ou Sara fizera um esforço para atirar a estranheza para trás, o certo

é que correspondeu aos gestos dele e em breve se enlaçavam de novo.

Ao despertar com a luz que entrava pela janela, Sara enroscou-se mais no corpo dele, lambeu-lhe um ombro, disse:

– Cheiras a mar, sabes a mar, sabes amar.

Beijou-o, lambeu-o, mordeu-o, até atingir o máximo da excitação. Depois montou-o sem cerimónias, esvaindo-se em gritos e choros, de prazer e despedida.

Lavaram-se, vestiram-se, tomaram café. Ela tinha de partir para apanhar o avião de Luanda. Perto da mangueira, hesitando ainda em entrar no jipe, ela disse:

– Dá-me um pretexto para ficar.

Ele sacudiu a enorme juba. Olhou o sol subindo dos morros, a mangueira, a pescaria do Ximbulo, do lado onde estava o jipe.

– Tu pertences a outro mundo. Tens a tua filha, os teus doentes. Vem passar as férias aqui. Vem sempre que quiseres e puderes.

– Ias cansar-te ao fim de três dias?

– Sabes que não. Temos ainda tanto a descobrir juntos... Já viveste muitos anos no exílio, não estás pronta para outro.

Ela sentou-se ao volante do carro. Fez um gesto de adeus com a mão. As folhas da mangueira agitaram-se de novo, todas em uníssono. Sara olhou durante instantes para elas, espantada, depois para Aníbal. Ele sorriu, encolhendo os ombros. Talvez agora Sara acreditasse que Mussole falava e lhe desejava rápido regresso. Talvez pensasse que era efeito do vento, inexistente. Ela no entanto não disse nada, pôs o carro a trabalhar e arrancou, acenando com a mão para trás. A mangueira, essa, não parava de se agitar. Até o pó levantado pelo jipe ficar apenas como um ponto no horizonte para lá dos morros ressequidos.

5

Durante a noite a calema tinha aumentado muito de intensidade. As vagas passavam pelos recifes e vinham rebentar na praia, chegando até à base das falésias. Ainda bem, pensou ele, não posso mergulhar. Tinha os cheiros de Sara impregnados no corpo e no cérebro e queria conservá-los. Um mergulho dissiparia os cheiros no corpo e esbateria os que conservava no cérebro. Era bom estar ali, no alto da falésia, olhando o mar batendo nos rochedos, e cheirando Sara. Não eram perfumes, ela não os usava, a não ser um vago desodorizante. Eram cheiros de mulher, fortes, infinitamente aumentados pela excitação. Quando tinham subido para casa, depois do amor na praia, ela quis tomar banho. E ele deitava-lhe água do balde, enquanto ela se ensaboava. E voltou a deitar-lhe água. Quando a ajudou a secar-se, esfregando-lhe a toalha, podia sentir as volutas de cheiro saírem do corpo dela, inundando-o. Bastava tocar uma zona para daí se libertarem os perfumes de fêmea. Os anos de espera tinham tornado Sara numa bateria de desejo inesgotável. Ela controlava todas as manifestações, menos a libertação do cheiro. Tinha adivinhado isso no almoço, quando ela perguntou se ele não tinha ligação com uma mulher. Debaixo da mesa se tinha exalado qualquer coisa, que agora ele sabia, fora provocado nela pelo pensamento. Sentira o mesmo no jipe, ao virem da Baía Farta. Um cheiro forte provocado por uma frase qualquer. Todo o tempo ela pensava em fazer amor com ele, lutava entre dúvidas. O corpo traía o seu recato. Mas Aníbal só entendeu absolutamente quando lhe propôs o banho de mar e foi inundado por lufadas quase instantâneas. Teve de se reter, quase dolorosamente, para não a abraçar ali mesmo e a levar para a cama. O ritual devia processar-se lentamente com o banho de mar e tudo o que se seguiu. Agora tinha terminado, nele ficaram os cheiros e as dores do baixo ventre. Conservaria também ela os odores dele no avião?

Por volta das dez horas, resolveu ir a casa do Ximbulo. Levou a segunda garrafa de vinho, que sobrara da véspera. Foi só de calções e descalço. O caminho era fácil, sempre a descer numa inclinação suave. Com esse mar bravo, Ximbulo não tinha ido à pesca, devia estar em casa. Senão estariam Maria, a mulher, e Nina, a única filha. Tinham tido só três filhos, o primeiro morreu à nascença, os outros dois na guerra. E uma menina, bem mais tarde, que agora tinha dezassete anos. Chamavam-lhe a menina esperada e tardia. De modo que, no

registo, ficou simplesmente Nina. Nesse caminho até casa deles, dominavam os lagartos. Desde as pequenas lagartixas, até aos maiores de cabeça azul. Cruzavam a areia argilosa, fugindo dos seus passos. Aníbal nem reparava neles, a cabeça cheia da presença de Sara.

Ximbulo estava em casa e começou a gritar um cumprimento, quando o viu. Ele desceu a rampa de acesso à pescaria, viu as tarimbas onde secavam o peixe, uma quantidade razoável. Seria muito mais se Ximbulo pudesse reparar a armação que existia do tempo do colono. Ainda se viam à frente da pescaria as balizas e uma parte das boias, onde se instalara a rede da armação. Mas a rede tinha apodrecido e era preciso uma nova. Como encontrar uma? Era o sonho de Ximbulo. Repor a armação em funcionamento, contratar alguns deslocados de guerra para o ajudarem a puxar as redes, aos poucos refazer a pescaria. Até chegar a ter uma traineira. Sonhos burgueses, gozava Aníbal. Ximbulo não entendia e ele também não explicava mais, para quê? Incentivava-o a perseguir o sonho, sabendo que neste momento seria muito difícil de realizar.

Nina veio a correr ao encontro dele. Bela rapariga. Os seios de ufeko, virgem, furavam o tecido da blusa. A saia ampla moldava-se às pernas, fazendo adivinhar o arredondado das coxas. Por baixo da saia e da blusa não trazia mais nada, isso lhe mostrara ela atrevidamente quando o foi visitar de manhã e se meteu na água vestida, exatamente para ele ver que estava nua. No ano passado. Ou há dois anos? Já não sabia. Desde os quinze anos que Nina o mirava provocantemente e se encostava distraidamente a ele, sempre que tinha ocasião. Não escondia as intenções, mesmo à frente dos pais, indulgentes. Havia uma espécie de pacto na família, mesmo que nunca tivessem falado. Nina estava-lhe destinada, o vizinho precisava de mulher e seria o melhor marido possível para ela. Bastava ele querer. Mas Aníbal gostava de Nina, como de uma miúda atrevida filha do maior amigo, mais nada. Não queria amarras. Por isso nunca lhe tocaria, ele sabia. A única coisa que temia era que numa noite em que saísse muito bêbado da pescaria por causa do kaxipembe ingurgitado com Ximbulo, ela lhe aparecesse no caminho e o provocasse. Não podia jurar que nesse momento teria força para evitar o assédio daquela gazela sensual. E ia ser uma chatice. Como explicar a Ximbulo e Maria que acontecera, pronto, mas não a queria em casa dele? Era ofensa para destruir uma amizade tão grande como a deles. Várias vezes dera a entender ao amigo que o evidente interesse de Nina o incomodava. Mas Ximbulo parecia não compreender. Ou então compreendia, mas achava que tudo era questão de tempo. E talvez fosse, quem sabe? Agora seria mais difícil, por causa de Sara. Queria estar livre para Sara, quando ela inesperadamente aparecesse. Este ano, para o próximo? Não dependia dele, por isso não se devia impacientar. Voltaria, era tudo.

– Ontem tiveste visita, eu vi. Uma mulher branca num carro. E só voltou hoje. Dormiram na mesma cama?

– Você é muito atrevida, Nina. Não sabe que uma ufeko não pode fazer essas perguntas a um homem?

Ela deu uma gargalhada. Caminhava ao lado dele e entraram no telheiro onde estavam os pais esperando a visita.

– Diz então. Só tens uma cama, como é que dormiram?

– Nessa cama mesmo. É a minha mulher. Mora em Luanda.

Saiu-lhe sem pensar. Mas não era verdade? Nem perguntara a Sara se tinha homem, não falaram sobre isso, o tempo foi pouco. Mas considerava-a sua mulher. Até era bom para Nina perder as ilusões. Ela acusou o toque, pois disse para os pais com amargura:

– Afinal é a mulher dele, que veio de Luanda.

Ximbulo cumprimentou-o. Maria limpou a mão no pano enrolado por cima do quimono e apertou a sua, como sempre, baixando a cabeça. Tinham acabado de limpar o telheiro, vazio.

– Com essa calema, vamos ficar uns dias sem peixe – disse Ximbulo, desviando o assunto.

– É, também não tive coragem de caçar. Trouxe essa garrafa de vinho.

– Então vai almoçar connosco êh – disse Maria. – Ou o vinho é para beber agora?

– Vocês é que sabem – disse Aníbal. – Se me convidam ou não...

Ximbulo riu. Recebeu a garrafa, passou-a à mulher. Fez-lhe sinal para se sentar num cadeirão e imitou-o em seguida.

– É melhor ficar para o almoço. A Maria vai preparar um calulú. Ontem recebemos óleo de palma e fuba. Estava para ir convidar o vizinho ontem mesmo, mas vi que tinha visita...

– Podia ter ido, não tinha problema. Ainda por cima se era para me convidar para um calulú. Mas conseguiram rama de batata doce?

– Tudo mesmo, êh – disse Maria. – E jindungo êh, que já tinha acabado.

– O Mateus veio buscar peixe – disse Ximbulo. – Comprou barato, me roubou mesmo. Depois deixou os produtos que tinha trazido como oferta.

– E ainda ficou a ganhar bué, imagino – disse Aníbal.

– Claro, candongueiro nunca perde. Mas que havemos de fazer? São os únicos que vêm cá comprar peixe. Temos até que lhes agradecer. Senão tudo ficava aí a apodrecer.

Nina foi para dentro de casa, desinteressada da conversa. A mãe seguiu-a pouco depois, com licença êh, vou cozinhar. Gritou para a filha, vem acender o fogo. A rapariga apareceu, ficou agachada à frente do fogareiro, num canto do telheiro, vinte metros afastada deles. A saia estava metida entre as pernas, deixando a descoberto as coxas redondas. Assoprava no carvão e olhava para Aníbal, com ares de amuo. Ele fingia não notar, mas estava atento às reações. O fogo pegou e ela gritou para dentro já está, mãe, faço mais quê? Aníbal não percebeu a resposta, mas Nina levantou-se e entrou na casa. Com um último olhar assassino.

– Água ainda tem, vizinho? A nossa está no fim.

– Pode ir buscar, ainda devo ter meio depósito. O carro nunca vem em dia certo, mas deve estar quase.

– É, faz mais duma semana que não vem – disse Ximbulo.

Aníbal não tinha a noção dos dias que passavam, mas Ximbulo estava sempre atento. O que era uma vantagem, o amigo era o seu calendário para lhe lembrar quando devia ir a Benguela buscar as provisões.

– Vai um pouco de aguardente?

– Por mim não, obrigado. Só depois do almoço. Ontem bebi demais. A Sara trouxe uma garrafa de uísque, acabei com ela. E à tarde fomos derrotar umas Ngolas no António. Kaxipembe agora matava-me.

– Nunca tinha dito que era casado, pensava que só tinha essa namorada, Marília.

Ximbulo era como Sara, a discrição em absoluto. Para lhe falar nisso é porque estava

realmente perturbado, o que confirmava o tal pacto existente na família. Aníbal já não sabia muito bem como proceder. Preferiu ser um pouco mais claro, no fundo até ajudava.

– É uma ligação muito antiga que agora retomámos. Ela é médica e vive em Luanda. Só aparecerá aqui de vez em quando, mas é a minha mulher. A Marília é para entreter, o vizinho sabe disso.

Ximbulo só acenou com a cabeça. Nunca mais ia tocar no assunto, caso encerrado. E talvez desse uns bafos à filha, para se comportar menos despudoradamente. Libertando-se da obsessão por ele, Nina ia entregar-se ao primeiro candongueiro que aparecesse e desgraçava a vida. O livro já estava escrito, nem precisava abrir um cabrito para lhe ler os intestinos. Que alternativa tinha ela naquele sítio longe de tudo? Se ainda houvesse algum homem novo no campo dos deslocados... Mas os homens novos e os jovens eram apanhados por um ou outro dos exércitos para fazerem a guerra, nos kimbos só ficavam velhos, crianças e raros homens maduros. No campo a natalidade deve estar a descer, com a ausência dos homens novos, pensou Aníbal um tanto a despropósito. E a crescer desmedidamente nas cidades. Mas não havia estudos, ou pelo menos ele não os conhecia.

Nina voltou, trazendo uma panela que pôs no fogo. Devia ser o peixe e os legumes, que Maria preparara em casa. Ximbulo entrou numa explicação sobre as vantagens da pesca com armação. Tinha ódio mortal aos grandes barcos das frotas estrangeiras que chupavam os mares, arrastando peixe miúdo ainda em crescimento, viveiros de camarão e lagosta, redes e tudo, até as nossas canoas, se não tivermos cuidado. Sobretudo os soviéticos e japoneses, que se aproximam das costas, chupam mesmo nas barbas do governo, ninguém faz nada. Ainda no outro dia estivera a conversar sobre o assunto com os pescadores de empresas nacionais, eles confirmaram, se faltasse pescado era por causa desses estrangeiros que não respeitavam as leis do país e depredavam os mares alheios, depois de terem levado a desolação aos seus. Aníbal ouvia e mirava Nina, que aparecia para vigiar a panela, lhe olhava de lado e depois voltava para dentro, quase muxoxando de raiva. Ximbulo explicava, no tempo do colono não era assim, havia fiscalização sobre os barcos, esses grandalhões nem que se podiam aproximar da costa, eram logo topados. Por isso havia muito mais peixe então, apesar de tantas pequenas traineiras que trabalhavam todas as noites.

Ao fim de muito tempo, o calulú estava pronto. Nina pôs outra panela no fogo, certamente com água para o pirão. Quando começou a ferver, chamou a mãe para vir bater o funje. O que Maria fez. Tirou a panela do fogo e acrescentou farinha na água, segurando a panela no chão com os dois pés e batendo a massa com um pau próprio. A observar os preparativos, Aníbal sentiu um apetite raro. Talvez porque o perfume do calulú se vinha misturar ao de Sara que conservava no corpo. Logo se instalaram à mesa, ali mesmo no telheiro da pescaria, onde fazia mais fresco, e Ximbulo abriu a garrafa de vinho. Aníbal conseguiu comer o farto prato servido por Maria, o que era notável, e todos gabaram o seu apetite. Todos não, Nina conservava teimosamente os olhos no prato.

No fim da refeição, Ximbulo mandou a filha ir buscar a garrafa de aguardente. Claro que se tratava de kaporroto, com os aldeídos mortais, segundo os médicos. Ninguém ligava a isso. O pescador já no tempo colonial aprendera a distilar o kaxipembe, mas às escondidas, porque era proibido. Não por a lei se preocupar com a saúde dele, mas porque essas

bebidas caseiras faziam concorrência aos vinhos e cerveja coloniais. Depois, com a desaparição quase total das outras bebidas, dedicou-se à arte da distilação com mais requinte. Tinha ficado admirado quando Aníbal lhe explicou que em Luanda alguns fabricantes punham pilhas secas para acelerar o processo, o que ainda aumentava mais o perigo de envenenamento. Não entendeu a explicação científica, mas tinha tirado a lição, essa Luanda não tem remédio, todo o mal vem dali. Só para ganharem mais depressa uns kwanzas, até podem matar o parente. Por vezes brincava, essa minha aguardente é pura, não tem pilha. Nina hoje era também capaz de achar que todo o mal vinha de Luanda, com a visita de Sara, pensou o Sábio.

Ficaram a beber e a conversar toda a tarde, pouco mais havia para fazer. Já razoavelmente tocado pela bebida, Aníbal despediu-se quando os tons do crepúsculo apareciam sobre o mar. Não viu Nina. Ao aproximar-se de sua casa, encontrou-a sentada numa pedra. Ela se levantou logo. O que eu temia, pensou ele. Felizmente não estou completamente embrutecido. E tenho os cheiros de Sara para me proteger.

– É mesmo verdade que ela é tua mulher?

Nina parecia desesperada, torcendo as mãos uma na outra. Talvez fosse algo mais forte que o mero capricho duma rapariga que mal conhecia outros homens. Parou à frente dela, para não a convidar a entrar em casa. Olhou a mangueira, que estava parada e silenciosa. Em expectativa.

– É verdade.

– O Mateus anda sempre a dizer-me que me vai levar para casa dele de Benguela. Tem carro, casa grande.

– E quantas mulheres?

– Não disse, nem me interessa. No outro dia quis me apalpar. Eu fugi. Da próxima vez não vou fugir.

Aníbal precisava dizer alguma coisa. Embora o livro já estivesse escrito, de pouco ia servir. Retomar o hábito dos velhos tempos e passar-lhe uma lição de moral? Explicar-lhe os motivos do Mateus, fazendo uma análise de classe, se preciso, para demonstrar que essa pequena burguesia selvagem de dentes afiados passava por cima de tudo só para conseguir os seus fins? Assim se tornaria numa burguesia selvagem que sangraria o povo, mais cedo ou mais tarde, ditando as leis do lucro imediato. Podia fazê-lo utilizando palavras simples, tinha enorme prática de tudo explicar com frases comuns, compreensíveis até duma criança. Mas também aprendera na vida que as pessoas só aceitam os conselhos que reforçam a decisão já tomada. E não seguem as opiniões que chocam contra os seus desejos. Nina podia estar apenas a fazer chantagem, conhecia as ideias dele sobre os candongueiros. Chantagem para o vergar aos seus desejos. E ele estava terrivelmente cansado de dar conselhos e fazer discursos moralistas que nunca ninguém seguia.

– Só quer aproveitar de ti, depois põe-te na rua.

– E vou fazer mais como? Preciso dum homem.

Ela entrou dentro de casa, sem ser convidada. O que era normal, fazia-o muitas vezes. Acendeu a luz e foi para a sala. Aníbal seguiu-a. Nina deitou-se sobre o único sofá, displicentemente. Ele preferiu ficar de pé, junto do vidro, olhando o mar bravio lá em baixo.

– Precisas dum homem que te respeite, que te trate sempre bem. Se esperares, ele vai aparecer.

– Aqui não há ninguém, só tu.

– Há de aparecer. Ainda és muito nova, tens tempo de esperar. Na Baía Farta há homens solteiros.

– Não quero nenhum pescador. E a Baía é longe. Para que ir tão longe só para arranjar um pescador?

– O teu pai é pescador e isso não é desonra. É das melhores pessoas que conheço. Pergunta à tua mãe se não é feliz por ser casada com um pescador.

– A minha mãe nunca viu mais nada. Eu ainda fiz a quarta classe e por isso conheço outras coisas. O mundo não é só estes morros e este mar. Estou farta.

Ele continuava de costas para ela. Lembrou-se de repente que durante todo o dia não fumara. Esquecera deliberadamente os cigarros em casa e só depois do almoço tivera vontade de fumar. Virou-se para procurar o maço e viu-a, toda nua, por cima do sofá. Contemplou-a durante instantes. O único gesto de pudor era a mão que tapava o sexo. Acendeu o cigarro e puxou duas baforadas ávidas. Pensou, tinha duas atitudes. A primeira era dar-lhe dois berros, obrigá-la a vestir-se e pô-la na rua, indo depois contar a cena a Ximbulo. A segunda era despir os calções e cair sobre ela. Respirou o braço direito e reconheceu o cheiro de Sara. Sentou-se numa cadeira à frente dela, olhando aquele corpo jovem e extremamente atraente. Falou com calma:

– Estes morros e este mar têm uma coisa que desconheces, a paz. Para lá dos morros, no campo, há guerra, todos os dias morre gente. E nas cidades há outro tipo de guerra, uns a tentarem dominar e enganar os outros, muitos morrem também. Só darás valor a esta tranquilidade, quando a perderes, é sempre assim. Mas não adianta provocares-me, eu gosto da minha mulher. Já vi que és bonita, obrigado por me teres mostrado a tua beleza. Agora podes ir embora.

Ela não fez um gesto, os olhos húmidos fixos nele. Aníbal continuou a fumar e a apreciar o corpo de Nina. Como um pintor que admira o modelo, o estuda para o fixar na tela, pensou.

– Queria que a primeira vez fosse contigo. Depois posso ir com o Mateus.

– Não haverá primeira vez. Respeito-te demais para isso, embora agora não o entendas assim. E esquece o Mateus, ele vai-te abandonar com um filho nos braços. Pergunta à tua mãe, ela te dirá. A cidade é uma ilusão e o Mateus um mentiroso.

– Sei, mas já não me importa. Nada me interessa mais.

No entanto, ela levantou-se depois de algum tempo. Passou a saia pelas pernas e ele notou a quase ausência de pelos no púbis. Depois Nina vestiu a blusa sobre os seios redondos e firmes. Andou para a porta de fora. Daí, gritou, com soluços na voz:

– Da próxima vez que o Mateus aparecer, vou com ele, não me interessa.

Aníbal ficou sentado na cadeira, olhando pelas janelas. Já estava escuro e dali não via o mar. Ouvia-se apenas o troar da calema contra os rochedos. Tudo acontece de repente, tudo aquilo que se anunciava acontece agora, como um cataclismo universal. Levantou-se a custo, foi fazer uma carícia no tronco de Mussole, voltou para casa. Estava muito cansado, a noite em branco e o kaxipembe tinham-no arrasado. Deitou-se na cama e adormeceu, sonhando

com polvos e Sara abrindo frascos e frascos de cheiros intensos, e Nina deitando-se nua sobre o elao, a pedra-altar dos cuvale, para o sacrifício da virgindade.

6

Acordou com a luz da madrugada. Ouviu logo o fragor da calema. Não lhe apetecia sair da cama, nada tinha para fazer se havia calema. Mas também já não podia dormir e levantou-se. Pensando na forma como ocupar o dia. Lavou-se e tomou café. Ia fumar, mas lembrou-se da tosse. Estava muito melhor, porque na véspera só fumou um cigarro. Valia a pena continuar seguindo a disciplina que se impusera. Isso lhe lembrou o almoço. Foi procurar nas reservas, já muito rarefeitas. Devia ser altura de ir a Benguela buscar as provisões. Tinha um pouco de arroz, feijão, latas de carne e de atum. Pôs logo de parte o feijão, tinha de dormir de molho e cozer durante muito tempo, nunca podia servir para o almoço. Talvez para amanhã. Ia fazer arroz com atum, o mais simples. Encontrou uns restos de cebola para o refogado, mas já não havia tomate. Faria assim mesmo. Resolveu pôr feijão no taparuer que Sara deixara. Com água durante um dia inteiro, amanhã vai cozer mais rápido.

Sentou-se em baixo da mangueira, contemplando entre as folhas o sol a subir pelos morros. Ficou semidesperto, deixando correr os pensamentos. De repente levantou-se, foi a casa buscar o bloco de notas e uma caneta. Escreveu febrilmente:

"A raça humana anda sempre a olhar para trás, para o passado, à procura da cauda perdida na evolução. Por isso o homem não olha para o futuro e agarra-se ao que foi (e ao que não foi, mas pensa ter sido, ou que gostaria que dele os outros pensassem)."

Deixou o bloco de notas e a caneta no chão, ficou prostrado, olhando o sol. Mais tarde, voltou a pegar no bloco e releu o que escrevera dias antes, tendo certa dificuldade para adivinhar os gatafunhos rabiscados com frenesi.

"Os regimes inspirados pela experiência de outubro reescrevem constantemente a História. Não só no sentido mais conhecido de alterar dados em função das necessidades do grupo dominante de momento, mas de forma mais importante e subtil. É o de recusarem que promovem modificações radicais que ponham em causa os princípios anteriores. Se há uma mudança a fazer, ditada por condições imperativas, não se assume a mudança como tal; é um 'ajustamento' que vem na linha anterior, baseado nos princípios sacrossantos e imutáveis, tecido que serve para todas as *toilettes*. Mesmo se o que se faz hoje está a desdizer absolutamente o que se fez ontem, é apenas um ajustamento a novas condições. O regime é

como o papa, nunca erra porque nunca errou e por isso nunca errará. Devemos ter confiança cega. Fé, nos dirigentes, nos Partidos, eles são como Deus. O curioso é que as pessoas não percebem que estes partidos ateus foram os que mais copiaram os ensinamentos da Igreja. O reescrever a História, neste caso, é o fazer do curso dela uma linha reta, profeticamente ditada desde que tomaram o poder. É a maior canelada à dialética que já se viu e por isso Marx não deve parar de se remexer na tumba, num baile subterrâneo, o pobre Marx num frenético semba."

Abandonou o bloco porque ouviu a voz de Ximbulo se aproximando. Vinha com os garrafões, acompanhado de Nina. Encheram quatro garrafões no depósito, que afinal estava mais vazio do que ele supunha. Isso fez-lhe lembrar que ainda não tinha regado Mussole. Foi buscar o balde e regou-a, perante o olhar sempre incrédulo de Ximbulo. Mas este não disse nada, eram conversas antigas, tinha de reconhecer que a mangueira crescia bem e talvez no próximo ano daria os primeiros frutos. Nina conservava-se afastada, junto dos dois garrafões, os olhos baixados. Teria vergonha da cena de ontem? Aníbal não acreditou, não era vergonha, ela não tinha dessas vergonhas. Nem mesmo a da rejeição. Estava amuada e queria demonstrá-lo.

– Não sei se podemos buscar mais. O tanque está muito vazio. Essa água já chega para a comida de hoje. Precisava era para aguardente, mas vou esperar.

– Pode levar mais, vizinho. O carro deve vir hoje ou amanhã.

– E já é dia 12. Tem de ir a Benguela buscar o abastecimento, não esqueça.

– Já tinha notado que a comida estava no fim. Esperemos que o carro da água venha hoje ou amanhã.

– Hoje já não vem – disse Ximbulo. – Ainda tenho um restito de aguardente, ontem desconseguimos de a acabar. Se o carro vier amanhã, cartamos mais água.

Ximbulo pegou nos dois garrafões que lhe competiam e Nina preparou-se para partir. Depois o pai lembrou-se e disse para trás:

– O Mateus daqui a três dias vem cá buscar o resto do peixe. Não quer que ele lhe traga nada?

Nina olhou para Aníbal pela primeira vez. O olhar dizia, vês, só faltam três dias. Desafiador, o olhar de Nina. Ele fingiu não notar. Disse:

– Se o puder avisar, umas cebolas e tomate davam jeito. Nem sempre há na Logística, só massa de tomate.

Ximbulo se despediu e partiu. As pequenas coisas que Ximbulo encomendava a Mateus para Aníbal eram uma espécie de retribuição pela água. Não era o valor das coisas a trocar que contava, era o gesto. Assim como o kaxipembe que muitas vezes lhe oferecia. Se fizessem contas, a água valia muito mais. Mas uma amizade é sempre alimentada pela retribuição de pequenos favores, tão importantes como as palavras que se trocam.

Hoje é 12 de abril, pensou o Sábio. Já falta muito pouco para o inevitável. Esperemos que amanhã seja o último dia de calema. Assim se cumprirá a profecia adivinhada nas convulsões que percorrem o tronco de Mussole.

Varreu e arrumou a casa, fez o almoço. De vez em quando ia espiar o mar, procurando sintomas de diminuição da calema. No entanto, a água continuava a chegar à base dos

morros, ultrapassando os recifes. Uma ou outra nuvem passava, mas sem consistência suficiente para provocar chuva. Este ano só choveu uma vez, lembrou. O capim nem chegou a nascer no alto dos morros, o que acontecia quando havia muita chuva. E abril era o último mês em que podia chover. No interior, a seca instalava-se, aumentando o sofrimento das gentes já desesperadas por causa da guerra. Os cuvale, para sul, deviam estar instalados nos raros pontos de água, com as cacimbas quase secas por tantos bois e homens nelas beberem. Ia ser um mau ano de fome. Mais um.

Almoçou à sombra da mangueira, conversando com ela de vez em quando. Não recebia respostas, parecia que o espírito de Mussole tinha adormecido de novo. Deixou correr a tarde, o bloco de notas teimosamente perto dele. Por vezes lia uma passagem, das muitas escritas durante os anos de solidão, aqui ou nas diferentes guerras em que tinha participado. Já as sabia quase de cor. Pegou no bloco e abriu-o à toa. Leu a reflexão da página ímpar.

Antes da Revolução de 1789, havia em França três estados: a nobreza, o clero e o povo, nesta última noção estando contida a burguesia. Aqui também há três estados: a burocracia dirigente, os candongueiros e o povo. Contrariamente a França, não é no terceiro estado que estão as forças que tomarão o poder. Aqui são os candongueiros, que hoje crescem à sombra de pequenos negócios mais ou menos lícitos, de transporte de pessoas ou mercadorias, trocas desiguais com o camponês ou pequeno comércio nas cidades, desvios e roubos, falsificações de documentos, que estão a acumular capital, a constituir-se numa classe selvagem de empresários. Entre o primeiro estado também há candongueiros, geralmente ligados por laços familiares. Quando a casca da utopia já não servir, vão despudoradamente criar o capitalismo mais bárbaro que já se viu sobre a Terra.

Foi deitar-se mal o sol se pôs. Muito tempo ficou ouvindo a calema, pensando no polvo tranquilamente refugiado na sua caverna, à espera de águas mais calmas para sair a caçar. O polvo também fazia parte do segundo estado, tinha tentáculos que entravam por toda a parte, agarrando lulas e peixinhos desprevenidos, para os tragar selvaticamente. A cama cheirava a Sara. Concentrou o espírito apenas nos perfumes que ela deixara atrás. Sorveu-os ansiosamente, esquecendo a calema, revendo apenas a imagem de Sara saindo da água, lentamente, muito lentamente, num universo de cheiros fortes. Adormeceu.

7

A calema tinha nitidamente abrandado durante a noite. Levantou-se para ir verificar pelos vidros da sala. Com efeito, embora o mar estivesse bastante revolto, só algumas vagas ainda passavam por cima dos recifes e já sem força para lamber a base dos morros. Podia voltar a mergulhar, se fosse absolutamente necessário caçar um peixe. Foi à cozinha e viu o feijão dentro da água. Não, não precisava mergulhar, tinha refeição para o dia. Era melhor esperar por amanhã, já então as águas estariam calmas, mais até do que habitualmente. O mar também se cansa e durante uns tempos seria um espelho fatigado.

A meio da manhã, ouviu o carro da água vencendo a picada por cima dos morros. Levantou a tampa do tanque, aproveitou o resto de água para regar a mangueira. O motorista parou o carro mesmo junto do tanque. E começaram o trabalho de encher o depósito.

– Vou me vestir – disse Aníbal. – Preciso de ir a Benguela.

O motorista aquiesceu. Ficou a controlar o enchimento do tanque, enquanto ele foi pôr uma camisa razoavelmente limpa e umas calças. Quando estava fora, lembrou-se dos sapatos. E voltou para dentro, lavar os pés e pôr uns chinelos. De tanto andar descalço, mais uma vez ia esquecer de se calçar e aparecer na cidade como um monangamba. Já tinha acontecido, o que reforçava a opinião das pessoas sobre o fraco estado mental dele. Na passagem, olhou para o espelho. Realmente cada vez se parecia mais com um etíope. Tentou acamar o cabelo, mas desconseguiu. Quando voltar de Benguela, tenho de lavar três vezes essa trunfa, ou mesmo cortá-la antes, já não há pente nem escova que nela entre.

O tanque estava cheio e arrancaram para a cidade. Ximbulo devia ter ouvido o carro e já se preparava para vir buscar água, pensou ele. Logo há kaxipembe. O carro galgou a picada para entrar na estrada asfaltada. O motorista falava sobre as dificuldades da vida em Benguela. As mesmas queixas de sempre: falta de comida, falta de roupa, estradas esburacadas, falta de materiais para construção de casas, ele tinha uma casita a meio à espera de alguns sacos de cimento para a terminar, emboscadas constantes nas estradas, sobretudo na Canjala, interrompendo a circulação terrestre para Luanda. Aníbal só ouvia os lamentos, não respondia. Nem o outro estava preocupado com isso, queria é que ele o ouvisse, pois se tratava dum antigo responsável, excêntrico é certo, mas para sempre ligado

aos que tinham algum poder para mudar as coisas. Foi mesmo o que lhe disse às tantas, o camarada conhece a situação, devia ir lá acima explicar-lhes o que se passa, o povo está a sofrer demais. O Sábio achou inútil tentar mostrar-lhe que não resolveria nada, a engrenagem estava montada de tal maneira que até tipos sinceros ainda com responsabilidades não sabiam como fazer para dela escapar.

Entraram na Baía de Santo António e viram as salinas com montes de sal, já amarelo pela capa de poeira que os cobria. O sal não era comercializado, ficava ali a amarelecer, porque não se conseguia organizar um eficiente sistema de transportes. No entanto, todo o campo precisava de sal, as populações queimavam uma erva especial que conservava restos de cloreto de sódio para o substituir. E Luanda por vezes importava sal do estrangeiro. Vê isto?, dizia o motorista, e ele sabia qual a reflexão. Tomaram a estrada que ia dar ao Casseque, entrando na cidade. As casas de adobe aglomeravam-se nas bases dos morros, abrigando refugiados do interior. As coberturas eram de materiais de ocasião, à espera das sempre prometidas chapas de fibrocimento. Os bairros de deslocados sem emprego iam crescendo, vivendo de misteriosas reservas.

O motorista deixou-o no quartel, onde se abastecia, e Aníbal tentou falar com o responsável. Não estava, mas o substituto era um jovem tenente que o conhecia dos tempos da guerra, tinha feito parte do seu grupo.

– O camarada capitão foi para a Ganda, há problemas lá. Não vê que estamos sem luz? Voltaram a sabotar a linha elétrica.

Ele não tinha notado a falta de luz. Ontem deitei-me cedo, deve ser por isso. Iam ficar mais uns tempos sem eletricidade, problema enorme para os citadinos. Dos burocratas Aníbal não tinha pena, iam sofrer sem o ar-condicionado dos gabinetes, arranjavam-se sempre para o resto. Mas para o povo era uma desgraça, sem meios de conservar os alimentos, fazendo bichas intermináveis para comprar petróleo, sempre escasso, apesar de o país ser um grande produtor.

– Este mês estamos mal com o abastecimento – disse o tenente. – Faltam alguns produtos. Vamos ver o que lhe podemos arranjar.

Guiou-o para o armazém, falou ao responsável. Dois soldados começaram a ensacar a comida que havia. Açúcar não faltava, o que era bom, Aníbal fornecia também algum a Ximbulo para a destilação do kaxipembe. As latas de conserva é que rareavam e nada de frescos, nem uma cebola. Para ele as latas de atum, sardinhas, carne ou salsichas, não eram verdadeiramente um problema, tinha o peixe fresco que caçava.

– Mas como fazem para alimentar a tropa? – perguntou Aníbal ao tenente.

– Tem sido difícil. Arroz e feijão, arroz-doce, é o que se está a comer. A tropa já está a refilar, mas não nos mandaram nada o mês passado. Os barcos não chegaram e a estrada está muito insegura. Duas colunas de camiões com abastecimento caíram em emboscadas na Canjala, tiveram de voltar para trás. A Unita aumentou muito a atividade militar, desde a última invasão sul-africana. Agora têm o Cunene e parte do Cuando-Cubango ocupada pelos sul-africanos, daí podem municiar os grupos no interior. A guerra está mais forte que nunca. E as ações de sabotagem.

Os soldados terminaram a tarefa de ensacar o arroz, açúcar, feijão, farinha e massas, e

colocaram os sacos à entrada do armazém. O tenente disse:

– Vou arranjar um jipe para o levar.

– Espere – disse Aníbal. – Ainda tenho de fazer uma coisa na cidade. Depois venho apanhar as coisas, daqui a duas horas.

– Então vai de jipe. Vou arranjar um motorista. Depois apanham aqui as coisas e vão para a Caotinha.

– Não vale a pena, obrigado. Vou mesmo a pé, não é longe.

O tenente insistiu, amável. Mas Aníbal foi mesmo inflexível, queria o mínimo de favores possível. O tal orgulho estranho de que falara Sara. Sim, era isso. Sabia estar mergulhado em plena contradição, que é que fazia uma boleia a mais? Mas irritava-o a ideia de pensar que um motorista estaria lá fora no carro à espera dele, enquanto resolvia o seu assunto. No entanto, não tinha remorsos de obrigar o motorista a levá-lo até à Caotinha e depois voltar sozinho. Ora, isso não chateava nada o motorista, era o pretexto para um passeio, esses soldados adoram guiar. E depressa, ainda por cima. Pondo em risco muitas vidas: as suas e dos passageiros, e as dos desgraçados que por acaso nesse momento estiverem na estrada. Se despediu do tenente que lhe prometeu ter o carro pronto daí a duas horas.

Tinha mentido, a Delegacia de Saúde não era perto. Foi andando a pé, contemplando as modificações surgidas entretanto na cidade. Para pior, era sempre para pior. As casas sem pintura nem reboco, muitos telhados nitidamente a deteriorar-se, as ruas com menos asfalto, os passeios partidos, as lojas vazias e com bichas de gente esperando a graça de comprar um produto qualquer. Perto do mercado havia animação, ele evitou e passou de lado. Nesse desvio acabou por cair à frente do bar do Honório, com a porta semicerrada. Mas Honório estava lá dentro e viu-o no passeio. Veio a correr chamá-lo.

– Quanto tempo, comandante! Tenho ali uma cerveja que ainda está fresca. Aproveite que amanhã já não há cerveja fresca, estamos sem luz.

Entrou no bar vazio. Honório foi lá dentro e trouxe uma garrafa. Serviu.

– Ontem à noite a luz foi-se. De maneira que hoje de manhã meti umas garrafas no congelador, sempre conserva o frio por algum tempo. É aproveitar.

– Vai ser só mesmo uma, tenho de fazer umas coisas.

– Que é feito, comandante? Sempre na Caotinha?

– Sempre.

Essa gente de Benguela nunca mais ia perder o hábito de lhe chamar comandante. Já não o era há muito e essa patente tinha até desaparecido do exército. Mas para eles, Aníbal seria sempre um dos comandantes que entrou à frente das tropas para libertar Benguela dos sul-africanos. Honório olhou-o de frente, com algum desgosto, pensou o Sábio. De facto, devo ter um aspecto miserável.

– A guerra está a aumentar, os tipos estão a sair das cascas, com os sul-africanos outra vez aqui. Precisamos de novo dos comandantes dos outros tempos. Não pensa em voltar para o exército?

– Nem morto.

Honório sacudiu a cabeça com pena. Queria nitidamente perguntar como ele vivia, o que fazia, mas não tinha coragem para tanto. Afinal, não tiveram nunca intimidade, como o

António, por exemplo. O dono do bar mudou a conversa, enquanto Aníbal saboreava a cerveja bem gelada.

– A vida está cada vez mais complicada. Agora é a falta de luz, sabe-se lá até quando.

– Vai demorar, foi sabotagem.

– Sacanas! Ainda tinha esperança que fosse uma avaria qualquer. Esses filhos da puta não sabem que só lixam ainda mais o povo? E depois dizem que o estão a libertar...

Aníbal aprovou com a cabeça. Ia dizer todos querem libertar o povo, não pensam senão nisso, para depois lhe cagarem em cima. Mas reteve-se e preferiu beber a cerveja.

– Hoje há falta de luz. Mas se não houvesse seria quase a mesma coisa. A cerveja vem de vez em quando, mas o resto há muito desapareceu do mercado. Como sustentar um bar só com cerveja às pinguinhas? E toda a gente sabe que o forte dos bares é cerveja de barril, não essa de garrafa. Mas barril não vejo há séculos. E outras bebidas então. Noutros tempos, este bar era famoso pelos pregos que fazia. Prego no pão ou no prato com ovo a cavalo. E tremoços e jinguba, e peixinhos fritos e camarões... enfim, tudo o que faz um bar. Agora, tudo vazio. Carne não há para os pregos e se houvesse carne não havia pão, os ovos já nem no cu da galinha, tremoços então... Porra de vida!

Honório tinha linguagem forte, que utilizava mesmo quando a casa estava cheia de clientes. Talvez restos da educação recebida do pai português, um casca-grossa, como dizia a gente fina de Benguela, tempos idos. O casca-grossa bazara antes da independência, deixou o bar com o filho mulato. Mas a gente fina também bazou na mesma altura, misturaram-se todos democraticamente nos barcos que levavam gente e caixotes para Portugal.

Aníbal acabou a cerveja, perguntou quanto lhe devo, mas parece que está a brincar comigo, comandante, fui eu que convidei, e beba a da porta, é sempre um prazer tê-lo aqui em casa. Ele recusou a segunda cerveja, despediu-se com afeto, partiu. Honório acompanhou-o à porta e ficou a vê-lo caminhar. Aníbal sentiu os olhos dele na nuca, virou-se para trás e lá estava Honório a mirá-lo. Fez um aceno e seguiu. Mais um que pensa cacimbei de vez, até já recuso uma segunda cerveja neste tempo de crise.

Chegou à Delegacia Provincial de Benguela e entrou. Foi diretamente ao gabinete do delegado, que já conhecia de outras visitas infrutíferas. Se Sara tivesse falado com o delegado, talvez ele fosse mais diligente. Dirigiu-se à secretária, mas esta estava ocupada com um mutilado que falava exaltado. Estava vestido dum camuflado muito gasto, amparado em duas bengalas. Não tinha uma perna. Mina, pensou Aníbal. A secretária apenas ouvia a fala do mutilado, que se expressava num português típico de homem do Leste. Ela levantou o tom e interrompeu-o:

– Já lhe disse duas vezes, isso é assunto da Secretaria de Estado dos Antigos Combatentes. Nós só nos ocupamos da Saúde. Pode ser que a Secretaria de Estado dos Assuntos Sociais também possa fazer alguma coisa. É lá que tem de ir.

– Já fui lá, já fui nos Antigos Combatentes, já fui no camarada comissário, todo o lado. Sempre a mesma coisa, tem de esperar.

– Nós não podemos fazer nada. E nem vale a pena falar com o camarada delegado, está muito ocupado e não tem nada com o seu assunto.

O mutilado encolheu os ombros, vencido. Virou-se para trás, olhou Aníbal. Um luar de

alegria perpassou nos olhos cansados.

– Camarada comandante... O camarada Sábio!

Aníbal não se lembrava dele, apenas tinha reconhecido pela fala que devia ser do Leste. Antigo guerrilheiro, sem dúvida. O mutilado encostou-se à mesa para libertar uma das mãos, estendeu-lha, dizendo:

– Muata, não se lembra. Sou o Mukindo, estava sempre na Zona C. Andava com o comandante Kudila.

E olhava para ele, sorridente. Aníbal lembrou por causa da referência ao falecido Kudila. Sim, um jovem guerrilheiro esperto a quem Kudila muito se afeiçoara. Tinham passado quantos anos já? Bem mais de dez. Mas o então miúdo tinha agora aspecto de velho, as rugas vincadas na cara magra. A guerra e todos os seus horrores estavam ali à sua frente.

– Como é que foi isso na perna?

– Mina. Em 1979, no Cuando-Cubango. Cortaram a perna no hospital, fiquei lá esse tempo todo. Ano passado, o exército mandou-me para aqui, também não sei por quê. Mas me esqueceram, estou só no quartel. Ando a pedir prótese, aqui ninguém quer resolver. Então é assim que tratam os antigos combatentes? Minha família está no Moxico, nem posso ir lá. Todos arranjam prótese, por que não eu? Vou andar toda a vida de muletas?

– Eu já disse ao camarada que a Saúde não tem nada com isso – disse a secretária para Aníbal.

Ele irritou-se com a maneira importante como ela falava, a afinar a voz num português pretensamente de Lisboa. E parecia mandar mais que o delegado. As unhas bem pintadas, roupa cara, e nada nos miolos, notou ele. Falou de forma ríspida:

– Eu ouvi. O delegado está? Quero falar com ele.

Ela baixou os olhos, intimidada pela fama do Sábio, disse vou ver, e entrou na peça vizinha. Pouco depois apareceu o delegado, com um envelope na mão, atrás dele a secretária.

– A doutora Sara entregou-me esta carta para si. Estava a ver como podia fazer-lha chegar. Mas entre, entre.

Aníbal recebeu a carta, meteu-a no bolso, não ia ler ali a carta de Sara. Fez sinal a Mukindo, entra também. A secretária ia fazer um gesto, mas parou, perante a cara fechada de Aníbal. Mukindo entrou aos saltinhos no gabinete. O delegado fechou a porta.

– Sentem-se, sentem-se. Que posso fazer por si, comandante?

– Primeiro o assunto deste camarada. Ele bem tentava falar-lhe mas a polícia com cara de foca que tem aí ao lado impediu-o. É um antigo guerrilheiro e anda a apanhar bonés de secretária em secretária. Quem faz as próteses e quem se encarrega disso?

– Bem, eu realmente não tenho...

– Sei que não é consigo. Mas conhece os mecanismos e pode orientá-lo. Talvez escrevendo uma recomendação ao seu colega dos Assuntos Sociais ou outro. O camarada é membro do governo provincial.

– Sim, isso posso. Devia ser evacuado para Luanda, lá é mais fácil arranjar uma prótese. Eu vou escrever já.

Puxou dum cartão e escreveu umas linhas. Meteu num envelope e disse a Mukindo onde se

devia dirigir, eles lá vão resolver o caso. Mukindo recebeu o envelope como se de ouro se tratasse. Levantou da cadeira e apertou a mão do Sábio. Os olhos tinham lágrimas, muito obrigado, comandante. Mukindo apertou a mão do delegado e saiu, aos pulinhos nas suas muletas.

– Que hipóteses tem ele de arranjar uma prótese? – perguntou o Sábio.

– Há muitos mutilados. Ele tem mais hipóteses que outros, porque é antigo guerrilheiro. Creio que em Luanda tratarão do caso. Se conhecer lá alguém...

– O assunto que me traz aqui é sempre o mesmo. Levei a Dra. Sara ao campo dos deslocados e ela ficou assustada com o estado de saúde daquela gente. Disse que ia falar consigo. Além da desnutrição notou possibilidades de tuberculose.

– Falou-me nisso. E aqui para nós, passou-me um sabão. Mas não temos meios, nem médicos nem material. Vou falar com a Cruz Vermelha, talvez eles possam dar uma assistência mais regular. Prometi à Dra. Sara que ia meter a Cruz Vermelha no assunto.

– E quando vai falar com eles?

– Hoje, amanhã. Prometo que vou tentar.

– Da próxima vez que vier a Benguela, venho saber o resultado.

Levantou-se, tinha impaciência de ler a carta de Sara. Que coisa tão importante tinha a comunicar-lhe? Despediram-se de manhã, ela depois ia apanhar o avião. Só mesmo uma coisa importante levava-a a escrever ainda antes de embarcar. E a carta ia ficar com o delegado um mês, se ele por acaso não se lembrasse de falar com ele. Despediu-se com pressa e rasgou o envelope logo que saiu do gabinete. Andou um pouco pela rua, lendo. Sara escrevia do aeroporto, à espera do avião, para lhe dizer que nunca poderia esquecer o que passaram juntos. Que na primeira oportunidade aparecia. Era importante, sim, tinha tido razão em escrever.

Viu Mukindo saltitando no fundo da rua. Acelerou o passo e depois chamou. O mutilado parou para o esperar.

– Olha, lembrei-me duma coisa. O delegado tem a certeza que te mandam para Luanda. Lá é que é mais difícil, naquela selva ninguém se conhece. Tenho lá uma pessoa que te vai ajudar. Diz que fui eu quem te mandou. É uma médica que conhece o Mundial, ele é ministro, vai te ajudar.

– Hum, esse...

– Não tens grande opinião do camarada Mundial, pelo que vejo. Por causa dos tempos do Leste?

Provavelmente Mukindo era um antigo adepto da Revolta do Leste e que tinha criado raiva a Vítor por não ter apoiado a revolta no último momento, pensou. Por isso admirou-se de ouvir o outro dizer:

– Encontrámos esse camarada, quando ele recuou para a Zâmbia. Grande conversa tribalista, que os do Leste deviam mandar, ele ia para as reuniões falar isso. Cheio de conversa e de força, falava como herói. O único que não estava de acordo era eu, achava o tribalismo não ia dar nada. Afinal, ele não embarcou na revolta. Um dia, no Cuando-Cubango, fui guardar o aeroporto porque um ministro ia chegar. Foi ele que saiu do avião, Mundial ministro do MPLA. Ele me viu mesmo, lhe andei a servir de segurança. Mas nem

queria falar assunto do Leste, com medo eu desmascarasse as conversas dele. Eu deixei, para que mais?

Confirmava apenas o que ele sempre suspeitara. Lembrava bem esse recuo de Mundial e as conversas que tiveram então. Sempre foi uma luta para vivaços e Vítor era um vivaço. Hoje ministro. Disse:

– Se a Dra. Sara pedir, ele faz isso por ti. Até mesmo para te calar a boca. E ela vai pedir-lhe. Diz só que vens da minha parte.

Deu-lhe o endereço de Sara, insistiu, vai mesmo falar com ela, vais ter a prótese. Novo aperto de mão, não podia fazer mais nada. Dirigiu-se para o quartel. Sara ia ajudar Mukindo, tinha mais certeza disso do que no encontro de amanhã com o polvo. Se um dia também Sara falhasse, então podia perder a fé em tudo, o mundo estaria definitivamente envolto em trevas. O bilhete dela queimava-lhe a perna, tinha vontade de o reler. Ia reencontrar o seu cheiro. Mas acelerou o passo, com pressa de voltar a casa, de rever a mangueira, a sua baía. Teria muitos momentos para reler o bilhete, impregnar-se do perfume dela e da sua promessa de voltar.

8

O dia 14 nasceu de forma diferente. Adivinhava-se pela cor do céu, mais luminoso do que nunca. O mar estava particularmente calmo e de cima da falésia via-se o fundo de rocha e areia. Podiam mesmo distinguir-se as formas delgadas dos peixes, nadando entre as pedras e as algas. Os morros pareciam mais dourados e recortavam-se nitidamente do azul brilhante do céu. Aníbal foi cumprimentar a mangueira e ela agitou as folhas. Pôs-lhe a mão no tronco e sentiu as convulsões espasmódicas da seiva. Estás excitada, Mussole, hoje é o dia, tu sabes. Ela tinha-se despido durante a noite de todas as folhas velhas, que juncavam o chão. Vestiste-te a preceito, só tens folhas verdes, novinhas, estás uma linda menina.

Tomou o café, resistiu para não fumar. Resolveu limpar o chão debaixo da mangueira das folhas velhas. Se ela se tinha despojado delas, não era para ficarem ali a estragar a paisagem. Varreu as folhas para um buraco que tinha cavado há tempos, onde também deitava as sobras orgânicas da cozinha. Depois cobriu o buraco com uma ligeira camada de terra. Com os restos de comida e as folhas da mangueira, essa fossa estaria em breve pronta para receber outra árvore, que cresceria ainda melhor porque o estrume natural ajudaria. Ainda não tinha decidido que tipo de árvore plantaria. Uma mulemba seria o máximo, a árvore sagrada. Mas na região não existiam, por isso seria difícil arranjar uma muda. Só vira uma, a árvore sagrada dos cuvale, muito para sul, depois do Dombe Grande. Talvez uma mafumeira de Cabinda, árvore também sagrada e habitada pelos espíritos. Ainda mais difícil de obter. Quando a fossa estivesse quase cheia, tinha de decidir. Era bom ter duas árvores para o espírito de Mussole poder escolher o lar. Seria uma espécie de jogo, ela a mudar de árvore e ele a ter de adivinhar onde ela se escondia. Sorriu à ideia, Mussole ia gostar de brincar às escondidas.

Lembrou então, mas quando é que as mangueiras se despem das folhas velhas? Seria esta a altura? Certamente não. Nem o faziam de repente, numa noite. Só por uma vontade especial dos espíritos que a habitam. Era mais um sinal de que tinha chegado a hora, Mussole estava impaciente. Calma, calma, hoje é hoje.

Preparou os instrumentos de caça, amarrou o arpão de reserva à cintura. Segurou também nas duas garrafas de ar, verificou o funcionamento, tudo normal. Fez o mesmo para a lanterna

especial que funcionava debaixo de água. Ia descer a falésia, quando Nina o chamou. Trazia duas garrafas de kaxipembe. Ximbulo tinha destilado na véspera, aproveitando a água que chegara. Ele guardou as garrafas na cozinha, trouxe dois sacos de açúcar, dá ao teu pai.

– Posso te ajudar a levar as coisas?

Ele condescendeu, entregou-lhe a arma e as barbatanas, levou as garrafas de ar. Desceram o caminho íngreme. Ela ficou na praia a vê-lo pôr as barbatanas e as garrafas no dorso. Quando ele lavava os óculos de mergulhador, ela disse:

– O Mateus deve vir amanhã. Vou com ele.

Naturalmente, como podia dizer que já não choveria mais nesta estação. Ele adotou o mesmo tom desprendido:

– Disseste aos teus pais?

– Não, claro.

Ela levantou a saia e entrou na água. Levantou tanto a saia que se viam as nádegas redondinhas. Ficou parada, com água pela cintura, de costas para ele. Estava a mijar ou quê? Podia ser. Talvez um feitiço qualquer para o prender. Mas quando Nina saiu do mar, Aníbal não lhe deu o prazer de perguntar a razão do seu gesto. E não ia mergulhar no sítio onde ela mijara, se realmente mijara. Disse com tranquilidade:

– Agora vai levar o açúcar. Quando estou a caçar, não gosto que me vejam. E hoje especialmente. Está bem?

Ela olhou-o demoradamente. Deu-lhe as costas e começou a subir o caminho. De lá de cima, gritou:

– Vou voltar depois do almoço.

Ele nem replicou, concentrado a olhar o mar no sítio onde estava a entrada da gruta. Entrou na água, mergulhou para experimentar o funcionamento das garrafas. Perfeito. Não se podia dizer que fosse o mesmo que respirar ao ar livre, mas era suportável. Tinha lido que os efeitos de descompressão podiam ser perigosos quando se mergulha a grandes profundidades. Nesses casos é necessário subir à superfície por etapas, para a pressão sanguínea se adaptar gradualmente à menor pressão do ambiente. Mas não era o caso, só ia mergulhar a oito ou nove metros, coisa que ele fazia facilmente mesmo sem as garrafas. Claro que ao chegar à superfície, os ouvidos parecia que explodiam, pela falta de pressão. Mas nada mais acontecia. Com as garrafas, nem precisava de subir tão depressa.

Foi nadando em direção aos recifes, só pela propulsão dos pés. Havia muito mais peixes hoje, talvez porque tinham sido arrastados pelas ondas. Não, devia ser o contrário, tinham-se refugiado por trás dos rochedos por causa da agitação do mar. E ainda não tinham encontrado a saída da direita para o oceano, ou então tinham decidido que aquela baía aparecida providencialmente era melhor ambiente que o mar alto. As corvinas, os pungos e os pargos misturavam-se às barracudas. Apercebeu também dois ou três dourados e um grupo de serras. A baía estava superpovoada, era só escolher. E ainda nem sequer tinha chegado à zona dos recifes, onde havia maior profundidade e portanto muito mais peixe. Apercebeu de repente um tubarão e, num gesto de defesa instintivo, apontou o arpão na sua direção. O tubarão mirou-o, ou pareceu mirá-lo, nunca sabia o que passava na cabeça dum tubarão, e virou para a direita, desinteressado do homem. Ou com medo dele mas demasiado

orgulhoso para o demonstrar. Um dia havia de matar um tubarão, só pelo prazer. Estupidez, pensou em seguida, vou seguir o exemplo dos caçadores de troféus que depois se deixam fotografar com um pé em cima da vítima? Os tubarões ali não eram perigosos, Ximbulo lhe tinha contado que quando miúdo mergulhava no meio deles, a partir dos batelões da armação. Eles preferem peixe e peixe há demais, tinha dito Ximbulo. Não estava tão seguro assim, talvez por ter lido livros sobre os tubarões. Que eram atraídos pelo sangue e então atacavam o que estivesse à sua frente. Recordou um filme em que um caçador submarino era atacado por um tubarão, por levar à cintura um peixe que arpoara. O tubarão foi atraído pelo sangue do peixe e tentou apanhá-lo. Com o peixe, foi uma parte do estômago do caçador. Nunca fiando, esses dentes não são para brincadeiras. Os tubarões angolanos são pacíficos, já se sabe, como os homens angolanos o são. Mas os angolanos há séculos que andam em guerras e nos últimos vinte anos não passou um dia sem mortes. Por isso não dá para confiar no pacifismo dos tubarões.

Esqueceu o bicho, contemplou o fundo. Aproximava-se da cadeia de recifes e apareceram as garoupas. Havia para todos os gostos. Logo hoje que não venho caçar peixe. Era só fechar os olhos e disparar, alguma ficaria na ponta do arpão. Assim também não dá gozo, tem de haver dificuldade para um ato ganhar valor. Com Sara não houve dificuldade, ele nem procurara a caça, a caça é que o procurara e, no entanto, deu-lhe um gozo que recomeçava só ao recordar. Não, aí foi diferente. O gozo veio do facto de esperar tanto tempo, sabendo que podia acontecer a qualquer altura. O gozo veio da dificuldade de esperar. E porra, com Sara não houve caça, nenhum caçou o outro, nem tenho o direito de misturar as coisas. Completamente imerso na água, quase raspando o fundo rochoso com o peito, não podia respirar o cheiro de Sara. Mas ele estava na sua cabeça e veio quando o evocou.

Viu à sua esquerda a súbita depressão que indicava a aproximação da gruta. O fundo caía quase a pique, passando de dois para oito metros. Entrou na depressão e olhou para baixo. Hoje a água estava tão límpida que, mesmo com o sol das nove horas ainda batendo obliquamente, se via perfeitamente o fundo e os peixes de todos os tamanhos e cores que o habitavam. Um pouco mais para a esquerda estava a entrada da gruta, entre dois rochedos gigantes que vinham desde baixo até trinta metros acima do nível do mar. E se a gruta não fosse fechada, fosse apenas uma passagem dando acesso à baía da Caotinha, por baixo do morro? Podia ser, a natureza tinha desses caprichos. Não, não pode, isso estragava tudo. Se a gruta fosse aberta, uma passagem, então não era gruta, era um túnel, e não servia para refúgio. E tinha de ser o refúgio do polvo, senão nada teria sentido.

Sara tinha cautelosamente sugerido, pode ser que não seja um monstro. Temia a desilusão dele depois da caça, ou queria significar que a caça perpétua não tinha razão de ser? Ele nem quis aprofundar o pensamento dela. Por orgulho, claro. Sabia, sentia em todos os poros da pele, era um monstro, o mesmo que o desafiara em criança. Levara toda a vida a preparar-se para o combater. E não lhe faltaram estágios, até um curso de Estado-Maior na melhor academia soviética. Os soviéticos não sabiam, nem ele na altura, mas esse curso não foi para aprender a comandar tropas e blindados e artilharia, a fazer planos com régua e esquadro. Só mais tarde entendeu o sentido da formação que recebera também na Coreia, antes, para comandar grupos de guerrilha. E todas as noites durante nove meses lhes passavam filmes de

guerra. Da guerra coreano-japonesa e da guerra coreano-americana. Eles faziam aposta à hora do jantar, hoje o filme é contra os imperialistas ianques ou contra os militaristas japoneses? Apostavam cervejas. E o curioso é que os ianques ou os japoneses ou os reacionários coreanos apareciam nos filmes sempre pintados de branco, com pó de talco nas caras de atores coreanos. Para distinguir, não podia haver qualquer dúvida no espírito do espectador. Os bons tinham o tom natural das coisas, os maus eram brancos. Os bons tinham olhares profundos e luminosos, contemplando o futuro, filmados de baixo para se perceber que eram os gigantes da justiça. Os maus tinham olhares fechados, rancorosos, lábios apertados, filmados de frente para se ver toda a vilania que albergavam. Os bons ganhavam sempre, mas um deles tinha de morrer, ou uma rapariga, para que se soubesse que a luta custa sacrifícios, mas que tudo vale a pena, porque o futuro é sobre flores e o paizinho vela sobre nós. Ele escarnecia dos filmes, mas com prudência, não fosse algum companheiro enviar um relatório denunciando as suas ideias heréticas e o niilismo pequeno-burguês. Afinal, bem mais tarde, percebeu por quê tinha estado a aguentar nove meses de Coreia, era para hoje ver o inimigo pintado de branco, o horrível monstro marinho de mil tentáculos. Era isso, hoje ele precisava de ser maniqueísta ao extremo, ele o bom *cowboy,* o polvo o mau índio.

Foi descendo muito lentamente, praticamente só por uma leve pressão no dorso. Mirava atentamente o buraco escuro que se adivinhava. Tinha todo o tempo, não devia precipitar as coisas. Via-se a si próprio dentro da água, por um esforço de imaginação, movendo-se em câmara lenta, como nos filmes. E queria parecer a si próprio e ao inimigo e às aquáticas testemunhas do drama, como o herói justiceiro calmo e determinado que representa o braço do destino. Não se viam peixes na proximidade do buraco. O que mais reforçou a sua certeza, os peixes sentiam a presença do polvo e afastavam-se do refúgio. Ele só saía à noite para caçar. Por isso se não tinham ainda encontrado, embora o tivesse um dia apercebido. E da outra vez, mais de trinta anos atrás, quase quarenta. Não foi por um acaso que o polvo saiu do ninho quarenta anos atrás. Saiu com o propósito deliberado de se dar a conhecer. E saiu segunda vez, quando ele o apercebeu fugitivamente, apenas para confirmar a sua presença e o atrair. Nada na natureza era feito ao acaso, os homens é que não compreendiam os motivos profundos e a eles chamavam acaso. Na natureza só há fatalidades, pensou. E os homens teimam em tentar operar contrariamente a essas fatalidades, até destruírem burramente o planeta.

Estava um metro acima da fenda e a três de distância. Os ouvidos começaram a acusar a pressão da água. O fundo era particularmente branco, só com areia. Como se o polvo todas as noites limpasse a entrada, a varresse com os mil tentáculos, afastando algas e pedras para só deixar a areia brilhante, num semicírculo de cerca de seis metros de raio. Desceu até pousar no chão. Era uma estranha sensação estar de pé debaixo de água e olhar a entrada da gruta. Tentou caminhar para lá, muito lentamente, era um exercício muito duro. A todo o momento os pés se despregavam do chão e tinha de bater os braços para cima. Com a lanterna na mão esquerda e a arma na direita, não era fácil. Chegou a um metro. Estás aí, bicho nojento? Estás encolhido de medo contra a rocha, pretendendo passar despercebido, ou estás a afiar tranquilamente as ventosas? Não me desiludas, prefiro que estejas em posição de ataque, como um índio comanche com a machadinha preparada. Eu sou o xerife

justiceiro, a quem mataram a namorada e os pais para fazer escalpes, não me reconheces? Sabias que eu vinha, por isso estás pintado de branco, o branco do medo, mas também o branco do ódio e da morte.

Deu o último passo, ficou à frente da entrada. Ligou a lanterna e o feixe de luz amarela passou pelas paredes nuas e brilhantes de quartzo, refletindo-se em cores azuladas. A câmara devia ter dois metros de largura por três de altura e estava vazia, absolutamente vazia. Voltou a passar a luz, tentando dominar a desilusão. Não era possível, o polvo não estava ali? Tantos anos a sonhar com este momento, a desejá-lo e a temê-lo. Afinal para nada? Sentiu o coração bater com força porque viu em cima um buraco, quase no teto da caverna. Havia outra câmara, mais interior. E se fosse verdade o que temia, e essa câmara desse acesso à Caotinha, por baixo do morro? Não, é uma gruta, é uma gruta, tem de ser. Bateu os pés com as barbatanas e subiu pela rocha até ao buraco. Primeiro introduziu a arma no buraco, que tinha só a largura suficiente para ele passar. Depois meteu o braço esquerdo, com a lanterna. E ficou paralelamente ao solo, para poder ver. Era uma espécie de pequeno túnel, que se alargava à frente.

Penetrou cautelosamente no buraco, nadando a direito. À medida que avançava, ia apercebendo a gruta à sua frente. Chegou ao bordo do túnel e a luz da lanterna mostrou-lhe uma câmara de uns vinte metros de comprimento e cinco de altura. Mas completamente cheia de água, o teto devia ficar abaixo do nível do mar. Entrou na gruta, focando a lanterna um pouco à toa. De repente viu-o, acima e à direita, parado em suspensão. O seu instinto não o tinha enganado, o inimigo estava ali.

Encostou-se à parede do lado esquerdo, dando todo o espaço. O polvo estava longe demais para disparar, a corda do arpão só tinha dez metros. Apontando a arma, olhou-o, todos os sentidos em tensão. O mundo parou, os ouvidos já não zumbiam, Sara escondeu-se num canto da memória. O monstro afastava os tentáculos do corpo e cada vez crescia mais. Não estava pintado de branco, antes parecia roxo-negro, com pintas rosadas das ventosas. O bicho mexeu então os tentáculos e começou a baixar. Queres pôr-te ao meu nível? Como é que vais atacar? De frente, de igual para igual? Em cima talvez tivesses vantagem, o tiro era mais difícil por causa da gravidade. Mas que conta a gravidade dentro da água? Não sei, nem me interessa. Ainda estás muito longe, ataca que cá te espero. Vim ter contigo, fui eu que dei o primeiro passo. A ti o seguinte, parece-me justo.

O polvo continuava a descer, mexendo mais rapidamente os tentáculos, que pareciam ocupar todo o espaço da gruta. Acabou por ficar à altura dele, mas sem tocar no fundo. Aníbal endireitou-se mais, estava quase de pé. Via agora perfeitamente a cabeça redonda e os olhos. A arma estava apontada para ele, segura apenas pela mão direita. Com a água absolutamente parada, não lhe era difícil manter a arma direita, o dedo no gatilho, nem precisava fazer força para a sustentar. Aproxima-te, anda. Calculou a distância, o que em baixo de água era muito pouco certo, como a experiência lhe ensinara. Já estava ao seu alcance, parecia-lhe. Mas resolveu esperar, não podia errar o primeiro tiro. Se falhasse, não teria tempo de recarregar a arma com o arpão de reserva, logo um tentáculo o agarraria. Tu não tens medo, senão já tinhas lançado a tinta para escurecer a água. Nem estás pronto para o ataque, senão também mijavas o teu líquido roxo. Que esperas? Queres que seja ainda eu a

avançar. Não é justo, só deste uns passinhos com os teus braços-pernas desajeitados. Mas realmente é exigir demais, quando é que os índios foram leais, ou os vietnamitas, ou os reacionários militaristas? Sou eu o bom da fita e por isso tenho de voltar a tomar a iniciativa, não tens valor para tanto.

Afastou o corpo da rocha, num passo lento dum metro. Enquanto o fazia, muito devagar, reteve uma imagem da infância, em Luanda, foi como um clarão, vendo um corpo negro deitado no asfalto a ser espancado por polícias brancos e negros. Não era um ladrão, soube depois, era um jovem trabalhador que refilara com o patrão porque lhe tinha indevidamente descontado três dias de salário. O patrão chamou a polícia, começaram a bater, empurraram-no para a rua, ali continuaram a bater. Ele era muito pequeno, teria cinco anos, e viu o corpo sangrando, deitado no asfalto, e quatro homens a aporrinharem-no brutalmente. Foi essa visão rápida que veio, como no momento de dar a ordem de ataque nos combates que percorrera na vida. Sabia, a visão vinha como um clarão, um relâmpago, nunca como um filme em câmara lenta.

O polvo deve ter adivinhado, porque esboçou um gesto para cima. Já o arpão atravessava a água para se cravar embaixo da linha dos olhos. A gruta ficou escura de repente, com o líquido que o bicho largava. Aníbal sentia apenas a pressão sobre a corda fixa à arma. Pensou em voltar a carregar a arma com o arpão de reserva, mas para isso teria de largar a lanterna, não tinha três braços. O polvo via naquela escuridão, ele não. Pôr a lanterna na boca e segurá-la com os dentes também não podia, por causa do tubo de respiração. Situação empírica, pensou como antes nas batalhas, que na linguagem guerrilheira significava situação complicada. Continuava a sentir a força do polvo na corda. Enquanto a sentisse, tudo estava bem, era ele a tentar afastar-se. Quando deixasse de sentir é que podia ser mau, significava o ataque. Tentou controlar o pânico dentro de limites razoáveis. Devia ter arranjado maneira de fixar a lanterna à cabeça, como o fazem os mineiros. Ficaria com os dois braços livres. Mas agora era tarde, só podia esperar para ver. Lembrou-se do punhal que trazia sempre na perna. Com a mão esquerda segurando a lanterna, conseguiu puxar do punhal. Não era muito fácil utilizá-lo nessas condições. Passou a lanterna para a mão direita, que ficou segurando a lanterna e a arma. Tinha a mão esquerda livre para manejar o punhal, arma fraca para tal momento e ainda por cima não era canhoto. Melhor que nada. Sentiu nesse momento a pressão diminuir sobre a arma. Era o ataque?

A pressão parou completamente. Tentava freneticamente apontar a lanterna para o longo da corda, mas só via dois metros dela. Depois tudo escuro, uma espécie de líquido sanguinolento e baço. Só veria o polvo quando lhe caísse em cima. Agora não tinha pensamentos, nem pânico. Esperava o inevitável. Durante quanto tempo? Tinha perdido a noção, mas sentia que estava ali já há muito tempo. Tinha pouca experiência de nadar com ar comprimido, mas começava a ter sensação de falta de ar. As garrafas deviam estar no fim, tinha de sair dali. E de repente compreendeu. O polvo já não fazia força na corda, porque estava morto. Não era porque preparava o bote, é porque estaria depositado no chão. Avançou de costas para o túnel e sentiu de novo a pressão na corda, claro, estava a arrastá-lo. Meteu-se no túnel e nadou, vencendo a resistência que o corpo do bicho fazia ao roçar no chão. Chegou à primeira câmara e puxou a direito pela corda. E então viu a massa informe na

ponta. Baixou pela gruta e saiu dela. O polvo seguia-o docilmente. Subiu para a superfície, sentindo cada vez mais falta de ar. Felizmente a corda era longa, não precisava de levantar o bicho para chegar até lá cima, afastar o tubo da boca e respirar. Os ouvidos fizeram-se sentir então. Mas quase não notou, todo entregue à ânsia de respirar.

Nadou para terra, sentindo pelos solavancos na arma que o polvo ia aos arrastões pelo fundo. Chegou à praia e levantou-se, libertando-se logo das garrafas vazias. Deixou a arma na areia, atirou com a lanterna e deitou-se de barriga para cima, respirando o ar fresco que vinha do mar. O polvo ficara na água, na ponta da corda. Não queria pensar nele, não o queria puxar para fora. Queria apenas respirar. E descansar.

Muito tempo ficou a apanhar sol, em sonolência, deixando correr os pensamentos e as recordações, sem os comandar. Começou a ter calor e sentou-se na areia. Tirou as barbatanas. Olhou para a água, pareceu-lhe ver uma mancha escura e um remoinho de peixes. Levantou-se e avançou para a água. Tinha de tirar o bicho e remover o arpão. Puxou pela corda e o polvo apareceu, uma massa redonda primeiro e depois os tentáculos todos juntos, virados para o mar. Dezenas de peixinhos rodeavam-no para o debicar. Puxou-o para fora e viu então que era um polvinho, não o monstro marinho contra o qual combatera. Retirou facilmente o arpão daquela massa mole. Com o arpão afastou os tentáculos. Da ponta dum tentáculo até o outro não teria mais que metro e meio.

Voltou a sentar-se, olhando para o bicho. Uma ondinha ou outra chegava até ele e fazia mover os tentáculos. Podia ser ilusão, mas o polvo mirrava com o sol a olhos vistos. Parecia uma flor murcha, uma *Welwitschia mirabilis* do deserto do Namibe. E feia, pensou ele. Nunca o devia ter tirado do seu elemento, o polvo pertence ao mar. Com o pé, empurrou-o para a água. Ficou a boiar, os tentáculos todos desengonçados, a ser debicado pelos peixes e caranguejos. Não te matei com ódio, disse para os restos do bicho. Matei-te apenas. Foi a morte que te fez mirrar, ou foram estes trinta ou quarenta anos que levei para te matar? Hoje não és um monstro, mas sim o cadáver dum polvinho, certamente o maior destas águas. Não deixas de ser um polvinho. Tantos anos, tantos anos...

Pegou nas coisas, começou a subir o caminho. Virou-se a meio e olhou para baixo. Um grande restolhar agitava as águas. Os peixes e caranguejos acabavam com o polvo. Talvez o tubarão também viesse ajudar a festa. Subiu até casa, muito cansado. Sabia, tinha envelhecido nesta manhã. Nunca mais nada seria como antes, ia faltar sempre o polvo. Haveria de continuar a mergulhar, por vezes a entrar na gruta, esperando que ele voltasse. Uma fatalidade se tinha cumprido, mais uma, mas não se sentia orgulhoso. A mangueira agitou as folhas em saudação. Ele não correspondeu ao chamado e entrou em casa.

9

Atirou-se para cima do sofá da sala. Não fez o almoço, nem sequer pensou em comida. Ficou muito tempo deitado, vazio de pensamentos. Sentia-se definitivamente vazio. Lembrou-se do kaxipembe e levantou a custo para ir buscar uma garrafa. Bebeu pela garrafa, fazendo uma careta. Os primeiros goles eram sempre horríveis, pelo sabor de álcool queimado. Depois passava, os seguintes já sabiam melhor. Voltou para o sofá, com a garrafa na mão. Foi deixando passar o tempo, bebendo gole a gole, muito lentamente. O kaxipembe havia de fazer o seu efeito e dar-lhe a paz da estupidez. Só os estúpidos são felizes, contentam-se com o pouco que conseguem obter, pensou. Há trinta anos era um monstro tremendo, hoje era um polvinho mirrando na areia, agora são só uns fiapos de pele e carne. Bebeu de novo. Estava ainda longe da paz.

Nina entrou então em casa. Sentiu-a aproximar do sofá. Através dos olhos semicerrados, apercebeu o vulto da eterna saia azul-clara, já muito usada mas sempre limpa. Ela parou à frente dele, não disse uma palavra. Ficou só fitando-o. Ele nem mexeu os olhos, mas perdera o pouco de paz conseguida. A saia azul tremeluzia à sua frente, como a muleta vermelha aos olhos do touro. Levantou-se, poisou a garrafa ainda quase cheia na mesa.

– Vem para o quarto.

Ele foi primeiro, ela atrás. Ergueu-lhe a blusa e atirou-a para o chão. Os seios jovens surgiram, desafiantes. Com um golpe, baixou-lhe a saia. Nina ficou inteiramente nua, e teve um gesto de defesa, tapando o sexo com as mãos. Ele empurrou-a para a cama. Caiu sobre ela, afastou-lhe as pernas que hesitavam em se separar, penetrou-a. Não foi brutal, apenas firme. Ela gritou ao ser deflorada. E depois ficou quieta, deixando-o operar sozinho. Ele terminou e permaneceu em cima dela, quase dormindo. Depois, pela primeira vez, afagou-lhe os seios duros. Não sentiu qualquer palpitação nos seios dela que indicassem desejo. Beijou-lhe levemente os lábios e deitou-se de lado. A mão desceu para o ventre liso. Ela falou então:

– Afinal não foi bom. Só doeu.

Aníbal sentiu que devia fazer qualquer coisa. Sabia o que faltara e o que faltava. Dar-lhe ternura, para apagar a primeira má impressão que iria acompanhar a vida dela. Mas estava

demasiado cansado. Nem o corpo jovem o excitava agora. A mão no ventre dela não tinha calor, acariciava apenas mecanicamente, pelo sentido intelectual dum dever.

– Vês? Não sou só eu que tenho o direito de me desiludir. Também tens o direito à desilusão, é o único direito real que temos.

– Não percebi. Mas não falaste para mim, pois não?

– Tens razão, nunca falo para os outros.

Ficaram deitados, lado a lado, a mão dele parada por cima do ventre dela. Muito tempo. Depois ela levantou-se, olhou a cama, disse:

– Há sangue no lençol.

Ele não respondeu. Nina devia saber era normal ou não estava informada? Ele sentia dever uma explicação, uma fala qualquer, não para ensinar, apenas para estabelecer um contacto humano. Ela pôs a blusa e a saia. Ficou quieta, muito tempo, contemplando-o, esperando certamente algo mais. Uma palavra de carinho, pelo menos. Ele não mexia.

– Amanhã vou com o Mateus.

Saiu do quarto. Ele sentiu-a bater a porta da rua. Vais só desgraçar a vida, pensou. E eu não posso fazer nada.

Muito tempo depois da saída dela, apeteceu-lhe beber. Viu as duas gotas de sangue no lençol que muitas vezes ela própria lavava. Ia embora com o candongueiro e já não lavaria o lençol com o seu sangue. Tirou-o da cama, atirou-o para o canto. Tinha um outro limpo, depois mudaria. Foi para a sala, bebeu pela garrafa. Deixou-se de novo cair no sofá, bebendo mais rapidamente, à procura da paz.

A segunda garrafa estava no fim quando ouviu o carro parar perto da árvore. Nem fez um gesto para ver que horas eram, mas já devia ser noite. Sara? A ideia louca deu-lhe um resto de lucidez, em que estado me vai encontrar. O carro arrancou de novo. Alguém abriu a porta da rua. Entrou em pânico. Sara não o podia ver assim. Mas as ideias turvaram-se de novo porque ouviu a voz de Marília, ainda de calções a esta hora? Estupidez, ele estava sempre de calções, é mesmo falar só por falar.

– Não comeste nada?

– Não me apetece.

Tinha feito um esforço enorme para responder e a voz saiu-lhe pastosa. Continuou na mesma posição, os olhos fechados.

– Queres que faça alguma coisa para comeres?

– Merda.

– O quê?

– Não me chateies.

Ela viu a garrafa quase vazia, ao lado da outra. Cheirou a garrafa e fez uma careta de desgosto.

– Estás lindo. Kaporroto!

– Não me chateies.

– Se não me queres ver, diz. Não é assim que se recebem as pessoas.

– Desaparece então.

– Estás bêbado, não sabes o que dizes. O kaporroto faz-te mal.

– E depois? És a minha moral?
– Não pretendo ser.
– Então desaparece.
– Olha que vou mesmo. E nunca mais volto.
Ela avançou para a porta. Talvez à espera que ele lhe pedisse para ficar. Como ficara Nina no quarto, já vestida, com uma última esperança de ternura. Ele estava vazio e cansado, incapaz de pensar nas necessidades dos outros. Marília, com a mão no puxador da porta, disse, soluços na voz:
– Vou a pé? Apanhei uma boleia e deixei o carro continuar para a Baía Farta. Não posso ir até lá assim, já está escuro.
– Vens para aqui como se tivesses quarto reservado num hotel. Agora safa-te como puderes. O hotel fechou.
Ficou esgotado por ter falado tanto. Jurou, não abro mais a boca, falar mata-me. Sentiu Marília aproximar-se de novo.
– Aconteceu alguma coisa?
Não respondeu. Ela sentou-se na cadeira. Ficou largos momentos calada e ele readquiriu a paz. Esqueceu que ela existia. Mas lá veio a voz da mulata.
– Aconteceu alguma coisa. O que foi?
Ele não respondeu. Furioso por ela lhe ter roubado a tranquilidade de novo. Mas demasiado fraco para mostrar a sua fúria.
– Posso fazer alguma coisa por ti? Comida, por exemplo?
– Podes. Morrer.
Ela levantou-se num salto. Quase gritou, o que demonstrava desespero, pois Marília era muito calma.
– Vou para o teu quarto. Dorme aqui no sofá se quiseres, pouco me importa. Mas não aturo mais a tua ordinarice de bêbado kaporroteiro.
E foi mesmo para o quarto. Num supremo esforço de lucidez, Aníbal lembrou que não tinha posto um lençol limpo na cama. Marília sabia onde os guardava? Era capaz de ver o lençol sujo no chão e embrulhar-se nele. O que conservava os cheiros de Sara e agora tinha as gotas do sangue de Nina. Que se lixe, ela vai procurar um limpo. Tudo acontecia de repente e em simultâneo, era o cataclismo anunciado, que podia ele fazer? Conseguiu estender o braço para a garrafa, emborcá-la e acabar com o resto de kaxipembe. Deixou cair a garrafa, perdeu os sentidos, com a luz acesa.
Acordou com a manhã que invadia a sala. Tentou levantar-se e cambaleou até cair no chão. A cabeça doía e tinha náuseas. Estranhou estar na sala. Viu as duas garrafas vazias, possas, bebi dose de cavalo. Ergueu-se de novo, cambaleou a caminho da casa de banho. Notou a porta entreaberta do quarto e espreitou para dentro. Marília dormia na cama dele, só de cuecas, sobre o colchão. Admirou o corpo dela, castanho doirado à luz da manhã. Entrou na casa de banho e aos poucos foi recordando o dia anterior. Lavou-se, com uma sensação de náusea, vomitou para a retrete. Depois foi beber água. Sentiu-se melhor, voltou a beber. Tudo lhe ardia por dentro. E uma grande secura. Bebeu mais um copo de água. Sabia, enquanto não eliminasse todos os aldeídos, a secura e as náuseas não parariam. Pôs água a ferver para o

café. Um café bem forte ia ajudar. Abriu a porta de fora e olhou a mangueira. Mussole não agitou as folhas. Parecia mesmo mais pequena, toda recurvada sobre si. Era impressão por causa dos luares da madrugada.

Foi fazer o café. Tomou duas chávenas, deixou o resto para quando Marília despertasse. Lembrou então, ontem só tomei café, não comi nada. Mas não tinha fome, só náuseas e secura no estômago. Voltou a beber água. Sentou no degrau de fora e ficou a olhar para a mangueira, à espera dum sinal. Até que Marília acordou. Sentiu-a ir à casa de banho. Apareceu mais tarde, já vestida. Trazia uma blusa larga, de flores, e saia branca. Ontem não tinha reparado na blusa, era linda. Tinha-se enfeitado para ele. Hoje estava com ar abatido, tremendas olheiras que provavam uma noite má. Ele disse com voz branda:

– Há café na cozinha.

Ela foi tomar o café e ele levantou-se. Ficou encostado à porta da cozinha. Quando ela terminou o café e se preparava para acender um cigarro, Aníbal disse:

– Ontem fui horrível e peço desculpa. Não tinha o direito de te tratar assim.

Viu o olhar dela ganhar vida. Marília aprontava-se rapidamente à reconciliação. Mas ficou à espera que ele continuasse. O seu amor-próprio não lhe permitia ceder imediatamente. Perdoava, mas devagar. Ele deveria explicar primeiro as razões da sua atitude, deveria depois abraçá-la, dizer-lhe ternuras e acabariam então na cama, o passado definitivamente para trás. Não era assim no cinema? Ele retomou a fala, de forma sempre muito branda:

– A maneira como disse as coisas foi indecente, mas o essencial era verdade. Acabou tudo, Marília. Por favor, não voltes mais.

Ela baixou os olhos, certamente para esconder a desilusão. Fumou uma baforada nervosa. Saiu da cozinha, encolhendo-se para evitar o corpo dele. Já fora de casa, voltou a fumar e atirou o cigarro quase inteiro para o chão. Pisou-o meticulosamente, em silêncio. Mirou o Sábio rapidamente e começou a andar pela picada, a caminho da estrada. Sem se voltar para trás. E nem perguntou por quê, pensou ele. Ficou a vê-la avançar pela picada, com um passo tão leve que nem uma nuvenzinha de pó levantava. A blusa dava cor à picada e aos morros amarelos, já banhados de sol. Flores que esvoaçavam com graça, com dolência. Um pouco do passado despreocupado dele acompanhava as flores, passado de risos e prazeres sensuais, jogos inocentes e histórias meio verdadeiras, meio imaginadas. Com as gargalhadas malandras de Marília.

Epílogo

Abraçou-se ao tronco da mangueira, afagou-o com a mão. A seiva não corria, as folhas não pareciam tão verdetenrinhas como ontem de manhã, ela retinha os perfumes e os pequenos gorjeios indicando vida e prazer.

– Estás triste? Pareces muda e parada como antes de Sara chegar. Ontem foi 14 de abril, aniversário da morte de Mussole e do Herói, e estavas alegre. Eu sei, o Herói foi a enterrar e os tantos discursos que lhe puseram por cima mataram-no de vez, um dia não será recordado. Tal é a injustiça dos homens. Quanto a Mussole, fiz o que pude, plantei-te para receberes o seu espírito. Faltou alguma coisa?

A mangueira não respondeu. Será por causa do polvo, ou por causa de Nina? Ou de Marília? O espírito tinha de novo adormecido, talvez por anos, à espera de novo cataclismo universal. No entanto, todos os dias, ele sabia, haveria de regar a mangueira, acariciar o tronco e falar para ela, cada vez mais velho e fraco, mais descrente também, na esperança de despertar o espírito das chanas do Leste que nela vivia, dormitando.

O TEMPLO
(A partir de julho de 1991)

1

Trinta anos.

Na vida duma pessoa, dá para fazer bué de filhos. Ter um curso, uma vida estabilizada. Para um jogador de futebol, é quase o fim da carreira. Para guerra então, é tempo demais.

Durante os últimos anos que viveu na Europa, foi muito chateado com a eterna pergunta, mas quando é que acabam com essa guerra? Também ele tinha vontade de fazer a pergunta a quem de direito, e chegara a fazê-la, mas aí era diferente. Não admitia é que os europeus lhe viessem com lições. Tiveram uma guerra que até se chamou Guerra dos Trinta Anos. E uma outra dos Cem Anos, devia ser recorde mundial. Não viessem por isso armar em professores de pacifismo só porque desde a hecatombe de meados do século não tinham uma guerra a sério na Europa. Aprenderam mas é a fazê-las longe de casa, quem se lixa é o quintal do outro. E havia países europeus, hoje considerados de segunda classe porque atirados lá para os orientes, que estavam mortinhos por se estraçalhar em conflitos caseiros. Não, os europeus não tinham lições a dar a ninguém, até porque os trinta anos de guerra em grande parte (na maior) tinham sido provocados por eles.

Mas a guerra tinha finalmente acabado. E ele estava há muito tempo preparado para a paz. Começou a vir à banda para pequenos negócios. Servia de intermediário de firmas belgas, francesas ou holandesas, de médio porte, que queriam vender produtos ou tecnologias. Como era amigo antigo de responsáveis importantes, especialmente o Vítor Ramos, grande kamba de sempre, conseguiu os primeiros negócios. Coisas pequenas, até porque as firmas não confiavam na sua capacidade. Com os primeiros sucessos, a sua aceitação cresceu. Passou a vir mais frequentemente e para tratar de negócios cada vez mais importantes. Nunca se metera em política, era amigo de todos, as casas estavam abertas. Foi só entrar na primeira, a do Vítor, depois entrava na que quisesse. Falando muito de futebol e música, tocando umas violadas por vezes para descontrair. No meio da conversa, já tudo muito animado, eh pá, meu, amanhã vou te falar num assunto que tenho aí, hoje não, trabalho é trabalho, uísque é uísque, uma coisita pequena mas que me interessava resolver, sabes como é, um gajo tem de viver e aquilo na Europa é fogo, tudo caro, vê se me podes conceder uma audiência amanhã, não, agora não, é chato, estás aqui todo descontraído, com a família e os amigos, não te vou

pôr assuntos de trabalho em casa, mas, já que insistes, é sobre aquele caso que te falei há tempos, estamos à espera duma decisão tua, claro que sabemos que houve concurso público e outras propostas, mas é evidente que a nossa foi a melhor, dá mais vantagens ao país, aliás a única coisa que nos interessa é o progresso do país, e tudo depende agora da tua decisão, basta dizeres que preferes a nossa firma e acabou, o resto nós resolvemos, mas claro que ainda não está resolvido, o teu diretor de gabinete disse ontem que o assunto está nas tuas mãos, então amanhã decides, está fixe, meu, assim é que é, vou tocar-te aquele sambinha que a malta dançava em Lisboa, lembras-te de certeza, tu a namorares a Ermelinda e eu atrás da Joana, aquela mesma do baile dos bombeiros que acabaste por comer, grande sacana, nunca nenhuma saloia te escapou, deves ter inundado aquele país de mulatinhos. Os amigos acabavam assim por resolver os assuntos a favor das firmas que representava.

Tinha começado há sete anos. Nos últimos tempos, só tratava de negócios grandes, recusava representar as firminhas com que iniciara. Agora nadava no meio dos tubarões e recebia grandes postas dos peixes caçados, já não se contentava com uma sardinha. Claro que os assuntos implicavam outros riscos. Porque agora os amigos também não se contentavam com umas músicas e muita amizade com recordações dos bons tempos. Para esses negócios grandes, os amigos também precisavam de ser prudentes, não fossem cair na boca do povo, cambada de ingratos, que tratava todos de corruptos e ladrões. Para se prevenirem, os amigos exigiam condições especiais, não só para os projetos, que tinham de ser bem feitos e minimamente fiáveis, como para eles próprios, que arriscavam passagem precipitada à reforma se fossem descobertos a favorecer as firmas que ele representava. As condições especiais já não eram uma ida a um cabaré de luxo em Paris ou Bruxelas, todas as despesas pagas, ou quinze dias de férias nos Alpes para a família aprender a esquiar. Queriam outras condições especiais, que se não derretiam com o sol da Suíça. Ele tinha de repartir a sua comissão. Mas mesmo assim ganhava muito dinheiro. Ganhou dez vezes mais num ano que em toda a vida anterior. Estava preparado para a paz tão esperada. E era mesmo a tempo, pois sentia ventos de intolerância racial que começavam a soprar pela Europa ocidental, vindos da sua previsão de futura grande potência.

A paz encontrou-o já instalado na terra. Comprou em divisas uma vivenda no bairro Alvalade, não era tão grande como queria nem tinha piscina, mas dava para começar. Teve de pagar bem caro, um escândalo, mas não havia remédio, era mais difícil encontrar casa em Luanda que água no deserto do Namibe. Aproveitando o recente aligeiramento das barreiras burocráticas, registou uma firma de *import-export*. Ele agora é que ia escolher os produtos e as tecnologias que queria introduzir no país. Pensando acidentalmente naquilo que poderia vender lá fora. Assunto secundário neste momento em que a terra precisava de importar tudo e não produzia nada para exportar. No entanto, era uma situação transitória e ia recenseando o que um dia poderia ser vendido no estrangeiro a preços competitivos. Como as rosas de porcelana, por exemplo. Era ideia antiga, surgida ao ver o negócio da tulipa na Holanda. Podia até aproveitar a ideia louca daquele escritor que indicou o Leste de Angola como local de origem da rosa de porcelana, ligando a flor à mitologia. A publicidade podia ser baseada nos mitos, flores com máscaras tchokue, alusões à história do Império Lunda, coisas assim. Quando viesse o primeiro botânico filho da puta a provar que a origem da planta era

doutro sítio, até talvez doutro continente, já a coisa tinha pegado, era mais um mito. E este mito dava muito dinheiro. Bendita loucura essa que atacou o tal escritor, provavelmente a chupar só espinhas de peixe agora que os livros não se vendem. A ideia ia fazê-lo engordar, a ele que só nadava com os tubarões e há muito não sabia o que era chupar uma espinha de peixe. O génio do empresário é cheirar o dinheiro escondido nas ideias dos outros, pensou, agitando o gelo no copo de uísque doze anos. Raio de terra, deve ser a cidade do mundo onde mais se bebe uísque de doze anos. Ainda no outro dia, um burocrata que convidou a beber um copo em casa para facilitar um negócio, ao ver a garrafa que ele abria, um bom uísque, que fazia crescer água na boca de muito europeu classe média, franziu a cara, não é de doze? Vejam lá o sacana, um tipo que pouco mais é que contínuo, armado em fino. Essas partes acabavam com a economia de mercado, os preços do uísque iam para tal altura que os burocratas haviam de dar o cu só para cheirarem um novo e da marca mais rasca. Bendita economia de mercado, que havia de pôr as pessoas nos lugares certos, o cozinheiro na cozinha, o criado a lavar retretes e o magnata no iate. Ainda não tinha iate, mas para lá caminhava.

Olhou o relógio, o Vítor estava a demorar. Tinham combinado ir para os lados de Viana, onde abriu um cabaré que estava a mandar fama pela qualidade do serviço e, sobretudo, por não haver outro em Luanda. Já lá tinha estado e devia reconhecer que era do mais rasca no nível da Europa. Suspeitava que o Vítor tinha interesses nesse cabaré mas não lhe perguntou nada, essas coisas nunca se perguntam. Viu o brilho nos olhos do outro quando lhe falou do cabaré, bastava. E se lhe batessem muitas reverências ao chegar, seria difícil distinguir até onde iam as devidas ao ministro e onde começavam as devidas ao patrão.

Tocaram à porta. Saltou da poltrona para ir abrir, devia ser o Vítor. Mas não, era a Judite com o namorado, Orlando. A filha beijou-o afetuosamente.

– Resolvemos passar para ver como está, pai. Não ia sair?

– Por acaso estou à espera do Vítor Ramos para sairmos juntos. Mas não tem problemas, fiquem à vontade. Por uma vez que vêm a minha casa, não vos ponho na rua nem para receber o papa.

O casal instalou-se no sofá da sala. Ele serviu-lhes bebidas. Judite continuava uma beleza de mulher, agora com trinta anos, tinha muito orgulho naquela filha única. Parecia muito apaixonada, sempre de mãos dadas. Orlando sentia-se pouco à vontade, era a primeira vez que estava na casa dele. Tinham-se visto só duas vezes, uma no aeroporto e a segunda na casa de Sara, onde Judite ainda morava com a mãe. Resolveu provocá-lo, maneira de iniciar conversa.

– Então, quando é o casamento?

– Que brincadeira é essa, pai? Agora virou tradicionalista, com estórias de casamento? Já não tenho idade de ir de flor de laranjeira. Ou está a querer apanhar um alembamento?

Ele riu, a filha sempre tivera resposta para tudo. Médica, criada só com a mãe, espírito independente. E sempre se entendiam como dois amigos, não tinha havido possibilidade de criarem outro tipo de relação. Orlando aparentemente descontraiu, porque arriscou dizer:

– Por acaso já falámos disso. Eu queria ter filhos, mas a Judite não está para conversas dessas. Sabe como é que ela arrumou a questão? Disse muito simplesmente, arranja uma

casa. Ora, eu ainda vivo com os meus pais, porque nunca consegui um apartamento. E ela vive com a mãe. Se casarmos só quando eu arranjar um apartamento, não vai ser para este século, sabe como é difícil.

– Esta casa dá para vocês. Vivo sozinho e não penso mudar de estatuto.

– Nem pensar, pai. Estamos muito bem assim. Mas acabou essa conversa. Ou é agora depois de velho que queres uma filha para te fazer as papinhas?

– Xê, ainda não sou velho. Nem cinquenta e cinco anos tenho. Mas a casa é grande, dá para todos. Arranja outra desculpa para não te casares, Judite.

– Está bem, não quero casar e pronto. Assim estamos bem. Quanto a filhos, veremos mais tarde, quando a situação melhorar. É tudo tão difícil agora, ainda mais com filhos.

– Os outros fazem – disse Orlando.

– Os outros sabem da vida deles.

Notou que a filha começava a irritar-se com a conversa, pelos vistos tema exaustivamente debatido entre os namorados e por isso mudou de assunto, não fosse provocar uma daquelas makas chatas no casal. Se virou deliberadamente para Orlando, um tipo alto e magrinho, com uma barbicha tímida a tornar o queixo ainda mais afilado. Pelos traços da cara, devia ter um remoto sangue branco nas veias, figura típica das grandes famílias caluandas.

– E como vai o trabalho?

– Sabe como é, o mesmo de sempre. Agora vão criar-se novos bancos, privados. Vai haver portanto mudanças de perspectiva. Mas não penso por enquanto sair do Banco Nacional.

Orlando era economista. Pelo que tinha ouvido, competente e com futuro. Devia ter a mesma idade de Judite, já namoravam há muito tempo. Apercebeu-se de repente que nada sabia sobre eles. Nunca vivera com a filha, exceto durante as férias que por vezes passavam juntos no estrangeiro. Agora que voltara, viam-se mais frequentemente, mas não o suficiente para aprofundar a relação apenas amigável que tinham. E sobre Orlando, Judite era extremamente reservada. Parecia querer barrar-lhe qualquer veleidade de interferência na vida dela.

– O Banco Nacional dá talvez mais estabilidade, mas os novos bancos devem permitir possibilidades de avanço mais rápido e melhores salários.

– Talvez – disse Orlando. – Mas não tenho intenção de trabalhar para o privado.

– Preconceito socialista?

– Oh, não. Já não. Acho que o Estado tem papel importante de regulador. E dá outras garantias aos empregados. Pelo menos não me posso queixar muito.

– Isso é verdade, pai. Os quadros da Banca sempre tiveram condições superiores aos outros. Por exemplo, o Orlando tem um cabaz alimentar muito melhor que o meu. E outras facilidades, como carro de serviço ou missões frequentes ao estrangeiro.

– Mas essas mordomias vão acabar. O Estado vai ter de se reduzir para comprimir despesas. Acabam as viagens de serviço e os carros. Acabam os monopólios públicos e as ordens vindas de cima. Os privados vão decidir sobre a vida económica e assim dar melhores vantagens aos empregados competentes.

– Acredita realmente nisso, senhor Malongo? – disse Orlando. – Em primeiro lugar, acredita que o papel do Estado vai ser reduzido à expressão mais simples? Eu não creio,

porque estamos em África. Isso é só demagogia de alguns políticos que dizem que vão limitar quase até ao zero a intervenção do Estado, imitando as teorias ultraliberalistas. Mesmo nos Estados Unidos essas teorias já estão de novo a ser contestadas. Agora é moda, mas como todas as modas, fica ligada a uma década. A década de 1990 terá outras modas, não essa. Os nossos políticos, como sempre, estão atrasados. Querem imitar a linguagem do Reagan e da Thatcher, agora que o Mundo já deu outra volta e eles nem se aperceberam.

– Acha então que o aparelho estatal continuará a ser o monstro de agora?

– Poderá ser racionalizado, há muitos serviços mesmo que vão desaparecer. Mas não será o tal enxugamento radical que alguns prometem. Porque não é possível, porque estamos num país subdesenvolvido, onde ou o Estado faz algumas coisas ou ninguém faz. O caso do ensino é exemplar. A moda agora é o discurso sobre o ensino privado. Todos os políticos descobriram de repente que a solução mágica do problema da falta de escolas e professores é o privado. Afinal quantas escolas vão abrir com capitais privados? São os milhares que se precisam? Nada. Poderá haver um ou outro grupo de professores que o tentem, e só o podem fazer com o apoio financeiro do Estado. Porque se eu tivesse dinheiro para criar uma escola, ia mas é abrir um restaurante ou uma lanchonete, que dá mais no imediato. E os nossos empresários pensam só no imediato, são empresários primitivos, na fase da acumulação primitiva do capital. Os raros empresários com espírito criador, que poderíamos considerar como fazendo parte de uma burguesia nacional, não podem atender a todas as encomendas. E os europeus dizem, uma andorinha não faz a primavera. Alguns empresários dinâmicos e com visão de futuro não fazem uma burguesia nacional. Num país sem burguesia nacional, ou o Estado assegura alguns serviços ou então é o vazio. Facilmente ocupado pelos estrangeiros. Por isso esse discurso ultraliberalista não é só teórico nem inocente. Corresponde a uma estratégia invasora por parte de quem o propaga. Que afinal são sempre os mesmos invasores da história moderna, hoje com o campo todo aberto.

– Bem, de política não percebo nada. O meu ramo são os negócios.

– O que é a mesma coisa. Quando diz que o Estado deve ser reduzido, está a fazer política.

– Cuidado, pai, não sabe com quem se meteu. O Orlando é catedrático em política. Ainda vai acabar por mobilizar o pai para um partido.

O namorado não fez caso da piada de Judite, só parou a fala para derrotar o copo de uísque. Prosseguiu logo, entusiasmado, enquanto Malongo, solícito, lhe servia mais bebida.

– Também não é certo que os privados paguem melhor que o Estado. E que terminem as tais mordomias dos principais funcionários. Há muitos exemplos, africanos e não só, que fazem conciliar o capitalismo com grandes regalias dos funcionários superiores. O contrário é discurso demagógico de quem quer ser exatamente um grande funcionário, de preferência o mais importante de todos, Presidente da República ou primeiro-ministro.

Judite bebia as palavras do namorado. Ela também se interessava por política ou era apenas fascínio do amor? Malongo pensou ela também tinha tomado a política já pelo biberão, por influência da mãe. Mas às vezes isso vacina em vez de viciar, conhecia muitos casos.

– E tu, Judite, o que pensas? Ou és como eu, a política para ti é a tua profissão?

– Que frase horrível, pai. Desculpe, não tenho a intenção de ofender, mas é uma frase

tremendamente reacionária. Fartei-me de ouvir coisas desse género, exatamente de pessoas que não queriam mudar nada ou que tinham medo de o fazer. A política para mim é o meu trabalho, a política para mim é a minha família, a política para mim é o futebol etc., etc. Esse é o discurso dos imobilistas.

– A Judite tem razão, os que advogam o apoliticismo são os que ajudam a manter as coisas sempre paradas, sem progresso, qualquer que ele seja. E todos os regimes totalitários adoram esses apolíticos, embora não o reconheçam.

– Pobre de mim, o que fui dizer – lamentou Malongo, procurando fazer humor. – Daqui a pouco, acusam-me de ser responsável desta merda toda.

– Eu não falava para si, pai. Só disse que a sua frase foi infeliz, porque demasiado feia e gasta. Mas sei que o seu apoliticismo é verdadeiro, é total. A mãe conta que por vezes o pai até adormecia se os amigos começavam a discutir política. Porque se não interessa, quer coisas práticas, é um pragmático e acha que os políticos estão sempre a falar no abstrato. Mas que essas atitudes de alheamento favorecem a ordem estabelecida, qualquer que ela seja, isso é facto.

Tocaram de novo. Agora era certamente o Vítor Ramos. Malongo foi abrir, preparando-se para xingar o amigo pelo atraso. Mas ficou estático, porque quem lhe apareceu primeiro foi Luzia, a mulher. Ela foi logo entrando. Vítor vinha atrás, fazendo o gesto de impotência. Luzia pespegou-lhe dois beijos na cara e gritou, afinando a voz na pretensão de imitar uma fala lisboeta:

– Olha quem está aqui, a Judite...

Não era caso para tal espanto uma filha estar na casa do pai, mas a Luzia tinha de chamar a atenção sobre ela, de qualquer maneira que fosse. Malongo era bastante ríspido nos juízos a respeito da mulher do amigo, mas guardava-os para si, não tinha nada que opinar sobre isso. Mundial tinha abandonado a mulher que trouxera da mata e dois filhos, um ano depois de se fixar em Luanda. Seis meses após ascender ao cargo de ministro, reparou na Luzia, datilógrafa do seu gabinete. Em breve foi nomeada sua secretária e tornada amante. Mas Luzia quis mais e conseguiu, casamento com muitos convidados e grande boda fornecida por uma empresa estrangeira. Deixou de trabalhar, não ficava bem a mulher do ministro ser sua secretária. Mas impôs mudanças no pessoal do gabinete, de modo a não facilitar a vida a rivais que pudessem surgir. E ia lá muitas vezes para vigiar de perto as relações do ministro com as mulheres do ministério e se informar sobre os mujimbos. Um dia em que uma mulher bonita foi nomeada para chefe de departamento fez tal escarcéu que ela não durou muito tempo no lugar. Malongo olhava para Vítor, para entender o que o levara a trazer a mulher. A presença da Luzia lhes estragava a noite, adeus cabaré.

– Imagina que a Luzia embirrou que nós os dois íamos para a farra. Bem lhe disse que não, tínhamos assuntos a tratar, íamos só beber um copo. Mas ela não aceitou. Quis vir comprovar que vamos estar aqui em casa.

– Granda Luzia! – disse Malongo, fazendo-a sentar no sofá. – Assim é que é, vigilância constante. Até porque ministros há poucos, é preciso conservar o que se tem.

– Ah pois – concordou ela. – E eu conheço essas meninas daí, sempre prontinhas para pescar algum.

Malongo reparou, Judite e Orlando ficaram pouco à vontade. Judite certamente pela presença de Luzia. Um dia tinha comentado, é mais burra que uma galinha, o que tinha provocado os protestos de Sara, a mãe, sempre pronta a desculpar tudo nos amigos e na família dos amigos. Mas ele concordava com a filha. A Luzia, coitadinha, até que tinha uma carita bonitinha, mas aquela cabeça era completamente vazia, o que parecia muito comum num certo tipo de pessoas que enchiam os ministérios e as recepções oficiais. E sem o mínimo sentido das ocasiões. Para vir a casa dum velho amigo do marido, punha um pesado vestido de veludo azul. Lindo vestido comprido, mas para usar nalgum salão europeu ou numa cerimónia da Presidência da República. E trazia uma cabeleira comprida, de largos caracóis até a meio das costas. Só faltava a peruca ser loira para o ridículo se tornar ainda mais notável. Malongo serviu-os de uísque com muito gelo, sem perguntar nada, conhecia os hábitos.

– Antes de vocês chegarem, o Orlando estava a dar-me uma lição de política. Conhecem-no, claro.

– Eu até nem conheço – disse Luzia. – Quer dizer, ouvi falar na casa da Sara.

– Conheço, já estivemos numa reunião – disse Vítor.

– Em algumas, senhor ministro.

Orlando estava muito formal, notou Malongo. Havia que quebrar o ambiente glacial, mas não lhe ocorreu nada de momento. E tinha que ser qualquer coisa com piada para degelar de vez. Mas Vítor Ramos pegou na conversa.

– Ouvi dizer que pensa formar um partido.

– Oh, é cedo para falar na formação dum partido – disse Orlando, medindo as palavras. – Digamos que há um grupo de pessoas com o mesmo tipo de ideias e preocupações e que se organiza para pensar em conjunto. Poderá ou não atuar em relação ao poder. Não é forçoso que seja um partido, mas a hipótese também não está afastada. O que acho espantoso é que o senhor ministro já tenha ouvido falar duma coisa que ainda nem sabemos o que vai ser.

– Nesta terra sabe-se tudo. Sempre se soube. Quando havia partido único e o Comité Central reunia, não se sabia logo todas as decisões? O mujimbo faz parte da nossa cultura política, a maior parte da política se fez sempre com mujimbos. E há os especialistas, os manipuladores do mujimbo. Hoje mais do que nunca se manipula o mujimbo para se sujar o nome dos responsáveis, com invenções sobre corrupção, por exemplo. E isso faz estragos, tremendos estragos.

– Em que sentido está a usar o termo mujimbo, senhor ministro? No de boato, que é agora o mais corrente, ou no de informação, o seu sentido original?

– Depende do contexto, uso nos dois sentidos, conforme...

Orlando parecia divertido agora. Judite tinha razão, ele só acordava quando lhe falavam em política. Ainda bem que ela não quer casar, imagina que genro chato eu ia ter. Mas o sacana está a gozar, está a ser irónico. Espero que o Vítor não note. Orlando voltou à carga:

– Neste caso da corrupção, senhor ministro, usa o termo no sentido do boato falso ou no de notícia verdadeira?

– Boato, claro, são só boatos, nunca ninguém consegue provar nada. Mas fazem estragos, morais em primeiro lugar, até já há gente que quer sair do governo ou das direções de

empresas, dizem que não suportam mais desconfianças infundadas. E eu pergunto, se todos saírem, quem toma conta do país?

– Bem, acho que esse perigo não existe. Há sempre gente disposta a arriscar ficar com má fama para toda a vida, nem que seja por um dia de poder. O poder atrai mais que o sol. O problema é que quando se cria um regime de secretismo, a resposta da sociedade só pode ser pelo mujimbo. E pode haver injustiças, pagam os justos pelos pecadores. Mas que há pecadores, isso é inegável. Não é pelo facto de não se poder provar... As provas até devem existir, mas são retidas pelos acusados, os que detêm o poder. Muda o poder e aparecem as provas. E também muitas que são provas falsas, inventadas pelo novo poder só para queimar os adversários que antes o detinham. Já se viram coisas dessas, não será a primeira vez.

– Mas é chato, é chato.

Malongo notou o apertão que Judite deu na mão do namorado, para o fazer calar. Este no entanto estava lançado, nada o podia travar.

– Têm levantado mujimbos a seu respeito, senhor ministro?

– Vocês é que devem saber. O interessado é sempre o último a saber, não é o que se diz do corneado? Neste caso dos mujimbos também. Mas eu tenho um princípio e não é de agora, não. A gente que trabalha comigo tem de me contar o que ouve a meu respeito, seja bom, seja mau. Assim fico ao corrente do que se diz. E ultimamente fala-se sobre toda a gente, a torto e a direito. Por que é que eu havia de ser exceção?

– Nada de grave, espero – disse Malongo.

Se meteu na conversa, apenas para não a deixar entre os dois, o que podia ser perigoso para o bom ambiente da noite, pois Orlando não escondia o gozo que tudo aquilo lhe dava.

– As mesmas coisas de sempre. Sempre as mesmas acusações, comissões enormes, dinheiros em contas secretas, contratos ruinosos para o país, já conheces o género.

– Não falo do senhor ministro, com todo o respeito – voltou a insistir Orlando. – Mas não há fumo sem fogo.

– Ora, ora, também não meto as mãos nesse seu fogo. Se até entre os mais próximos companheiros de Jesus Cristo havia um traidor... E eram todos uns santos... Como é que não haverá alguns mais ambiciosos num elenco governativo? Por isso falo só por mim, não pelos outros.

– O que não dá ideia de grande solidariedade no governo – disse Judite.

– Nem nunca houve – respondeu Mundial. – Cada um sempre puxou para o seu lado. Eu sempre disse que era governo de coligação e não dum partido único. E alguns que estavam connosco até há pouco tempo, agora criam partidos de oposição e culpam-nos de todos os males. Como se eles o ano passado ainda não estivessem a mamar das mesmas tetas para as quais agora cospem. Oportunismo do mais puro... Por que hei de ser solidário desses tipos? Ou dum Arnaldo, que é meu colega do governo e já tem a mulher e os filhos em Portugal, para o que der e vier? Como ela não sabe trabalhar em nada, é uma estadia cara. Paga por quem? Se é pelo Estado, está errado. Se é por ele, como conseguiu o dinheiro?

Luzia finalmente encontrou espaço para meter uma frase. Foi com visível prazer que desferiu:

– E olhem que a mulher dele não quer coisas baratas, só vive no luxo...

Malongo pensou também não podes falar. Lembrou a vez que a Luzia foi passar férias na casa dele em Bruxelas, sozinha com os filhos porque à última hora o Vítor não pôde ir. Ia ficando arruinado com as despesas, jurou para nunca mais. E nessa altura ele não começara ainda os negócios com Angola, mal tinha para viver no dia a dia. Não porque ela fosse de luxos, mas porque não tinha a mínima noção sobre o custo das coisas. Comprava do mais caro, por não ter referências. Notou depois que isso era geral no meio das pessoas que podiam ir ao estrangeiro com ajudas de custo do Estado. Iam jantar aos restaurantes mais caros e quando alguém lhes dizia, com esse dinheiro podia comer o dobro e muito melhor, ficavam todos muito admirados. Luzia deu-lhe cabo das poucas economias, mas também lhe deu a ideia de ganhar alguma coisa com a terra, ao falar dos mujimbos sobre os negócios e como se faziam as coisas. Ela conhecia os esquemas por dentro. E ele pensou, por que não eu? Como quem não quer a coisa, apresentou Luzia a alguns conhecidos que tinham empresas médias. Só para mostrar que tinha conhecimentos bem situados. Tempos depois, começou a ser intermediário dessas firmas nos negócios com Angola. Assim começou a sua fortuna.

– O senhor ministro está a dar razão aos mujimbos, ou a alguns pelo menos – disse Orlando. – Por que não denuncia esses casos publicamente, já que o governo ou o partido no poder não o faz?

– Está maluco?

– Vinda de si, essa denúncia ia ter repercussões. O senhor ministro ganharia popularidade. E o poder, finalmente, tinha de fazer qualquer coisa para limpar a cara.

Mundial acariciou as barbas longas que trouxera da guerrilha. Apresentavam brancas consideráveis. O gesto servia para ganhar um tempo de reflexão. Também para dominar as emoções, Malongo já conhecia.

– Não brinque comigo, para que quero eu a popularidade? Alguns, sim, estão a pensar nisso. Serem conhecidos agora por provocarem estardalhaço, fazerem algumas obras nas suas terras de origem, e depois se candidatarem como deputados, contando com o regionalismo para conseguirem votos. Mas eu não tenho a mínima intenção de me candidatar a um cargo nas eleições.

– Fica então dependente da vitória eleitoral do seu partido. Se ele perder, passa para a oposição e fica desempregado?

– Ora, ora. Não é por acaso que se é ministro durante muito tempo. Aprende-se umas coisas. Posso fazer carreira no mundo dos negócios. Tenho muitos contactos, conheço muitos processos. Sempre encontrarei qualquer coisa.

– Mas não teme dar então razão aos mujimbos? Aos que o acusam de ter ligações privadas com interesses estrangeiros?

– Não vejo por quê.

– Muita gente terá tendência a fazer o seguinte raciocínio. Que quando era ministro favorecia determinadas firmas estrangeiras e por isso mantém boas relações de negócios com elas, partindo mesmo dum capital criado pelas comissões que recebeu enquanto estava no governo. Todas as especulações serão possíveis.

– Já me convenci duma coisa – disse Mundial, mostrando discretamente a Malongo o copo vazio. – As pessoas falam de qualquer maneira. E acreditam sempre nos mujimbos. Precisam

deles.

Malongo serviu-lhe mais uísque. Na passagem, deitou mais dois dedos no copo de Luzia. Nunca se pode falar de negócios sem se acabar na política, pensou ele. Por muito que se queira, é inevitável. Até eu mesmo, que nunca me quis molhar, acabo por me envolver nestas conversas, se quero fazer negócios. Mas são bem mais interessantes do que aquelas da juventude, em que todos queriam mudar o Mundo e só discutiam coisas abstratas, como liberdade, igualdade, justiça social. Então era uma chatice, vinham sempre com palavras que ninguém entendia, mais-valia, exploração, luta aqui, revolução ali. Agora é melhor, trata-se sempre de como enganar o outro ou o Estado, para se enriquecer mais depressa. Isso ao menos é claro e é positivo, é a única política que me pode interessar.

– E se quando ele deixar o governo eu o convidar para ser sócio na minha firma? – disse Malongo para Orlando. – Isso quererá dizer que me beneficiou quando era ministro?

– As pessoas vão provavelmente pensar isso.

– Estás lixado, Vítor, já não te convido, não quero cair na boca do povo.

– Perdes um gestor com muita experiência – disse Mundial, rindo, mas sem esconder certa tensão. – Creio que o nosso amigo Orlando exagera, vai descobrir mais tarde que isso realmente não tem assim tanta importância. O povo esquece as coisas, interessa-se logo por outras.

– Cuidado, tio Vítor, não se iluda – disse Judite, estranhamente calada em toda a conversa. Malongo notou também o hábito que lhe ficou das primeiras idades, de tratar por tios e tias todos os amigos dos pais, hábito comum a toda a sua geração. – Alguns de vocês, que enriqueceram ilicitamente, vão ter de explicar mesmo como o fizeram. O tio Aníbal diz que vieram todos iguais da mata, cada um com a mão à frente e outra atrás, para tapar a nudez. Depois, alguns acumularam fortunas. Como conseguiram, se todos ganhavam mais ou menos os mesmos salários?

– O Aníbal tinha de vir parar à conversa – resmungou Vítor.

– Não é o tal maluco que vive numa praia em Benguela? – disse Luzia. Mas depois olhou para Judite e tapou a boca com a mão. – Desculpa, saiu-me.

Malongo deu uma gargalhada. Pelo ar atrapalhado da burra da Luzia. Mas também porque não lhe desagradava alguma observação mais pesada sobre o Sábio, que o desprezava na juventude. E todos conheciam a estranha ligação de Sara com ele, feita de encontros uma ou duas vezes por ano, nas férias. Mas Judite não ficou nada chocada pela frase de Luzia, até riu. Disse, divertida:

– A propósito, mandou dizer que vem aí. Vem em cima da carga duma camioneta, para festejar a paz que permite o trânsito pelas estradas.

– Está mesmo cacimbado – disse Vítor, com rancor.

– Por quê? – perguntou Judite. – Por que vem como o povo vem? Ele não tem carro e de avião é aquela confusão que todos conhecem, exceto para os VIP, claro. Acho bonito vir assim, no cimo dum camião. E goza melhor a beleza das paisagens.

– Estivemos com ele na Caotinha o ano passado – disse Orlando. – Gostei muito de o conhecer. Não é louco, nem pouco mais ou menos. Mas é demasiado lúcido para o gosto de certas pessoas, viu o filme todo muito antes do que ia acontecer. Amargo sem dúvida, mas

isso só mostra a sua lucidez.

– Aquilo é exibicionismo, é o que é – disse Vítor. – Quer parecer mais puro que os outros, mais desinteressado.

Fez de novo sinal a Malongo, que passou com a garrafa. A Luzia não foi em fintas e exigiu mais dois dedos. O outro casal também aceitou nova dose. Judite bebeu um gole, depois respondeu:

– Ninguém vive treze ou catorze anos assim só para parecer. Ele é mais puro que os outros, é tudo. E é isso mesmo que certas pessoas não lhe perdoam.

– Essa é para mim? – perguntou Mundial, agressivo.

Pronto, estragaram a noitada. Nada pior para enfurecer o Vítor que alguém a falar bem do maluco do Aníbal. Devem ter tido maka muito grossa na guerrilha, pensou Malongo, o Vítor tem-lhe verdadeiro ódio. E pensava eu que as coisas iam rebentar por causa da discussão política, afinal foi a referência a Aníbal que estragou tudo. Judite, imperturbável, respondeu:

– Eu falo em geral. O tio interprete como quiser.

Malongo sentiu-se na obrigação de intervir, afinal era a sua filha que estava a irritar um convidado de marca, o qual fazia esforços notórios para conter a fúria.

– Vamos mudar de conversa, que essa já cansa. E se fôssemos beber um copo aí a um sítio qualquer? Há umas *boîtes* agradáveis e como hoje é dia de semana não deve haver muita gente.

Era uma forma de indicar a Judite que estava na hora de irem saindo, ela detestava *boîtes,* por causa da música altíssima que impedia qualquer conversa. O que era o ideal com um grupo assim tão heterogéneo, em que qualquer conversa se arriscava a acabar em pancadaria. Ela percebeu, pois bebeu rapidamente o uísque e disse:

– Vão vocês. Nós temos ainda uma volta a dar.

Despediram-se apressadamente, da maneira mais formal, e saíram. Malongo ainda disse apareçam mais vezes, eles nem responderam. Mas Mundial também foi logo dizendo:

– Obrigado pelo convite mas não me apetece. Essa conversa tirou-me o apetite. Estes jovens de agora. Primeiro foi o teu genro...

– Espera, espera, não é meu genro, não são casados.

– Vai dar no mesmo. O gajo estava a gozar-me. Eu fingi que não percebia para não arranjar maka. O sacanita com ironias... Subversivo! Se não fosse teu genro, amanhã estava preso por ofensas a dirigente.

– Deixa disso, meu. Ele não fez nenhuma afirmação que te pudesse ofender. Perguntar não ofende.

– Vai-te lixar. Aquelas perguntas tinham veneno. A sorte dele é ser teu genro, repito.

Malongo deu-lhe uma palmadita no joelho e serviu mais uísque. Claro que a Luzia estendeu logo o copo e não o deixou parar até ficar quase cheio. Nem esperou que o uísque assentasse no fundo do copo para o virar. Esta gaja vai apanhar uma bebedeira, mas talvez seja melhor assim. Se adormecer, ainda podemos ir ao cabaré de Viana, que ela nem repara na nossa ausência.

– Esse tempo já passou, Vítor, em que podias meter um gajo kuzuo por ofensa real ou imaginária.

– Essa é a merda, essa é a merda.
– Agora há democracia. Cada um pode falar.
– Democracia... – disse Luzia.– Encha mais é o copo, vou brindar à democracia, urra!
– Urra é russo, pouco apropriado para brindar à democracia – disse Malongo, enchendo-lhe o copo e esquecendo de propósito o gelo.
Piscou o olho a Vítor, que ia segurar no copo da mulher para a impedir de beber assim sem gelo. Vítor depois percebeu a intenção do amigo e sorriu. Luzia deu cabo do copo em cinco segundos. Fez uma careta e pousou o copo na mesa. Malongo ficou a olhar para ela e para o copo, de garrafa na mão, hesitando.
– Enche, enche – disse Vítor. – A Luzia quando começa a beber nunca mais para, não é, querida?
Ela fez-lhe uma carícia rápida no joelho. Revirou os olhos e disse, enrolando já as palavras na boca, mas sempre a afinar a voz:
– Há quanto tempo não me chamavas querida! Desde... desde que nasceu a caçula, há dez anos. Não discutas, foi nessa altura...
– Mas eu não estou a discutir nada. Vá, bebe e fica caladinha, que estou a falar com o Malongo.
– Quando eu bebo, falo muito, discuto bué.
– Nada. Quando bebes, dormes logo.
Malongo observava a cena, divertido, reparando na rapidez impressionante com que Luzia se embebedava. Vítor estava agora aparentemente muito calmo, cofiando as barbas.
– Durmo, não é? Não posso beber, durmo logo, não é, querido? Como naquele jantar em Moscou, com aqueles russos todos a beberem vodka e água mineral, e eu só bebia vodka e não queria água mineral, foi uma cena, jantar oficial para a delegação que o Vítor dirigia, eu gritei urra e adormeci na mesa.
– Foi assim mesmo. Agora bebe mais um copo e dorme. Nós ficamos aqui a conversar.
Malongo encheu-lhe o copo, ela bebeu e caiu para o lado, sem uma palavra. A peruca deslocou-se e Vítor arrancou-a, sem cerimónias. Pousou-a no sofá, com um largo gesto teatral.
– Fantástico – disse Malongo. – Nunca vi ninguém adormecer tão depressa. E dorme quanto tempo?
– Toda a noite. Um médico uma vez disse que era um estado próximo do coma. Mas não deve ser perigoso. Podemos sair nas calmas. Acordo-a para voltarmos a casa.
– É melhor levá-la para o quarto de hóspedes.
Malongo segurou-lhe nos pés e o outro pelos sovacos. O antigo jogador de futebol continuava de avantajadas proporções, podia pegar nela ao colo e carregá-la sozinho. Mas já que estava ali o marido, ele também devia participar. Levaram-na para um quarto do primeiro andar e deixaram-na em cima da cama. Vítor tirou-lhe os sapatos e pô-los ao lado da cama, bons sonhos, querida.
Depois foram esquecer os amargores da vida no cabaré de Viana.

2

A noite não estava a correr tão bem como tinham esperado. A teimosia de Luzia tinha atrasado muito a saída de casa e as duas moças com quem tinham combinado ir ao cabaré já não estavam disponíveis. Foram sozinhos e, apesar das atenções especiais com que o dono do cabaré tratava Vítor, não conseguiram companhia interessante. As donas estavam todas com homens e eles já não tinham idade para entrarem em disputas dessas. Havia algumas raparigas, que até se aproximavam por vezes da mesa, mas eles punham-nas a andar. Nada de putas, só criavam problemas e má reputação, e o fantasma do Sida a pairar...

Iam bebendo maquinalmente o uísque, sem vontade de conversar por causa da música demasiado alta. Nisso Judite tinha razão, os *dancings* e cabarés, locais de convivialidade africana por excelência, eram péssimos para a conversa. E a conversa era nas sociedades tradicionais o supremo prazer e a suprema arte. Quer dizer, a música eletrónica destruiu nas cidades a alma da cultura africana, o comércio da palavra. Destruiu em nome da cultura africana, que se diz baseada na música. As pessoas dançavam ou desarticulavam-se em movimentos eletrónicos de *pop,* mas não falavam. As moças mastigavam chuíngame, para terem as bocas ocupadas, ruminando. Os homens viravam os olhos para dentro, para sentirem as vibrações do *stereo* no crâneo, embebedando-se de vazios e dos movimentos cadenciados. Malongo seguiu os pensamentos, afinal fora também um músico. Não, não era a mesma coisa, ele tocava viola e cantava, sem eletrónicas especiais para encobrir com o rítimo a falta de melodia ou de poesia da canção. E nunca se deixara influenciar pela música zairense, considerada erradamente em muito lado como o protótipo da música africana. Aliás, em Bruxelas e Paris, se se pensava em África só se tinha ideia da existência da francófona. Para a música era a mesma coisa. Como se não houvesse muitas Áfricas, todas diferentes...

Vítor estava há muito tempo em tensão, observando um homem que dançava sozinho no meio da pista. E tinha lançado exclamações que Malongo não percebeu por causa da música. Puxou-lhe a camisa e Malongo juntou o ouvido à boca dele.

– Esse tipo aí de camisa verde... Não sabes quem é?

Malongo negou. Notando melhor, o homem não estava sozinho. Só que dançava tão

afastado e desinteressado da dama, que parecia de facto estar agarrado a si próprio, balançando a sua própria música. O par dele era uma mulher de vestido vermelho, com manchas escuras por causa do suor. O homem era todo redondinho, baixo e gordo, com grandes óculos e quase completamente calvo. Tudo nele acentuava o ar redondo.

– Deve ser o fantasma do Elias. Parece mesmo o Elias. Não o vejo há trinta anos, posso estar enganado.

– Qual Elias? – gritou-lhe Malongo. – Aquele que fugiu connosco de Portugal para Paris?

– Esse mesmo. E que depois foi com a UPA para os Estados Unidos.

Malongo fez um esforço para se lembrar. Conhecera mal o outro. Podia ser o mesmo, não fazia a mínima ideia. Vítor continuou olhando o dançarino e de vez em quando gritava, é ele mesmo. Malongo estava admirado, pois se lembrava que Elias era na época protestante e um intelectual muito sério, do género tipo chato que só fala das coisas mais importantes do Mundo. Não era possível encarnar agora num careca gordinho, dançarino ainda por cima. Mas não insistiu, Vítor é que era amigo dele, nos tempos da Casa dos Estudantes. Terminou a música e havia alguns segundos de descanso para os ouvidos. Mundial aproveitou o súbito silêncio e gritou Elias, por cima do ruído das conversas que retomavam na sala. E de facto o outro reagiu, olhando para todos os lados. Começou outra música, mas Vítor não perdeu tempo. Levantou-se da mesa, situada na obscuridade dum canto estratégico, arriscou o reconhecimento público e foi ter com Elias. Malongo viu-os falarem qualquer coisa, se abraçarem e caminharem para a mesa. Não ouviu o que Vítor dizia, provavelmente a apresentá-lo, caiu nos braços do careca de óculos espessos, todo suado mas cheirando a desodorizante recente. Elias sentou à mesa com eles, mas em breve Vítor desistiu de conversar, o que só podia ser feito aos gritos. Chamou o gerente do cabaré, disse qualquer coisa, o outro aprovou com a cabeça. A um sinal do ministro, levantaram-se e saíram da sala por uma porta lateral. Entraram numa salinha com duas mesas. Sem ninguém. A música chegava abafada.

– Aqui podemos conversar – disse Vítor. – Traga bebida, senhor Gomes.

– Espera, vou buscar a minha dama – disse Elias.

Esboçou o gesto de se levantar, mas Vítor não o deixou, pressionando o ombro redondo do outro.

– Deixa-a ficar lá a dançar, temos de conversar. Ela não está sozinha, pois não?

– Pois esse é que é o problema, não está. Há ali um rapazito em quem não tenho total confiança e que a pode cobiçar.

– Deixa disso, já a vais buscar. Mas diz-me, que é feito? Como apareces aqui e nem avisas os amigos que voltaste?

– Oh, é uma longa história.

– Foste para os Estados Unidos em 1961. Depois nunca mais ouvi falar.

– Estava na UPA, depois FNLA. Arranjei uma bolsa e estudei nos States, Filosofia, claro. E Psicologia mais tarde. Depois criaram a Unita e aderi. Mas acabei por descrer dos meus conterrâneos do Bié que a dirigiam. Makas que agora não interessa descrever. Afastei-me de toda a atividade política. Fiz um doutoramento em Psicologia Social, comecei a dar aulas. Em 1975 fiz um movimento para aqui, mas a situação de guerra desencorajou-me e parei

pela Nigéria, onde fiquei como professor. Vivi aí esse tempo todo. Mas tive notícias de que aqui as coisas mexiam e voltei. Já há liberdade suficiente para transmitir a minha mensagem, antes era capaz de ter problemas.

– Estamos lixados, mais um que vem criar um partido político – disse Malongo. – Vocês que andaram lá fora esse tempo todo julgam que a malta aqui andou a dormir e agora vêm todos ensinar a democracia. Façam como eu que vim mas é para fazer negócios. Os que ficaram aqui é que sabem de política. O Vítor, por exemplo, tem mais experiência que vocês todos juntos.

– Espera lá, espera lá. Quem te disse que venho criar um partido? Não fui eu, pois não?

Malongo ficou de boca aberta, sem saber como responder. De facto, Elias não o disse, sugeriu que tinha uma mensagem a transmitir. O gerente voltou com a garrafa de uísque, o gelo e copos. A mesa lá dentro continua reservada, disse ele, quando os senhores quiserem voltar... Vítor serviu os outros.

– Então o que vieste fazer?

Elias fechou a cara, fazendo sumir como num passe de mágica o ríctus divertido que ostentava. Bebeu o uísque todo dum trago e com o ar mais sério. Vítor reconheceu o estudante de trinta anos antes, bem mais velho do que ele e que lhe dava lições sobre a necessidade da violência, mesmo que total, para a libertação psíquica dos povos.

– Vim ensinar aquilo que aprendi. Sei o que arrisco ao dizer isto, pois imagino que vocês continuam os mesmos descrentes e escarnecedores de antes. Mas digo na mesma. Sou bispo da Igreja da Esperança e Alegria do Dominus.

– Que raio é isso? – quase gritou Malongo. – E quem é esse Dominus?

Elias sorriu com condescendência, como um avô ou um sekulo do kimbo que já viu muita coisa. Falou como um médium, pois a voz saiu-lhe do mais profundo da garganta, sem mexer os lábios e com os olhos fixos num futuro qualquer:

– É uma Igreja de Deus. Dominus quer dizer o Senhor em latim. E é da Esperança, porque é a única igreja que tem sempre uma palavra de estímulo, de encorajamento, para as pessoas. As outras igrejas são repressivas, ameaçam, todas influenciadas pelo Jeová de Israel que é um deus cruel. Os crentes vivem sempre com a espada de Dâmocles sobre a cabeça, temendo o Juízo Final, pagando por um pecado original que não cometeram. Dominus é o Deus da bondade, que tudo perdoa, que nunca ameaça, para quem a vida é sempre esperança e doçura. E da Alegria, porque Dominus quer que toda a gente se divirta, até certos limites, evidentemente. Por isso não deve ser surpresa que o único bispo da Igreja esteja neste momento a dançar e a beber neste cabaré. Dominus apareceu-me na Nigéria, estava eu em Ibadan, doente e abandonado pela minha última mulher, curou-me pela imposição da mão e ensinou-me a religião da esperança e da alegria. Como a saúde é importante para a alegria da vida, ensinou-me também a tratar algumas doenças, concentrando energias insuspeitadas na mão que cura.

– Que curas fazes? – perguntou Vítor. – Doenças mentais?

– Também. Mas essas são as mais fáceis. Qualquer impostor suficientemente hábil para convencer as pessoas pode curar muitas dessas doenças. É uma questão de crença. Que o digam os psiquiatras. Eu curo sobretudo as doenças radiciais, que os médicos não conhecem,

ou não querem conhecer.

Malongo fazia esforço para não rir. Sabia, tinha de se conter, como Vítor o fazia, aparentemente com muito mais facilidade. Que grande farsante este Elias! Mas que capacidade de enganar os outros se sentia nele. Isso, ao mesmo tempo, intimidava Malongo. Perguntou:

– Doenças quê?

– Radiciais. A palavra vem de raiz. São as doenças que estão na base de todas as outras. Os médicos curam as outras, as que se manifestam. Não sabem que essas doenças que se manifestam são apenas os epifenómenos das doenças radiciais, as da estrutura. Para ser mais claro: tem o Sida, que se manifesta através de outras doenças como a pneumonia, gripes, infecções etc.

– O Sida é radicial? – perguntou Vítor. – Podes curar o Sida?

– Não. Vocês não estão a entender nada. Dei só o exemplo de como uma doença como o Sida se manifesta através de outras. O Sida não é radicial e eu infelizmente ainda não sei curá-lo. Mas consigo atacar a raiz do Sida. Curo doenças que facilitam a aparição do Sida, se não são combatidas. Estão a compreender? Ataco na profundidade do ser, na sua apetência a ter uma doença. Curo o íntimo do indivíduo, mas o íntimo do organismo, não as doenças da mente. Interfiro nos fluxos de energia de base do corpo, no metabolismo essencial e nas trocas com a natureza. Ao curar o íntimo do organismo, ele defende-se melhor de todas as agressões de bactérias, vírus etc. As doenças normais ficam para os médicos, que já conseguiram desvendar alguns mistérios de Dominus, os mais superficiais. Os segredos profundos ele só mos revelou a mim, e é evidente que não os posso desvendar todos duma vez, o Mundo ainda não está preparado. Mas este tratamento pela minha mão, que faço de forma geral nas cerimónias públicas, é só uma parte da prática religiosa. O mais importante é o ensinamento de que o homem é bom, como Dominus é bom. Muito diferente das outras religiões que dizem que o homem é mau, só porque o seu deus é severo e impenetrável. Como o homem se convence que é mau, então mata e fere, por culpa desses deuses da guerra. Dominus é transparente e as civilizações antigas conseguiram apreender parte da sua essência. Por exemplo, Dionísio dos gregos e Baco dos romanos são manifestações parciais de Dominus, assim como Afrodite ou Vénus. Algumas culturas africanas também apreenderam partes da essência de Dominus. Este Nzambi que nos deixa à vontade, sem se imiscuir nas nossas vidas, é Dominus, claro. O problema é que nenhuma civilização o apreendeu na totalidade.

– Só tu – disse Malongo, irónico.

Elias baixou modestamente os olhos. Ficou alguns instantes em silêncio, talvez para os outros se aperceberem da sua atitude humilde. Falou com a voz cavernosa que devia ter aprendido com algum ventríloquo de circo.

– Dominus escolheu-me para se revelar. Mas não terei sido o único. A existência dessas parcialidades da sua essência, como Baco ou Yemanjá, provam que se revelou antes a outros. Mas esses talvez não tenham tido a capacidade de o apreender na sua totalidade, ou talvez a própria época não o permitisse. A mim incumbe pois a pesada e grata tarefa de ser o seu mensageiro.

– Na cultura banta, o mensageiro muitas vezes é o criador, porque a palavra cria – disse Vítor.

O bispo de Dominus soltou uma gargalhada rápida, em total desacerto com a atitude anterior. Mudou de vocalidade, passando a falar normalmente e mexendo os lábios.

– O que não sabes é que isso é revelação de Dominus aos povos bantos e a Moisés. Daí que na Bíblia se diga que primeiro era o Verbo. Como hoje se sabe que tudo começou em África, pode-se dizer que foram os africanos que o ensinaram aos primeiros judeus. Mas percebo onde queres chegar. E digo-te, apesar da tua malícia. Claro que, como mensageiro de Dominus, o vou recriando. Ele me criou e eu o recrio. Falando dele, revelando-o aos olhos dos outros, recrio-o. Que outro Deus aceita ser recriado? Nenhum. Todos nos criaram e pronto, são inamovíveis e nós os seus inferiores. Dominus vive do nosso amor e do carinho com que lhe damos forma. A sua superioridade é absoluta, tens de confessar. É tão superior que admite ser recriado por um pobre profeta.

– Afinal és profeta? – disse Malongo, abrindo muito os olhos.

– Assim são chamados os eleitos que Dominus escolhe. Buda, Jesus, Maomé...

– E Elias... – concluiu Malongo, com uma gargalhada. – Vai te lixar, possas. Estás a nos gozar. E com ar de santo, ainda por cima.

– Que gozo o vosso espanto é verdade. O gozo é a principal obrigação da minha religião. Gozo sem maldade, entenda-se. Mas digo a verdade. Não sei se isso prova alguma coisa perante os vossos incrédulos espíritos, mas vejam.

Sacou do bolso dois cartões de visita, entregou-os. Estava escrito:

Elias Mungombe, Bispo da Igreja da Esperança e da Alegria do Dominus, e depois um número de telefone. No canto superior esquerdo tinha um emblema, um triângulo em equilíbrio instável sobre uma linha inclinada. Nem hieróglifos, nem outros sinais cabalísticos, notou Malongo.

– Se fosse só para vos gozar, não ia mandar imprimir cartões. Embora reconheça que o prazer de vos gozar talvez o merecesse, sobretudo o Vítor, que é ministro deste governo de ateus e pecadores. Fique desde já claro que não os culpo de o serem, antes ateus do que crentes dessas religiões estafadas que nada de novo podem trazer.

Vítor estava decididamente muito calmo, talvez até intimidado, pensou Malongo. Não tinha acompanhado a gargalhada dele e agora analisava atentamente o cartão de visita. E falou com a maior naturalidade do Mundo:

– Muitos despiram rapidamente a camisa do ateísmo, agora já não é muito conveniente. Mas estás a viver disto aqui?

– Que nada. Felizmente fiz umas economias estes anos todos no exterior. Trouxe divisas e sabes como é, um gajo com divisas safa-se bem nos primeiros tempos, trocando-as no paralelo. Mas tudo acaba. Ainda não consegui construir uma igreja. Organizei algumas sessões de culto em pequenas salas de clubes, angariei alguns crentes que começam a cotizar. Mas pouca coisa. As dificuldades vão surgir se não conseguir financiamentos.

– Vai te lixar – disse Malongo. – Quem é que te vai financiar, o Banco Mundial, a Comunidade Europeia?

– Não – respondeu Elias tranquilamente, um sorrisinho suave no canto da boca. – Tu, por

exemplo, sei que és milionário. E o Vítor que pode não ter muito dinheiro para arriscar, mas tem influência. Com apoios desses, construo uma igreja grande. Mas o mais importante é estender a organização a todo o lado, conquistar o amor dos homens. Com o amor dos homens, é evidente que a Igreja pode também ganhar parte do dinheiro das pessoas, o amor é isso, é saber partilhar. Falando claro, ando à procura de sócios com poder e dinheiro. O resto faço eu.

A conversa entrava num campo mais interessante. Malongo parou de sorrir. Sentiu pela primeira vez aquele friozinho na barriga que lhe indicava estar em presença de perspectiva de negócio, a angústia do risco. Perante o mutismo aparentemente desinteressado de Vítor, perguntou:

– Tens a intenção de montar uma seita como essas que percorrem o Mundo e sequestram os bens das pessoas, se metem em negócios estranhos, torturam os adeptos etc.? Ganham bué de dinheiro, mas estão sempre contra a lei. E de vez em quando o chefe vai parar à cadeia, ou desaparece da circulação.

– Isso são seitas demoníacas. A minha é uma Igreja, não uma seita. E seguirá as leis do país. Nada de violências nem extorsões. As pessoas contribuem para a Igreja, disso ela vive. Mas são contribuições absolutamente voluntárias. E os que são curados, pagam alguma coisa se quiserem, não são obrigados.

– Do que percebi, tu acabas por não curar doenças conhecidas – disse Vítor. – Curas aquilo que não se sente. As pessoas não sentem pois que as curas. E não contribuem com dinheiro.

Elias abanou a cabeça perante a incapacidade de compreensão do outro. Mas sem impaciência. Como o professor que sabe que o aluno há de entender, mais cedo ou mais tarde, se ele tiver a calma suficiente para insistir e explicar de maneira diferente. Encheu os copos dos três.

– As pessoas sentem que estão melhor, mais alegres, mais disponíveis, com mais capacidade de comunicação, mais otimistas. Isso sentem. E também que ganharam mais resistências em relação às doenças comuns. O importante é isso, na fé do Dominus as pessoas sentem-se alegres e fortes, otimistas.

– Bem, outra coisa – disse Malongo. – Como é que funciona o *show?* Com instrumentos eletrónicos? Ou não usas o *show* como ponto central da atividade?

– Estás certamente a falar do culto. Chama-lhe *show,* se quiseres. Tem muito a ver com um espetáculo, claro. A Psicologia explica a necessidade do culto, para fazer os fiéis comungarem com a divindade. O sacerdote tem o papel fundamental, pois faz a ligação. Quanto melhor é o sacerdote como ator, mais emoção consegue ele criar, e mais forte é o elo entre a massa de crentes e a divindade. Neste caso, a eletrónica ajuda muito. O som tem de ser bem forte, há rítimos próprios que devem ser mantidos, os rítimos que estão de acordo com a cultura original das pessoas... Aqui é o do batuque, na Europa será outro. A litania em cadências ancestrais provoca um efeito próximo da hipnose, o que facilita a compreensão das verdades supremas e o fortalecimento do poder da mão. Todas as grandes religiões perceberam isso, daí a importância dos cânticos e certos movimentos repetitivos do corpo para levar os fiéis ao êxtase. Em África, o rítimo tem de ser outro, mais rápido, que atue

sobre os batimentos do coração, acelerando-o. Até os católicos começam a mudar as cadências, senão são definitivamente ultrapassados. As litanias introspectivas e murchas da Ásia Menor, transpostas para a Europa pelo judaísmo-cristianismo, chocam com a natureza extrospectiva e alegre do africano. Os protestantes perceberam isso muito antes e ganharam terreno. Mas estão amarrados à ideologia tristonha da Bíblia. Nós cortámos todas as amarras com a Ásia Menor, somos uma Igreja africana, a primeira que proclama a virtude do amor e da alegria, desculpabiliza o prazer, que alia Deus e a festa. Dominus é Deus único, mas pagão, força sensual da Natureza.

– Está porreiro – disse Malongo. – Uma Igreja que encoraja os bacanais. Diz, nos cultos há dessas cenas de orgias coletivas, todos a enrolarem-se uns com os outros?

– Não, tu não entendes nada! – a exclamação foi forte e absolutamente condenatória, deixando pela primeira vez escapar um sopro divino de cólera. – Estás corrompido pela vida devassa da Europa, pelo capitalismo materialista que tudo conspurca. O gozo não tem de ser forçosamente luxúria, perversão. Tudo deve ser dentro de limites aceitáveis.

– Aceitáveis para quem? – Perguntou Vítor. – Quem estabelece os limites? A moral da Bíblia?

Elias abanou a cabeça, em aprovação, como o professor perante uma observação inteligente do aluno. Acabou com a dose de uísque, estendeu o copo para Malongo, o qual o serviu.

– Essa é uma boa pergunta, continuas esperto. Os outros profetas, que receberam revelações, disseram somos apenas intermediários. Não criavam nada, apenas interpretavam os ensinamentos diretamente apreendidos de Deus. Connosco é diferente. Nós somos os primeiros que dizemos sinceramente tivemos uma revelação, Dominus ensinou-nos coisas, mas há uma grande zona de sombra na qual temos de nos mover, improvisando, inventando. E portanto a nossa cultura de origem tem uma influência, é a partir dela que inventamos as respostas que não tivemos da divindade. Por isso, respondo sem subterfúgios, os limites são os apontados pelo nosso senso comum, como imaginamos que reage o cidadão médio. Claro que nos podemos enganar. Por exemplo, somos contra a poligamia agora, porque antes de chegar a Angola estávamos influenciados pelo que vimos na Nigéria. Na altura éramos a favor da poligamia, como uma manifestação da liberdade do homem e símbolo das tradições familiares africanas. Mas aqui vimos que essa não é uma causa muito popular, a mulher tem mais peso em Angola que na Nigéria, a propaganda do regime a favor da igualdade da mulher entrou nalguns espíritos, as igrejas monogâmicas também já tinham feito o seu trabalho durante muitos anos. Mudámos a nossa posição. Neste caso nem foi preciso mudar publicamente a posição, porque ainda não tínhamos tocado nesse assunto. Mas a vocês o digo. Como veem, é o senso comum que nos norteia nestes assuntos que Dominus não nos revelou.

– Quer dizer, a doutrina vai de acordo com o que pensam ou desejam as pessoas. Como os políticos na Europa que fazem primeiro uma sondagem de opinião e depois tomam posições em função do que desejam os eleitores.

– Não, Malongo, continuas sem entender. Isso seria oportunismo. As grandes linhas da doutrina são imutáveis, porque são a revelação do Dominus. Mas naquilo que não foi

revelado, nós temos de encontrar resposta e a nossa resposta é influenciada pela nossa cultura, pelo senso comum, o que não quer dizer que seguimos o que as pessoas querem.

– Vai te lixar, foste bem claro no caso da poligamia. Mudaste de opinião porque te apercebeste que aqui a poligamia não seria uma causa muito popular, foram essas as tuas palavras.

Elias abanou a cabeça, desanimado com a incompreensão. Mas não mostrou impaciência. Como qualquer servo do Senhor, devia suportar tudo, e explicar, explicar. Os homens sempre entendem dificilmente as coisas. Usou a voz gutural para dar mais solenidade à fala:

– As coisas são demasiado subtis, talvez. Dou outro exemplo. Dominus não me disse que título usar, mas eu tinha de ter um. Pensei em soma, soba, muata, mfumu, que todos querem dizer chefe nas línguas de Angola. Depois virei-me para títulos de sacerdotes, como tahi, kilamba ou outros. Não podia ser, era sempre privilegiar uma região ou uma cultura, em detrimento das outras, retirava logo o carácter nacional. Tinha de ser um título em língua de todos, portanto em português. Ou latim, que podia ser explicado e que aqui nas zonas aculturadas é imediatamente compreendido como língua de religião. Acabei por escolher o título de bispo, que é o mais simples e que toda a gente conhece. Já expliquei isto num culto e os fiéis concordaram que tinha sido a melhor opção. A diferença com os outros profetas, é que eu assumo que muita coisa não é decidida por inspiração divina, mas apenas por inspiração social e cultural, passível portanto de correção e aperfeiçoamento.

– Espera, deixa-me falar – cortou Malongo. – Tu tens de defender essa opinião, compreendo perfeitamente, e se entramos nessa discussão nunca mais saímos daqui. Não precisas de me convencer de nada, nem é esse o teu objetivo. Queres um sócio e tens é de me convencer que o negócio pode funcionar. Como negócio. O *show* pode funcionar, mas precisava de te ver em palco, isto é, no púlpito ou lá como lhe chamas. Essa do rítimo, gostei, gostei mesmo, tem de haver palmas ou batuque ou coisa assim, e um sintetizador eletrónico ajuda. Vi o papa na praça do Vaticano, a receber os fiéis de todo o mundo e a falar em todas as línguas. Ali o que funcionava como *show* eram os paramentos, o fausto da praça com aquele espaço todo e umas colunas de grossura exagerada, a lentidão das coisas, e a representação teatral duma pessoa que é capaz de falar dezenas de línguas, esse é o truque. Funciona para lá. Estava um calor de morrer e as pessoas ficaram três horas ao sol à espera que ele dissesse umas palavras na língua delas. E quando acontecia, derretiam-se de sol e de prazer, era como se Deus lhes falasse diretamente. Este papa é um artista, criou o papel de papa da comunicação, com as línguas e as viagens a todos os cantos do mundo. Tu também podes ser um grande artista. Esse truque de falar como um ventríloquo até pode dar certo, a maralha gosta dessas artes de circo. A gente também vai gostar dessa do prazer e da desculpabilização do prazer. Claro que vais ser acusado de incitar ao vício. Neste momento em que as pessoas têm medo do Sida, essa acusação pode ser má, pois se liga vício e Sida. Mas uma parte da juventude vai apreciar.

– Em todos os cultos incito ao máximo cuidado em relação ao Sida, explico como o evitar. Gostaria de distribuir camisas-de-vénus, mas fica muito caro.

– Não sei se pegava bem – disse Vítor, rompendo finalmente o mutismo. – Distribuir camisas-de-vénus num culto religioso...

– Agora és tu que te agarras a uma moral da Bíblia. Estás a fazer uma associação simples entre Igreja e Igreja Católica, entre culto e missa. Claro que ficava mal à saída da missa aí da Igreja da Nazaré estar um padre a distribuir preservativos. Eles são contra os preservativos, porque no íntimo e sem o poderem confessar são contra o ato sexual, e contra o prazer em geral. Querem a gente toda triste, a arrastar os pés. Não o afirmam claramente, porque seria pecar contra a caridade, mas festejaram escondidamente a aparição do Sida, porque parece a vingança de Deus contra os abusos sexuais provocados pelas liberdades da revolução dos anos 1960. A minha Igreja não tem nada a ver com eles, nós somos os apóstolos da sã alegria e do prazer compartido.

Vítor afagou as barbas, enquanto Malongo voltava a servir o uísque. Não havia mais gelo e ele foi com o balde para o encher. Observou que os pares não dançavam, pois o segundo espetáculo da noite ia começar. Gomes apoderou-se do balde com mil desculpas, já levo, já levo, mas não querem apreciar o espetáculo? Malongo ia responder é sempre o mesmo, mas encolheu os ombros e voltou à sala reservada. Elias falava, de novo em voz normal.

– Claro que devemos ter uma posição, mas ainda não decidimos. Evidentemente que Dominus não entrou nesses detalhes. O aborto hoje é um problema importante e em breve vamos anunciar o que pensamos.

– Diz-me uma coisa, Elias – perguntou Malongo, sentando-se. – Em que língua é que Dominus te falou?

O bispo riu. Deu-lhe uma palmadinha no joelho. Bebeu um trago do uísque sem gelo, fez uma careta, respondeu alegremente:

– Essa é uma pergunta que me fazem logo. A grande curiosidade, saber qual é a língua de Deus. Olha, não sei. Falou-me muito, era aliás apenas uma voz e uma luz. Eu percebia tudo, mas não sei distinguir qual era a língua. Certamente a radicial, a primeira da Humanidade. Por vezes penso nessas coisas e é como se falasse em umbundu, a minha língua materna, outras vezes em português, outras em inglês, que foi a que mais usei ultimamente...

O gerente apareceu com o gelo, anunciando o princípio do segundo espetáculo da noite. Elias agitou-se na cadeira. Vítor perguntou há mudanças?, o gerente disse que não. Quando o senhor Gomes saiu da sala, o bispo levantou o copo, bebeu-o dum trago.

– Desculpem, mas tenho de ir. Há um número sensacional de *streap-tease,* uma gaja que veio do Zaire.

– Já vimos – disse Malongo. – Não vale nada, a gaja é zarolha e lésbica ainda por cima. E não é agora. Primeiro há umas canções.

– Tenho de ir ver como está a minha dona. Compreendem, aquilo ainda não está muito seguro e o rapazito que veio connosco pode aproveitar a minha ausência e o escuro da sala para lhe meter a mão nalgum sítio menos conveniente. Esta malta agora não tem o mínimo decoro.

– Ele não é da tua Igreja? – perguntou Vítor.

– Não. Ela é que o arrastou e mais a uma amiga. Só a minha dona é crente, mas ainda muito recente, pouco preparada.

– Espera, queria fazer-te uma pergunta, a última. Um tipo que andou comigo na guerrilha, o Aníbal, mais conhecido pelo Sábio, acho que nunca o encontraste... Bem, esse gajo dizia que

os deuses da Terra eram reminiscências na memória dos homens de seres extraterrestres que teriam colonizado o planeta, ou pelo menos influenciado a sua evolução. Seres de civilização muito superior, dominando formas avançadas de energia, que os homens temiam e adoravam, por isso os endeusaram. Todos os deuses viriam daí, porque todas as culturas teriam transportado esses resquícios duma memória do princípio dos tempos. Bem, nunca tentaste integrar os OVNI e os extraterrestres na tua religião? Isso mexe com a imaginação das pessoas.

Pela primeira vez, Elias pareceu perturbado. Encheu o copo com uísque mais uma vez, bebeu um gole, acrescentou o gelo. Ficou pensativo, mexendo o copo. Depois falou muito baixo, como quem revela os segredos mais escondidos.

– Dominus nunca me falou disso e eu também não me lembrei de lhe perguntar. Não estava muito preocupado com problemas de história, queria saber mais sobre Ele próprio. E nunca mais me apareceu. Disse, no entanto, que se eu tivesse uma dúvida fundamental, mas só nesse caso, O poderia invocar e com Ele conversar. Nunca tentei, não era necessário. Pergunto-me se desta vez... Uma cosmogonia é importante, toda a religião tem as suas respostas a essas perguntas sobre o espaço e o Universo. Provavelmente é onde mais têm errado, porque a ciência ao avançar mostra as incongruências das diferentes respostas. A religião de Dominus está centrada no Homem, na felicidade do Homem. Mas o Homem será mesmo o único ser pensante do Universo? Há tantos sintomas de que não o é... Tenho de decidir se isto é um problema radicial, para O invocar ou não.

Malongo mais uma vez se conteve para não rebentar com uma gargalhada possante. Que finório este Elias! Um artista, sem dúvida. Estava nas trombas, o tipo nunca se tinha lembrado dos OVNI, o Vítor prega-lhe a rasteira, uma finta daquelas de político, o tipo fica em desequilíbrio, apanhado no contrapé, sabe que nos apercebemos do seu enrascanço, já não pode responder com uma certeza em voz de ultratumba, safa-se às maravilhas dando uma de sincero e deixando em aberto a possibilidade de utilizar a sugestão do Vítor. Assim se constrói uma religião, que, claro, vai integrar os extraterrestres, está nas trombas.

– Tu mereces um apoio, és um malabarista de primeira. Mas arranja maneira de meter todos os OVNI que puderes no espetáculo, já estou mesmo a ver, luzes de todas as cores sobre o palco e tu a subires nos céus sem balão nem nada. *Show* de primeira, os patrícios vão pagar bué para ver. Vão te chamar o maior feiticeiro do século.

Elias não modificou a atitude humilde da última fala. Virou-se totalmente para Malongo e perguntou:

– Verdade que nos vais apoiar? Era importante para a Igreja o apoio de alguém tão bem prestigiado nos meios económicos como tu. Claro que insistirei muitas vezes para não veres coisas sérias apenas como *show,* mas só com o tempo a graça de Dominus entrará em ti.

– Deixa de fintas, que em mim não entra nada, quem tu pensas que eu sou? Mas calma aí. Talvez te apoie, ainda vou pensar. Para já, não quero que ninguém saiba, é condição *sine qua non.*

– Claro, claro. E tu, Vítor?

– Eu? Porra! Nestes tempos de mudança não se sabe para quê? Já me acusam e aos colegas do governo de corrupção, de repressão, de tudo e de nada. Todos os dias aparecem partidos

de oposição a querer escarafunchar na merda e eu vou meter-me numa igreja eletrónica? Preciso é do apoio duma boa Igreja prestigiada, católica ou protestante, mas com peso.

Elias já tinha esquecido a dona que devia estar lá dentro a empernar com o rapazito, enquanto o espetáculo de quinta categoria decorria. O bispo de Dominus agora estava todo voltado para Vítor, os olhos pedinchões escondidos pelas lentes fortes. A voz ganhou tons sensuais de certeza:

– Uma Igreja ganha prestígio e poder pelo apoio que recebe. A nossa pode ter tanta força na sociedade como essas que citaste. A sua mensagem é muito mais moderna e mais de acordo com o ser profundo do homem angolano. Daqui transbordará para África e depois para todas as diásporas africanas. Imagina o mercado mundial de almas à nossa disposição. Com as crises económicas, com a perda da utopia da libertação política, com o fim do inimigo que estava do outro lado na guerra fria, com a dívida externa que tira qualquer hipótese de desenvolvimento aos nossos países, os jovens desempregados e sem instrução, a delinquência e insegurança galopantes, tudo isso leva as pessoas a verem a religião como a única salvação. Todos apelam a um deus que lhes indique um caminho na vida, que já não têm ou que nunca tiveram. Os políticos vão namorar-nos um dia também, porque seremos a força. Mas para já precisamos dum pequeno apoio discreto dum político. Uma palavrinha a quem de direito para que a Igreja seja legalizada. É isso, ainda não estamos reconhecidos, o que nos limita. Uma palavrinha não custa nada. Não te compromete muito. E terás o nosso apoio quando dele precisares, o que vai acontecer em breve, não é preciso ser feiticeiro para adivinhar. Serás o único comunista a ter o apoio duma Igreja.

– Nunca fui comunista.

– O teu partido era e o governo também. Não estou a acusar, apenas a mostrar-te onde serás atacado no futuro.

– Nunca foram. Toda a gente sabe que aquilo era só papo, ninguém acreditava na teoria que se papagueava, nem a seguia. Todos sabem, o KGB e a CIA em primeiro lugar.

– Terás o nosso apoio discreto e eficaz. Pensa nisso.

Malongo estava fascinado. O bispo tinha de novo dado uma reviravolta e agora apresentava-se com uma força interior insuspeitada. Absolutamente abandonado o ar humilde, encurralava Vítor naquilo que sabia ser o seu ponto fraco, sem precisar de ameaçar, mas sugerindo-lhe um futuro desgraçado se ao seu projeto não aderisse. E Malongo sabia que o tiro acertava em cheio no alvo, porque Vítor estava atemorizado com as denúncias que se gritavam pela cidade e que foram o ponto central da conversa com Orlando. Mundial sentia que o poder que durante anos e anos controlava se lhe esvaía pelos dedos como areia fina. O seu mundo esboroava-se e talvez não tivesse tido tempo de juntar divisas suficientes para viver nalgum lado o resto da vida. Malongo percebia, porque era seu amigo. Mas o bispo do Dominus não tinha contacto com Vítor há trinta anos. Conseguira imediatamente compreender o ponto fraco do outro e ia usá-lo até obter o que queria. E ninguém podia chamar chantagem a isso. Não, esse Elias não era para brincadeiras. Vale a pena fazer um negócio com ele, sim, mas com muito cuidado, pode-se ser atropelado.

– Vai pensar, sim – disse Malongo. – Não querias ver a zarolha zairense? Deve estar a começar.

– Já me desmoralizaste com essa de ser zarolha e lésbica. Mas vou apreciar de perto.

O bispo levantou-se, encostou um pouco à mesa para ganhar equilíbrio e partiu para a sala principal, em movimentos mais redondos que habitualmente. Vítor falou então:

– Que mudança fantástica! Este tipo era um estudante sério, cheio de ideias sérias, um religioso. Radical como político. Sempre pensei que fosse um dos chefões da Unita, ou então que tivesse morrido. Muitas vezes perguntava por ele, ninguém sabia informar. Olha no que deu. Por isso lhe perdemos o rasto.

– Como vês, meu, não é só a política que atrai os talentos.

– Achas que ele tem talento? Este aldrabão?

Malongo riu uma daquelas gargalhadas célebres. Deu uma palmada forte no ombro do amigo, o qual se encolheu, defendendo-se. Não fossem as barbas esbranquiçadas de Vítor e os quilos a mais de Malongo, parecia não tinham passado trinta anos sobre a amizade deles, na Casa.

– Disso percebo eu. Andei em muitos lugares de showvício, a ganhar a vida da maneira que sabes, cantando, tocando, mas sobretudo à custa das mulheres que ia engatando. E aprendi, nos contactos com a gente mais variada. Este tipo tem um talento bestial. De aldrabão? Sim, está bem, mas para isso é preciso talento. E no fundo continua religioso, nisso não mudou muito. Só que agora mudou de religião, para a do prazer. Está a desforrar-se dos traumas que os protestantes lhe devem ter causado com aquela moral puritana deles. Este gajo é uma mina.

– Estavas a falar a sério, vais apoiá-lo?

– Ainda não pensei bem, mas vou fazer um negócio com ele. E tu também, velho. Vamos entrar nessa juntos. Deixa-me pensar uns dias. Antes de lhe propor qualquer coisa vou combinar contigo. Vamos sacar umas balas da crendice da maralha. E sem ninguém saber. Atiramos o bispo para a frente, o gajo é que aparece. Nós arrecadamos. Porque essa Igreja vai ser popular e ganhar muito dinheiro. A maralha quer é dançar, beber, foder, sem sentimento de pecado. E se no meio houver umas curas, porreiro. E espetáculo com música e barulho e luzes. Mas antes de nos enfiarmos a fundo, o Elias organiza um *show* para nós, vamos ver como é que ele é num palco. Pode ser que com as pessoas a verem-no, o gajo se desmanche, não tenha os nervos suficientes, perca a capacidade de dominar. Até porque o físico não ajuda muito, baixinho, gordinho, careca... Não é propriamente um Apolo. Mas se tiver eletricidade que compense...

– Nessa não entro.

– Estás tão seguro assim do teu futuro político? Ou tens bué de bala lá fora? Olha que isto aqui pode dar para tudo, um gajo tem de começar a pensar a sério no dia de amanhã. Umas balas a mais e o apoio duma Igreja dinâmica, não sei se será para desprezar. Imagina os jovens fanáticos que o Elias poderá ter sob controle. Basta dizer, apoiem este tipo, os gajos partem tudo. Em África, ganha quem tiver mais possibilidade de partir. Pelo menos, sempre ganha tempo para recuar em ordem, enquanto os fanáticos se deixam matar.

Vítor não respondeu de imediato. Olhou para a garrafa vazia, agitou os restos de gelo do copo e bebeu o pouco de água que sobrava no fundo. Levantou-se, encostando também na mesa o corpo magro.

– Vamos ver o resto do espetáculo e pedir mais bebida. Está bem... pensa no assunto e depois falamos. Mas não quero ouvir falar mais de igrejas hoje. Quando me lembro que ficava todo intimidado a falar com o Elias, mais velho, que já tinha lido bué... Duma vez que o fui convidar para o baile da Casa, quase tremia por causa da certeza que ele tinha na violência da UPA. Duvidei das nossas ideias, tal a convicção dele. Sim, tens razão, é um ator. Pode ser...

Entraram no salão e reocuparam a mesa reservada. O gerente fez um sinal a um criado que veio logo perguntar se queriam mais bebida. A zairense já tinha feito o seu número e agora um tipo cantava, acompanhado da viola. A música estava baixa, até dava para falar. Malongo percorreu a sala com os olhos. As mesas estavam todas ocupadas. Uma parte importante eram estrangeiros, homens e mulheres. Estrangeiros mesmo, não pelo facto de serem brancos, mas pelo tom de pele indicando o europeu que apanha temporariamente o sol dos trópicos, muito diferente do tom branco encardido de Sara, por exemplo. O único cabaré de Luanda começava a ser procurado. Acabou por descobrir o Elias numa mesa do fundo, difícil de descortinar porque o bispo e a dona faziam um só, beijando-se enroladíssimos numa cadeira. O rapazito, como Elias dizia, e a amiga riam.

– O nosso sacerdote não perde tempo para pôr em prática as suas prédicas – disse para Vítor, apontando com um gesto de cabeça.

O outro procurou na direção indicada e sorriu.

– Não havia um santo que dizia façam o que eu digo e não o que eu faço? O nosso santo Elias é o contrário, faz mesmo o que diz. Coerência radicial.

Malongo deu uma gargalhada que se sobrepôs ao barulho da música e fez as cabeças se voltarem na direção da mesa. Vítor encolheu-se mais no canto, para se ocultar dos olhares curiosos, que tudo registam e depois atiram mujimbos malévolos para a rua. Malongo notou, o bispo também ouvira, do outro lado, e lhes fazia um adeus com a mão vaga. A outra não largou o peito farto da neófita.

3

Malongo respirou com deleite o ar fresco da manhã de cacimbo. Vivera demasiados anos na Europa e o frio passara a agradar-lhe. Até tinha muita dificuldade em suportar o calor de Luanda na época da chuva. Corria se refugiar em qualquer canto que tivesse ar-condicionado, o que, felizmente, abundava nos meios que frequentava. Agora estava-se no cacimbo. No entanto, durante as horas de sol, tinha de ligar o sistema de arrefecimento do Volvo. É, virei branco, mas só o noto aqui na terra. Espreguiçou-se na varanda. O criado estava a servir o mata-bicho na mesa da varanda, onde ele gostava de o tomar, olhando o movimento da rua e as plantas do jardim. Fazia falta uma mulher na casa, ele não gostava de se ocupar desses afazeres domésticos de controlar os criados, de escolher a refeição que o cozinheiro devia confeccionar, ou contar a roupa que Dona Maria devia lavar e engomar. Fazer as compras não lhe desagradava, resolvia facilmente a questão num supermercado de divisas. O problema ia ser quando deixassem de funcionar com divisas, como o governo prometia. Qualquer pé-descalço poderia lá ir, o que significava bichas de quilómetro e fim imediato dos produtos. Também não podia ser assim. Antes fariam subir os preços de tal maneira que os patas-rapadas desistiam de entrar. Têm de aprender que o igualitarismo terminou, há sítios para uns e há sítios para outros, quem tem entra, quem não tem olha só e alimenta-se com a visão dos produtos.

A mesa estava posta e ele sentou-se numa das cadeiras de ferro forjado pintado de branco, a combinar com a mesa. Era a habitual mobília de varanda das casas da burguesia de Alvalade, incómoda mas na moda. Abriu um *croissant* e besuntou-o de manteiga. Tomou o sumo de laranja para abrir o apetite e depois serviu-se de um prato de ovos mexidos com *bacon*. Ainda havia pão, leite, café e fruta. Mata-bicho de hotel quatro estrelas, pensou, satisfeito. Num de cinco não sabia como era, nunca tinha estado. Aconteceria da próxima vez que fosse ao estrangeiro, se os negócios corressem como previa. Provou os ovos e merda, falta sal. O cozinheiro ensinara o criado, João, a fazer os ovos, para não ter de vir trabalhar logo de manhã cedo. Mas duas em cada três vezes, o João esquecia o sal nos ovos ou punha demais. O berro de Malongo fê-lo comparecer, assustado. Aparentava cerca de inquietos dezoito anos.

– Você não aprende, não é, seu negro burro? Esqueceste outra vez o sal, filho duma puta velha. Vem cá, vem provar aqui.

Malongo segurou-lhe a cabeça com as duas mãos, enfiou-lhe a cara no prato, prova, cabrão, prova para aprenderes. João estrebuchava, mas o patrão era demasiado forte, e a cara dele só largou o prato quando uma chapada monumental o atirou contra a parede da varanda. O criado ficou no chão, tonto, a esfregar a cara. Dois miúdos que passavam na rua pararam para ver. O jardineiro ouviu os berros e veio à parte da frente do jardim, mas logo se apercebeu do que passava e se retirou estrategicamente. João sacudiu a cabeça e levantou-se. Os olhos ficaram mais pequenos, de raiva, e gritou:

– Você julga que isto ainda é terra de colono?

Malongo avançou para ele, ameaçador. Mas parou a dois metros, notando que a cena estava a ser observada da rua por uma mulher que se juntara aos dois miúdos. Que chatice, esse muro não era suficientemente alto para garantir a privacidade da casa. E a sebe que o encimava tinha sido maltratada pelo anterior inquilino, apresentando espaços vazios que só aos poucos se recompunham.

– Cala a boca, senão te dou mais.

– Somos independentes, ouviu? Ninguém tem o direito de me bater.

– Vai arrumar as tuas coisas e desaparece-me da vista. Senão rebento-te à porrada. Gente como tu é o que não falta para trabalhar aqui em casa. Dei-te uma chapada para aprenderes, pois os negros burros como tu só aprendem à porrada. Não queres aprender? O problema é teu, desaparece.

– Você não é negro também? Parece colono, pior que colono.

Malongo entrou para casa, incomodado pela gente que se juntava no passeio, ouvindo o relato gesticulado dos miúdos e atenta aos gritos do criado. Foi ao quintal de trás, disse para o jardineiro, um velho assustado.

– O João vai embora, faltou-me ao respeito. Vá lá dizer-lhe para pegar depressa nas imbambas dele e desaparecer. Senão ainda lhe rebento as trombas.

O criado vivia há dois meses no quarto do quintal, a pedido do jardineiro que era tio dele. Pelo menos assim se intitulou, quando lhe pediu emprego para o João. Deve ser do mesmo kimbo, já virou sobrinho, pensou Malongo. Sacana do miúdo, sempre com a independência na boca. Um boçal desses do mato já se sente gente para refilar com um mais-velho. Claro, fez a quarta classe na escola do mato, depois veio para Luanda tentar a vida. E na escola, em vez de aprender a trabalhar, só aprendeu essas politiquices de orgulhos balofos porque somos independentes. São independentes há bué de tempo e cada vez trabalham menos mas é. Voltou para a sala da frente, mas não se atreveu a aparecer na varanda. Pela janela se apercebeu que o João quase fazia comício no passeio. Já havia mais de vinte pessoas. O jardineiro tentava puxar o sobrinho para dentro, mas este estava possesso, explicando que os colonos estavam de volta para retomarem o país, agora ajudados por uns negros que andaram esses anos todos na Europa a aprender a melhor vender os seus patrícios.

O jardineiro lá conseguiu trazer o João para o quintal e as pessoas foram dispersando aos poucos, discutindo entre si. Por isso é que este país não avança, as pessoas não têm nada para fazer. A ver se na Europa uma cena destas reunia assim um magote de desocupados,

todos felizes por passarem o tempo com um centro de interesse inesperado. Nada, porque lá o tempo conta. E agora, por causa dos basbaques, estou sitiado aqui na sala, com a comida a arrefecer lá fora. Que se lixem! Saiu para a varanda, olhou para a meia dúzia de pessoas que restavam no passeio, sentou-se à mesa com ar indiferente. Afastou o prato com ovos onde tinha enfiado a cara de João. Serviu-se de café e leite, comeu o *croissant* que tinha preparado.

– Me dá pão, colono – gritou um dos miúdos, no passeio, estendendo o braço magro.

Malongo engasgou-se com a raiva súbita que o acometeu. Tossiu o café com leite para a toalha e as pessoas do passeio riram. Se levantou, tossindo, fugiu para dentro, perseguido pelas moscas e pelas gargalhadas dos miúdos. Ficou largos momentos na casa de banho, esperando acalmar a tosse e fazendo tempo para que a maralha dispersasse lá fora. Mas duma coisa estava certo: já lhe tinham estragado o mata-bicho, perdera definitivamente o apetite. Ao sair da casa de banho, encontrou o jardineiro e o seu ar humilde.

– Desculpa, patrão. O João quer falar.

– Que desapareça, não o quero ver.

Mas o criado entrou sem pedir licença. Trazia um saco, onde tinha as suas coisas. Olhou Malongo sem medo, mas também sem ar de desafio. A cara começava a inchar no lado esquerdo.

– Venho buscar o dinheiro. Este mês trabalhei duas semanas.

– Não te pago nada. Vai queixar no sindicato.

O pessoal doméstico não era defendido pelo sindicato, Malongo sabia. Até lhe podia pagar, era uma soma irrisória para as suas possibilidades. Mas João hoje era culpado de todos os seus males, ainda por cima fizera-o se retirar da varanda e ficar sem mata-bicho. Não pagava e pronto, não havia força que o obrigasse. E não viessem com os direitos sociais adquiridos com a Revolução, isso já tinha acabado. Para nunca mais esses populismos e igualitarismos que só tinham estragado o país.

– O patrão tem de pagar, eu trabalhei.

– Ou me desapareces da frente, ou rebento-te todo. E ainda vais parar na cadeia.

O jardineiro agarrou no ombro de João, vai embora então. O rapaz libertou-se com um safanão. Os olhos voltaram a ficar pequenos. Pousou o saco no chão e enfrentou Malongo. Este gajo vai obrigar-me a dar-lhe mais porrada, boçal da merda. Mas o jardineiro meteu-se entre os dois e empurrou o sobrinho, chega, vai embora, depois falo com o patrão. João voltou a agarrar no saco e deixou-se levar pelo tio. Saiu pela porta de trás. Malongo ainda ouviu a fala dele vinda do quintal:

– Esse colono vai pagar, tio. Esses muadiés vêm lá de fora e pensam que mandam em nós, que nos podem roubar e bater. Tempo do colono acabou.

Ouviu depois o portão do jardim bater e o velho a ralhar com os miúdos no passeio, estão à espera mais de quê? O silêncio apoderou-se das coisas. Malongo sentou numa poltrona da sala, acalmando. Passado tempo, a tesoura do jardineiro começou a aparar a buganvília que iria reforçar a sebe por cima do muro do quintal, tornando a casa numa fortaleza inexpugnável. O ruído monótono da tesoura de podar fê-lo cair numa sonolência que fazia afastar a raiva. Ficou muito tempo concentrado apenas nesse ruído.

Olhou o relógio, nove horas. O cozinheiro ainda não tinha chegado, mas não ia esperar. Ele saberia destinar o almoço sozinho. Tinha de arranjar um outro criado. Talvez fosse melhor uma mulher, de preferência da família do cozinheiro, o qual era do Cuanza-Sul. Gente séria. Não queria mais miúdos estragados com as ideias da independência populista.

Mandou o jardineiro abrir o portão da garagem e saiu com o Volvo. Foi conduzindo devagar, respirando o ar-condicionado do carro, o disco compacto tocando música das Antilhas. Com isso e mais os vidros fumados, sentia-se em segurança dentro do carro. Muito diferente da sensação de quem anda a pé nas ruas, permanentemente mergulhadas em clima de guerra. O asfalto da Rua Marien Ngouabi tinha os mesmos buracos de sempre, já os conhecia desde há sete anos. Por vezes desapareciam, porque os atulhavam com asfalto. Mas como os canos rebentados não eram arranjados em baixo, quinze dias depois os buracos reapareciam. Evitou os buracos, evitou os miúdos que vendiam cigarros e pão na rua, continuou a caminho da Baixa. Estava a dar uma grande volta para o destino pretendido, que era o Cazenga. Mas não havia pressa e sempre era um prazer passar pela Baixa, apesar da degradação dos prédios. Se sentia, havia de voltar a ser o centro dos negócios, a Wall Street luandina. Por isso instalara a firma aí. Um apartamento pequeno, com duas divisões, o seu gabinete e o da secretária. A secretária não tinha nada para fazer, mas um empresário tinha de ter uma secretária. Realmente os negócios ainda não tinham começado, estava nos trabalhos de instalação e tomada de contactos. E tivera também de comprar o apartamento com divisas, mas valia a pena. Nem toda a gente podia apresentar a sede social da empresa na Rua Rainha Jinga.

Nos largos e esquinas, mulheres e miúdos vendiam cigarros e cerveja. Alguns montavam banca de engraxar sapatos, sentados em cima de latas de leite. Lembrou de repente o Horácio, poeta dos tempos de Lisboa, um chato que queria impingir literatura a toda a gente. O Horácio dizia os engraxadores percorriam toda a literatura angolana, porque eram a imagem mais acabada do colonialismo. Pois é, mas tantos anos depois da independência, os miúdos continuavam a fugir da escola para engraxar sapatos, se queriam ganhar a vida sem roubar. Imagem do colonialismo? Essa malta achava que ia fazer as coisas de maneira diferente dos outros africanos. Quando passavam pela casa dele, em Paris ou Bruxelas, na época da guerra contra os portugueses, diziam, tal país, uma desgraça, nem usam balança nos mercados; tal outro país, uma vergonha, arrastam-se atrás dos europeus. Afinal, tudo caiu no mesmo. Até a venda de produtos ao montinho, sem balança, resultado duma economia de miséria. E a prostituição, os pequenos negócios ilegais, os biscates. E a mendicidade dos governantes junto do Banco Mundial, CE, e todas as instituições de ajuda. Um povo tão digno tornado mendigo... Merda, essa frase era do Aníbal, segundo tinha dito Judite. Um amigo lhe tinha confidenciado, em jeito de autocrítica: quisemos fazer desta terra um País em África, afinal apenas fizemos mais um país africano.

Passou pelo prédio onde tinha a firma, a secretária devia lá estar a olhar para os móveis. Tanto faz. Importa é ter uma empresa legalizada, com endereço de prestígio. Os negócios passam-se fora dela. Como este em que se metera agora, com o divino pastor do Dominus. Tinha imposto as suas condições ao redondo Elias: entrava com um capital, sobretudo para as aparelhagens sonoras, colunas de mil *watts,* lâmpadas de todos os tons e tamanhos. E para

a construção da igreja no Cazenga, onde agora ia. O Vítor dava o apoio político. Mas ele, Malongo, era o tesoureiro e os lucros repartidos em duas partes. Uma para o bispo e outra para eles. Era justo que Elias ficasse com metade dos lucros, tivera a ideia e dava a cara. Os dois amigos dividiam por igual a outra metade. Elias suspirou, discutiu, voltou a suspirar, queixou que estava a ser roubado, mas não tinha safa. Precisava de ajuda urgente, pois nem conseguia o aluguer dum cinema domingo de manhã para fazer o *show*. E tinha escolhido um terreno vago no Cazenga, começou a construir a igreja em trabalho voluntário com alguns fiéis, mas não conseguia o cimento para continuar e, pior de tudo, foi chamado ao comissariado por construir sem autorização, queriam deitar tudo abaixo. O servo de Dominus acabou por aceitar as condições e ainda a última: acontecesse o que acontecesse, ele não os conhecia, não tinham nenhum negócio juntos. Na melhor maneira africana, o acordo foi celebrado com uma garrafa, sem papéis, nem testemunhas. Dois dias depois, Vítor entrou em campo e legalizou a Igreja da Esperança e da Alegria do Dominus. E numa semana, Elias recebeu os papéis autorizando a construção do templo e a propriedade sobre o enorme terreno à volta, antes destinado para um bairro de construção popular. Ficava longe do centro da cidade, mas não havia nada a fazer por enquanto. Com as liberalizações que se anunciavam, talvez pudessem comprar outro terreno mais central, com crédito dum banco.

Subiu pelo Eixo Viário, em direção ao cemitério do Alto das Cruzes, ultrapassando camiões carregados de produtos vindos do porto. Mas em breve a circulação estava bloqueada, porque um Mercedes de dez toneladas, carregado de garrafões de vinho, tinha perdido a estrada numa curva e virara. Metade da carga caiu. Muitos garrafões se partiram e o vinho escorria pela estrada abaixo. Os transeuntes aproveitavam para apanhar garrafões inteiros e fugiam com eles. Pela quantidade de pessoas que logo se juntaram a pilhar o camião, dava a ideia que havia combina com o motorista. Já lhe tinham falado deste tipo de manobras: o camião virava de propósito, sempre na mesma curva apertada, e a carga era pilhada antes que chegasse a polícia. O motorista se justificava facilmente com a curva, demasiado apertada para veículos tão grandes e mal carregados. Como os produtos eram do Estado, ninguém se preocupava muito em saber como os acidentes ocorriam. Malongo viu uns tipos encherem uma carrinha com os garrafões que retiravam de cima do camião. E a carrinha arrancou, mesmo à frente de toda a gente. O vinho seria imediatamente vendido num mercado paralelo. Os negócios cá da banda, feitos em plena luz do dia!

O trânsito recomeçou, muito lento. Os carros que conseguiam pôr-se à altura do camião, paravam, porque toda a gente queria ver as cenas. E também aproveitar um garrafão de vinho. Malongo demorou meia hora até se desenvencilhar do engarrafamento. O motorista do camião mostrava ar resignado, conversando com dois polícias que entretanto chegaram de moto. A pilhagem já tinha sido executada, por isso os polícias tiveram trabalho fácil em afastar as pessoas. Esse é o resultado da economia estatal, pensou Malongo, nunca ninguém é responsável de nada e a máfia aproveita. Se o motorista soubesse que o patrão lhe rebentava com as trombas e o metia em tribunal, nunca viraria o camião. Nem se aventurava a passar por ali, caminho que toda a gente sabia não ser para camiões carregados. Mas o patrão é o Estado que se está nas tintas para o prejuízo.

Avançou pelo Miramar até ao Sambizanga. Mais uma vez escolhera um caminho longo,

mas precisava de passear para esquecer de vez a má disposição causada pelo criado. Sacana do miúdo, armado em esperto. Logo mudou de pensamento, ao ver as pessoas, sobretudo crianças, que se aglomeravam na lixeira, procurando restos de comida, roupa, ou coisas que pudessem ser vendidas, disputando-as com os ratos e as aves. Essa lixeira antes era pequena e a zona não estava ocupada. Mas com o crescimento da cidade, agora era quase no centro, mesmo ao lado do bairro diplomático. Quando o vento soprava do norte, o cheiro pestilento invadia as embaixadas. Uma vergonha. As pessoas se moviam por cima do lixo fumegante, tão sujas como a própria lixeira. E os bairros tinham rodeado a lixeira, para mais perto respirarem os miasmas que dela emanavam. Um médico lhe tinha dito que toda essa população tinha problemas respiratórios. Muitas vezes se falara em mudar a lixeira para fora da cidade, mas os camiões continuavam a descarregar ali nas barrocas. Desligou o ar-condicionado para não meter o fumo pestilento dentro do carro e ultrapassou a zona o mais depressa que pôde.

Logo a seguir, num descampado que dominava toda a baía, ficava o maior mercado de Luanda, o Roque Santeiro. Nestes últimos anos que veio regularmente à terra, pôde acompanhar o crescimento imparável desse mercado, primeiro combatido, depois resignadamente aceite pelas autoridades. Milhares de vendedores se instalavam no chão para vender legumes, depois também roupa, sapatos, medicamentos, aparelhos domésticos, motos, peças de carros, enfim tudo. O que não se pudesse encontrar nas lojas oficiais aparecia no Roque. As barracas foram sendo montadas e agora havia bares e restaurantes, cobertos por folhas de palmeira. O centro de negócios foi progressivamente passando para ali, quase na periferia da cidade, em plena zona do muceque. A desforra do muceque sobre a Baixa colonial. Parou o carro numa lomba fora da estrada, mas relativamente longe do mercado. Contemplou o azul do mar, a Ilha verde à sua frente, o vermelho das barrocas, o amarelo e cinzento dos prédios da Marginal. Dali, Luanda era um arco-íris numa concha. Essa imagem tinha percorrido a sua juventude, desde que viera de Malanje para Luanda estudar e jogar futebol. Longe da terra, muitas vezes abria a concha da memória, dela saía o arco-íris para o reconfortar.

Uma mulher bateu no vidro do carro, não tens nada, amigo? Claro, um carro parado ali, fora do mercado, chamava a atenção. Pensavam imediatamente que trazia cerveja para revender. Fez um gesto de negação sem baixar o vidro. Tinha de ir embora, senão mais gente vinha incomodá-lo. Mas a atenção dele foi atraída por um burburinho na zona esquerda do mercado, onde ficavam as mulheres que vendiam legumes e carvão. Dele sobressaiu um homem que corria, perseguido por dezenas de pessoas. Viu o homem ser rasteirado por alguém, cair no chão, logo ser abafado por dezenas de corpos. As pessoas corriam de todos os lados do mercado para lá. E vinham também da estrada, a correr e gritar, passando pelo carro. A mulher que lhe queria comprar cerveja também correu. Malongo baixou o vidro, para ouvir o que acontecia. Os gritos anunciavam, um ladrão tinha sido apanhado. Um miúdo passou rente ao carro, berrou para outros mais atrás:

– Ladrão! Lhe vão carbonizar.

Não se conseguia distinguir nada na amálgama de pessoas, mas deviam estar a bater-lhe até ao linchamento. Como num filme, Malongo viu a turba abrir um círculo, deixando no

meio um corpo deitado que tentava levantar-se, depois alguém lhe despejar um líquido pelo corpo, devia ser gasolina, e segundos depois uma chama alaranjada sair do corpo caído, que se levantou, correu em direção às pessoas, as quais se afastavam em movimentos rápidos, para cair de novo sobre a terra vermelha de muceque e ficar a se consumir, chama e vida, num silêncio pesado de todo o mercado. Um carro da polícia chegava, com a sirene a tocar, e as pessoas correram para todos os lados, diluindo a responsabilidade coletiva no dédalo de bancas e barracas, deixando o corpo no chão.

Malongo pôs o carro a trabalhar, ligeiramente trémulo, arrancou pelo meio do Sambizanga, agora a direito para o Cazenga. Já chegava de passeio, o dia estava definitivamente estragado. Só a paz e alegria de Dominus me pode serenar, pensou no entanto ironicamente. Conduziu em alta velocidade, esquecendo até de subir o vidro, pelas longas ruas que o levavam ao templo de Elias.

Teve uma surpresa, desta vez agradável, ao chegar ao largo onde se erguia a igreja. Cerca de uma centena de pessoas trabalhavam e dançavam e cantavam, fazendo blocos de cimento, colocando os blocos já secos nas paredes da construção, com um empenho e uma alegria que nunca vira. No meio, um Elias esfuziante, gritando, dançando, indo de grupo em grupo. Malongo viu a devota que estivera no cabaré e que sabia se chamar Micaela. Mulher já madura, viúva, segurava uma colher de pedreiro. As duas colunas que arranjara provisoriamente, enquanto não chegava a aparelhagem que tinha encomendado do estrangeiro, sopravam música de Mory Kanté. Outra centena de pessoas, num círculo à volta, apreciava o espetáculo, mexendo os corpos ao rítimo da música. Saiu do carro e aproximou-se do bispo.

– Muita animação. E o trabalho avança rápido.

– Olá, Malongo. Como vês, o amor por Dominus faz milagres. Quem disse que esse povo não gosta de trabalhar? Aqui sabem que participam na obra de redenção do Mundo, estão motivados.

– Deixa disso – segredou Malongo. – É por causa da música.

– Isso ajuda, mas não é tudo. O trabalho deve ser uma alegria e a música puxa a alegria. Mas espera um pouco e vais ver a principal causa.

Elias subiu para um estrado onde estavam os aparelhos de som, pegou num microfone, diminuiu um pouco o volume da música e começou a falar, sobrepondo as palavras sobre a canção, aproveitando o fundo musical e o rítimo. Falava e dançava, percorrendo o estrado dum lado para o outro.

– Este é o povo de Dominus, o único senhor. Este é o povo que desafia o Mal, o único perdedor. O Mal é a tristeza, o Mal é o desamor. Dominus é Alegria, Dominus gosta d'amor. Temos Esperança, nós somos de Dominus. Temos Alegria, nós somos de Dominus. O futuro é nosso, nós somos de Dominus. O Mundo será de Paz, nós somos os construtores. Nenhuma doença nos vencerá, nós somos de Dominus. Construímos um templo, o templo de Dominus. Endireitamos o Mundo, um Mundo para nós. O prazer não é pecado, o pecado não é amor. Trabalhamos com alegria, dançamos com Dominus.

Malongo ouvia a voz cheia de Elias e inconscientemente entrava na ladainha animada. E via as pessoas sorrir embevecidas e acelerar o trabalho. Transportavam os blocos pesados

com passos de dança, riam uns para os outros, se afagavam ao cruzar. Uma ou outra pessoa do círculo de observadores atravessava o espaço vazio e se incorporava voluntariamente no trabalho. E vinha gente das ruas vizinhas para engrossar constantemente o grupo de mirones e o dos trabalhadores. Elias não parava de se mexer no palco improvisado e de falar. A música terminou, começou outra, e ele, sem um segundo de hesitação, manteve o discurso mudando apenas o rítimo de acordo com a nova canção. Um artista, sim senhor. Balançando o pesado corpo na dança, Malongo sentiu-se vaidoso, tinha apostado no clube vencedor. Elias era de facto uma mina.

O pastor parou o discurso, exortando as pessoas a não diminuírem o trabalho, aumentou o som da música, e veio ter com Malongo.

– De vez em quando faço isto para os animar e para atrair mais gente. Ao meio-dia a praça está cheia. Ontem foi a mesma coisa, só que os blocos não estavam secos e não se podiam construir as paredes. Hoje está mais gente a trabalhar. No fim, explico aos novos o que é a Igreja de Dominus e concentro neles a energia da minha mão. Sentem-se muito mais alegres e amanhã voltam.

– Devias impor a tua mão aos vendedores do Roque Santeiro. Vi matarem um ladrão. E pegaram-lhe fogo.

O bispo fez um ar compungido. Olhou bem para Malongo com os olhos míopes e notou a perturbação dele. Guardou um momento de reflexão. Depois falou com uma voz muito doce:

– A sociedade está doente. As pessoas perderam os valores morais, para elas a vida do outro não conta para nada. Precisamos de trabalhar muito para lhes dar novos valores.

– O problema é que não confiam nas autoridades, o Estado caiu em descrédito absoluto. Fazem logo justiça com as mãos deles, porque não confiam que o Estado o faça. Matar um tipo porque roubou qualquer coisa...

– Esse é um tema bom para uma prédica. Aqui no Cazenga é usual queimarem ladrões, carbonizarem como se diz. Tema polémico, deve ser tratado com cuidado. Mas talvez valha a pena. Uma sociedade de Alegria não faz isso. Mas anima-te, irmão, o nosso templo cresce. E sem arquiteto nem operários especializados.

– Isso é que me preocupa. Não vai cair?

– A mão de Dominus está por baixo dele. Como vai cair?

– Eu ficava mais tranquilo se um arquiteto viesse ver isto. Importas-te que arranje um? Porque, se há um acidente e morre gente, acabou, temos de inventar outro negócio.

Elias olhou para as paredes que começavam a ultrapassar os dois metros de altura. Ele mesmo tinha marcado no chão as linhas para os caboucos. Encolheu os ombros, disse:

– Se quiseres arranjar um arquiteto, OK, não há maka. Apesar de achar que não é preciso, Dominus não ia deixar cair o seu templo.

– Vai te lixar! Tu mesmo dizes que Dominus não intervém nas coisas, é como Nzambi.

– Está bem, está bem, faz como quiseres, não me importo.

Malongo voltou a reparar em Micaela, animando um grupo de fiéis. Suava, apesar do ar fresquinho de cacimbo. Era razoavelmente gorda, fruto de muito funje religiosamente ingerido. Ao falar dias antes com ela, notara o hálito forte, cheirando a carne. Talvez fosse esse o bafo do leão, depois de comer uma pacaça. Chamou a atenção de Elias para a

atividade de Micaela. O bispo sorriu e os olhos mostraram a virtude da luxúria.

– Aquilo é muita mulher. Só carne e energia. Entrega-se a Dominus com toda a devoção e exuberância.

– Ou ao seu pastor – disse Malongo, rindo e entrando no carro.

Para trás tinha ficado a indisposição causada pelo criado, pelos buracos da rua e o lixo, pela violência correndo solta nos bairros e mercados. Dominus também o tinha tocado com a sua Graça. O futuro apresentava-se agora pleno de Esperança e Alegria.

4

E Aníbal, o Sábio, chegou. Vinha a transpirar pó e alegria, contando a longa viagem de dois dias numa camioneta que trazia produtos para os mercados de Luanda, ele e mais dez pessoas sentados por cima da carga, dividindo as comidas e bebidas que cada um trazia nos sacos. A camioneta era de Mateus, o candongueiro com quem Nina fora viver quase há dez anos atrás e que, seguindo todas as profecias, a tinha engravidado e depois despedido. Nina tivera o filho na Caotinha, ficou aí uns tempos, deixou a criança com a mãe dela, desapareceu depois diluída nalguma cidade. Sara conhecia a estória. Cada um dos viajantes pagava uma fortuna pela boleia em cima da camioneta, mas Aníbal veio de borla, gentileza do candongueiro. A viagem foi interrompida inúmeras vezes, quer pelo mau estado da estrada, rebentada pelas minas, quer pelo impedimento de alguns grupos armados que recebiam parte dos produtos para os deixar seguir. Grupos de um ou outro dos antigos contendores agora em paz, já ninguém os sabia distinguir nem eles se identificavam. Também podiam ser bandos de desertores, quem sabe se misturados nas pilhagens e esquecidas as origens antagónicas dum outro tempo. Os camionistas já estavam habituados e traziam à parte as mercadorias que deveriam pagar como direito de passagem aos senhores da guerra. País de salteadores de estrada, ao que chegámos, dizia Aníbal sem grande emoção. Até pode ser que sejam verdadeiros militares, mas desorientados. Sentem que a paz lhes vai retirar importância. Os cigarros ou parte da comida que exigem, é uma afirmação do poder das armas, mas ao mesmo tempo uma antecipada compensação pela futura perda de poder. Um tipo estar vivo e sentir que já passou a peça de museu é sempre uma sensação incómoda. O importante é que tinha terminado a guerra e as pessoas e transportes já podiam circular, refazendo a Nação dilacerada. Mas foi lindo, não imaginam, depois de tantos anos pude passar na Canjala, olhando lá ao fundo recortarem-se no horizonte os temidos morros do Pundo e do outro lado o desfiladeiro suave que vai morrer no mar, no Egito Praia. Atravessar o Quicombo e subir o Xingo, morros de tantas batalhas em guerras passadas, onde ainda restam para a História os esqueletos de gente esquecida e os ferros de carros destruídos. Ultrapassar o mítico Keve, adivinhar à direita a serra da Gabela no seu verde eterno, entrar depois na Kissama de todos os leões, que, diga-se de passagem, já não se

encontram, nem elefantes, nem pacaças, eliminados pelos heróis caçadores de fim de semana, alguns até a bordo de helicópteros. País de depredadores, foi nisso que nos tornaram. Depois os olhos de Aníbal se iluminaram involuntariamente, quando descreveu a travessia da ponte do Kwanza, as pessoas cantando no camião porque Luanda estava perto e o cheiro do mar batia no rosto. Aí acabou a narrativa, Sara sabia por quê. Aníbal evitava falar da sua chegada à terra natal, que tinha abandonado tantos anos atrás e que no entanto o atraía irresistivelmente, embalando-o com canções de meninice, lendas de Kianda e berridas nas areias vermelhas dos muceques. Amor-ressentimento, paixão-rejeição, Luanda. Há sempre uma Luanda no passado de qualquer benguelense, como Aníbal se considera ser.

Estavam na sala também Judite e Orlando. Era já noite e Aníbal tinha tomado banho e comido. Usava os eternos calções e chinelos de plástico, como na sua casa da Caotinha. Mas porque era hóspede, tinha uma blusa, oferta de Sara, com a palavra PAZ no peito. O cabelo e a barba continuavam grandes e desgrenhados, apresentando fios grisalhos. Tenho de o obrigar a cortar a trunfa, pensou Sara, senão as pessoas vão classificá-lo definitivamente de doido irrecuperável.

– Começa a ser tempo de se fazer a História disto tudo – disse Orlando. – Como uma geração faz uma luta gloriosa pela independência e a destrói ela própria. Mas parece que a gente da sua geração não é capaz de a fazer. E a minha geração, a dos que agora têm trinta anos, não sei. Fomos castrados à nascença. Eu tinha treze anos quando Luanda se mobilizou em massa para receber os heróis da libertação. Fiz parte duma base de pioneiros, à entrada da Ilha, onde morava. Vivíamos para aquilo. Marchávamos, ouvíamos os relatos dos mais velhos vindos das matas, cantávamos as canções revolucionárias, inventámos aquela marcha-dança que se espalhou por todo o país, misto de fervor patriótico e imaginação criativa. E depois quiseram enquadrar-nos. Disseram, devem marchar como os soldados, vocês são os futuros soldados. Já não podíamos dar aqueles passos malucos que arrancavam palmas a toda a gente, vai para a frente, um passo para o lado, volta para trás, uma piada no meio. Mesmo no Carnaval, anos mais tarde, só se podia marchar como os soldados, os grupos deixaram de dançar. Liquidaram a imaginação, em nome duma moral militarista, de disciplina de caserna ou de convento, não sei, já não se podia criticar, dizer o que se pensava, tinha de se pensar antes de dizer. Houve as lutas internas, golpes de palácio que ninguém entendia, afastamentos de tipos que para nós eram heróis, outros iam parar à cadeia. E a minha geração, jovem e entusiasmada, foi perdendo o entusiasmo, foi considerando que a política era algo proibido e perigoso, só se devia cumprir e não pensar. Ela aí está, pensando só no carro e nas viagens, no futebol e nas farras. Sem meta na vida.

– Tens razão – disse o Sábio. – O mais importante para uma geração é dar qualquer coisa de bom à seguinte, um projeto, uma bandeira. No fundo, é o pai a deixar uma herança para o filho. E é triste sentir que a nossa geração, que vos deu apesar de tudo a independência, logo a seguir vos tirou a capacidade de a gozar. Como o pai que, ao oferecer um brinquedo ao filho, o monopoliza, só ele brinca com ele, com o pretexto de que o filho o vai estragar. Não é mesmo tragicabsurdo?

– Vocês são demasiado negativos em relação a tudo – disse Sara. – Está bem, houve erros. Mas nem tudo foi mau, como agora se diz. E não nos deixaram fazer o que queríamos, houve

sempre pressões externas impeditivas. Dum lado ou doutro, é preciso que se diga.

Aníbal foi recuperar a garrafa de uísque, que trouxera de Benguela e estava esquecida na mesa. O que havia mais em Luanda era uísque, mas não lhe ocorreu prenda melhor e tinha de trazer uma lembrança, além do peixe seco que ele próprio caçara. Reforçou a dose que ainda tinha no copo e foi servindo os outros. Disse:

– Para falar a verdade, o mal vem de muito atrás. Este país teve uma elite intelectual de causar inveja a qualquer país africano. Elite citadina, transitando tranquilamente da cultura europeia para a africana, acasalando-as com sucesso, num processo que vinha de séculos. Elite que nunca soube aliar-se às elites rurais, tradicionais. No século passado, isso foi a causa do fracasso de diferentes tentativas de autonomização. Porque, quando o poder colonial atacava os poderes tradicionais, essa elite saudava as guerras de conquista como portadoras de progresso, porque novos territórios lhe davam mais oportunidades de negócios e de cargos administrativos, sem compreender que assim se estava a enfraquecer a si própria. E depois, neste século, apesar de muita conversa sobre a ligação com o campo, a elite urbana continuou egoisticamente só, considerando-se superior ao resto do país. Daí a chamada divisão do nacionalismo angolano, que acabou por se manifestar nesta guerra civil, que ninguém queria considerar como tal. Não digo que o erro esteja só do nosso lado. Mas nós éramos os mais conscientes, os mais abertos ao progresso, por isso com mais responsabilidade de dar o passo decisivo para chamar os outros às nossas posições. E quando uma parte de ti próprio exclui a outra, vai acabar por se dividir em sucessivos processos de exclusão. E aconteceu esta lenta agonia de golpes e contragolpes que o Orlando referiu, de exclusões sucessivas dos que pensavam diferente, a um momento dado, muitas vezes apenas por questões táticas. Se criou a mentalidade da exclusão, da intolerância. O poder de momento não podia aceitar uma opinião diferente da sua, a qual até era capaz de mudar depois, mas sem o admitir e sem voltar a chamar os entretanto excluídos. Nós, os intelectuais, sempre tivemos belas ideias, mas nunca fomos capazes de as defender a sério. E absurdamente criámos um anti-intelectualismo populista que nem nos apercebemos ser suicida.

– Segundo o tio Aníbal então tudo se explica pela história daquilo que alguns chamam a elite crioula – disse Judite. – Não será fácil demais?

– Se só nos cingirmos a isso... Claro que houve factores externos que complicaram as coisas, sobretudo o conflito ideológico Este-Oeste. Mas esses factores alimentaram-se apenas da nossa incapacidade de união. O termo crioulo presta a confusão e por isso não gosto dele. Talvez o adjetivo angolense fosse mais correto. De qualquer modo, essa camada social misturada culturalmente e até mesmo racialmente era a única capaz de olhar para a frente e unir o país, porque era a única com uma ideia de Nação. Mas estava demasiado marcada pela sua própria trajetória ambígua. Tinham sido os intermediários da colonização, embora gritando contra ela. Reclamavam a defesa da raça negra e desprezavam os direitos das populações do interior, considerando-as incivilizadas. Exigiam autonomia e, ao mesmo tempo, benificiavam da dependência. Claro que isso criou desconfianças entre essa camada urbana das grandes famílias e as sociedades tradicionais, que sentiam serem apenas piões no jogo. E até mesmo no seio das grandes famílias se mantinha a divisão de estatuto social entre

os que tinham sido donos de escravos e os descendentes de escravos, entre os filhos da casa e os filhos do quintal. Eram conversas e makas que acompanharam a minha meninice no Bairro Operário, sei do que falo. Isso deixou ressentimentos, marcou os comportamentos, dividiu a elite. O resto vem num processo lógico de exclusão. Evidentemente, estes processos não aparecem claramente aos olhos das pessoas. Mas os intelectuais tinham obrigação de se aperceberem deles desde o princípio e terem conseguido superá-los. No entanto, carregavam o pecado original, os privilégios do passado. E como todos os cristãos, tinham de se mortificar pelo pecado que carregavam dos antepassados. Tornaram-se intelectuais com vergonha de o ser. Não exerceram o seu papel de intelectuais, aqueles que mostram o caminho. Chegaram ao ponto de aceitar serem considerados por alguns ditos dirigentes como inimigos de classe por terem estudado mais que os outros. E batiam no peito, *mea culpa, mea culpa*. Quando os intelectuais se demitem, é evidente que a sociedade perde o norte, vai buscar outros valores, geralmente à mediocridade. Esse é o problema que estamos com ele.

– Essa é uma linha de pensamento interessante – disse Orlando. – Como sabe, criámos um grupo apartidário para refletir sobre esses problemas. Por que não vem falar disso ao nosso grupo? Dará uma discussão animada.

– Se me prometerem que não convidam a imprensa. E no fim não me entregam um papel qualquer dum partido para eu assinar.

– Já lhe disse, é um círculo apartidário, apenas para reflexão.

Sara tinha deixado Aníbal falar, como ela sabia que ele gostava de fazer. Coitado, ficava meses a falar com as mangueiras, porque agora tinha quatro, todas com nomes. Era raro ter um público e o seu pecado era precisar dum público. Oh, tinha outros pecados, ela bem sabia. No fundo, nunca lhe perdoara a cena com a Nina, que ele lhe contou com a maior candura. Não o facto de ter feito amor com ela. Mas o de ter sido bruto, lhe ter negado a ternura que tal momento exigia. Ele também reconhecia a sua culpa, o macho violento que há em todo o homem veio à tona do álcool, fui cruel.

– Abordaste a guerra civil – disse Sara. – Ela também foi derivada dessa ruptura?

– Claro. Há duas Angolas, elas se defrontaram. Duas Angolas provenientes dessa cisão da elite, a urbana e a tradicional. Isto de forma grosseira, é evidente, porque sempre houve pontos de passagem entre os diferentes sectores. Felizmente nesta guerra houve um empate, nenhuma destruiu a outra. Mas continua a haver duas Angolas. Temos de tapar esse fosso, voltar a criar as pontes. Ora, não é com partidos que se consegue encher o fosso. Os partidos são feitos para dividir, não para unir. Só uma ideia suprapartidária de Nação.

– E uma religião? – disse Orlando.

– Não certamente a do Dominus – riu Judite.

Perante o espanto manifestado por Aníbal, Judite contou o projeto de Malongo, Vítor e Elias. Tinha-lhe sido confidenciado pelo pai, mas naquele grupo ela não se sentia particularmente culpada por revelar segredos que, no fundo, haviam de ser conhecidos mais tarde ou mais cedo. Aníbal não fez nenhum comentário. Sara insistiu com ele, o que achas?

– Preferia não dizer nada – respondeu ele. – Afinal um é o pai da Judite e o outro o vosso grande amigo Vítor. Não me admira que tenham descoberto isso. Hoje que a sociedade está

sem valores, as pessoas viram-se para a religião, qualquer que ela seja, precisam de acreditar nalguma coisa. E, como sempre, haverá as religiões que servem as pessoas e as que se servem das pessoas.

– Pode falar à vontade, tio – disse Judite. – Eu já critiquei o meu pai por causa disso. Não em termos políticos, porque não sei nem quero saber dessas inglórias lutas pelo poder, mas por uma questão moral. Vão ganhar dinheiro à custa da credulidade das pessoas, é desonesto, quase um roubo.

– O problema fundamental é que o Malongo e o Vítor são os neoburgueses, os que enriqueceram ou pensam enriquecer à sombra do Estado e têm comportamento de novos-ricos, com tudo de trágico e ridículo que essa palavra comporta. E há os lúmpen-burgueses, os candongueiros de todas as espécies, os que começaram por pequenos negócios de rua e vão crescendo, sem cultura nem ética. Qual das duas classes comerá a outra? São classes com origens sociais diferentes, mas de igual apetite insaciável. Chegarão a fazer uma aliança e a criar um novo empresariado? Vão vender-se ao estrangeiro ou serão capazes de o assimilar? Seguirei com curiosidade esse combate que vai preencher o fim do século.

– A propósito – falou Sara. – O Malongo pensa oferecer-te um jantar em casa dele, onde juntará o Vítor e outros amigos antigos.

– Espero que tenhas diplomacia suficiente para me evitar essa cilada.

Judite foi juntar-se a Orlando no sofá. Deu-lhe um beijo rápido e disse baixo, mas de maneira que todos ouviram, temos de deixar os pombinhos irem para a cama, há um ano que não se encontram e têm muita coisa a fazer. Todos riram, em cumplicidade total. Aníbal bebeu o resto do uísque e ia-se levantar. Mas Orlando ainda perguntou, tentando alimentar a conversa:

– Não pensa mesmo fazer atividade política?

– Para dizer a verdade, tinha vontade de criar o MMP, o Movimento dos Marginalizados do Processo. Como único programa, ser oposição ao futuro governo eleito, qualquer que seja. Porque marginalizados só podem ser oposição, nunca ganham eleições, mesmo sendo a esmagadora maioria da população. Se por um azar o Movimento conseguisse ter a maioria dos votos, o que correspondia a uma impressionante tomada de consciência do povo, dissolvia-se automaticamente, para não ser corrompido pelo uso do poder. Mas, como bom intelectual angolano, não tenho capacidade para pôr em prática esta bela ideia.

– Não se vai demitir agora das suas responsabilidades de intelectual, espero – disse Orlando. – Pelo menos, vai aceitar desenvolver as suas ideias no nosso grupo de reflexão. Também é um grupo que reúne os marginalizados do processo.

– O passado nunca justifica a passividade – disse Judite. – Se todos dissermos que nada vale a pena, então é melhor morrermos ou deixarmo-nos morrer, sempre é mais coerente do que vegetarmos.

Cada casal foi para o seu quarto, com sorrisos malandros. O apartamento só tinha esses dois quartos e a sala, porque Sara sempre recusara arranjar uma vivenda. Já do outro lado, Judite gritou:

– Se precisarem de pau de Cabinda, sabem onde está guardado.

– Oxalá vocês cheguem aos cinquenta e tal anos com o nosso tesão – respondeu Aníbal, o

Sábio. – A nossa geração só nisso foi competente.

Já na cama, enquanto esperavam para se abraçarem, gozando o adiamento do inevitável, Sara perguntou:

– Quanto tempo contas ficar em Luanda?

– Uma semana. Tenho de gozar ao máximo a minha baía. Porque com esse capitalismo selvagem que se anuncia, vão atulhá-la de hotéis e bares, vão dar cabo dela e da minha solidão doirada. Um dia terei de procurar outra baía mais para sul, sempre mais para sul. Será o sul a minha última utopia?

A fala de Aníbal tinha o relento descrente do conformismo. Evocava a sucessão monótona dos morros áridos eternamente à espera de chuva, a infinita dimensão das chanas, o repetitivo apelo do sol morrendo no mar da Caotinha. Sara sentiu nele a renúncia fatal do guerreiro, baixando a arma, o gesto impotente de revolta cedendo à fatalidade. Teve uma visão de Aníbal nadando para o mar alto, sempre a direito, caminho do Brasil, sem forças nem vontade de lutar contra a corrente que o sugava. Com desespero e compaixão, abraçou o corpo magro, procurando dar-lhe calor.

5

O primeiro grande culto da Igreja da Esperança e Alegria do Dominus realizou-se no cinema Luminar, numa manhã de domingo cacimbado. Vítor conseguiu o empréstimo da sala e Malongo fez montar as aparelhagens de som, alugando as da Cultura. Dentro de meses chegariam as compradas no exterior, o que daria autonomia à Igreja. O terreno do Cazenga estava a ser arranjado, a cargo duma equipa de arquitetos e engenheiros contratados para o projeto. Foram desenhados os planos para o templo, corrigindo a ideia inicial de Elias, e foram também projetadas as áreas vizinhas, com um pátio para as grandes celebrações no meio de árvores. Nessa zona árida, foram plantadas as árvores e arranjados os meios para as regar. Os espíritos dos antepassados ganhavam foros de divindade dentro da teologia de Elias, por isso eram necessárias árvores onde eles pudessem habitar. Uma parede lateral do templo foi projetada de forma a sustentar um enorme palco em socalcos, onde ele oficiaria. Entretanto, os cultos passariam nos cinemas alugados para o efeito.

Desde as sete horas começaram a se juntar os fiéis, os quais arrastavam amigos e familiares curiosos de assistir ao culto que era publicitado como um espetáculo em que haveria curas e outras surpresas. Os panfletos para a reunião, impressos com o dinheiro de Malongo, tinham sido concebidos por uma empresa de jovens desenhadores de talento, os melhores da banda, dirigidos por um velho artista lembrando Búfalo Bill, e distribuídos pela cidade inteira durante uma semana pelos miúdos desocupados das praças, os quais tinham aprendido a gritar, no Luminar Dominus se vai revelar, com Dominus no Luminar vamos xinguilar. No jornal apareceu também uma publicidade a meia página que dizia apenas: DOMINUS NO LUMINAR. E as pessoas perguntavam nas conversas das lanchonetes e bares, mas quem é Dominus, é um novo partido? Muitos perguntavam, poucos respondiam. Tanta propaganda acabou por chegar à rádio, que num programa matinal de muito sucesso também punha a questão, mas que é isso de Dominus? Vá ao Luminar domingo para saber. A palavra mágica entrou nos ouvidos da cidade, Dominus passou a ser curiosidade geral. Por isso, às nove da manhã, hora anunciada para o culto, o cinema estava cheio e muita gente ainda procurava entrar. Quase todos os espectadores tinham respeitado o pedido dos panfletos e não vinham vestidos de preto, cor desaconselhada porque triste, trajando saias e

blusas floridas, calças azuis, verdes ou vermelhas. Os fiéis traziam o vestuário da Igreja, arranjado à pressa porque as discussões sobre as cores tinham demorado muito, Dominus não se tinha pronunciado sobre elas. Assim, Elias acabou por escolher amplas blusas ou camisas feitas de pano do Congo, com calças ou saia de tecido amarelo. Nada de bubús ou abakos, trajes africanos que em Luanda eram conotados com autenticidades importadas de triste lembrança, mas calças e camisas à maneira europeia, tropicalizada pelos panos garridos feitos na África Têxtil de Benguela. A música africana e das Antilhas, amplificada por milhares de *watts,* desde as sete horas atraía gente dos bairros vizinhos, até mesmo diplomatas que moravam na zona, arrancados das camas pela potência das aparelhagens anunciando um domingo diferente. Grupos de calús, vindos das farras de sábado, caíam no cinema pensando continuar a festa interrompida pelo sol.

Se a publicidade tinha sido um sucesso e a sala apresentava um aspecto acima das previsões mais otimistas, Malongo e Vítor, acompanhados da curiosa Judite, não ocultavam um certo nervosismo. Tinham vindo no carro de Malongo e o ministro usava espessos óculos escuros e um chapéu de pano, para passar despercebido. Como se comportaria Elias perante tanto público? A hora da verdade chegava. Não conheciam os pormenores do culto e tinham particularmente medo das curas, porque esse era o ponto sensível, dando facilmente o flanco à acusação de charlatanice. Mais nervosos ficaram quando viram o André Silva, jovem jornalista, com um bloco e caneta, prontinho para anotar dados para alguma crónica virulenta. O André Silva tinha uma prosa corrosiva e elegante, caso raro na nova geração de jornalistas. Eles estavam na última fila, a mais escondida, guardada pelos caxicos de Elias desde as sete da manhã, mas mesmo assim Vítor encolheu-se mais no banco, não fosse o jornalista detectá-lo. Já viste o que seria, segredou Mundial para Malongo, amanhã aparecer no jornal em letras garrafais MINISTRO ASSISTE A CULTO ELETRÓNICO? Estava lixado. Que nada, respondeu Malongo, sempre podes dizer que um ministro deve estar com o povo e vieste ver o que era isso de Dominus. Não é por aí que te pegam. Mas, claro, podiam começar a investigar e descobrir que tens dado uma mãozinha para ajudar a Igreja, já era uma maka. Judite sorria, ouvindo a conversa. Tinha aceitado o convite do pai para ver, como médica, quais os efeitos das curas de Elias. E percebia o nervosismo de Malongo. Ele tinha tentado convencer Elias a abandonar as curas, mas o bispo foi inflexível, religião que não opera curas não é religião aceite, e a minha missão é tornar as pessoas mais felizes. O contrato entre eles era claro e Elias lembrou-lho, em questões religiosas só eu decido, eu é que fui escolhido por Dominus.

A música de repente mudou dos Kassav antilhanos para Bach. Eram exatamente nove horas e um murmúrio nervoso percorreu a sala superlotada, com todos os corredores entre os bancos cheios de gente em pé. Um minuto de Bach e silêncio. O silêncio feriu os tímpanos e intimidou todos os assistentes, de forma que nem uma tosse ou um suspiro se ouvia. No meio desse silêncio quase doloroso, Elias entrou no palco repleto de flores. Espantoso como conseguiram tantas flores, pensou Judite, devem ter devastado todos os jardins, ainda vão ter os jovens ecologistas à perna. O bispo de Dominus trajava como os membros da congregação, uma ampla blusa de todas as cores, com motivos da cultura nacional, destacando-se a figura do Pensador e Tchibinda Ilunga, e calças amarelas. Ao pescoço trazia

um colar grosso e brilhante, que sustentava uma enorme medalha com o triângulo e a linha inclinada. A cabeça nua deixava ver a careca brilhante. Entrou de braços abertos, em passos pequenos e redondos e ficou parado no meio do palco, enquanto ia crescendo o som de batuque. O batuque foi aumentando e ele foi progressivamente acompanhando com o corpo o rítimo ancestral. E começou a falar, através do microfone dissimulado na camisa, colando a cadência da fala à do batuque, esta é a Igreja de Dominus, todos são bem-vindos, os fiéis são bem-vindos, os curiosos são bem-vindos, os inimigos são bem-vindos, os caluniadores são bem-vindos, os descrentes são bem-vindos, todos são de Dominus, porque a todos Dominus ama, e no fim já não serão descrentes, e no fim já não serão inimigos, e no fim já não serão caluniadores, pois no fim todos somos irmãos, no fim todos somos filhos de Dominus, e Dominus é único e é pai e mãe de todos os deuses, e é pai e mãe de todos os espíritos, e é pai e mãe dos ventos e da Lua, das tempestades e do sol, dos animais e das plantas, dos que amam e dos que desamam, dos que se alegram e dos tristes, dos que aceitam e dos intolerantes, dos que amam sem medo e dos medrosos do amor, porque Dominus nos criou para a felicidade, porque Dominus nos criou para o prazer, e houve homens que não entenderam, houve homens que quiseram nos tornar tristes, houve homens que inventaram regras de infelicidade, e esses homens criaram religiões sem entender a mensagem de Dominus, a do amor e da alegria, e essas religiões oprimem as pessoas, querem que as pessoas sofram e chorem, se sintam culpadas quando estão alegres, se sintam culpadas quando têm prazer, se sintam culpadas quando fazem amor, e as pessoas são infelizes, perdem o sentido do prazer, se tornam iguais a esses que as desamam, e matam e ferem, e fazem guerras e roubam, tudo por falta de prazer, tudo por falta de amor, tudo por esquecerem a mensagem de Dominus, o único e verdadeiro, o Nzambi dos nossos corações, Nzambi-Kalunga das nossas crenças, Nzambi da nossa esperança, e por isso aqui estamos ensinando a doutrina de Dominus, que nos foi revelada por Ele na Nigéria, terra de todos os deuses e orixás, deuses que atravessaram o Atlântico, todos eles filhos de Dominus, o Nzambi da nossa alegria, que nos disse vai e ensina, aos meus filhos que sofrem com a guerra, aos meus filhos que são oprimidos, aos meus filhos que esqueceram o prazer, vai e ensina a verdade, e nesse momento o batuque aumentou de frenesi e Elias se pôs a bungular, vai e ensina, Dominus disse, vai e ensina, Dominus falou, que as mulheres ouçam, Dominus falou, que os homens ouçam, Dominus falou, que as crianças ouçam, Dominus falou, que os surdos ouçam, Dominus falou, que os mutilados ouçam, Dominus falou, que os estropiados dancem, Dominus falou, que os cegos dancem, Dominus falou, que os tristes cantem, Dominus falou, que os viúvos cantem, Dominus falou, que os órfãos cantem, Dominus falou, que os espíritos dancem, Dominus falou, nas folhas dancem, Dominus falou, nas encruzilhadas cantem, Dominus falou, que os feiticeiros cantem, Dominus falou, que os feitiços acabem, Dominus falou, que a ingratidão acabe, Dominus falou, que a inveja acabe, Dominus falou, que o ciúme acabe, Dominus falou, e a multidão começou a bater palmas, a repetir a ladainha Dominus falou, os olhos a se revirarem, os corpos a tremer, o rítimo do batuque entrando, entrando, os olhos a olharem mais para dentro, as falas mais ansiosas, as respirações mais ofegantes, até que uma mulher se levantou na sala, correu para o palco, gritou Dominus falou, se pôs a xinguilar, a boca espumando, os olhos revirando, xinguilando

até ficar ajoelhada, Elias continuando a bungular dum lado para o outro, recitando, o povo gritando Dominus falou, e a mulher xinguilando até cair, ficar deitada no chão de madeira, em convulsões, as ancas rebolando como no ato frenético do amor, e Elias parou de falar, de bungular, apontou para ela o braço direito, a mão aberta para a mulher e disse, a minha mão te cura, a minha mão é de Dominus, com Dominus te curo, as tristezas vão para o mar, a minha mão te cura, e a mulher ficou quieta, deitada, respirando suavemente, e as pessoas que estavam sentadas se levantaram para ver melhor, Judite das primeiras, e só ficou o batuque agora mais suave, até a mulher se sentar, olhar o povo que a fitava, sorrir aquele sorriso da tranquilidade, fazer uma vénia agradecida a Elias, e descer a escada do palco com ar de felicidade, os olhos já não olhando para dentro mas para o mundo que a observava, e Elias retomou a ladainha, porque Dominus a curou, apenas pela imposição da mão, ela tinha os calundus dos antepassados que lhe oprimiam o peito, agora está livre e alegre, nunca será a mesma pessoa, e as doenças mais dificilmente lhe pegarão, porque recebeu a graça de Dominus, e o batuque voltou a aquecer e ele começou a retomar a bungulação, por esta mulher Dominus falou, pelo corpo dela Dominus falou, quem quer ser livre, Dominus falou, deve amar Dominus, Dominus falou, deve amar os outros, Dominus falou, no momento em que Judite ouviu um profundo suspiro de alívio, olhou para o pai e viu Malongo sorrindo, a primeira prova tinha passado bem, a sala estava de novo ao rubro, o rítimo do batuque cada vez mais frenético, as pessoas gritando em uníssono Dominus falou, já ninguém ouvia o discurso de Elias, embriagados todos pelas palmas e batuque, pelos gritos e as idas e vindas do grande profeta no palco, até se gerar um burburinho na plateia e um homem saltar para o palco, os olhos absolutamente desorbitados, o qual correu para Elias agitando os braços, parecia o ia atacar, mas estacou e caiu de joelhos, lhe beijando a mão estendida e ficou logo em seguida como hipnotizado pela mão aberta estendida para ele, adquiriu ar beatífico num esgar de felicidade, se levantou sem uma palavra e saiu do palco, um sorriso pacífico no rosto, dando o lugar a uma jovem e depois outra e mais uma mulher, numa fila interminável de gente indo receber o que podia significar uma bênção mas que segundo Elias eram os fluidos de energia vindos diretamente de Dominus e que tratavam as doenças radiciais através da mão dele, modesto instrumento do qual a divindade se servia, enquanto na plateia as pessoas repetiam a mesma ladainha, balançando ao rítimo do batuque, até o som diminuir um pouco e o bispo aproveitar para falar, sempre no mesmo tom, explicando os passos principais da doutrina, trovejando contra a intolerância, falando da necessidade de se esquecer os ressentimentos da guerra, da necessidade de acreditar no futuro coletivo, não no paraíso depois da morte mas agora, imediatamente, porque o futuro era apenas feito de presente e o presente devia ser vivido com prazer, com fé e confiança, pois só pessoas felizes podiam criar mundos justos e não o contrário, como lhes tinham desde sempre ensinado todas as religiões e ideologias, que o futuro justo tornava os homens melhores, isso era um erro vindo da não compreensão por parte dos profetas anteriores das palavras de Dominus, pois a nós na Nigéria Dominus ensinou a única verdade, o futuro só é justo se hoje formos felizes, para isso temos de encarar a vida como o tempo curto do prazer, sem exageros nem luxúrias, mas com esperança e fé, porque Dominus é bom e não nos cobra nenhum pecado original, o Homem nasceu puro e puro se mantém se seguir as regras duma

vida normal em que o amor é natural, comer e beber é natural, cantar é natural, dançar é natural, e sobretudo, e sobretudo, deixando aqui Elias uma pausa cair sobre a cabeça das pessoas para o entenderem absolutamente, dançar é a arte dos deuses, por isso que em todas as religiões antigas, as mais próximas do ensinamento de Dominus, as bailarinas eram sagradas e tudo se passava com danças como nas nossas sociedades tradicionais, porque o rítimo e o prazer dos movimentos do corpo são a manifestação da divindade, não sendo pois por acaso que os africanos sejam os melhores bailarinos do mundo, pois em África nasceu o Homem e em África nasceu a fala, a palavra divina, e em África nasceu a dança, a arte divina, e de África a verdadeira palavra de Dominus vai irradiar para o Mundo, desta África aqui nossa, desta terra bendita de todas as maravilhas e desde sempre amarfanhada por todas as opressões, que no entanto nunca conseguiram abafar completamente a VOZ que vem dos tempos para lá da memória, A VOZ DE DOMINUS, esta voz com a qual vos vou agora falar, como a ouvi um dia na Nigéria, e Elias voltou a fazer uma pausa, e todos os que xinguilavam pararam para ver e ouvir, e ele começou a falar naquela maneira dele sem mexer os lábios, uma voz profunda e quase rouca enchendo o cinema agora em silêncio absoluto, esta é a minha voz, Eu sou Dominus que vos falo através de Elias, o meu filho querido, e tudo o que ele disser sou Eu que o digo, e tudo o que ele fizer sou Eu que o quero, e os que o seguirem serão melhores, e os que o seguirem serão felizes, e os que o seguirem terão o presente, porque assim o quero, e Elias sacudiu a cabeça, voltou a falar em tom normal, enquanto o batuque retomava baixinho, fazendo as pessoas balouçar levemente, assim fala Dominus, e ele é luz e ele é voz, e ele vem das estrelas nos visitar e nunca o entendemos, não conseguimos perceber os objetos estranhos que por vezes passam por cima das nossas cabeças e nem os cientistas os conseguem explicar, aí está, disse Malongo em voz alta, conseguiu enfiar os OVNI nesta merda, eu sabia, eu sabia, mas Judite notou que o pai estava radiante, maravilhado, e a sua veia de bailarino tinha vindo à tona e não podia parar de se balançar ao rítimo da ladainha e do batuque, apanhado ele próprio na armadilha, enquanto Elias continuava a falar e a aumentar a cadência, bungulando de novo e repetindo Dominus falou, no que foi acompanhado pelos fiéis e em seguida por toda a assistência, até pelo jornalista André Silva que abandonara o caderno de notas e gritava como todos, os olhos redondos, esquecida a sua função de crítico mordaz, chegando ao ponto de no dia seguinte escrever no jornal que o cinema Luminar perdera o teto durante o culto, ele próprio tinha visto o teto projetar-se para o espaço em milhões de fragmentos luminosos e por isso hoje esse cinema é ao ar livre, sendo uma maravilhosa ruína que assim deveria permanecer para mostrar a todos a força de Dominus, ruína igual à do Coliseu de Roma que, segundo estudos científicos recentes, também tivera teto antes de os leões comerem os primeiros cristãos, na época seguidores muito próximos dos preceitos de Dominus embora já enganados pelo ascetismo dos profetas que não tinham entendido totalmente a lição da tolerância, e as únicas pessoas que mantinham o sangue-frio eram Vítor, sempre encolhido no seu canto, e Judite, estranhamente atirada para os seus quinze anos em que assistira às multidões cantando as palavras de ordem da independência com igual fervor, pois Malongo balançava com a ladainha, a qual atingia a cadência máxima, Elias agora totalmente solto e iluminado, proferindo Dominus falou, impondo a cura pela mão à fila de gente que subia para o palco e

xinguilava, impondo a mão a toda a assistência, a qual cantava e dançava e ria, absolutamente sintonizada, havendo um ou outro feiticeiro que subia ao palco para se despojar dos seus feitiços, perna de galinha, pedaço de osso, resto de orelha humana, pregos ou paus, figurinhas de madeira, feiticeiros arrependidos e agora livres, numa festa sem precedentes em Luanda, e os caxicos da Igreja passavam entre as pessoas com sacos, enquanto o bispo dizia, suando e rouco, Dominus falou, só dá quem quer, Dominus falou, ninguém é obrigado, Dominus falou, o descrente não deve dar, Dominus falou, o dinheiro é para a Igreja, Dominus falou, África ensina o Mundo, Dominus falou, os que desamam não devem dar, Dominus falou, o inimigo de Dominus não deve dar, Dominus falou, precisamos da vossa ajuda, Dominus falou, vamos ensinar a verdade, Dominus falou, mas não queremos dinheiro sujo, Dominus falou, dinheiro da droga é sujo, Dominus falou, dinheiro da corrupção é sujo, Dominus falou, dinheiro da inveja é sujo, Dominus falou, dinheiro do roubo é sujo, Dominus falou, e os assistentes enchiam os sacos com o dinheiro e as poucas joias e até mesmo as camisas, e os caxicos iam com os sacos despejar atrás do *ecrã* do cinema e voltavam receber mais, todo o povo dançando e se beijando e se tocando, se massembando mesmo nas filas e nos corredores e depois no largo à frente do Luminar e nas ruas adjacentes, batendo os pés e as palmas e dizendo Dominus falou, a caminho dos mercados e das casas, das praias e dos muceques, em cortejos se multiplicando como no Carnaval, do Luminar partindo felizes para ganhar o Mundo e a Esperança.

Epílogo

Como é óbvio, não pode existir epílogo nem ponto final para uma estória que começa por portanto

Berlim, Fevereiro de 1992

GLOSSÁRIO

Abako: casaco de gola fechada, à Mão Tsé-Tung.
Alembamento: pagamento feito aos pais da noiva.
Àtoamente: à toa.
Bazar: fugir, retirar.
Berrida: corrida. Dar berrida = afugentar.
Biberão: mamadeira.
Bica: café expresso.
Bubú: camisa larga de panos coloridos.
Bué: muito.
Bungular: agitar as nádegas rapidamente. Gesto de feiticeiro.
Cacimbar: cair cacimbo.
Cacimbo: névoa fina, característica dos meses de junho a agosto.
Calema: agitação no mar, o que provoca grandes ondas.
Caluanda (kaluanda): habitante de Luanda.
Calulú: prato de peixe, óleo de palma e farinha de mandioca.
Calundú: espírito.
Calús: termo irónico para designar os habitantes de Luanda.
Capim: erva.
Caxicos: serviçais, criados.
Caximpembe: aguardente.

Caximpembe de makolo: aguardente feita a partir do makolo, um fruto.
Cazumbi: alma do outro mundo, duende.
Chana: o mesmo que savana.
Chau: interjeição de despedida. Adeus, tchau.
Chuíngame: chiclete.
Combina: forma popular de "combinação", "acordo".
Dembo: chefe tradicional. Pode designar uma região do Norte de Angola.
Elao: pedra mais ou menos quadrangular que serve de altar nas cerimônias dos Cuvale, sobretudo para os sacrifícios de animais.
Estória: história.
Fuba: farinha de milho ou mandioca.
Funge ou funje: pasta de fuba com água.
Haka: interjeição de admiração.
Imbamba: os pertences, as bagagens.
Império Lunda: império existente no Nordeste de Angola até finais do século XIX.
Kaluanda: o mesmo que caluanda.
Kalunga: nome do Deus supremo.
Kamba: amigo.
Kamundongo: originalmente significava "habitante do reino do Ndongo", onde fica Luanda. Passou a designar, no Leste de Angola, os do Norte.
Kangala: língua do Sueste.
Kaporroto: aguardente caseira.
Kembo: rio do Moxico (sueste).
Kianda: ser mítico das águas.
Kibeto: luta, guerra.
Kimbo: aldeia.
Kimbundu: língua do Norte.
Kissanje: instrumento musical.
Kissonde: formiga voraz, que pode atacar o homem.
Kota: mais velho.
Kuata-kuata: agarra-agarra. Assim se chamavam as guerras para caçar escravos.
Kuzuo: preso.
Kwanza: unidade monetária de Angola.
Jindungo: picante.
Lerpar: morrer. Também pode ser usado no sentido de "fugir, escapar" ou, ainda, "perder".
Livongue: antílope. Termo da língua mbunda, do Leste de Angola.
Lutxaze: língua do Leste.
Luvale: língua do Leste.
Maka: discussão, conflito.
Maboque: fruto do maboqueiro, com cor e tamanho de uma laranja e polpa aromática.
Marimbando: gerúndio do verbo marimbar: Não dar importância, não fazer caso.
Masé: mas é.

Massembar: dar massemba, juntar os umbigos na dança.
Mata-bicho: pequeno almoço.
Mbambi: antílope pequeno.
Mbunda: língua do Leste.
Monangamba: trabalhador forçado.
Muadiés: senhores.
Muata: chefe tradicional do Leste.
Muatismo: originada de “muata”, o muatismo designa o abuso dos privilégios das chefias.
Muceque: bairro africano de Luanda.
Mujimbo: notícia. Ultimamente com sentido de boato.
Mulher-a-dias: diarista.
Muxoxar: fazer ruído com a boca em gesto de desdém.
Ndoka (hidromel): bebida fermentada à base de mel.
Ngola: título designando o rei do Ndongo.
Nzambi: Deus supremo.
Ovimbundu: população do centro de Angola. Singular: umbundu.
Pacaça: antílope grande, como um búfalo.
Patrício: termo designando o angolano negro.
Pirão: pasta de milho com água.
Possas: interjeição utilizada com um sentido de admiração e, ao mesmo tempo, irritação. Equivale aproximadamente a “puxa vida!” ou, até mesmo, uma forma branda de “porra!”.
Puto: Portugal.
Quinda: espécie de cesto de palha.
Quitandeira: vendedora.
Rítimo: ritmo. Pepetela decidiu passar a escrever assim, com o intuito de aproximar o escrito do falado.
Salalé: formiga branca.
Sekulo: mais velho.
Semba: dança.
Tchibinda Ilunga: herói mítico, fundador do Império Lunda.
Tchokue: língua do Nordeste.
Tuga: português (pejorativo).
Turra: terrorista.
Umbundu: singular de ovimbundu.
Xinguilar: estremecer os ombros e depois todo o corpo, quando se recebe um espírito.
Xinjanguila: dança de roda do Leste de Angola.

Índice